

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

ESTRANHOS E ESTRANGEIROS
UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO COM MULHERES
SOBRE A MÍDIA EM GANCHOS/GANCHOS NA MÍDIA

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em **Antropologia Social** à banca examinadora da Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação da Profa. Dra. Carmen Silvia Rial e co-orientação da Profa. Dra. Ana Luiza Carvalho da Rocha.

ROSE MARY GERBER

FLORIANÓPOLIS (SC), DEZEMBRO DE 1997

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

ESTRANHOS E ESTRANGEIROS
UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO COM MULHERES
SOBRE A MÍDIA EM GANCHOS/GANCHOS NA MÍDIA

ROSE MARY GERBER

FLORIANÓPOLIS(SC), DEZEMBRO DE 1997

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**ESTRANHOS E ESTRANGEIROS
UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO COM MULHERES
SOBRE A MÍDIA EM GANCHOS/GANCHOS NA MÍDIA**

ROSE MARY GERBER

Orientadora: Dra. Carmen Sílvia Rial

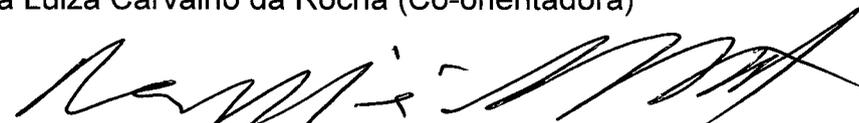
Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social, aprovada pela Banca composta pelos seguintes professores:



Dra. Ana Luíza Carvalho da Rocha (Co-orientadora)



Prof. ESTHER JEAN LANGDON
Coordenadora do PPGAS/CFH/UFSC



Dr. Rafael José de Menezes Bastos



Dra. Carmen Sílvia Rial
(Representada pelo Prof. Dr. Hélio Raymundo Santos Silva)

Florianópolis, 08 de dezembro de 1997.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um ato de reconhecimento que pretende dizer às pessoas que nos acompanharam em uma determinada etapa do caminho, ou que fazem parte do nosso caminho, o quanto elas são importantes e, embora nem sempre dito em meio à correria cotidiana, essenciais para que possamos continuar. Entre muitas, especialmente agradeço:

A uma certa Energia que me impulsiona a querer cada vez mais.

Às pessoas de Ganchos que acreditaram em mim e me deram a oportunidade de realizar essa pesquisa 'lá', em especial às mulheres que me permitiram entrar no seu cotidiano e saber um pouco do ritmo que as move.

À Maria Bernardete Ramos Flores e Carlos Henrique Guião, personagens/profissionais que conheceram o 'lá', pelas entrevistas.

À minha orientadora, Profª. Dra. Carmen Silvia Rial, pela confiança.

À minha co-orientadora, Profª. Dra. Ana Luiza Carvalho da Rocha, que me acompanhou nos momentos de elaboração desta dissertação e que me mostrou ser possível realizá-la.

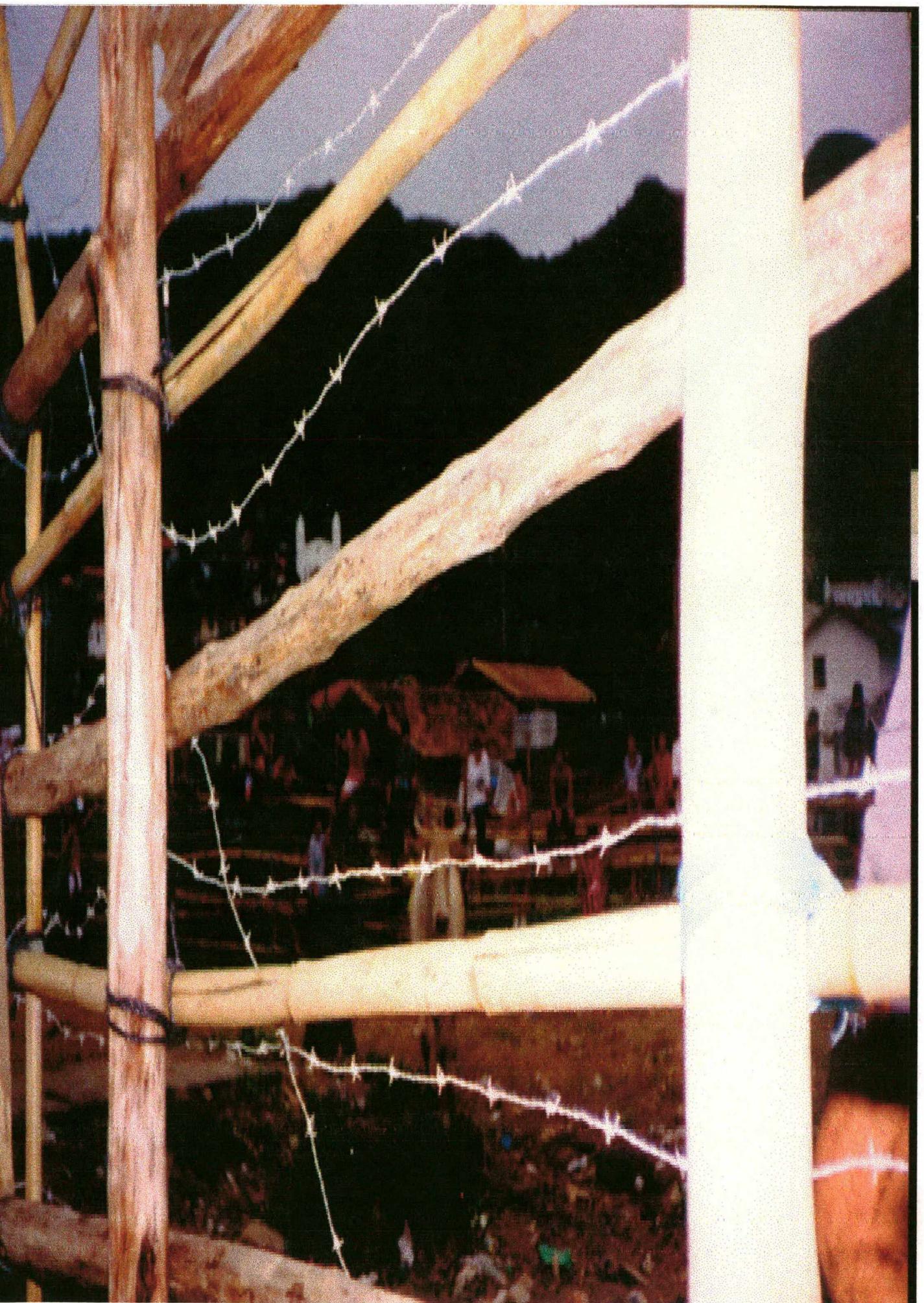
Ao PPGAS/UFSC, em especial: Esther Jean Langdon, que através do *I Ching* me fez vislumbrar que a paciência é uma virtude e que o 'nordeste é favorável'; Rafael José de Menezes Bastos por me incentivar a 'enfrentar o boi' e Hélio Silva pelas leituras e sugestões num momento de impasse. Às pessoas da turma 1995 do Mestrado em Antropologia Social da UFSC, principalmente aquelas que sabem que são muito especiais.

À Epagri (Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina) que oportunizou a realização deste Mestrado - que outras mulheres tenham esta oportunidade fantástica. Em particular à Gerência de Recursos Humanos a qual estive vinculada neste período, pelo carinho e atenção que sempre me dedicaram; e à Gerência de Comunicação e Marketing, pelo apoio na edição do vídeo.

À minha família: meus pais Guido e Laura, que sabem que eu ganhei a estrada mas nem por isso os deixei para trás. Às minhas irmãs, Rosa, Raquel, Regina, Rose Ane e Rita, pelo incentivo. Aos sobrinhos Gabriel e Arthur, criaturinhas instigantes, pelos constantes 'vamos brincar?'

Ao Nilo, companheiro de andanças e mudanças: já faz parte do caminho. Ao Ricardo e Sandro, pelos cafés revigorantes.

Às amigas pessoais pelos constantes 'como vai indo o mestrado?': as de mais tempo: Neti, Conceição, Rosângela, Jane, Viviane, Teresa, Graça, Solange, Ester, Gracinha, Augusta e Zulma; a mais recente: Sonia.



RESUMO

Esta dissertação intenciona compreender a relação tensional entre Ganchos e a mídia, considerando-se que Ganchos não é só mais um lugar de “recepção” desta, mas é também conhecido através da mídia como a “capital nacional da Farra do Boi”.

O trabalho de campo realizado no espaço feminino, perpassado pelo trinômio cotidiano, tradição e temporalidade, deixou emergir questionamentos dos gancheiros a (não) autoridade da mídia, em que põem em dúvida as imagens que a mesma veicula sobre eles.

Desta forma permeia esta dissertação uma discussão sobre as possíveis diferentes formas de “olhar”, em que se encontram e se confrontam continuamente os Estranhos e os Estrangeiros no território de Ganchos.

ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to investigate the relationship of tension between Ganchos and the media, considering that Ganchos is not only a place that receives television transmission, but that it is also known through the media as the capital of “Farra do Boi”.

The field work, carried out among the female element of the community, going beyond the trinomial Everyday Life, Tradition, Temporality, has given rise to questioning on the part of those who live in Ganchos concerning the authority (non-authority) of the media, casting doubt on the images that the media broadcasts about them.

The dissertation is permeated with a discussion on the different possible ways of “seeing” the situation, in which outsiders and foreigners meet and confront one another in the territory of Ganchos.

*“A vida não está contida na escala do tempo...
O tempo, ao contrário, está na palma das mãos da Vida,
A qual cerrada , se torna um ponto
E, aberta, se torna infinito.”*
(Trecho da Sutra Sagrada)

SUMÁRIO

RESUMO	vi
ABSTRACT	vii
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I - IMAGENS DE GANCHOS	14
CAPÍTULO II - ENFRENTAMENTOS E NEGOCIAÇÕES	48
CAPÍTULO III - A MÍDIA EM GANCHOS	85
CAPÍTULO IV - NEM SANTOS NEM BÁRBAROS	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS	167
BIBLIOGRAFIA	175

INTRODUÇÃO

“A novidade veio dar à praia, na qualidade rara de sereia, metade busto de uma deusa Maia, metade um grande rabo de baleia. A novidade era o máximo do paradoxo (...) era um sonho”
(Barone, Ribeiro, Vianna e Gil).

Dentro do que atualmente é definido por mídia¹, um universo amplo que produz imagens, sons, informações², elegi televisão e rádio como tema de minha dissertação, por fazerem parte da vida cotidiana gancheira para, neste contexto, discutir o trinômio cotidiano, tradição e temporalidade em Ganchos³, a partir das mulheres escolhidas como objeto desta pesquisa. Nesta dissertação não estudo, portanto, a manifestação local da Farra do Boi, mas apresento-a no ponto de vista das/dos gancheiras/os, revelando o

¹ “Grafia aportuguesada da palavra *media*, conforme pronunciada em inglês... *media* é o plural de *medium* (palavra latina que significa meio). Designa os meios (ou conjunto de meios) de comunicação: jornais, revistas, televisão, rádio, cinema.” (Rabaça e Barbosa. Dicionário de comunicação. Rio de Janeiro: CODECRI, 1978. p.310-311).

² Ver Eco, Humberto. Viagem na irrealidade cotidiana. 9ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1984.

³ Ganchos está localizado no litoral de Santa Catarina, a aproximadamente 50 quilômetros ao norte da capital, Florianópolis, com acesso pela BR 101. Possui uma população de 10.864 habitantes segundo o censo de 1996. Abrange uma área de 82 km² dividida em dezesseis comunidades (Areias de Baixo, Areias do Meio, Areias de Cima, Armação da Piedade, Calheiros, Caieira do Norte, Costeira da Armação, Camboa, Dona Lucinda, Inferninho/parte oeste, Jordão, Palmas, Canto dos Ganchos, Gancho do Meio, Gancho de Fora, Fazenda da Armação), sendo dez pesqueiras e seis rurais, tratando-se, assim, de ritmos e espaços sociais distintos, já que o cotidiano das mesmas apresenta características diferentes que as torna ‘da roça’ ou ‘da pesca’; aqui abordarei especificamente a temporalidade pesqueira.

significado da veiculação de imagens pela mídia quando expõe a Farra enquanto ‘estranha’, enquanto oposta ao que, em nível ‘global’, é visto como civilizado.

A seqüência escolhida para discutir a mídia em Ganchos não é um acaso. É preciso um cotidiano para que uma tradição se mantenha viva e, simultaneamente, não existe um cotidiano se não houver a duração de uma tradição. Como tão bem define Bachelard⁴, para algo durar no tempo é preciso “*fervilhar de lacunas... repouso de um lado e ação de outro*”. O cotidiano, visto sob a ótica da temporalidade de uma tradição, não é, portanto, algo coeso, estático. É a temporalidade que reinventa a tradição, que vai impor o ritmo da vida social de uma comunidade e permitir que ela ‘dure no tempo’.

Nesse movimento do cotidiano em Ganchos a partir da tradição e do ritmo da vida local, esta pesquisa busca dar conta do como se dá a presença da mídia num lugar que, até a década de sessenta⁵, tinha no mar e nas invisíveis picadas pelo mato, seus caminhos para o mundo, para o Estrangeiro, para o Estranho. Que relação esta comunidade mantém com o ‘novo’, considerando-se que ela se constituiu principalmente com o comércio da pesca, viu se estabelecer o rádio (final da década de trinta, segundo alguns informantes), se maravilhou com a televisão e atualmente se depara com uma ‘floresta’ de antenas parabólicas que se instala e passa a compor o espaço existente:

“Parecia um cinema, só dois, três tinham televisão, então quem não tinha ia ver, enchia a casa. As sandálias ficavam na porta, tinha gente na sala, nas janelas, na rua.

Era quem mais podia chegar primeiro, parecia uma festa.”

(Lais, 35 anos, Canto dos Ganchos, esposa de pescador, falando sobre o que lembra da entrada da televisão em Ganchos na década de sessenta).

Todavia, falar do ‘novo’, do ‘moderno’ remete a outras noções, como ‘antigo’, ‘tradição’, ‘tempo’, ‘ritmo’, ‘memória’, ‘cotidiano’, ‘local’, ‘global’, noções que perpassam esta dissertação.

Do latim *modernus*, moderno pode ser visto como uma transição do ‘velho’ para o ‘novo’. Segundo Habermas⁶, já no século V usou-se pela primeira vez esse termo para se distinguir o ‘presente’; no século XIX, o modernismo retoma esta polêmica,

⁴ Bachelard, Gaston. A dialética da duração, 2 ed. São Paulo: Ática, 1994.

⁵ Segundo tradição oral, a estrada de acesso a Ganchos foi aberta na década de sessenta pelos presos da Penitenciária de Florianópolis. Até então os acessos possíveis eram o mar e as picadas que compunham caminhos invisíveis na mata cerrada.

⁶ Habermas, Jürgen. Modernidad versus postmodernidad, 1991.

estabelecendo uma oposição entre ‘tradição’ e ‘presente’. Em contrapartida, Eliade⁷, neste sentido, remete à revolta das sociedades tradicionais contra o tempo histórico e sua nostalgia de um retorno periódico ao tempo mítico das origens, enquanto Durand⁸, salienta que, se para o homem da tradição a vida é um êxodo e um retorno, para o ‘homem da civilização’ a vida é um exílio, uma ruptura.

Situada no contexto de estudos da globalização, a polêmica antigo/moderno é repensada, sendo que tais dimensões se confundem. Do ponto de vista da vida cotidiana, os meios de comunicação se fazem presentes, aproximando as pessoas e permitindo a elas conhecerem costumes e lugares sem ‘irem lá’.

A televisão é, em Ganchos, um exemplo possibilitador deste conhecer sem ‘ir lá’, em que as imagens televisivas conferem aos gancheiros um ver sem sair de casa; fato este incrementado com a chegada da antena parabólica que, permitindo o acesso a outros canais, possibilita conhecer outros lugares, outros ‘mundos’, outros *estranhamentos*. As imagens causam, por vezes, incredulidade (“*Será que isso é assim?*”, “*Será que existe mesmo esse lugar?*”, Dandara, 34 anos, Canto dos Ganchos) e, por outras, maravilhamento ao poder ver na tela, já que a certeza de não poder conhecer pessoalmente, ‘ao vivo’, é uma constante para as mulheres de Ganchos (“*Que bom ver na televisão o que a gente sabe que nunca vai ver*”, Dandara).

Bachelard⁹, quando se refere ao movimento de consolidação temporal destaca que é “*impossível não reconhecer a necessidade de basear a vida complexa numa pluralidade de durações*” e acrescenta “*...longe de os ritmos serem necessariamente fundados numa base temporal uniforme e regular, os fenômenos de duração é que são construídos com ritmos*”.

Ritmos estes que são recuperados nesta dissertação e mostram ser a vida, em Ganchos, consolidada a partir da alternância do repouso com o agito, da fartura da pescaria bem sucedida com a miséria de sua escassez, da correria da Farra do Boi com o sossego do ‘resto’ do ano; ritmos que compõem as oscilações de idas e vindas, das chegadas e partidas, da balbúrdia e da solidão e fazem Ganchos ‘durar’ enquanto composição temporal *gancheira*.

⁷ Eliade, Mircea. *Le mythe de l'éternel retour*. Paris: Gallimard, 1969.

⁸ Durand, Gilbert. *Science de l'homme et tradition*. Paris: L'ile Verte. 1979. Cap.I.

⁹ Bachelard, op. cit., p.7-8.

Ortiz¹⁰ coloca que, usualmente, tradição e passado se identificam e suscitam uma exclusão do novo. Porém, “há de se considerar a tradição enquanto norma, embora temperada pela imagem de movimento e de rapidez”. ‘Imagem de rapidez’ que possibilita revelar uma imagem do movimento de um tempo vivido por um grupo social, implicando a absorção e a consolidação de mudanças efetivas no seu cotidiano. Se o ‘novo’ aguça a curiosidade do antropólogo pela comunidade que estuda acerca do que esse novo traz de alteração, nem por isso implica anulação ou esquecimento de valores, hábitos ou costumes que compõem a tradição local e fazem-na ser o que é. Ganchos, por exemplo, continua sendo a ‘capital nacional da Farra do Boi’, embora mantenha contato diário com uma mídia através da qual é criticada e transformada em notícia na mídia.

Essa imagem de ‘rapidez e movimento’ apontada por Ortiz pode ser considerada nesta dissertação sob o ponto de vista da duração da tradição de ‘ser gancheiro’, reafirmada ritmicamente seja na agonística do confronto com o outro, seja na calma que faz parte do universo gancheiro e que, segundo a comunidade local, a mídia não lembra de retratar. A veia farrista que ‘corre no sangue’ dos gancheiros, agregando jocosidade, desconfiança, deboche, aparece no seu confronto com a mídia, com os ‘de fora’ e é nesta dramática que reafirmam o orgulho de ‘ser gancheiros’ como parte de sua identidade social.

A partir destas constatações nos anos que convivi com os gancheiros antes de elaborar esta dissertação, muitos questionamentos me foram suscitados sobre a relação dessas pessoas com a mídia: A que programas assistem? Homens e mulheres se interessam pelos mesmos programas? Como se estabelece, no cotidiano gancheiro, o hábito de ver a televisão? E o rádio, que provavelmente está mais sedimentado no cotidiano de Ganchos? E finalmente: Qual o espaço da mídia no dia-a-dia de Ganchos e qual a imagem de Ganchos na mídia?

Junto às mulheres em seu espaço doméstico, e em alguns momentos extrapolando o ritmo do seu dia-a-dia, é que as respostas às questões suscitadas a partir da tríade cotidiano, tradição e temporalidade foram buscadas. É no cotidiano feminino, regido por uma temporalidade da vida da pesca (masculina), que busco compreender como se dá a

¹⁰ Ortiz, Renato. Do popular-nacional ao internacional-popular? In: A moderna tradição brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1988, p.207.

relação com a mídia, considerando-se que a recepção acontece através de 'leituras' que dependem, segundo alguns autores¹¹, de um 'repertório' de quem está 'assistindo'.

Minha hipótese inicial é que a entrada da televisão não altera o cotidiano deste lugar, uma vez que já existiria uma certa absorção da 'velocidade' do tempo da mídia sedimentada na memória da coletividade a partir da entrada do rádio. Esse cotidiano seria, portanto, fortemente imbuído de uma tradição de contato com o Estrangeiro que não lhe permite alteração maior do que aquela que o próprio tempo social local, definido pelo ritmo da vida comunitária, permite.

Com a convivência cotidiana sistemática exigida pelo trabalho de campo, pude perceber que a 'novidade' chega, causa agito e posteriormente se acomoda, passando a fazer parte do ritmo cotidiano de Ganchos. Assim sendo, televisão e rádio¹² são meios de comunicação usados diariamente pela população gancheira e já fazem parte do movimento de idas e vindas próprio de Ganchos em relação a uma certa cultura 'globalizada'.

O que aqui apresento como resultado da pesquisa busca compreender, através do *olhar feminino*, o 'receptor' enquanto sujeito - em um local com as características de Ganchos (conhecido na mídia por ser a estranha 'capital nacional da Farra do Boi' - *coisa de homem*). Além disso, trata-se de compreender como os gancheiros vêem a imagem que a mídia veicula sobre eles próprios.

Para tanto, há de se considerar o ritmo do movimento cotidiano de Ganchos a partir da temporalidade da vida da pesca que rege o espaço feminino e permite, ou não, que a mídia interfira em sua tradição social local com mensagens e códigos que traz de fora, do Estrangeiro. Mais: que imagens, informações e opiniões a mídia veicula sobre Ganchos? E como as gancheiras vêem esse processo de criação e veiculação de imagens de forma ampla e sobre o lugar em que vivem? É através de visitas, entrevistas, conversas informais e observação que se constituíram, segundo Malinowski¹³, os 'imponderáveis' da minha pesquisa junto às gancheiras. Esta dissertação trata do significado da mídia como objeto de recepção e também como veículo produtor de

¹¹ Ver, entre outros, Leal, Ondina Fachel. A leitura social da novela das oito. Petrópolis: Vozes, 1986, e Souza, Mauro Wilton de. Sujeito, o lado oculto do receptor. São Paulo: Brasiliense, 1995.

¹² Ver Fonseca, Cláudia. Fronteiras da cultura. Horizontes e territórios da Antropologia na América Latina. Cláudia Fonseca (org). Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1993.

¹³ Malinowski, Bronislaw. Os argonautas do pacífico ocidental. São Paulo: Abril Cultural. Vol. XLII, coleção Os Pensadores, jun/1976.

imagens, além de ser, ou não, um provocador de transformações na tradição que move e estabelece o ritmo daquele lugar.

Segundo Certeau¹⁴, o cotidiano pode ser traduzido como uma ‘arte de fazer’, de dizer e de ser, sobre as quais as pessoas que fazem, dizem, são, não buscam interpretar, apenas vivem. *“Tal como os poetas ou pintores, o saber-fazer das práticas cotidianas não seria conhecido senão pelo intérprete...”*.

Em Ganchos, essa postura de intérprete à qual se refere Certeau, será postulada na minha atuação como antropóloga em minha tentativa de conhecer e compreender o outro. Ou seja, como as mulheres se relacionam com a mídia? O que permitem retirar da mesma para o seu cotidiano? E o que não aceitam como uma ‘verdade’ midiológica? Tais questionamentos, enquanto vistos por mim como algo possível de interpretação, provocaram nas gancheiras estranhamento pelo fato de eu estar ‘estranhando’ o que lhes é tão familiar.

Quanto à memória¹⁵, Halbwachs¹⁶, aponta para *“une remarquable distinction entre la ‘mémoire historique’, d’une part, qui suppose la reconstruction des données fournies par le présent de la vie sociale et projetée sur le passé réinventé et la ‘mémoire collective’, d’autre part, laquelle recompose magiquement le passé. Entre ces deux directions de la conscience collective et individuelle se développent les diverses formes de mémoires dont les formes changent suivant les visées qu’elles impliquent”* (XIII). Existe, portanto, uma memória das pessoas em relação aos meios de comunicação que, ao juntar fragmentos de um relato com outro, permitem compor alguns trechos de uma memória coletiva daquele lugar.

No que concerne a esta pesquisa, ocorreu-me a oportunidade (como poderemos ver adiante no capítulo três) de remontar alguns aspectos do que era Ganchos, no que se refere aos meios de comunicação, na década de trinta, quando houve a introdução do rádio num mundo em que a pesca era o que permitia o contato com o exterior. Há aqui a possibilidade de se fazer o que chamo de ‘exercício de memória’, em que as pessoas remontam quadros que no dia a dia ficam em esquecimento.

¹⁴ Certeau, Michel de. A invenção do cotidiano. Petrópolis: Vozes, 1994, p.143.

¹⁵ Sobre memória, ver também Eliade, Mircea. Le mythe de l’éternel retour. Paris: Gallimard, 1969; Bosi, Ecléa. Lembranças de velhos. Memória e sociedade. 2 ed. São Paulo: T.A. queiroz/Ed. da USP, 1987 e Maluf, Marina. Ruidos da memória. São Paulo: Siciliano, 1995.

¹⁶ Halbwachs, Maurice. La mémoire collective. 2 ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.

Através do exercício de re-memoração das mulheres gancheiras, torna-se possível remeter um acontecimento (memória histórica) a outro (memória coletiva), ou seja, a chegada do rádio, o deslumbramento com a imagem da televisão, as novas possibilidades com a antena parabólica. Conforme Certeau: *“A memória não possui uma organização já pronta, de antemão, que ela apenas encaixaria ali. Ela se mobiliza relativamente ao que acontece - uma surpresa, que ela está habituada a transformar em ocasião. Ela só se instala num encontro fortuito, no outro”*¹⁷. Ainda neste sentido, segundo ratifica uma informante: *“A memória é engraçada, a gente conversa com alguém, começa falando uma coisa, dali passa pra outra e vai lembrando o que tinha esquecido”* (Lais).

O encontro com o outro, ‘fortuito’ e surpreendente, permite através da rememoração do vivenciado tirar do esquecimento e registrar numa memória coletiva as vivências ‘locais’, as quais filtraram de uma memória histórica os acontecimentos amplos, ‘globais’.

Local, portanto, não é considerado aqui como Ganchos ser tomada como uma comunidade ‘isolada’, mas como o lugar que, com dadas características fundadas numa identidade de valor, diferencia-se de outros locais circunvizinhos que, estando a sua volta e gradativamente se ampliando, entram em contato com um ‘a mais’, um global.

Alguns autores tratam da questão local/global, entre os quais cito Santos¹⁸, Appadurai e Featherstone, como não sendo algo de delimitação, de fronteira, de isolamento de lugares, mas que começa a ser repensada, põe o mundo como centro e envolve setores amplos e complexos na sociedade atual.

Appadurai diferencia o fluxo cultural global em dimensões (*ethnoscapes, mediascapes, technoscapes, ideoscapes*), em que o sufixo ‘scape’ refere-se a uma forma fluída, irregular, do que ele denomina de ‘paisagens’ (*landscape*), que são, segundo o autor, ‘mundos imaginados’. Para Appadurai, desta forma, a globalização da cultura se distingue da homogeneização cultural, já que as políticas locais, por exemplo, se reapropriam do ‘global’ como “diálogos heterogêneos”¹⁹.

¹⁷ Certeau, op. cit., p.162.

¹⁸ Santos, Boaventura Souza. *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. Lisboa: Afrontamento, 1994; Appadurai, Arjun. *Disjuncture and difference in the global cultural economy*. In: *Theory, Culture and Society*. London: Newbury Park. New Delhi. Vol. 7. 1990; Featherstone, Mike. *Global culture*. In: *Theory, Culture and Society*. London. Newbury Park. New Delhi: Sage Publications, 1990.

¹⁹ Appadurai, op. cit., p. 307.

Assim sendo, embora o novo chegue trazendo mudanças rápidas, ou nem tanto quanto em princípio, poder-se-ia supor frente ao processo de globalização vivenciado, à base de uma tradição modulada pelas lacunas temporais, é o movimento destas inovações no ritmo da vida cotidiana que faz com que Ganchos tenha sedimentada uma maneira peculiar de se relacionar com o novo, nas mais diversas formas, quando ainda o mar era o caminho de acesso ao Estrangeiro.

Conforme Santos, a questão da globalização a partir da economia, salienta dois traços no surgimento de pólos centrais de produção, sendo o centro aqui considerado o do mundo, o 'global'. Segundo o autor, o *"primeiro traço é o deslocamento da produção mundial para a Ásia, consolidando-se esta como uma das grandes regiões do sistema mundial ... o segundo traço (da globalização) é a primazia total das empresas multinacionais, enquanto agentes do 'mercado global'"*²⁰.

Em Ganchos, essa dimensão da globalização apontada por Santos já está sendo vivenciada no confronto da pesca local com a concorrência que o Mercosul vem impondo ao comércio local. Se antes a comercialização era exclusiva aos mares vizinhos, a industrialização trouxe, em Ganchos, a consciência dos pescadores da existência de portos maiores de comércio da pesca, como Santos (SP) e Rio Grande (RS), sendo que, atualmente, o comércio da pesca confronta e faz concorrentes entre si pescadores de Ganchos, Santos, Rio Grande, brasileiros em geral, argentinos, uruguaios e chilenos. Incorporando-se ao mercado global os pescadores de Ganchos dão-se conta da competitividade do mercado local a partir da aproximação de mares antes tão distantes, tendo consciência da urgência de se tornarem, também, competitivos no que fazem:

"O Mercosul acabou com a gente. É difícil concorrer com os preços do pescado da Argentina ou do Chile." (Manolo, 30 anos, Canto dos Ganchos)

Ou: *"A gente vai ter que melhorar muito senão vai ficar pra trás. O Mercosul está aí. Concorrência grande. O pescado tem muito mas não tem preço."* (Paolo, 40 anos, Canto dos Ganchos)

Por outro lado, Featherstone, ao se preocupar com uma dimensão analítica e empírica da globalização, refere-se à metade do século XVIII como sendo uma fase mais ampla de verificação de um processo de globalização na história mundial recente. Para

²⁰ Santos, op. cit., p. 250.

ele, a globalização como tópico de discussão conceitual refere-se a um problema de ordem mundial ampla que tem variados níveis de significação. A década de oitenta é citada pelo autor como importante na definição deste termo: *“During the second half of the 1980s ‘globalizations’ became a commonly used term in intellectual, business, media and others circles - in the process acquiring a number of meanings, with varying degrees of precision”*²¹.

A década de oitenta, apontada por Featherstone como referência para a definição do termo ‘globalização’, coincide, no caso analisado, com o ápice do confronto da mídia nacional com os aspectos culturais locais em Ganchos. Os anos oitenta revelam-se significativos pelo volume de matérias e impressos jornalísticos sobre a Farra do Boi, veiculados em nível nacional, numa mostra clara do rápido processo de globalização da mídia no Brasil a partir da polêmica provocada com o *estranhamento* de um Brasil que se quer ‘moderno’²² com uma tradição (local) ‘arcaica’ presente em Ganchos.

Os anos oitenta são marcantes para a comunidade gancheira, retratada na mídia a partir da Farra do Boi que passa a ser mostrada como uma imagem associada a “atraso, violência, fora da lei, barbárie”. O Brasil escolhe a ‘Farra’ como foco de luta contra a ‘violência’ e em ‘defesa dos animais’. A sociedade nacional se apavora com as imagens que a mídia mostra e Ganchos se surpreende com a rapidez com que tudo acontece na televisão e nos jornais, questionando o que a mídia nomina “violência dos gancheiros”.

Quase dez anos após estes eventos, Ganchos já não é tão longe e a ‘Farra’ já não é apenas uma esquecida herança ‘arcaica’ da cultura luso-açoriana. Da mesma forma, os jornalistas não são apenas vistos na televisão - eles estão em Ganchos. O mundo, de repente, “encolhe”; familiares e estranhos se encontram e se confrontam. E a afirmação de Lévi-Strauss²³, se faz presente: *“Em uma terra mais diminuta, onde se agita uma população cada vez mais densa, já não existe nenhuma fração desta humanidade, por longínqua e afastada que possa parecer, que não esteja, direta ou indiretamente, em contato com todas as outras...”*.

Assim sendo, Ganchos, que se mostrou aos olhos dos ‘de fora’ como aparentemente ‘isolado’, constituiu-se num porto cada vez mais aberto ao Estranho, ao permitir um constante movimento de idas e vindas entre ‘eles’ e ‘nós’, o que faz com que o pescador, em princípio fechado no seu mundo gancheiro, se confronte constantemente

²¹ Featherstone, op. cit., p.19.

²² Sugiro ver Oliven, Ruben George. Violência e cultura no Brasil. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

²³ Lévi-Strauss. 1962, p.20.

com o ‘novo’. Ao misturar entre si roupas de oleado confeccionadas por costureiras da comunidade em suas máquinas Singer, com relógios, tecidos ou brinquedos eletrônicos que o pescador traz para casa, cujas peças podem ter sido produzidas no Japão, importadas dos Estados Unidos, conectadas na China, a comunidade local sabe que é produto importado, ‘*de fora*’, que chega às lojas via Paraguai; a etiqueta não deixa mentir: *Made in Taiwan*.

Nesta direção, a idéia de ‘encolhimento do mundo’ torna-se importante para se entender a rápida fusão entre local e global que a comunidade gancheira vivencia e que atualmente toma proporções não-verificadas em períodos anteriores. Para Harvey²⁴, o “encolhimento do mundo” vem a ser, contemporaneamente, uma compressão do espaço-tempo, ou seja, uma aniquilação do espaço pelo tempo resultante do grande desenvolvimento da indústria, onde se insere a comunicação.

Para o autor, este processo de compressão do tempo-espaço “*tem tido um impacto desorientado e disruptivo sobre as práticas político-econômicas, sobre o equilíbrio do poder de classe, bem como sobre a vida social e cultural*”²⁵.

Em Ganchos, no entanto, esse rápido processo de globalização não toma as proporções ‘disruptivas’ às quais Harvey se refere. Embora se confrontando com rapidez com o global, Ganchos se redefine e recria cotidianamente suas tradições e maneiras de ser e de fazer compondo o que Certeau²⁶, chama de “os modos de proceder da criatividade cotidiana”. Ou seja, é na própria agonística do confronto com o que vem ‘de fora’ que os ‘gancheiros’ reforçam a tradição de ser Ganchos.

No mundo contemporâneo, a rápida produção de imagens e a simultaneidade no repasse das mesmas, segundo Harvey, cobram um ‘preço’ da capacidade dos grupos/ indivíduos de conviver com as realidades que os cercam²⁷. Estas observações do autor reforçam o que Berman²⁸, afirma quando pontua que essa velocidade desenfreada do processo de globalização acentua a instabilidade, a insegurança, a efemeridade dos processos sociais onde, define o mesmo, “*tudo que é sólido se desmancha no ar*”.

Acompanhando esse movimento de encurtamento das distâncias e do mundo, a mídia e a recepção vem, gradativamente, ganhando espaço nos estudos sócio-

²⁴ Harvey, David. A condição pós-moderna. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

²⁵ Harvey, op. cit., p. 257.

²⁶ Certeau, Michel de. A cultura no plural. 2. Morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1997.

²⁷ Harvey, op. cit., p. 275.

²⁸ Berman, M. Tudo que é sólido se desmancha no ar. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

antropológicos sobre os meios de comunicação (ver, entre outros, Leal²⁹, Souza, Fernandes e Leal Filho). Porém, poucos autores dedicam-se com mais acuidade aos estudos que enfoquem o ‘receptor’ nos termos do que pontua Souza, ou seja, de um sujeito que reage a esse processo de globalização e apresenta, a partir de sua vivência cotidiana, diferentes leituras sobre o que é emitido através dos meios de comunicação.

A pesquisa aqui apresentada, compreende o receptor enquanto sujeito, levando em consideração tanto suas implicações de gênero (em um local com as características de Ganchos) quanto seus exercícios de memória referentes à presença da *mídia em Ganchos*. O sujeito situado do receptor é perpassado pela relação agonística de confronto que a comunidade gancheira tem com os ‘*de fora*’ quando é questionada em sua ‘raça moral’ (Ovídio³⁰), pela realização da Farra do Boi como tradição local veiculada em imagens de *Ganchos na mídia*.

Falar com as gancheiras sobre a recepção/tensão que Ganchos tem com a mídia foi/é uma tarefa delicada e em princípio difícil, pois se refere diretamente à sua identidade social, à categoria ‘raça moral’ que tais pessoas dramatizam na Farra do Boi, pondo no centro das discussões desta dissertação sua tradição, cotidiano e temporalidade numa primeira vista não compreendidos pelos ‘*de fora*’.

Provocar as gancheiras para falarem a respeito do como se vêem na mídia significou ainda suscitar nelas uma atitude de rememoração do enfrentamento com os artigos jornalísticos e matérias televisivas da época que mostravam Ganchos com uma imagem que (os ‘*de lá*’) não reconheciam como pertinente. Ao contrário, as informantes, a partir de suas lembranças históricas, tem a oportunidade de refletir sobre os conteúdos das matérias, as quais vêem como ‘*mentirosas*’, inventivas, infundadas, uma vez que questionam valores e comportamentos que constituem a identidade, a honra e a ‘raça moral’ gancheira. Assim considerando-se, a tensão existente entre Ganchos e a mídia não ocorre por acaso, já que uma memória de confronto em um local não apenas de recepção, mas ele próprio assunto, manchete e destaque nos meios de comunicação de massa, reforça em ritmos cíclicos e agonísticos a tradição que o faz “reduto nacional da Farra do Boi”.

²⁹ Leal, Ondina Fachel. A leitura social da novela das oito. Petrópolis: Vozes, 1986; Souza, Mauro Wilton de. Sujeito, o lado oculto do receptor. São Paulo: Brasiliense, 1995; Fernandes, Ismael. Telenovela brasileira. Memória. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994; Leal Filho, Laurindo. Atrás das câmeras. Relações entre cultura, Estado e televisão. São Paulo: Summus, 1988.

³⁰ Abreu Filho, Ovídio. Raça, sangue e luta. Identidade e parentesco em uma cidade do interior. Dissertação de mestrado apresentada ao PPGAS/UFRJ. 1980.

Realizar uma pesquisa em Ganchos depois do episódio 'o livro do moço'³¹ e de me expor frente o imprevisível numa atitude de 'enfrentamento do boi'³², exigiu um esforço para estar e ficar aberta 'ao tudo e ao nada' (como me alertou um gancheiro), o que permitiu perceber nas pessoas uma postura de desconfiança e introspecção para comigo, 'estrangeira', sinal da atitude arredia inicial que eles têm para com os 'de fora'.

Além deste fato, questionamentos constantes sobre o saber científico e o lugar do antropólogo, relativizando a validade de 'nossa' ciência e a utilidade das pesquisas que fazemos, foram constantes na realização do trabalho de campo.

A pesquisa em questão, portanto, situa-se no contexto da antropologia das sociedades complexas, moderno-urbanas e industriais, as quais não são vistas como antônimo de 'sociedade tradicional', mas como decorrência de um processo crescente de globalização que faz do par heterogeneidade/homogeneidade³³ uma de suas características possíveis, aproximando espaços sociais antes inimagináveis, mostrando que o 'isolado' já não tem lugar e que 'local' e 'global' confrontam-se continuamente neste conhecer 'sem ir lá', o que é propiciado cada vez mais principalmente pelas imagens televisivas.

Esta dissertação, tendo como objeto a mídia em Ganchos/Ganchos na mídia, é, finalmente, perpassada por uma reflexão em torno da relação interpretativa que sustenta o diálogo estranho/familiar e da postura ética que o antropólogo assume 'aqui' quando se dá o aval para escrever sobre os 'de lá' sem que, na maioria das vezes, os mesmos tenham conhecimento ou aproximação com o que escrevemos. Pelo próprio processo de globalização a que está sujeito o 'fazer antropológico' num mundo envolto em um processo crescente de 'encolhimento' e acirrada desfronterização, cabe ao antropólogo/pesquisador questionar-se acerca da metodologia com a qual dará continuidade a essa - não mais apenas acadêmica - produção científica.

Assim sendo, no capítulo I, Imagens de Ganchos, abordarei uma descrição teórico-etnográfica de Ganchos, objetivando propiciar ao leitor uma visão desta comunidade, de suas características e particularidades, ritmos e lacunas, ritos de idas e

³¹ Dissertação de Mestrado de Fernando Luiz Cardoso, intitulada "Orientação sexual masculina numa comunidade pesqueira", 1994, realizada em Ganchos e cujo teor os gancheiros não apreciaram; referiam-se à citada dissertação como sendo 'o livro do moço'.

³² Como tive meu nome citado na referida dissertação e em contexto que fez os gancheiros se revoltarem contra minha pessoa, um dos professores do PPGAS/UFSC referiu-se a este confronto que eu teria com os gancheiros como sendo o 'enfrentamento do boi'.

³³ Ver Velho, Gilberto. *Indivíduo e cultura. Notas para uma Antropologia das sociedades contemporâneas*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

de esperas. Enfim, descrições que intencionam apresentar uma imagem de Ganchos ou as várias imagens do cotidiano gancheiro, pois através delas é que intenciono levar os Estrangeiros, de certa forma, até ‘lá’.

No capítulo II, Enfrentamentos e Negociações, apresentarei a metodologia empregada na pesquisa de campo: as negociações iniciais, minha chegada ‘lá’, meu afastamento temporário, meu retorno imbuído de uma tensão entre os gancheiros e minha pessoa em decorrência da publicação, na imprensa escrita de Florianópolis, de parte das informações contidas no ‘livro do moço’, os métodos empregados na coleta das informações, o material coletado, as entrevistas gravadas e as “escondidas”, o retorno às gancheiras, objetivando verificar minha compreensão sobre nossa intercomunicação e a convivência com a diferença de ritmos. Ou seja, como realizei ‘lá’ o que apresento ‘aqui’.

O capítulo III, A Mídia em Ganchos, aborda a recepção em Ganchos a partir dos três meios de comunicação aqui escolhidos: rádio, televisão e antena parabólica, onde tópicos como a imagem e o vivido, o tempo de lazer e o de trabalho, o local e o global, o divertido e o ridículo, entre outros, vêm à tona, além da conexão cotidiana das mulheres com o mundo masculino da pesca. Neste capítulo, pode-se perceber o ritmo da temporalidade que rege o cotidiano feminino em Ganchos a partir do universo pesqueiro bem como o lugar dos meios de comunicação ali inseridos, como *companheiros* ou como ‘acompanhados’.

Como último capítulo, intitulado Nem Santos nem Bárbaros, trago à discussão a questão de *Ganchos na mídia*, vista pelas mulheres através do viés pelo qual os ‘gancheiros’ são conhecidos na mídia nacional e internacional, ou seja, pela realização da Farra do Boi; aí busco compreender a identidade social do ‘ser gancheiro’ através da relação honra/vergonha/orgulho presente na agonística do confronto destes com os ‘*de fora*’, contraponto que gera infinitas negociações de identidade e valores a partir dos quais recriam a sua tradição de serem ‘farristas’, de serem ‘gancheiros’.

Passo agora a discorrer sobre o que vivenciei e observei em campo, por vezes com um resquício de jocosidade, lição aprendida com os gancheiros, outras com um veio que pode parecer um tanto poético aos que defendem uma escrita mais rígida. Mas por que não escrever ciência de forma ‘leve’? Como diria Antônio Cândido, ao ser questionado sobre como escreve, “escrevo assim porque sou Cândido”. Como uma aprendiz de Antropologia, assim também procuro fazê-lo.

CAPÍTULO I

IMAGENS DE GANCHOS

Buscando Uma Descrição Teórica/Etnográfica Do Cotidiano de Ganchos

“Em vão se pretenderá diferenciar o fato de *compreender* um processo e o fato de *vivenciá-lo*; pois no que se entende por *vivenciar um tempo* é preciso sempre estabelecer a distância entre o que se sabe e o que se ignora, já que com a expressão *vivenciar um tempo* pretende-se implicar um surdo e imediato conhecimento da *duração*.” (Bachelard)

RITMOS E LACUNAS DE GANCHOS

À primeira vista, quando se chega à região de Ganchos (Santa Catarina, ao sul do Brasil), a estrada asfaltada faz tudo parecer planejado e semelhante a outros lugares do Estado. Porém, ao caminhar pelo lugar, tem-se a sensação de estar desvendando um quebra-cabeça, um labirinto de ruelas, entradas, saídas, reentrâncias e segredos os quais, por vezes, para serem descobertos, exigem o acompanhamento de alguém do lugar, para saber de onde sair, aonde chegar e, concomitantemente, aprender o que ‘lá’ é chamado

por *'cortar caminho'*. Ganchos é uma formação que alguns arquitetos denominam de orgânica e que na prática significa que a sala da vizinha abre sua porta para a cozinha da casa ao lado, onde a outra moradora prepara o aromático quitute para o almoço. Permite ainda que a ansiedade de uma mulher de pescador possa ser exposta quando ela abre decidida a janela e pergunta, ali debruçada, à sua vizinha: *'Soubesse noticia deles?'* E a outra, solidária na agonia alheia, responde, sem deixar de lavar a roupa, o que sabe, deixa de saber ou apenas o freqüente *'ouvi dizer'*.

Segundo a literatura existente¹, os primeiros povoadores da região de Ganchos estabeleceram-se em Armação da Piedade atraídos pela pesca da baleia. Após o povoamento luso-açoriano inicial nesta localidade, outras foram sendo habitadas, embora a ocupação urbana tenha se desenvolvido principalmente nas proximidades de três enseadas existentes à beira-mar, denominadas 'Ganchos' (Canto dos Ganchos, Gancho do Meio e Gancho de Fora), que facilitavam o atracamento de barcos e o manejo da pesca. *"Surgiu daí a ocupação espontânea e atípica, de ruelas estreitas e pedregosas, devido ao pouco espaço existente e a alta declividade das encostas"*².

A partir do incentivo do governo português³, aqui chegaram mais de 6.000 pessoas em meados do século XVIII (1748-56) para fixar-se numa região semipovoada. Destas, cerca de 4.500 fixaram-se no litoral catarinense. Em princípio, os pontos de maior fixação foram as Vilas do Desterro e Laguna, surgindo, entre outras freguesias, a de São Miguel, 1750, à qual Ganchos estava ligada. Estas pessoas, em especial os gancheiros, viveram até a década de sessenta em situação de *quase*⁴ isolamento, o que propiciou uma diferenciação de valores culturais/tradições que provocam nas outras regiões do Estado e até mesmo do País estranhamento, enquanto que neles - nos gancheiros - desperta uma postura de enfrentamento e de orgulho: o de ser como são.

¹ Ver Cabral, Oswaldo R. História de Santa Catarina. 3 ed. Florianópolis: Lunardelli, 1987; Caruso, Raimundo C. Franklin Cascaes - vida e obra. E a colonização açoriana. 2 ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1989 e Ribeiro, Luiz da Silva. Etnografia açoriana. Angra do Heroísmo: Instituto Histórico da Ilha Terceira, 1982.

² Documento PDUS - Plano Diretor de Uso de Solo/Governador Celso Ramos, outubro de 1984.

³ Sobre o povoamento e descendência açoriana ou luso-açoriana ver, entre outros, Piazza, 1992, Ribeiro, op. cit. 1982, Cabral, op. cit. 1987, Caruso, op. cit. 1989 e Lupi, João, LUPI, Suzana. São João do Rio Vermelho. Memória dos Açores em Santa Catarina. Porto Alegre: EST, 1990.

⁴ Grifo o *'quase'* propositalmente, porque considero Ganchos oposto de isolado, mesmo nos anos anteriores aos quais este trecho da dissertação se refere, embora aparentemente possa assim parecer, já que a abertura da estrada se deu somente na década de sessenta. Ganchos é um porto continuamente aberto e a pesca, desde muito, é o principal meio de contato com o estrangeiro. O rádio também veio se estabelecer já nos idos anos trinta e colaborou para a relação Ganchos *versus* os *de fora*. Desta forma, mesmo se mostrando *'quase'* isolado, faz-se aberto e utiliza o mar como um caminho de mão dupla que leva (os gancheiros) e traz (notícias, novidades, estrangeiros).

Mas, por que ‘Ganchos’? As versões que coletei em outro trabalho⁵ são orais, não havendo qualquer registro histórico neste sentido. Transcrevo a seguir o que me contaram:

“Veio esse nome de Ganchos devido a um capitão daquele Navio Negreiro... Tem o nome de Capitão Gancho e até lá na ponta do Mané Ceia⁶ diz que eles enterraram um tijolo lá, daí é que foi derivado esse nome de Ganchos.” (Elan, 92 anos, Canto dos Ganchos)

“Chamaram de Ganchos porque eles iam lá em Tijuquinhas, Biguaçu vender peixes. Então eles penduravam os peixes num ganchinho de árvore. Daí o pessoal de lá dizia: lá vem os gancheiros, lá vem os gancheiros... Daí ficou o nome Ganchos.” (Pamela, 79 anos, Gancho de Fora)

Porém, a versão mais aceita é a que define Ganchos⁷ como nome inspirado pela formação geográfica do lugar, situado entre os morros e o mar; quem vem do mar para a terra avista ‘os ganchos’ perfeitamente formados. Enquanto em Florianópolis e outras regiões utiliza-se comumente a denominação ‘saco’ (daí nomes como Saco dos Limões, Saco da Lama, Saco Grande), ‘lá’ ela não é utilizada. Em vez de ‘saco’, diz-se ‘gancho’ numa referência às tranquilas baías e enseadas locais.

Quanto ao lugar, como os moradores dizem: ‘*Ganchos é tão pequeno que está fora do mapa*’ e complemento: Ganchos é de uma beleza natural fantástica que quem por ‘lá’ passa se fascina com imagens que contrastam mar e morro. O mar, cuja cor oscila

⁵ Ver Gerber, Rose Mary. Uma introdução à memória de Ganchos através do relato oral dos idosos, Monografia apresentada à UFSC para obtenção do grau de especialista em Gerontologia, 1993.

⁶ A Ponta do Mané Ceia corresponde a uma das pontas da enseada de Gancho de Fora.

⁷ Chegou às minhas mãos em 10.09.96, através de Laís (uma de minhas principais informantes), um exemplar do jornal mensal *Biguaçu em Foco*, que circula na região, o qual tenta desvendar o mistério da mudança do nome do município: “A professora primária aposentada Princesa Rocha da Costa, conhecida popularmente por dona Princesa, foi quem trocou o nome de Ganchos para Governador Celso Ramos. Isso ocorreu nos anos sessenta quando ela, que havia sido eleita vereadora, apresentou projeto que mudou o nome da cidade...em homenagem ao então governador do Estado, Celso Ramos (1961-1966)...com a emancipação de Ganchos, Princesa elegeu-se vereadora no período de 1965 a 1969. Foi a segunda mais votada, após Lauro Silva, hoje vice-prefeito. Seu projeto mais conhecido foi a mudança do nome: ‘Achava o nome Ganchos um pouco feio. Como Celso Ramos foi um excelente governador, nada melhor do que uma homenagem a ele’, explica. Princesa era muito amiga da família do então governador; os filhos de Celso Ramos eram sócios da empresa de pescado do marido da professora aposentada” (*Jornal Biguaçu em Foco*, ano IV, n.38, setembro/96).

Obs: Ao entrevistar em 23.10.96 o prefeito eleito da época, Senhor Miguel Flor, o mesmo me informa que não foi Princesa, mas sim Patrocínio Manoel dos Santos (falecido), o autor do projeto que alterou o nome de Ganchos.

entre o azul celeste e o verde profundo contrasta com os morros topograficamente acentuados, ora parecendo um extenso tapete de musgo ora dolorosamente queimados por algum ‘malino’.

Ganchos, costuma dizer um colega de trabalho, é um “ecossistema humano e natural *sui generis*, pois ao mesmo tempo em que está tão próximo à capital Florianópolis é diferente de tudo o que se vê na orla catarinense e é tão isolado”. Engano seu - costume retrucar. Ganchos cria a ilusão de ‘isolado’, pois se comprime entre o morro e as águas mas, contrariando essa impressão inicial, nos engana e se faz aberto e, tal qual ponte que leva a quantos lugares pudermos imaginar, constitui-se num caminho transitório de pescadores e aventureiros. É um porto permanente aberto ao mar, ao novo, ao estranho, ao estrangeiro.

Após descer de carro ou ônibus pelas ruas asfaltadas ou calçadas, pode-se caminhar pelas ruelas de Ganchos (Canto, do Meio, de Fora), da Fazenda, da Costeira, da Caieira - tudo faz parte do antigo município de Ganchos, atualmente Governador Celso Ramos - e pelas pequenas vilas de pescadores que possuem praias de areia fina, muitas outrora límpidas e atualmente contaminadas e impróprias para o banho, mas nem por isso visualmente menos belas. Poucas são ainda verdadeiros santuários ecológicos, cujas águas cristalinas encantam pela transparência com que se mostram exuberantes aos olhos de quem chega.

O mar, local de passeio para os ‘de fora’ e de trabalho diário para os pescadores, abriga em suas enseadas/*ganchos* as pequenas embarcações artesanais - botes, bateiras, baleeiras - íntimas do cotidiano gancheiro e estranhas aos visitantes, o que pode provocar nos mais entusiasmados confusão entre o que é uma ou outra (embarcação), pois cada qual tem sua finalidade; diferentes desenhos arquitetônicos que as compõem as tornam únicas e não são como são por acaso.

O que é comum a todas é o colorido forte com que os pescadores caprichosamente retocam, a cada ‘defeso’, as linhas que marcam e registram a origem da embarcação, onde se pode identificar, por exemplo: *Flor do Mar. Colônia Z-10; Aurora dourada. Colônia Z-09*. Assim, podem-se ver na imensidão azul pequenos pontos coloridos que mesclam vermelho, amarelo, azul, verde, branco... tudo reluzente, cuidadosa e artisticamente pintado. Também o tom forte das cores não é por acaso e tem por objetivo incrustado nas tintas escolhidas servir como uma melhor visualização no mar para socorro, no caso de algum acidente.

Caminhando ainda pela praia, com sorte, pode-se ver as embarcações chegando da *'lida'* alegremente repletas de pescado ou tristes com a miséria que marcou o dia. Camarão, peixe, marisco, siri, lula, tudo nesses mares dá. E quando dá com fartura o pescador agradece ao Bom Deus, a São Pedro e à Nossa Senhora dos Navegantes. Quando não dá, ele se resigna e espera o dia seguinte: "*Há de dar; um dia eu acerto*". A incerteza pelo sim, pelo não, pelo *'se'* é uma constante na vida dos pescadores. Como bem registrou-a cantando Caymi: "*Se Deus quiser quando eu voltar do mar um peixe bom eu vou trazer...*"

Depois de *'puxar'* a embarcação até o rancho (local de abrigo das embarcações) auxiliado por quem está na praia, o pescador segue para sua casa. O trajeto, antes solo fofo, arenoso, arborizado por laranjais e cafezais, pipocado de pouquíssimas e pequenas residências, hoje é formado de um calçamento de concreto, que para muitos gancheiros é o que machuca o boi durante a realização da Farra do Boi, entremeado de casas e mais casas num espaço que cada vez mais se comprime. *

As casas, por vezes, repetem as cores vibrantes das embarcações e mesclam azul com verde, amarelo com azul, branco com turquesa, embora cada vez mais possa se ver aumentar a predominância do branco pálido, visto por alguns como *'moderno'*, realçado por aberturas de verniz neutro ou de cores mais sóbrias, o que faz desaparecer um pouco aquele colorido característico que torna as fotos dos *'de fora'*, quando já não estão mais *'lá'*, acentuadamente vivas e vibrantes.

Internamente, em sua maioria, as casas não possuem corredores de circulação, mas cômodos que se abrem de um a outro, o que permite que alguém que está na cozinha converse com quem está na sala, tornando tudo mais aconchegante e as pessoas mais próximas para contar ou saber alguma novidade, comentar sobre o que viu ou assistirem juntos à televisão, visitar ou receber as comadres, compadres, parentes e amigos.

Ganchos também tem um *'quê'* de único, de ritmo próprio. No seu movimento, ou melhor, no seu *'não-movimento'*, o gancheiro transmite a impressão ao estrangeiro de não ter pressa nem preocupação com o futuro (afinal, *'o futuro a Deus pertence!'*), além de não nutrir qualquer simpatia por convenções preestabelecidas. *'Lá'* as leis *'nós é quem fazemos'*, costumam informar aos *'de fora'*. Esse *'jeito'* pode provocar dois sentimentos: irritação, porque se convive com a pressa que a atualidade competitiva da moderna sociedade urbano industrial nos impõe, o que é uma situação tensional frente à

calma e despreocupação gancheira, e fascinação, porque, em alguns momentos, ocorre um 'apaixonamento' por aquele lugar, levando-nos a um desejo de não querer/ter que satisfazer tantas exigências, não pensar no 'amanhã' e ficar apenas naquele movimento/não-movimento gancheiro.

Os gancheiros demonstram orgulho em 'ser gancheiro' e se unem cada vez que vêem ameaçado o que consideram como 'deles', por exemplo, quando a mídia invade a praia de Ganchos para falar sobre a Farra do Boi⁸ e a mostra como contrária a tudo o que normalmente se considera como 'civilizado, não-violento e aceito' no País como um todo. Ter como 'marca registrada' o fato de ser um dos maiores redutos da Farra do Boi faz com que os gancheiros mantenham com a mídia uma relação de resistência e insatisfação frente à imagem que é veiculada sobre eles durante a sua realização anual, quando passam a ser estranhos, diferentes em relação à sociedade mais ampla.

Para eles não faz sentido questionar 'por que' são assim, "são e pronto". Disse-me rindo, certo dia, uma senhora: "*Gancho é assim mesmo, é torto e se tentar endireitá quebra minha filha.*" (Maria, 60 anos, mulher de pescador, Gancho de Fora); outra jovem: "*Ganchos é Gancho porque é torto, onde já se viu gancho ser certo?*" (Nicole, 35 anos, mulher de pescador, Canto dos Ganchos); e um senhor: "*Aqui as leis somos nós quem fizemos, o lugar é nosso e quem vem pra cá tem que se acostumar.*" (Josué, 40 anos, pescador, Canto dos Ganchos). Outro comentário: "*Gancheiro é debochado no falar, às vezes a gente fala de um jeito, a pessoa sai por aí dizendo outra coisa que não tem nada a ver.*" (Volnei, 42 anos, pescador, Gancho do Meio).

Nos depoimentos acima podemos perceber que em relação ao lugar e a si mesmos, os gancheiros têm uma postura de diferenciação sedimentada num conjunto de valores e comportamentos que compõem a identidade gancheira, passado de geração a geração. O que aos olhos dos 'de fora' é estranho, para eles é 'natural', é parte deles, num contraponto que instiga uma aproximação entre natureza e cultura, melhor expressando, uma 'naturalização' da cultura remetendo à existência de uma 'raça moral', compreendida aqui no sentido em que se refere Abreu Filho⁹: "*raça inicialmente*

⁸ Sobre a Farra do Boi no litoral catarinense, ver Bastos, Rafael José de Menezes. Dionísio em Santa Catarina: Ensaio sobre a farra do boi. Rafael José de Menezes Bastos (org). Florianópolis: Ed. da UFSC, 1993; Lacerda, Eugênio Pascele. Farra do boi. Introdução ao debate, 1990 e A farra do boi em Santa Catarina. Dissertação apresentada ao mestrado do PPGAS/UFSC. Florianópolis, 1995 e Flores, Maria Bernardete Ramos. A farra do boi. Palavras, sentidos, ficções. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.

⁹ Abreu Filho, op. cit., p. 179-182.

aparece como sinônimo de família (neste caso a 'família gancheira') ... é uma categoria que envolve semelhanças e diferenças que criam distinções culturais ou sociais que são pensadas como naturais, e neste sentido, ela aparece como operadora de passagens do plano da natureza para o plano da cultura na medida mesmo em que confunde os dois planos".

Essa consciência de diferenciação que os gancheiros verbalizam é exteriorizada por uma necessidade de se reafirmarem na agonística do confronto com os *de fora*. Essa tensão com o que consideram uma ameaça à sua identidade e aos seus valores provoca-lhes um sentimento de 'ser diferente', tornando-os arredios para com os Estrangeiros quando estes os expõem e os questionam. Será essa demonstração de reafirmação de si mesmos o que faz com que eles mantenham com os visitantes - cinegrafistas, jornalistas, fotógrafos e, mais recentemente, pesquisadores, uma relação tensa e desconfiada? Estará no ritmo próprio da vida de Ganchos, que se mescla com os elementos da natureza, marés, ventos, luas, um dos contrapontos que gera confrontos e conflitos com os '*de fora*', os quais vivem numa outra ritmização sinalizada pelos ponteiros, nem sempre pontuais, dos relógios?

O ritmo do gancheiro está ligado à pesca, principal atividade econômica daquele lugar; os pescadores podem ser artesanais (de camarão e de peixes menores, como a tainha e a corvina) ou industriais (de camarão¹⁰, sardinha¹¹ e peixes diversos¹², e maiores,

¹⁰ O maior número de pescadores é de Canto dos Ganchos. O barco é nomeado camaroeiro e possui dois trangones (mastros). Em torno de seis é a composição dos homens que aí trabalham, formando um quadro funcional dentro da embarcação, composta normalmente da seguinte ordem hierárquica crescente: dois tripulantes, cozinheiro, contramestre, motorista, mestre. Embora conste na carteira profissional uma renda estipulada por 'salário', na verdade há uma divisão do dinheiro denominada por "partes", cujo valor varia de barco para barco e de indústria para indústria; o que está pré-definido é o número de partes que cada qual recebe, ou seja: tripulante, uma parte e meia, cozinheiro, duas partes, contramestre, duas partes e meia, motorista, quatro partes e mestre, seis partes. Varia o período de vir "em terra", o que pode ocorrer em um mês, dois, três ou mais, dependerá de onde se encontra a pescaria, se a embarcação é, ou não, frigorífica, se o mestre (chefe da tripulação) gosta de vir em casa. Ou seja, é um período mais longo e incerto de espera que as mulheres desses pescadores vivenciam. Até mesmo no que se refere à alteração do tempo, apenas quando acontece realmente 'mau tempo', como é o caso do vento sul forte, é que esses pescadores 'entram' (voltam à terra).

¹¹ É o tipo de pesca onde a maior incidência é de gancheiros de Gancho do Meio e de Gancho de Fora. O barco denomina-se traineira e possui um só trangone, que é o que sustenta as redes. Neles trabalham durante cerca de vinte e cinco dias no mês, quinze a dezesseis homens. As idas e vindas dos homens são controladas por suas mulheres, que se orientam pela lua para saberem quando os homens estão para chegar; voltam quando a lua está cheia, período denominado de 'claro'. 'Escuro' é o nome atribuído ao tempo da pescaria. Outro fator que possibilita aos pescadores de sardinha virem 'em terra', além do 'claro', é o que chamam de 'mau tempo', por exemplo, lestadada ou vento sul. Daí ouvir-se das mulheres expressões e ditados como: 'A lua está fazendo conta!', quando é lua crescente e as mulheres imaginam os homens se preparando para virem em casa; ou: 'urubu no ar é vento no mar', quando observam tais aves voando desordenadamente pelo céu, prenunciando mudança de tempo.

como atum, cherne, badejo, garoupa). Os artesanais trabalham próximo estando em casa diariamente, e a embarcação, geralmente, é coordenada pelo proprietário. Os industriais são aqueles chamados pelos profissionais da pesca de ‘embarcados’ e vão para Itajaí, Santos ou Rio Grande, ficando longe de casa entre vinte e cinco dias a três meses aproximadamente, ou mais, dependendo se o barco é de sardinha (traineira), camarão (camaroeiro) ou peixe (parelha).

Essa ‘dura realidade’, como dizem os gancheiros, exige requisitos que compõem uma ‘raça moral’ que tem como um dos valores centrais a virilidade, que reafirma o ser macho através do enfrentamento das adversidades que a ‘dura vida’ do mar impõe, já que os homens do local vivem mais tempo longe, do que em casa. Confrontam-se diariamente com o perigo, a insegurança e arriscam-se em embarcações que se tornam minúsculas quando enfrentam grandes profundidades e a revolta do mar. “*A gente sabe que vai, se volta a gente não tem certeza*” (Gabriel, 39 anos, pescador, Canto do Ganchos). O pescador tem, desta forma, uma relação diferente com a ‘terra firme’, pois é ‘lá fora’ que vive a maior parte de sua vida. Daí ouvir-se: “*Como diz a moda, aqui eu venho visitar, minha casa é o mar*” (Arthur, 36 anos, pescador, Canto dos Ganchos).

Do ponto de vista masculino, esse confronto diário com o perigo iminente e o fato de viver trancafiado dias seguidos em uma embarcação faz com que o pescador, ao chegar em terra, queira mais é se ver solto pelas ruas do lugar, encontrando os amigos nos espaços abertos. Talvez ainda por essa necessidade de extravasar, de correr, de se soltar, a Farra do Boi constitua-se no acontecimento de maior mobilização e agito que os gancheiros vivenciam.

Sob o prisma feminino, Ganchos caracteriza-se por uma oscilação entre períodos de calma (quando os homens estão fora, ou é inverno ou não há festas) e períodos de agitação (quando é época de defeso¹³ e os homens estão *em* terra, quando é verão e as pessoas estão nas ruas, inclusive as mulheres, ou quando há festas como as de Nossa Senhora dos Navegantes, de São Pedro ou do Divino Espírito Santo). Exceto por estas

¹² Trabalham com uma só rede dois barcos ‘emparelhados’, lado a lado, com uma tripulação composta por seis homens em cada barco, sendo que o total das ‘partes’ é dividida pelos doze trabalhadores. Poucos gancheiros exercem este tipo de pescaria, a qual não sofre interferência do ‘mau tempo’, sendo que os pescadores demoram mais tempo para vir ‘em casa’; a embarcação é denominada parelha. Traineira, camaroeiro e parelha são tipos de pescaria realizadas em profundidades menores, variando, por exemplo, de trinta a oitenta metros. Pesca de espinhel e do ‘mar novo’ que acontecem ‘mais fora’, conforme me explicou um pescador, chega de cem a mil metros de profundidade.

¹³ Defeso: período que visa à preservação das espécies e que, portanto, exige uma pausa (chamada pelos pescadores de ‘parada’) no exercício da pescaria. Varia o período; por exemplo, se é camarão (fevereiro a maio) ou sardinha (dezembro a fevereiro).

festas e pela época da Farra do Boi, Ganchos é calmo, tranquilo, lugar de crianças e mulheres que vivem à espera de seus maridos e regem o cotidiano de suas vidas por uma temporalidade que está conectada ao ritmo do mar e aos elementos a ele ligados sendo que, não podemos desconsiderar, os meios de comunicação interceptam este ritmo.

A seguir, passarei a descrever Ganchos, apresentando diferentes momentos de seu cotidiano, cujas oscilações de ritmos interligam períodos de calma e de movimento, marcando um tempo que é próprio de 'lá'. Idas e vindas que parecem acompanhar o próprio ritmo do mar numa emergente necessidade de se repetirem e durarem no tempo. Nessa direção aponta Bachelard¹⁴, quando expõe que a "vida é ondulação, diz respeito pois a uma ritmânalise ... há uma emergência ondulatória na vida ... entre a matéria e a memória a importância do fator da repetição".

Festa da Padroeira das Águas: 'Eles estão em terra'

... É época de agitação. Correria. 'Oh, coisa boa!' É fevereiro. Final da parada dos pescadores da sardinha. 'Eles' estão em terra. Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, padroeira das águas - festa de Gancho do Meio, a sede, o centro de Ganchos enquanto município. As pessoas se dirigem àquela comunidade para prestar homenagem à Santa - e prestar atenção a quem comprou roupa e sapato novo e, mesmo que o tempo pregue uma peça e dê algum friozinho, os vestidos leves são expostos num 'desfile de moda' que 'ganha corpo' na passarela das ruas ao ar livre, no movimento de quem vai e volta, mostrando a nova aquisição. As que não compraram observam e analisam quem teve 'bom gosto' e quem, apesar da mudança de tempo, insistiu em usar a roupa nova sem se importar em 'ser ridícula'.

Fogos, música e movimento, em que o ponto alto das comemorações é a procissão pelo mar. Um barco se encarrega de ser o altar de Nossa Senhora dos Navegantes, enquanto as pequenas embarcações seguem em procissão - 'É a procissão pelo mar' - enfeitadas com bandeiras de papel colorido ('são as bandeirolas'). Da terra os que ficam acenam e podem ouvir se afastar a lamúria do canto arrastado que entoa:

¹⁴ Bachelard, op. cit., p. 126-27.

*“Virgem Mãe dos Navegantes
O teu povo reunido
Vem louvarte neste instante
E fazer os seus pedidos*

*Ave, Ave, estrela do mar
Ave, Ave, Mãe sem par*

*Em Caná, por teu pedido
Jesus muda água em vinho
Hoje o teu povo sofrido
Pede ajuda em seu caminho*

*Como o teu Jesus outrora
Vento e mar co'a voz chamou
Aos que o mar rogam agora
Pede ó Mãe, o seu favor*

*Dá amparo aos navegantes
Na procela e na bonança
Reconduz o nauta errante
Ao bom porto da esperança*

*Do alto mar das tempestades
E nos turbilhões da vida
Sê farol a rebrilhar
Ó mãe santa, Mãe querida*

*Quando a morte enfim chegar
Tu serás a nossa luz
Para o céu vai nos levar
Junto a ti, junto a Jesus.”*

- E viva Nossa Senhora dos Navegantes!

- Vivaaaa!!!

Nesse momento do trajeto, o barco/altar com a procissão enfileirada está em Canto dos Ganchos e, traçando uma linha imaginária que vai ao encontro da Igreja do Canto, reduto de São Pedro, ele pára e o barulho estrondoso dos fogos se faz ensurdecedor. O barco dá uma volta em torno de si mesmo. Nova saudação a São Pedro. Ou será São Pedro que saúda Nossa Senhora? Fogos. Rezas. Cantorias.

- *Viva Nossa Senhora dos Navegantes!*
- *Vivaaa*
- *Viva São Pedro!*
- *Vivaaa!*

São rituais que marcam o tempo, que sinalizam os momentos de estrutura e os de antiestrutura. Os espaços de individualidade e os de *communitas*, tal qual Turner¹⁵, definiu.

Os santos se misturam nas homenagens. Dia de Nossa Senhora, alusão a São Pedro, afinal se ela é a santa das águas, ele é o padroeiro dos pescadores. Se ela é a santa de Gancho do Meio, ele é o santo de Canto dos Ganchos. E lá vai a procissão de volta rasgando o mar: fogos, barulho, bandeirolas que tremulam e a santa imóvel em seu altar improvisado. Parece exibir um sorriso de 'Monalisa' de quem entende que de seus fiéis não é só uma festa em sua homenagem, mas um momento de despedida dos homens que se vão e das mulheres que ficam e que estão a pedir-lhe: '*Cuida de mim Santinha*'; '*Olha pelo meu marido, Senhora*'. E Ela ouve impávida o apelo de seus fiéis:

*"Maria minha mãe Maria
Queria te falar de amor
Mostrar que em meu peito aberto
Cultivo um jardim em flor*

*Cultivo um jardim de rosas
Que não tem espinhos pra te machucar
Cultivo um jardim tão lindo
Rosas perfumosas pra te ofertar...*

*Maria que eu não sabia
Como era tão sublime amar
Agora mãe do céu, Maria
Contigo sigo a cantar*

*E canto pela vida afora
Embora encontre pedras
Não vou mais parar
Pois sei que com você Maria
Minha mãe Maria
Vou sempre contar..."*

¹⁵ Turner, Victor. *O processo ritual*. Petrópolis: Vozes, 1974.

Fim do Defeso: *Acabou a parada*

Os pescadores de sardinha se vão. *Acabou a parada*. As mulheres agora se encarregam de cumprir o que lhes cabe, pois este universo gancheiro está imbuído de uma divisão de gênero¹⁶, onde parece que tudo foi se definindo há mais tempo do que imaginávamos, no que se refere a ‘quem’ deve fazer o ‘que’ e conseqüentemente ficar ‘onde’.

Ariès¹⁷, ao falar de uma divisão de espaços, refere-se ao que chama de “nova sociabilidade do século XIX” relacionada às sociedades tradicionais do ocidente e à modificação verificada no grau de privatização da vida e da natureza do setor público, com especial atenção aos ‘cafés’ enquanto locais de encontro masculino. Esse aspecto pode-se ainda verificar, em certa medida, em Ganchos, onde os bares que atualmente oferecem jogos variados e bebidas diversificadas ocupam o lugar das antigas ‘vendas’ que, além do comércio de produtos alimentícios, serviam como local de encontro para ‘escutar o rádio’, o que levava os homens a reunirem-se em torno dos balcões com os ouvidos atentos às notícias bebericando a conhecida aguardente, enquanto as mulheres e crianças tinham como espaço permitido o espaço ‘privado’ da casa.

Em conversa com pessoas mais idosas do município pude verificar que, tradicionalmente, há uma divisão social/sexual de espaços, em que o aprendizado dos papéis sexuais é repassado de pai para filho e de mãe para filha, criados em ‘mundos’ separados. A esse respeito, a antropóloga francesa Heritier nos diz: “*Os homens criaram para si próprios um campo reservado. Como houve também um domínio das mulheres reservado, inacessível... o saber fazer altamente especializado, corolário de uma repartição sexual de tarefas*”¹⁸.

A observação de Heritier quando se refere às sociedades caçadoras-coletoras sobre a repartição sexual das tarefas e à existência de ‘domínios reservados’, os quais

¹⁶ Ver Heritier, Françoise. Mulheres de sabedoria, mulheres de ânimo, mulheres de influência. In: Cadernos da condição feminina. n.20. Lisboa: Ed. da comissão Feminina, 1987; Balandier, George. Homens e mulheres ou a metade perigosa. São Paulo: Ed. da USP, 1966; Ariès, Philippe. A família e a cidade. In: Figueira, Sérvulo e Velho, Gilberto (org). Família, psicologia e sociedade. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1981; Rial, Carmen. Mar de Dentro: a transformação do espaço na Lagoa da Conceição. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PPG em Antropologia Social/UFRGS, 1988 e Maluf, Sonia. Encontros noturnos: Bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

¹⁷ Ariès, Philipe. Op. cit., 1981.

¹⁸ Heritier, op. cit., p. 122.

atribuem valor desigual às tarefas realizadas - embora as mulheres tenham extensa participação na colheita, são os homens os prestigiados pela função que exercem de caçadores - aplica-se também para Ganchos. Embora as mulheres gancheiras tenham grande participação no processo de limpeza e beneficiamento do pescado, além das tarefas que lhes são cotidianamente atribuídas, são os homens que têm uma posição central pelo fato de serem 'os pescadores', os que vão, se embrenham e se aventuram frente o imprevisto do mar.

Desta forma, ao homem pertence o mar, o horizonte, a aventura e cedo o menino aprende os segredos do que constitui um 'trabalho' e seu lugar como provedor da família. A menina, por outro lado, era e é preparada para iniciar-se nos 'truques' do lar e no que compõe o que se chama de 'serviço', como o crivo, a renda de bilro, o tear, a socagem do sal, a escalação do peixe, o descasque do camarão, entre outros. E tudo isso se aprende muito cedo...

"Oito anos, nove, já começava a aprender a lidar com o mar." (Tristão, 74 anos)

"Com oito anos eu já aprendi a fazer o crivo." (Isolda, 69 anos)

Assim sendo, completando dezesseis anos, ao menino que aprendeu o gosto pelo mar e o fascínio pela vida da pesca é permitido tirar a 'carta de pesca', que é a carteira de pescador profissional. 'Embarca' rumo a Itajaí, Santos ou Rio Grande, dependendo em que tipo de pescaria vai se inserir. A exemplo do que Eckert¹⁹, observou junto aos mineiros no Rio Grande do Sul, no que se refere à formação de um grupo de trabalho, 'lá' também o fato de ter parentes em algum barco agiliza a obtenção de 'uma vaga', o que facilita sua entrada na profissão. Os laços de sangue e de compadrio constituem fator importantíssimo em Ganchos em todos os níveis das formas de sociabilidade comunitária sendo, inclusive, um facilitador no que diz respeito ao ingresso do jovem na atividade pesqueira, ou seja, se tiver algum parente (tio, primo, pai, irmão, cunhado, compadre) nos mesmos, o processo de 'embarque' se torna mais fácil.

Os homens, desta maneira, vivem a maior parte do tempo fora de casa, mesmo estando 'em casa'. Trabalham vários dias e meses seguidos no mar e quando estão 'em

¹⁹ Eckert, Cornélia. Os homens da mina: um estudo das condições de vida e representações dos mineiros de carvão em Charqueada/RS. n.3, jun/1987. Porto Alegre: cadernos de estudos. 1987.

terra' dão uma 'assistência'²⁰ (sexual e financeira) durante alguns dias. Em terra, sua rotina constitui-se de encontrar os amigos nos bares, praças, jogos, numa demonstração de que 'estar com' eles na rua é muito bom. Ou seja, em Ganchos o espaço público, aberto, é o local preferido e designado como da sociabilidade masculina e onde encontram diversão, aventura e liberdade.

Parada: São os homens que estão chegando

... 15 de fevereiro. Início do defeso do camarão. Se os pescadores de sardinha foram, os de camarão estão chegando. Alvorço das mulheres, principalmente em Canto dos Ganchos. Roupas de cama e travesseiros expostos nas soleiras das janelas retiram do sol o calorzinho e ficam mais cheirosos. 'A partir de agora, a qualquer hora eles *chegam*'... Fogos na madrugada. Barulho. O que é isso? Alguma festa fora de hora? Algum boi que soltaram? 'Não Méri, não. São os homens que estão chegando.' E, diferente da ida que é silenciosa e triste, a chegada é escancarada, barulhenta, alegre, das janelas dos ônibus os pescadores soltam fogos, gritam, querem 'chamar' a atenção: '*chegamos*'. E as mulheres em casa já se preparam para lhes dar toda a atenção. De agora a 15 de maio 'eles' estão em terra. É um período de 'repouso' deles e de agito delas, pois a rotina é alterada com 'eles em casa'. Vai ser assim até irem novamente, quando o agito passará a ser deles e elas terão, de certa forma, um repouso.

Quando 'ele' chega, ela o quer mais tempo em casa e se sente injustiçada pelo fato de que fique tanto tempo fora de casa com os amigos. '*Já fica tanto tempo lá fora!*' Ele, por sua vez, acha que é melhor a liberdade com os companheiros e se sente 'meio preso'. Porém, se 'ele' fica muito tempo 'em casa', ocupando um espaço que 'ela' coordena e domina, por exemplo, quando é a época de defeso e o pescador fica três meses em casa, ela '*estranha*' essa presença que costuma ser tão rara. Há, desta forma, um poder feminino no espaço doméstico, sendo que em alguns casos os homens em 'suas' casas dependem da mulher para ali se situar, conforme me relataram homens: '*Em casa ela quem manda*'; e mulheres: '*Às vezes ele não sabe nem o lugar das coisas*'.

²⁰ Expressão que os gancheiros usam quando fazem alusão à sua chegada em casa, quando vêem o que está faltando para a família em termos financeiros. Referente ao aspecto sexual, utilizam-na de forma jocosa: "dar uma assistência à esposa".

Se esses homens e mulheres têm um jeito tão diferente de ‘ser’, por que então casam e formam uma família? Alguns gancheiros expõem como motivo para a constituição das relações familiares a ‘permissão’ para a vivência sexual, como podemos perceber no depoimento a seguir: “*Se a gente não casa não tem nada (sexo) quando chega em terra, assim não*” (Joshua, 29 anos, Canto dos Ganchos). As mulheres, por sua vez, preferem casar a “encalhar”²¹: “*Eu quero casar, mesmo que seja por pouco tempo, pra depois separar, mas eu quero casar, encalhada eu não quero ficar*” (Loreta, 25 anos, Canto dos Ganchos).

Tal preocupação com o destino da mulher é extensiva a toda a comunidade e, até mesmo, para com a autora desta dissertação. Inúmeras vezes, ao encontrar alguém que não via por algum tempo ouvia a corriqueira pergunta: ‘Casasse?’. Ilustro essa constante experiência com um exemplo engraçado que vivenciei:

Há dias não via um senhor do lugar com o qual costumava conversar:

Eu: Bom dia. Como está o senhor?

Ele: *Bem. Já casou?*

Eu: Não.

Ele: (*Ah! Então não casa mais* com o “s” acentuado de xis).

Há aí uma definição entre o que cabe ao homem e o que se espera da mulher em termos de valorizações que distinguem a honra feminina da masculina; “*a honra ordena a homens e mulheres que se comportem de determinada maneira - sobretudo positiva no caso dos homens, sobretudo negativa e passiva no caso das mulheres*”²², ou seja, ao homem é permitido expor o seu lado sexual como fator de reforço da sua masculinidade e virilidade, enquanto que a mulher deve manter-se no espaço privado do lar, recatada e mantenedora de sua honra, a qual espelha também a honra familiar.

Ritmos e Ritos: Lá vem ele!

... Fom. Fom.Fom...

Ehhhh!

Lá vem ele, lá vem ele!

²¹ Encalhar é uma expressão utilizada em Ganchos para indicar a mulher que não casou. Ficou, ou está, desta forma, ‘encalhada’.

²² Peristiany, J.G. Honra e Vergonha. 2 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1971. p. 150.

É mês de abril. Semana Santa. Aos pescadores do camarão que estão 'parados' se juntam os da sardinha que chegam para a Páscoa, que em Ganchos é sinônimo de Farra do Boi²³. É a época de maior agitação, euforia, excitação, facilmente pressentida no ar e que contagia até o menos afeto à Farra que ali se encontra. A aproximação da hora de chegada do boi ao local provoca uma expectativa que faz juntar os homens que ficaram *em terra* na pracinha, refrescada pelo pé de sombreiro que encobre seus bancos de concreto e calçadas que a circundam, e nos bares próximos, voltados para a constante pergunta: *Será que vai demorar?* As mulheres vez por outra chegam até os portões para darem '*uma espiadinha*' no movimento, mas sabem que o 'bichinho' não chegou, pois o buzinaço que dá o aviso ainda não anunciou.

Muitas vezes falsos anunciantes acionam as buzinas para ver o povo correr e se agitar. Mas, alarme falso, mentira. Ainda não é. E a espera continua, às vezes pela noite adentro, pois só na madrugada os farristas que foram buscar nas fazendas encontram o boi escolhido para a farra. E, não raro, se vê morro abaixo a correria de homens abotoando os *shorts* ou calças e as mulheres ajeitando melhor os penhoares, pois não querem perder a soltada do bicho, que é um dos momentos de maior emoção, pois ali o boi definirá que caminho vai escolher na corrida e é a partir dele que o povo vai para a esquerda, para a direita, na frente ou atrás do personagem central da farra.

E assim segue noite adentro, dias a fio, a Semana inteira, que culminará no sábado de aleluia com a divisão da carne do boi entre os 'sócios' da Farra. Domingo é dia de Páscoa, de comemorar a ressurreição de Cristo. O tempo da Farra é, portanto, um tempo cíclico que não tem data fixa, mas que faz parte de um calendário anual de acontecimentos, o que vai ao encontro do que Da Matta²⁴, observou quando em sua análise sobre o carnaval. Como parte do mesmo período que se interliga ao 'sagrado', o carnaval anuncia o início da Quaresma, enquanto que em Ganchos a Farra do Boi ritualiza o seu término, encontrando seu ápice na Semana Santa.

Dependendo a época em que 'cair' a Páscoa (se no final de abril ou no início), os gancheiros de Gancho do Meio retornarão na segunda-feira para o mar e os gancheiros (chamados de canteiros) de Canto dos Ganchos ainda ficarão alguns dias em terra, pois

²³ Menezes Bastos, op. cit., observou em seu estudo no bairro Riachão a existência de dois períodos para a Farra do Boi: o natalino e o pascal. Em Ganchos, embora também no Natal ocorrerem Farras de Boi ou durante outras épocas do ano, como, durante a 'parada' dos pescadores de camarão, é a Semana Santa o ponto mais alto de sua realização.

²⁴ Da Matta, Roberto. Carnaval, malandros e heróis. 5 ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1990.

em 15 de maio é que retornam para a pesca, após o período do defeso... Tristeza para os gancheiros que voltarão para o agito da vida no mar. Alegria para os canteiros que ficarão mais algum tempo *em terra* dando uma *assistência* em casa, *jogando* conversa fora em jogos com os amigos, encontrando-se na pracinha ou, em alguns casos, passeando ao sol com seu passarinho de estimação exposto em uma vistosa gaiola.

As mulheres, preparadas desde sempre para casar e serem esposas de pescador, geralmente não ultrapassam a oitava série e dificilmente concluem o segundo grau: '*Estudar pra quê?*' - dizem algumas. Quando não há pescado, a casa, a administração do espaço familiar e tudo o que a ele está relacionado é o seu território; olhar o horizonte e a certeza da espera do marido são vivências contínuas. Quando tem pescado, oriundo da pesca artesanal, exercem a função de 'descascadeiras' de camarão ou marisco²⁵, ou trabalham na evisceração de peixe, que pode vir da pesca artesanal ou da industrial, sendo pagas por quilo de produto limpo produzido. Há, portanto, uma temporalidade própria deste espaço feminino, considerando-se que estas modulações no ritmo cotidiano estão sedimentadas por uma tradição social local ligada à pesca.

Tratando desta divisão de espaços, Da Matta²⁶, quando tece distinções entre a casa e a rua, resume o que observei em Ganchos: "*se a casa distingue esse espaço de calma, repouso, recuperação e hospitalidade ... a rua é o espaço definido precisamente ao inverso ... que está sempre repleta de fluidez e movimento*".

Assim designado o espaço feminino, portanto, é o da casa, o privado. Durante o dia as mulheres freqüentam, sem que isso macule a sua honra feminina, a rua para visitar algum parente, fazer compras ou ir 'à cidade'. Porém, com a chegada da noite, o que se espera de uma mulher 'direita' é que permaneça em casa. O que se constata com as mulheres de pescadores na Lagoa da Conceição, em Florianópolis, concernente a esta 'permissão' de ocupação, e ao mesmo tempo domínio, de espaços é válido também para Ganchos, indo ao encontro do que observou Rial²⁷, numa comunidade de pescadores, sobre a existência de uma esfera doméstica própria às mulheres. Embora atualmente constatem-se modificações nos locais, utensílios e facilidades que o processo de

²⁵ O cultivo do mexilhão *Perna perna* (popularmente chamado de 'marisco' em Ganchos) inseriu-se naquele município em 1989 através do trabalho de extensão da EPAGRI (Empresa de Difusão de Tecnologia e Extensão Rural de Santa Catarina).

²⁶ Da Matta, Roberto. *A casa e a Rua*. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

²⁷ Op. cit., 1988.

modernização crescente proporciona à comunidade de Ganchos, continuam a existir atividades e espaços bem definidos para homens e mulheres.

Além dessas diferentes formas de distribuição das atividades e espaços, ocorre em Ganchos maneiras distintas de se vivenciar o agito e a calma entre homens e mulheres, ou seja, quando os homens ‘chegam’, vêm em busca da calma do lugar e do afastamento temporário da vida agitada da pesca, sendo que as mulheres vivem nesse período toda uma agitação propiciada pela presença ‘dele’ em casa e deles como grupo nas ruas, praças e jogos. Por outro lado, quando eles partem, vão para o imprevisto da vida do mar, para a agitação dos dias seguidos à procura da mais rentosa pescaria, longe, lá na ‘casa’ que consideram mais familiar do que a própria casa em terra. Às mulheres resta um longo período de calma, de espera, ansiedade e expectativa pela volta ‘dele’.

E por falar em ida, é maio: *É esperar o tempo passar*

Em Ganchos parece-me sinônimo de ‘luto’, não luto pela morte que conhecemos e que podemos ver no outro, mas luto pela perda temporária ou permanente que sentimos em nós próprios. É o mês que marca a ida dos homens do mar para a busca do melhor pescado, é o período em que as mulheres em terra se preparam para ‘passar o resto’ do ano à espera do início do próximo. Sim, porque para elas, a vida acontece naqueles dias em que eles estão em casa, o ‘resto’ é ‘esperar o tempo passar’.

Resto. O que é resto? É aquilo que, para nós, vem depois do que tem sentido, do que nos faz vibrar, do que nos enche e nos dá vida, a própria vida. Resto, para as mulheres de pescadores, em cada ano, significa nove meses intercalados de poucos dias porque para elas, apenas nos outros três é que se chega próximo do que é viver... “*A gente vive cinco, seis dias no mês, o resto é cuidar da casa e dos filhos, é esperar o tempo passar*” (Canto. Bianca, 35 anos).

Essa é a vida da mulher casada em Ganchos e, ao contrário do que nos coloca Perrot²⁸, ao falar sobre a família herdada do século XIX (referida como sendo o ‘nó e o ninho’) e as mudanças que vivenciamos em pleno século XX, ou seja, que “na maioria dos países industrializados casa-se cada vez menos e cada vez mais tarde”, em Ganchos os casamentos continuam ocorrendo com frequência e em idade precoce (18, 15 anos).

²⁸ Perrot, Michelle. O nó e o ninho. 1993, p. 74-81.

Entre o masculino e o feminino, ocorrem espaços sociais de comunicabilidade intergêneros que permitem a homens e mulheres se conhecerem, namorarem e ‘fugirem’. Se em tempos passados essas aproximações se davam nas ‘domingueiras’²⁹ e bailes, com a vigilante presença das mães ou tias, atualmente são as ‘discoteques’ que se constituem em um local comum, freqüentado pelos jovens de ambos os sexos:

“A gente ia nos bailes que era à noite e nas domingueiras à tarde mas sempre com a mãe ou uma tia junto pra vigiar. Dançava tudo mas, olhava, lá tava a mãe sentada no banco, só de olho.” (Alicia, 72 anos, Gancho do Meio)

“Final de semana é que a gente sai pra discoteque né. Depende onde tá dando movimento. Daí lá a gente encontra o pessoal, paquera, dança e namora.” (Luana, 15 anos, canto dos Ganchos)

Em Ganchos raramente ocorre um ‘casamento de noiva’, ocasião que chama a atenção e mobiliza a comunidade inteira. Dificilmente acontece a escolha do cônjuge pelas etapas colocadas por Azevedo³⁰, ou seja, namoro seguido de noivado oficial e casamento. Podem, no entanto, ocorrer quatro situações distintas: a) namoro e a seguir a fuga; b) namoro, noivado e fuga; c) conhecer, breve ‘negociação’ e fuga; d) namoro, noivado e ‘casamento de noiva’, como eles denominam.

Agito Coletivo: *Visse? Visse?*

A notícia de que alguém irá ‘casar de noiva’ agita a comunidade, pois é algo raro e que instiga a curiosidade sobre que modelo terá o vestido, que maquilagem usará a noiva, como se ‘trajará’ o noivo, como a Igreja será enfeitada, quantos e quais presentes os noivos ganharão, como será a recepção; mais interessante: quem serão os convidados principais e quem serão os padrinhos, será que vem alguém ‘de fora’?

²⁹ Segundo os mais velhos do lugar, as domingueiras ocorriam no período da tarde, geralmente a partir das quatorze horas até o anoitecer, quando tinham que retornar para casa e sempre, como o próprio nome indica, aos domingos. As moças eram acompanhadas por uma tia ou pela própria mãe (que permanecia sentada em bancos dispostos pelo salão de dança), que cuidavam de vigiá-las quando nos contatos com os moços.

³⁰ Azevedo, Thales. Namoro à moda antiga. 1981, p.221.

Como todos sabem o horário do casamento, as pessoas enchem a rua por onde a noiva passará para vê-la. Com a proximidade da hora de sua saída de casa para a Igreja, as pessoas vão de agrupando ao longo do itinerário, buscando os melhores lugares e ângulos para ‘ver melhor’. Com a passagem da noiva, o que se ouve são suspiros de admiração e comentários sobre o quadro que apreciam, os quais, geralmente, podem ser resumidos com a expressão: *‘Isso é que ela tava linda’* ou *‘Aquilo que era vestido lindo’* e complementados pela inevitável pergunta: *‘Visse? Visse?’*

Mesmo os que não são convidados se aproximam da Igreja para apreciar a ‘entrada da noiva’, o que proporciona uma mistura de pessoas com roupas e sapatos de ‘festa’ com outras com roupas do cotidiano e com as familiares sandálias ‘havaianas’. Olhando da porta de entrada da Igreja para o altar, o que se vê, antes de se vislumbrar a noiva ‘entrando’, são contorções de pescoços e alongamentos de ponta de pé para ver e registrar a chegada da noiva ao altar e, por conseguinte, o encontro com o noivo, momento em que o pai passa a filha para os cuidados de seu futuro esposo.

Após todo o movimento provocado pelo acontecimento raro do casamento de noiva, o que se segue é mais excitante, pois constitui-se no momento de troca-troca de informações, comentários, fofocas sobre quem viu o que: como estava a roupa dos convidados, a noiva, a comida, a Igreja, quem chorou, quem veio de fora; enfim, como foi o que se conseguiu ver. Faz parte ainda desse momento pós-casamento a visita à casa onde a noiva morava antes de se casar (sendo que poderá permanecer na mesma se ainda não tem sua casa própria) para ver os presentes que o casal ganhou.

É permitido às pessoas entrarem na casa, olharem os presentes e tecerem comentários sobre a qualidade, quantidade e utilidade do que foi ganho, o que faz com que, em alguns momentos, haja um conjunto de sandálias na porta da casa que denota a quem sabe do casamento recém-ocorrido, quantas pessoas estão naquele momento, visitando os presentes.

‘Fugir’, ao contrário do casamento de noiva, que tem data e horário pré-definidos e anunciados aos familiares, amigos e população em geral, ocorre preferencialmente à noite, ‘às escondidas’, sem provocar movimento ou agitação. É a fuga do casal para a casa de algum parente ou amigo, previamente consultado, e que concorde em recebê-los. A partir deste fato passam à condição de ‘casados’. Após alguns dias, é comum que o casal venha morar com os pais ou sogros até conseguirem

construir sua própria casa, o que se torna mais difícil devido ao espaço físico cada vez menos disponível em Ganchos:

“...A gente namorava na soleira da janela, eu debruçada na janela e ele em pé do lado de fora. A mãe sentada numa cadeira perto, só olhando. Então ele fez sinal e a gente combinou de fugir, só por sinal, porque a mãe tava ali. Mas a gente combinou e à noite fugiu pra casa de uma tia.” (Isolda, 69 anos, Canto dos Ganchos)

“Nós tava ali no carnaval dançando, bebendo, daí quando viemos embora ficamos conversando e aí resolvemos casar, fomos pra casa do meu irmão.” (Láís)

Os jovens ‘casam’, muitas vezes, sem bem se conhecerem, passando cada qual a desempenhar o que é esperado, ou seja, ao homem cabe o sustento da casa e à mulher a sua organização e tudo o que a este espaço estiver envolvido. Na oposição mar/terra, os homens vão, pescam, trazem e as mulheres esperam, descascam, evisceram, limpam, cuidam.

Ocorrem, no entanto, momentos de exceções neste sentido. Quando o homem está no mar, é a mulher que se encarrega de todas as atividades referentes à família, independente de ser vista como uma tarefa masculina ou feminina. Com a chegada do marido, este assume alguns papéis que são considerados a ele referentes, como decidir quem irá reformar a casa, quanto se comprará de material e em quais momentos, mesmo que em sua ausência a mulher tome todas as providências e tenha autonomia para decidir o que fazer primeiro, quem contratar para trabalhos necessários, o que e quando comprar. Outro exemplo insere-se no fator econômico: o dinheiro fica depositado no Banco em nome da mulher e é ela quem faz todas as operações financeiras da família, mas quando o homem está *em casa* ele decide quanto e quando retirar para utilização doméstica. É como se a mulher cuidasse de tudo e com a chegada dele ‘cedesse licença’ para que tome as rédeas das situações, embora ela opine em tudo que é decidido. É uma espécie de negociação das mulheres com a situação mar/terra, ou seja, eles decidem nos poucos momentos em que estão *em terra*, mas elas dominam durante o tempo maior, que é quando eles permanecem *no mar*.

Ocorre nesses espaços, feminino e masculino, algo interessante no que se refere ao consumo de bens materiais, uma ‘concorrência’ em que quem primeiro compra um

determinado produto é visto como um ‘precursor’, sendo reconhecido pelos amigos como o primeiro a tê-lo. Sobre este fato, Abreu Filho, diz ser uma forma de avaliar a honra: *“A honra do homem é avaliada no plano econômico, nas suas relações com outros homens no domínio público ... a honra da mulher não passa por esse domínio, é avaliada na sua moral, que se refere essencialmente a um controle sobre sua conduta doméstica/sexual”*³¹.

Em Ganchos pude fazer constatações que estão em concordância ao exposto por Abreu Filho, sendo que para os homens o parâmetro de medição do sucesso faz-se via aquisição de motos e carros, o que, segundo Laís, 35 anos, mulher de pescador, antes se dava através da aquisição de *“relógio, anelão e corrente tipo a que Roberto Carlos usava”* na época da Jovem Guarda. O jovem ingressante na pesca trabalha visando, antes de qualquer aquisição, à compra de uma moto e, posteriormente, de um carro. Há uma ‘disputa’ silenciosa até um deles conseguir comprar um dos mais recentes modelos. Após, podem surgir quantos carros iguais os outros quiserem comprar, o importante, o que causa impacto é que ‘ele’ foi o primeiro. O homem que não alcança sucesso é chamado pelos outros de ‘madeira’. Madeira? Madeira me lembra mogno, peroba, canela, coisa boa. ‘Lá’ não: *“Aqui, Méri, madeira é aquela bichada, podre, de cupim, coisa ruim.”* (Lunar, 29 anos, Canto dos Ganchos).

Para as mulheres, além do aspecto mencionado por Abreu Filho sobre a exigência de uma conduta moral/sexual, percebi, a exemplo do que constatou Rial³² em sua pesquisa na Lagoa (Florianópolis), que o espaço que permite mostrar novas aquisições é o doméstico, onde novidades eletrodomésticas e enlatados compõem uma exposição sobre balcões de pia, armários e geladeiras, constituindo-se em produtos de decoração³³ e ornamento dos cômodos da casa. *“Objetos de consumo ostentatório são exibidos mais do que usados. São mantidos na cozinha ou na sala ... lugar... mais apropriado para sua exposição”*.

Em sua pesquisa, Rial observou a presença dos ‘ranchos’ onde a família realiza as suas refeições e a ‘outra’ mantida ‘praticamente intacta’. Em Ganchos existem em muitas casas esses dois ambientes, ou seja, a cozinha, denominada de ‘casinha’ e que pode se localizar no próprio corpo da casa, só que na parte de trás, como último cômodo, ou

³¹ Op. cit., 164.

³² Rial, Carmen. Da casa açoriana à casa decorada: a transformação do espaço doméstico na ilha de Santa Catarina. In: Cadernos de Antropologia. n.3, 1991, p. 38.

³³ Sobre este aspecto, ver Rial, op.cit.

pode ser uma construção separada da residência, mas construída no mesmo terreno, geralmente uma ‘meia-água’; e a cozinha que serve de ‘exposição’ aos visitantes, que faz parte da construção da casa, mas é aquela em que as pessoas, muitas vezes, tiram o calçado para entrar.

Os vendedores de ‘novidades’ geralmente fazem bons negócios e sucesso em Ganchos. Se uma mulher compra o produto, as demais observam, discutem e concorrem em igualdade para ter o mesmo, ou similar, que é exposto no espaço privado que dominam e controlam. Há, desta forma, um conhecimento sobre o que o outro possui e uma ‘dose de propaganda’ sobre o que se adquire, o que faz com que o espaço familiar se torne aberto ao público. A partir dessa relação, estabeleço aqui um paralelo com o que nos coloca Habermas³⁴ ao falar da família burguesa do século XIX, que não guardava segredos do privado mas expunha-os ao público, como exemplo das cartas ‘copiadas e publicadas’, “*A família, que é o recesso mais íntimo do privado, está em constante conexão com o público*”, ou seja, mantém entre um e outro uma constante ligação.

Em Ganchos não são cartas ou declarações que se copiam do privado alheio, mas objetos, móveis, adereços utilitários e complementos decorativos que vistos no ‘território público’, preenchem o ‘lar doce lar’ com símbolos que cedem à sua proprietária o *status* de ter o que se chama, em Ganchos, de ‘bom gosto’, além do dinheiro necessário à satisfação da nova aquisição.

Neste movimento de modificações na ambiência doméstica, a ‘forração’ (carpete) substitui os antigos assoalhos de madeira, o edredom faz o bom e velho cobertor parecer ultrapassado e ‘fora de moda’ e as antenas parabólicas (*‘Pra ver o Silvio Santos né!’*) se multiplicam em casas que, na maioria das vezes, não possuem sistema de esgoto e fossa. A prioridade muitas vezes, desta forma, é pelo que está acima: do solo, do quintal, das estantes e armários. Em cima, onde se vê.

Homens e mulheres mantêm a relação numa divisão clara de tarefas, onde a ele cabe trabalhar para adquirir o dinheiro *‘para sustentar a família’*, enquanto considera difícil a vida de *‘dar duro lá fora’*; e a ela destina-se a arte de saber ‘como’ investi-lo de símbolos de prestígio frente à comunidade, argumentando como difícil a tarefa de *‘ser pai e mãe ao mesmo tempo e agüentar tudo sozinha’*. Algumas vezes, porém, o que a

³⁴ Habermas, Jürgen. A família burguesa e a institucionalização de uma esfera privada referida a esfera pública. In: CANEVACCI, Massimo. *Dialética da família*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.

mulher vê como ‘investimento’, o homem entende como uma forma de ‘gastar’ o dinheiro que conseguiu:

“Dredom, dredom, dredom. Agora só querem dredom. O que vão inventar agora pra elas gastar o nosso dinheiro?” (Ouvido em uma conversa de ônibus entre dois homens, referindo-se a um acolchoado, utilizado também como colcha, chamado no comércio de ‘edredom’.)

Há que se diferenciar, desta forma, dois momentos relacionados à honra: - Por um lado, quando competem entre si pelo prisma de uma cultura de consumo que imprime maior prestígio, maior honra, ao que primeiro adquiriu o objeto desejado. No caso masculino, o parâmetro se dá no espaço público, competindo pela aquisição de motos e carros. Já as mulheres têm, no espaço privado, da casa, o local para expor as aquisições, motivos de competições, como adornos, eletrodomésticos e móveis, que vão lhe conferir *status* frente à comunidade.

Por outro lado, existem os momentos em que se unem e o que está em jogo é o reforço da honra da família gancheira. Assim sendo, na relação com os *de fora*, existem momentos de confronto através dos quais se reforça a identidade gancheira, que quer se impor como diferente, criadora de suas próprias leis e que, embora tendo como rótulo reconhecido nacional e internacionalmente o fato de ser farrista, não é menos honrada, trabalhadora nem honesta do que as outras localidades do país.

Intervalo na Calmaria. 29 de Junho: São Pedro merece

Dia de São Pedro, padroeiro dos pescadores que, como exemplo de homem simples escolhido por Jesus, recebe sua homenagem dos devotos. Contam os ‘antigos’ e também os novos que já rememoram esta lembrança, que *“antes não importava o dia da semana em que caísse a festa de São Pedro, podia ser segunda, quarta, domingo. Todo mundo parava e todo mundo vinha pra festa. Era coisa linda. Tudo enfeitado de banderola por esse morro acima, fogos, fogos, gente de fora porque essa festa era famosa. Ninguém trabalhava, ninguém pescava, respeitava o dia de São Pedro.”* (Prometeu, 74 anos, Canto dos Ganchos); hoje, não: *“Hoje é dependendo o dia que eles lá na Igreja marcam, geralmente se vê quando cai num claro para vir os pescadores,*

pelo menos da sardinha, os do camarão só se estiverem por perto. Antes não se pensava no dinheiro, hoje não, hoje a Igreja faz festa pensando também no que vai arrecadar, daí não é mais como era antes, que não importava o dia do Santo, hoje é quando dá.”
(Flora, dona de casa, 36 anos, Canto dos Ganchos)

As lembranças do passado interceptam as comemorações presentes e os mais velhos, principalmente, buscam nas recordações vividas motivações para que as mudanças presentes não deixem uma data tão marcante para os pescadores, no esquecimento. Neste aspecto, enfatiza Bachelard³⁵: *“Nosso passado inteiro também vela atrás de nosso presente ... estamos ligados a nós mesmos e nossa ação presente não tem como ser descosida e gratuita.”*

Mesmo com as mudanças que o ‘dia sagrado’ da festa foi sofrendo, a homenagem ao Santo continua presente para os pescadores e familiares, que ‘respeitam’ a data. A Igreja de Canto dos Ganchos é responsável pela festa e de onde São Pedro é o padroeiro. Geralmente as comemorações começam sexta-feira à noite e se estendem até domingo quando culmina com a procissão que, dependendo dos festeiros e do Padre, pode ser pelas ruas da localidade ou marítima. A preferida pela população local é a marítima, pois parece aos fiéis uma homenagem mais ‘bonita’: *“Ah, é mais bonito, é mais emoção. A procissão pelo mar é mais certa, né, porque ele é São Pedro e quem foi São Pedro? Um simples pescador escolhido por Jesus pra ir evangelizar. Ele merece.”*
(Marta, 38 anos, dona de casa, Canto dos Ganchos) Independente de ser pelo mar ou por terra, a procissão já sai da igreja com seu canto característico desta data:

*“Eu confio em Nosso Senhor
Ó meu Deus fiel sempre serei
Eu confio em Nosso Senhor
Seus preceitos ó sim cumprirei
Com fé, esperança e amor*

*Vá embora qualquer tentação
Eu confio em Nosso Senhor
Mostrarei que sou sempre Cristão
Com fé, esperança e amor*

*Com as armas de fé lutarei
Eu confio em Nosso Senhor
Nessa luta por Deus vencerei
Com fé, esperança e amor*

³⁵ Op. cit., p.11.

*Nos fracassos não hei de temer
Eu confio em Nosso Senhor
Pois com Deus hei de sempre vencer
Com fé, esperança e amor*

*Em perigo, aflição ou em dor
Eu confio em Nosso Senhor
Chamarei o meu Deus com fervor
Com fé, esperança e amor*

*E depois de uma vida com Deus
Eu confio em Nosso Senhor
Espero partir para o céu
Com fé, esperança e amor.”*

A procissão pelo mar geralmente vai até Gancho do Meio, anunciando com fogos e cantorias a homenagem ao Santo Padroeiro da comunidade vizinha. Quem está em terra acena e gesticula juntando-se aos que estão seguindo de perto o ritual de visita do Santo às outras localidades para, a seguir, retornar ao Canto e ao seu altar, quando somente sairá no mês de junho do próximo ano. Enquanto a procissão percorre o trecho final a pé do morro da Igreja para encerrar a homenagem, a cantoria se espalha e parece se arrastar até o mar, como se quisesse que os pescadores ‘lá fora’ ouvissem que os que estão ‘em terra’ oram e cantam por eles e pedem ao seu Santo protetor que lhes cuidem e lhes tragam de volta. E o canto vai ‘evaporando’, enquanto fala dos pescadores:

*“Há um barco esquecido na praia
Já não leva ninguém a pescar
É o barco de André e de Pedro
Que partiram pra não mais voltar*

*Quantas vezes partiram seguros
Enfrentando os perigos do mar
Era chuva, era noite, era escuro
Mas os dois precisavam pescar*

*De repente aparece Jesus
Pouco a pouco se acende uma luz
É preciso pescar diferente
Que o povo já sente que o tempo chegou*

*E partiram sem mesmo pensar
 Nos perigos de evangelizar
 Há um barco esquecido na praia
 Um barco esquecido na praiaaaa...*

*Quantos barcos deixados na praia
 Entre eles o meu deve estar
 Era o barco dos sonhos que eu tinha
 Mas eu nunca deixei de sonhar
 Quantas vezes enfrentei o perigo
 Jesus Cristo remava comigo
 Eu no leme, Jesus a remar*

*De repente me envolve uma luz
 E eu entrego o meu leme a Jesus
 É preciso pescar diferente
 Que o povo já sente que o tempo chegou
 E partimos pra onde Ele quis
 Tenho cruzeiros mas vivo feliz
 Há um barco esquecido na praia
 Um barco esquecido na praiaaaa.”*

Homens e Mulheres: Idas e vindas

As mulheres de pescadores, pelo fato de terem suas vidas regidas por uma temporalidade que está diretamente ligada aos elementos da natureza (períodos de claro e escuro, de calma ou vento sul), os quais influem totalmente os ritmos da vida comunitária divididos entre os tempos da pescaria/do mar ou da parada/da terra, de fartura ou de miséria, de agito ou de calma, vivem muito do seu tempo sozinhas. A ida dos maridos para a pesca é, para suas esposas, um período de celibato, de esquecimento sexual, de castidade; a partir do momento em que se despedem e os esposos vão, ocorre um *'desligamento'* do que se refere ao sexo, à sexualidade, à vida a dois. Não pensam sobre, não recordam, não fantasiam, esquecem que *'isso'* existe, conforme podemos perceber em suas próprias palavras:

“O melhor é não pensar, tomar um banho frio acalma e relaxa.” (Ana Maria, 28 anos, Canto dos Ganchos)

“Quando ele vai embora eu esqueço, não penso mais nisso. Porque se a gente começa a pensar é pior né.”
 (Bianca)

E quando ‘eles vêm de novo’, como é que fica? Segundo as mulheres é um momento que causa expectativa, nervosismo e ansiedade pois, depois de um, dois, três meses, ou mais, se estar novamente, frente a frente com um (o seu) homem: *“Quando ele tava pra chegar, dava uma dor de barriga, uma friagem...uma vergonha! Até se adaptar, até chegar no íntimo, dava até vergonha.”* (Medéia, 28 anos, Canto dos Ganchos)

Aqui, mais uma vez alusão à honra feminina, em que a mulher se resguarda e se guarda até a chegada de seu esposo que, ainda assim, não a impede de manifestar seus pudores. Cumpre, desta forma, conforme coloca Peristiany³⁶, sua principal atribuição, *“de se salvaguardar contra quaisquer alusões críticas ao seu pudor sexual”*.

No entanto, essa reação, nominada como ‘vergonha’ vai se modificando nas mulheres com o passar dos anos em relação ao marido. Quanto mais tempo casada, mais facilidade de vivenciar essa situação e mais íntima ela se sente frente a este (tão conhecido) ‘estranho’, que chega esporadicamente, e ‘menos vergonha’ a mulher tem: *“Pra mim é a mesma coisa, não tenho vergonha não.”* (Lola, 46 anos, Canto dos Ganchos)

Eles vão: Isso é certo?

Após os poucos dias que passam juntos, o que se segue é um novo período de afastamento, que varia de acordo com a pescaria, o barco, o tempo, os ventos, a lua. As mulheres me contaram que se sentem injustiçadas pois, ‘quando está ficando bom’, há novamente a separação:

“É péssimo. É ruim, porque depois de tanto tempo, toda mulher sente.

Quase não tem prazer nenhum porque quando tu tá gostando...

Quando tá aceitando, já tá na hora de ir embora...quando dizer assim: tá bom!

Tá na hora de ir embora. Isso é certo? Tem que esperar outro sofrimento até chegar em casa.” (Ana Maria)

³⁶ Op. cit., p. 148.

“A gente vive cinco, seis dias no mês quando o marido tá em casa.

Depois? Depois é só cuidar dos filhos, da casa e esperar o tempo passar.” (Bianca)

‘Esperar o tempo passar’... é assim que, além de uma divisão de espaços e atribuições, Ganchos abriga uma constante ida/volta (dos homens) e a eterna espera (das mulheres). Para os homens é o ‘porto seguro’, o lugar de retorno, repouso e festas, é a certeza do ter para onde voltar após a pescaria ou ter onde se abrigar esperando a calmaria nos momentos rebeldes do mar. É o lugar de descanso da arriscada vida do mar; o período em que estão ‘em terra’ é facilmente percebido pelo ‘frufu’ da comunidade, pelo movimento que, em poucos minutos, transforma a familiar calmaria da pracinha no local de encontro para “passar a lista”³⁷ e combinar quem vai pegar o boi. Correria de crianças, alvoroço de mulheres: os homens estão ‘em terra’.

Como essas mulheres fazem então para ‘viver’ enquanto esperam? Com permissão para fazer uma analogia metafórica: Imaginem que há um rio, um lago, uma água e entre uma margem e outra muitos perigos, ausências e um grande percurso que espera. O que fazer para melhor enfrentar tais intempéries? Criar. Criar uma ponte através da qual basta fechar os olhos frente às dificuldades da travessia. Para não se perder no percurso, as mulheres guiam-se pela lua, pelos astros, pelos ventos e, quando se dão conta, passou - estão do outro lado da margem. E assim criam-se sucessivas pontes: de maio a julho, de agosto a outubro, a dezembro, a fevereiro, até quando for preciso para fazer ‘passar esse tempo’ e chegar, finalmente, ao porto escondido do outro lado da margem.

Essa espera é, segundo as mulheres de Ganchos, uma mescla de tristeza e expectativa e, de acordo com Bachelard³⁸, *“um elemento importante pois a espera, ao escavar o tempo, torna o amor mais profundo, ela coloca o amor mais constante na dialética dos instantes e dos intervalos ... então os acontecimentos ansiosamente esperados se fixam na memória e adquirem um sentido.”* Tal teoria encontra ressonância nas definições das gancheiras:

“A gente enfrenta sabendo que tem que enfrentar essa solidão. É uma coisa triste, a gente se sente muito sozinha,

³⁷ Lista é o que comprova quem são os sócios do boi: alguém passa uma folha de papel onde se coloca quem contribuiu e com quanto para comprar o boi. É a chamada ‘lista dos sócios’.

³⁸ Op. cit., p.50.

só fica dentro de casa esperando por ele. A gente vive triste mas ao mesmo tempo contente esperando a volta dele.”(Lais)

“A gente vive naquela espera, hoje ele não está aqui mas amanhã pode estar, então é aquela ansiedade porque, de repente ele pode chegar.” (Ana Maria)

É esta a vida de espera das mulheres. A lua serve de guia para falar do *claro* e do *escuro*. O vento é o que diz se o barco *‘entra’* ou permanece *lá fora*, e a ponte é composta pelos inúmeros afazeres que as mulheres têm e que agrega o que deveria ser feito pelo homem com o que lhe é dito como seu. Assim, quando ela se dá conta, ele chegou. Está, embora que por rápidos dias, novamente *em terra*.

Enquanto esperam fazem piada da própria dor, das dificuldades. Ao invés do choro lamentoso ao qual poderiam se agarrar, transformam-no numa atitude jocosa e cantam, fazendo com que os *‘de fora’* não consigam compreender o canto nem perceber resquícios de tristeza por trás do deboche escancarado; cantam porque com o canto os *‘seus males espantam’*.

Nuance que marca o tempo: É o Divino

*“E meu Divino Espírito Santo
e meu Divino Espírito Santo ai
O Pai dos pobres verdadeiro aiiii...”*

Gancho do Meio é sua sede, embora reúna festeiros de todas as comunidades ou de boa parte delas, formando o *‘cortejo imperial’*. Muita pompa, luxo e orgulho por fazer parte da festa e ser um dos personagens que compõe o cenário: roupas bordadas, geralmente vindas de Santo Amaro da Imperatriz (principal local de realização da Festa do Divino na Grande Florianópolis), plumas, cabelo impecável *‘arrumado no salão’*, maquilagem que, no dia-a-dia, nem se imagina ser possível usar.

Há uma total transformação no ritmo local, pois todos são convidados à casa do Imperador. As pessoas vão visitá-lo e cumprem uma parte do ritual que é trazê-lo em cortejo, a pé, até a Igreja Matriz, acompanhado pela corte, pelo povo e pelos cantadores,

que vêm de longe, geralmente de Pântano do Sul, Ingleses e Ribeirão, pois em Ganchos não sobraram cantadores e o fato de trazê-los 'de fora' enche de mais brilho a realização da festa.

Enquanto o Cortejo segue pelas ruas, fazendo com que os que ainda estavam 'só olhando' se juntem a ele, a música própria do Divino vai sendo entoada de forma mais arrastada do que os cantos normais e emociona os fiéis participantes:

*“Os devotos do Divino
Vão abrir sua morada
Prá bandeira do Menino
Ser bem-vinda e ser louvada*

*Oh! Deus salve esse devoto
Que se imola em Vosso Nome
Dando água a quem tem sede
Dando pão a quem tem fome*

*A bandeira acredita
Que a semente seja tanta
Que a mesa seja farta
Que essa casa seja santa*

*Que o perdão seja sagrado
Que a fé seja infinita
Que a gente seja livre
Que a justiça sobreviva*

*Assim como os três reis magos
Que seguiram a estrela guia
A bandeira segue em frente
Atrás de melhores dias*

*No estandarte vai escrito
Que Ele voltará de novo
E o rei será bendito
Ele nascerá de novo
E a Bandeira do Divino
Ser bem-vinda e ser louvada, ai, ai, ai, ai...”*

Onda que vai, volta: *Como o tempo custa a passar*

Através de minhas ‘lentes’³⁹ (que buscam conhecer, compreender e interpretar) vejo a vida da mulher de pescador como uma onda no mar... que vai. A ida é a ausência do marido, a solidão, a espera; a casa está mais fechada (mesmo estando aberta), parece transparecer na música que toca uma tristeza, saudade, vazio, que o sorriso meio sem graça torna mais visível. O caminhar cabisbaixo não deixa negar o que é verbalizado na pergunta à outra ‘viúva de marido vivo’ não menos triste: *‘Soubesse notícia deles?’*. *Como o tempo custa a passar!*

Quando cito a expressão ‘viúvas de marido vivo’, o faço por minha conta, pois costumava usá-la para definir as mulheres de pescadores e com a qual grande parte das mesmas não concorda; o motivo só mais tarde vim a apreender. Quando as questioneei sobre o que as definiria na relação esporádica marido/mulher, ouvi muitas vezes: *“Ah, é como uma visita de médico, vem, faz um chek-up e depois vai embora, mas viúva de marido vivo não, é muito triste.”* (Ana Maria) ou: *“É uma visita de médico, vem, vê que está tudo bem e volta.”* (Bianca)

Assim vai a onda, vai, vai...E, como onda, volta. Volta com o barco que aponta no Boqueirão⁴⁰ e anuncia a chegada do amado, amante, companheiro, ou com a (abençoada seja!) lua que encheu e invade o céu trazendo para a terra toda a sua clara sedução, ou com o forte vento sul que de ver tanta tristeza soprou forte e varreu do mar toda a embarcação, só restando ao homem ‘*entrar*’. A correria está feita, a espuma branca da onda se espalha na areia feito trama de crivo e transborda de alegria, música alta, festiva, toalhas nos varais que remetem a atos sexuais, sorriso escancarado, andar balançado, ereto: *‘Ele chegou!’*, a afirmação confirma. Dias de alegria, acompanhada. Noites fugazes. Como o tempo passa ligeiro!

A onda vai novamente. Só resta agora esperar outra mudança de lua; quem sabe o *‘urubu no ar’* não esteja a anunciar novos ventos? Deus faça que dê muita pescaria

³⁹ Lentes de quem acredita existirem inúmeras formas de ver e interpretar o que é visto, considerando-se que valores e comportamentos formadores de diferentes identidades permeiam essas formas diversas de olhar o outro e de, *a posteriori*, como refletindo a imagem de um espelho, tecer novo olhar sobre si mesmo.

⁴⁰ Ilha do Macuco, que vista da terra para o mar parece ser uma porta de entrada por onde os barcos passam para chegar em casa. Fico perplexa quando vejo as mulheres olharem de longe e afirmarem: *‘lá vem o João, é o barco’* (e dizem o nome do barco). Isso numa distância que exige apertar os olhos e fixá-los lá no fim da saída dos barcos, no ‘Boqueirão’.

para que nova vinda traga logo para a terra o longínquo homem do mar. E assim vão passando a vida, os dias, o tempo - como dizem as mulheres de pescadores - 'na eterna espera'. Se eu tivesse o dom de retratá-las num papel, com certeza desenharia do alto do morro uma forma feminina com uma mão na cintura, a outra encobrindo a vista, olhar apertado, fixo lá no final onde o mar alcança, no Boqueirão, só para ver se, quem sabe, ele não vem chegando...

Desta forma, as mulheres vivem um eterno ficar, esperar, ansiar. Para elas a temporalidade está ligada ao ritmo do mar, a exemplo do calendário das frutas ao qual se refere Bachelard⁴¹ ao falar da ritmálise que "*procura em toda parte ocasiões para ritmos*". Assim, a vida gira com os elementos do cosmos: marés, ventos, luas; e há aí um conflito entre esse ritmo próprio e o outro - o do relógio - pois se em Ganchos a vida se rege pelos ciclos da natureza, para que se acompanhe o que acontece lá fora através da mídia é preciso sintonizar e se plugar no ritmo estabelecido pelo relógio, aquele que diz que depois da novela das dezenove há o Jornal Nacional e depois a novela das vinte que, mesmo nem sempre começando as dezenove ou as vinte, têm por horário estipulado o que segue o ritmo de algo que se chama 'Horário de Brasília' - o nacional.

Frente a essa exigência de negociação de diferentes temporalidades, se posso assim nominar, as mulheres se debatem entre o que se exige para que cumpram o que as torna, no meio em que vivem, mulheres '*trabalhadeiras e limpas*' e o que determina que podem ter, ou não, um tempo livre. Desta forma, quando estão com o '*trabalho adiantado*', como elas definem, se permitem assistir a um "Vale a Pena Ver de Novo" no período vespertino. Do contrário, se o trabalho está por fazer, está '*atrasado*', ou há camarão a ser descascado, ou uma comadre a ser visitada, ou uma missa a ser assistida ou uma ida à cidade... apenas no período noturno a mulher se permite 'assistir' ao que os meios de comunicação lhe oferecem.

Entre a temporalidade que ritmiza o cotidiano de Ganchos e a marcação do horário registrado cronologicamente, há uma intersecção onde um perpassa e é perpassado pelo outro. São diferentes formas de marcar o tempo, mas que se interceptam no dia-a-dia e se sedimentam na vida de Ganchos. Leach⁴², discerniu bem esta diferenciação ao falar sobre um tempo "*cronos e um tempo crono*", onde um se

⁴¹ Op. cit., p. 133.

⁴² Leach, Edmund. R. Cronos e Crono. In: Repensando a Antropologia. São Paulo: Perspectiva, 1974. pp. 192-202.

refere ao cíclico da vida, às sucessivas épocas que a compõem, e o outro ao cronológico que, no cotidiano atual, a marca.

É, desta forma, no espaço doméstico e familiar que a mídia se faz presente diariamente através do rádio e da televisão, veículos de comunicação que permitem principalmente às mulheres, por um lado, um contato com os acontecimentos locais (rádio) e, por outro, informações sobre o global (televisão). E é através dessas novas informações que a mulher conhece, cria, aprende, apreende, troca e ressignifica o seu lugar na composição familiar.

No capítulo seguinte, *Enfrentamentos e Negociações*, passo a descrever a metodologia utilizada no trabalho de campo, priorizando uma seqüência de movimentos, de idas e vindas que exigiram enfrentamentos e negociações constantes para a realização da pesquisa.

A recepção em Ganchos será abordada no terceiro capítulo, sendo que a discussão a qual me proponho intenciona extrapolar a recepção em si, buscando verificar, no cotidiano feminino, não apenas o que, em que horários e quando 'assistem', mas o que as mulheres permitem, nessa relação com a mídia, interferir, ou não, no ritmo da vida da mulher gancheira.

CAPÍTULO II

ENFRENTAMENTOS E NEGOCIAÇÕES

Considerações Metodológicas

“Quem tentou aprender uma língua muito difícil...será capaz de apreciar plenamente...a tarefa.” (Evans-Pritchard)

2.1. ALGUNS ESCLARECIMENTOS METODOLÓGICOS: Negociações iniciais

No decorrer do texto surgirão ‘personagens’ que contam episódios, opinam sobre os temas discutidos e compõem as ‘cenas’ etnográficas, metodológicas, de confrontos midiológicos e negociações aqui expostas. Os nomes que vão compor os cenários apresentados são fictícios e foram escolhidos ora por mim, ora pelas informantes/personagens (o que será melhor descrito adiante) que fazem parte desta dissertação e se propuseram a dialogar sobre o tema de que ela trata. As idades são

verdadeiras bem como o lugar em que vivem. Assim sendo, na primeira vez que cito a pessoa coloco seu nome (fictício), idade e lugar de origem. Posteriormente, quando voltar a citá-la, coloco apenas seu nome, por entender que os dados necessários já foram expostos e para não tornar cansativa nem repetitiva a leitura dos mesmos.

Quando me utilizo de aspas e itálico trata-se de citação da pessoa/informante e identifico, assim, o autor da frase ou declaração. Quando apenas me refiro a uma citação dos gancheiros sem identificar o autor ou cito uma expressão própria ‘de lá’, coloco-a em itálico cerceado pelo sinal (‘). Por outro lado, quando a palavra está entre (‘) e sem itálico é porque quero acentuá-la ou destacá-la no contexto em que escrevo. Quando trata-se de diálogo seguido, utilizo só itálico sem aspas, pois no início do mesmo já identifico as pessoas ali envolvidas.

Compuseram esta pesquisa cinquenta pessoas de Ganchos, das localidades de Canto dos Ganchos, Gancho do Meio, Gancho de Fora e Fazenda da Armação; sendo doze homens (12 a 82 anos) e trinta e oito mulheres (23 a 75 anos). Dos homens, sete fizeram o primário, um está no ginásio e quatro completaram o Primeiro Grau. Das mulheres, dezenove tem o primário, uma fez o ginásio, onze o Primeiro Grau e sete o Segundo Grau. Todos os entrevistados são católicos. Em relação ao estado civil, quatro homens são solteiros, dois são viúvos e seis são casados. Das mulheres, trinta e duas são casadas e seis são viúvas. Os homens: seis são pescadores ativos, um é comerciante, um é estudante e quatro são aposentados. Das mulheres, nove trabalham ‘fora’ e vinte e nove são ‘donas de casa’ (sendo que destas, dez são aposentadas).

Destas pessoas, treze mulheres participaram integralmente¹ da leitura do ‘arquivo das cinquenta reportagens’ (que será melhor explicado adiante); oito famílias foram acompanhadas seguidamente na ‘recepção natural’ no horário entre o Jornal Nacional e a novela das vinte horas, de segunda à sexta-feira, além das programações de sábado e domingo, que oscilavam entre diferentes programas televisivos, dependendo da preferência das pessoas das distintas famílias.

Entrevistei também dois profissionais que tiveram algum acesso ou trabalharam em Ganchos por ocasião da Farra do Boi, aos quais questionei a imagem que tinham de Ganchos ao irem para ‘lá’ e que negociações vivenciaram para poderem realizar o trabalho ao qual se propunham, haja vista que uma constante ‘negociação’ foi fator

¹ Essas treze mulheres concordaram em ler o arquivo que apresentei das cinquenta reportagens sobre a Farra do Boi, além do fato de eu ter acompanhado algumas das mulheres durante as programações televisivas e também de elas terem assistido ao documentário sobre a Farra do Boi.

preponderante na realização do meu próprio trabalho, como o leitor poderá perceber durante o que se segue. Desta forma, quis saber destes profissionais como haviam negociado estas experiências em campo.

Após esses esclarecimentos iniciais, vou retroceder um pouco contanto como tudo começou.

2.2. MINHA CHEGADA ‘LÁ’: A conversão

Fui transferida para Ganchos no ano de 1986 como ‘Extensionista Social’ da então ACARPESC² (atual Epagri). Tinha cumprido um período inicial de seis meses em Araranguá, pois ingressei na Empresa em setembro de 1985, após me graduar em Serviço Social em 24 de agosto do dito ano. Quando ainda estava em Araranguá e me perguntavam para onde iria, respondia: para Ganchos. Algumas vezes ouvi, sem entender, o comentário: ‘Ih, vás prá Ganchos. Lá é terra de gente brava’ ou ‘vás prá Ganchos? Lá é a terra da Farra do Boi’. Um motorista da Empresa (que aqui chamarei de Leal) foi me levar de kombi (03/03/86), já que minha mudança consistia de roupas e livros. Pegamos a BR 101 sentido norte até o trevo que dá acesso à Governador Celso Ramos. E sobe morro, desce morro, entra curva, sai curva, nada do tal Ganchos. A referência que eu tinha era que lá tinha o mar. E até então só terra, só verde, só curvas.

- Ganchos é na próxima (curva)? Perguntei.

- *Calma, calma que já vai chegar*, ria Leal.

Após um aclive que pareceu o maior até então: lindo, enorme, aberto: ‘Mar à vista!!!’

- *Aqui é Ganchos, seja bem-vinda* - sorria Leal.

Fiquei fascinada pela grandiosidade do mar e daquela beleza. O meu colega de trabalho nos recebeu e subimos o morro da Igreja de Canto dos Ganchos. Lá em cima era mais bonito ainda ver o mar e ter uma visão do local.

- *‘Queres te dar bem aqui? Não te mete com a Farra do Boi!’*

² Acarpesc - Associação de Crédito e Assistência Pesqueira de Santa Catarina. A Acarpesc, Acaresc, Empasc e o Iasc fundiram-se na atual Epagri: Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina.

Essa foi a primeira frase que ouvi em Ganchos. Sim, ouvi. Porque tal qual ouvi, não vi o autor da frase. Tive uma espécie de surpresa e arrepio com tal observação e automaticamente me lembrei de uma das lições mais debatidas na Universidade: ‘respeitar e compreender o outro’ enquanto diferente em seus costumes, sua cultura, suas crenças e superstições que, embora por vezes nos parecendo absurdas, deveriam ser respeitadas. Boa lição aquela, como depois se comprovou.

Ao chegar na residência que estava reservada para mim, surpresa: a casa não era bem uma ‘casa’, consistia em duas peças sem móveis, paredes carruchadas, abandonada, do que havia sido a antiga Colônia de Pescadores Z-09. Na frente lia-se *Play Energy* já que, após a mudança da Colônia para outro local, o dono do terreno alugou o estabelecimento para o comércio.

- Mas aqui não tem nada! Está todo sujo. Não tem cama, geladeira, fogão, nada. O banheiro onde é? (Perguntei ao colega de trabalho, que me acompanhava).

- Na rua. E não tem chuveiro, tem que tomar banho na casa de Seu Manoel (dono do terreno e que estava alugando essas duas peças). Deves ficar contente até. Quando cheguei aqui, dormi a primeira noite num fusca, tentou me confortar Moses, que seria meu colega de trabalho pelos próximos anos.

- *O que vás fazer Méri? Tenho que voltar. Ficas ou voltas comigo?* Pergunta Leal, vendo minha angústia.

- Volto contigo... para pegar comida e uma cama - foi minha decisão.

- *Eles não vão dar a kombi de novo* - diz Leal.

- Ah, vão sim. Vamos descarregar as coisas - disse, decidida.

Voltamos a Florianópolis e realmente foi uma ‘novela’ até liberarem novamente a kombi para então eu retornar a Ganchos com uma cama, produtos de limpeza e uma caixa contendo frutas. Lá chegando comecei a ‘operação limpeza’. Laís, filha do dono do imóvel, me ajudou e deixamos, até a noite, as paredes mofadas de caruncho brancas de ‘Qboa’.

Chega a noite: preciso tomar um banho. Meu Deus, que vergonha. Como é que vou chegar lá na casa de seu Manoel? (fico alguns momentos ensaiando sozinha): - Oi, eu sou a Méri, vim trabalhar aqui, posso tomar um banho? -oi, posso usar o chuveiro, eu sou a Méri. Ou: -Oi, será que o banheiro está desocupado para tomar um banho, eu sou a Méri. (Bem, talvez não precise nem tomar banho!).

“Méridi - chama a Laís - Vem, vamos lá em casa tomar um banho, não precisa ter vergonha não.”(Graças a Deus, um convite)

Laís se encarregou de sair comigo pelo lugar para apresentá-lo e me apresentar ao lugar. Me sentia uma ‘coisa de fora’, uma espécie de ‘atração turística’ que havia chegado ao local, alienígena, estranha, diferente. Todos olhavam, cochichavam, queriam saber quem era e o que viera fazer ali.

- *“É a Méridi, veio trabalhar no lugar da Vanda”* - Laís ia me apresentando e explicando aos que demonstravam mais abertamente curiosidade.

- *“Ih! Tomara que a gente goste.”* - lembro que algumas pessoas teceram tal comentário, ao que Laís esclareceu que *“da outra (profissional que trabalhou anteriormente em Ganchos) ninguém gostava não, porque ela não respeitava a gente, queria mudar as coisas na marra, vamos ver se vás te dar bem aqui, gancheiro é fogo”*.

Depois do passeio noturno retorno para ‘minha casa’. Preciso ir ao banheiro. *Como é que vou num banheiro na rua? Será que tem alguém olhando? Será que alguém vai ver?* Me questiono quando me deparo com o fato de ter que expor meu privado ao público. Um, dois, três: fui correndo, não sem antes apagar as luzes para ‘ninguém ver’.

Vou dormir e... que barulho estranho! Acendo a luz: Baratas!!! Paf, paf, paf, paf. Mato todas e amonto-as próximo à porta. Apago a luz. Barulho. Acendo a luz: paf,paf,paf. Varro para um canto. Apago a luz, acendo: paf,paf,paf. Varro, apago, acendo: paf,paf,paf. Não agüento mais, deixa as baratas, depois eu compro inseticida. Preciso dormir, já é madrugada e amanhã assumo o escritório.

No outro lado do *Play Energy*, o meu colega de trabalho também ocupava dois cômodos, havia um vago no meio que tinha um fogão e uma geladeira, os quais ocupei até conseguir comprar meus próprios. Meu colega se casou segundo a tradição gancheira, ou seja, ‘fugiu’ e foi morar em outra casa. Como sua parte estava mais limpa e mais ‘conservada’ que a minha, me mudei para lá: Que legal, aqui a pintura está melhor!

À noite dormia bem quando, de repente, na madrugada: Có có ro có có
Não acredito!!!
Có có ró có có

Abro a janela. Era um galinheiro embaixo do que transformei em quarto de dormir. Não acredito! Contando ninguém acredita! Certo dia cheguei do trabalho para o almoço e, quando abri a porta, uma galinha que estava no *meu* quarto voou sobressaltada e saiu pela pequena janela da cozinha, que permitira sua entrada, haja vista ter um telhado menor rente à soleira da janela. Como ela saiu do quarto fui, devagar para ver se teriam outras de sua família e nova surpresa: como costumava deixar as portas do guarda-roupa abertas para ‘entrar um arzinho’, a galinha havia escolhido ‘aquele’ lugar fofinho para pôr dois ovos - em cima de minhas roupas.

Me sentia isolada, fora daquele mundo, sem ter com quem conversar assuntos que me interessavam, medindo as palavras quando o fazia. Eram dias de solidão que se arrastavam e me corroíam. Aos poucos fui me familiarizando e aprendendo a interagir com o ritmo ‘mais lento’ deles, passando a gostar de estar ali e a ter dificuldades, quando ia a Florianópolis, em conviver com o barulho, o movimento e o ritmo acelerado. Imaginem se vou a São Paulo! Os gancheiros também me aceitaram e se ‘*deram bem comigo*’. Resultado: fui a Ganchos para ficar seis meses, acabei ficando nove anos seguidos...

Fom, fom fom, fom
Fom, fom, fom, fom
 - *Eh, lá vem o boi. Lá vem o boi!*
 - *Olha o boi!*
 - *Eeeeeeeeeeeeeeee*

(O que é isso, que barulho é esse?) Sai na rua: - O que é isso, Laís?

- *É o boi.*

- *Que boi?*

- *O boi. Da Farra de Boi. Nunca ouviu falar???*

Fiquei do alto, no morro, para ver pela primeira vez na vida, o que era a tal Farra do Boi.

- *Soltaram, soltaram!*

Lá passou: o boi na frente e uma multidão atrás. Opa! O boi pára, olha, analisa, dá meia volta. Agora é o povo na frente e o boi atrás. E lá seguia a gritaria, naquele vai-e-vem de boi na frente e boi atrás. Do povo correndo ou tentando atirar o boi.

É isso a Farra do Boi? É disso que gostam tanto? Mas o que eles vêem de graça em correr atrás, ou correr do boi? Me questionei, pois à primeira vista me pareceu tão sem graça o que para eles era o máximo. Não entendi o porquê de tanta apreensão por descer correndo o morro para juntar-se à multidão da Farra; apenas ria pois olhando a cena ‘de cima’ tudo se tornava engraçado numa espécie de cena de filme de vídeo que oscilava entre o *rew* para ir adiante e o *f.f* para retornar. Preciso ver de perto como é isso...

Dias depois novo barulho. E como já aprendi o código, sei: é o boi!

- Láis, vamos lá embaixo?
- *Tens coragem?*
- Claro! (mentira)
- *Tem que correr heim!*
- Eu corro bem!

Fui³. Não queria naquele momento apenas ver, queria me meter na Farra do Boi, num exercício concomitante de observação e participação que, segundo Malinowisk⁴, objetiva alcançar uma observação participante que intenciona “*captar resultados da observação direta e das declarações e interpretações nativas*”. Acompanhei Láis, que ia perguntando para quem encontrava: - *Onde está o boi?*

- *Pode ir, tá na praia.*
- *Onde está o boi?*
- *Pode ir, tá na praia.*

E fomos em direção à praia, ouvindo ‘instruções’ de quem encontrávamos no caminho: - *Pode ir, tá na praia.*

De repente: - *Volta, volta, que lá vem ele!*

Meus Deus, que bicho grande! Lá vinha aquela massa branca acinzentada ‘voando’ em nossa direção.

- *Corre, Méri, corre.*
(não vai dar, não vai dar)
- *Corre, Méri, corre.*
(não vai dar, não vai dar)

³ Menezes Bastos também relata sua experiência de ‘cair’ na Farra numa alusão ao “meninos eu vi”, onde se refere ao jejum e ao uso de bebidas alcoólicas neste período farrista, o que também verifiquei em Ganchos: Menezes Bastos, Rafael. Dionísio em Santa Catarina: Ensaio sobre a Farra do Boi. Rafael José de Menezes Bastos (org). Florianópolis: Ed. da UFSC, 1993. pp.143-156.

⁴ Op. cit., p. 3.

- *Corre, corre.*

Um portão se abre: - *Entra aqui rápido, rápido.* Entramos, o portão fechou. Eu e Laís para a direita. O boi? 'Voou' para a esquerda, derrubando uma cerca de sarrafos (dizem que Deus protege os loucos!).

- *Tás com medo danada?* - O senhor que abriu o portão.
 - Eu? Não. (mentira - o coração estava prá lá do que permite a taquicardia).
 Nunca mais, penso comigo.

Conheci, e nesses anos de convivência compreendi, um pouco o que é estar na Farra do Boi: é sentir a eminência do perigo e querer ver até onde se vai. É sair da rotina calma do lugar e vivenciar o inesperado, o movimento, a aventura. É sentir o coração disparar de medo e mesmo assim não conseguir ir embora, porque o que está valendo também são as demonstrações de 'mais' coragem. É um momento lúdico que fascina, numa excitação crescente que estimula e envolve quem ali se encontra.

A vertigem, a agonística, o desafio compõem um quadro lúdico onde está em jogo as demonstrações de força, coragem, desafio e destreza para correr e enfrentar o boi. Huizinga⁵, ao analisar exaustivamente a origem e o emprego da palavra *jogo*, percebe uma aproximação entre este conceito e alguns outros que vão ao encontro do que observei em Ganchos na realização da Farra do Boi, sendo que o autor concorda que é impossível desvincular um dos outros: "*Quem poderia negar que todos estes conceitos - desafio, perigo, competição - estão muito próximos do domínio lúdico? Jogo e perigo, risco, sorte, temeridade - em todos estes casos trata-se do mesmo campo de ação, em que alguma coisa está em jogo*"⁶.

Estávamos no ano de 1988 e as pessoas se preparavam para mais uma Farra do Boi. As mulheres aguardam e realizam os últimos preparativos para receber os pescadores que estão chegando 'em terra' para mais uma 'parada do camarão'; há no ar uma excitação crescente que envolve e contagia quem ali se encontra. Como não me contento com esperar o boi, pergunto a alguns homens se posso acompanhá-los na 'pegada do boi', que é quando eles saem em carreata para escolher o boi da Farra. Sou aceita e vou com eles, sendo que outras mulheres também vão junto. Nesse dia vão a

⁵ Huizinga, J. *Homo Ludens*. A noção de jogo e sua expressão na linguagem. pp. 33-51 e 193-215.

⁶ Op. cit., p. 46.

uma fazenda próxima e acompanho o ritual de escolha do boi, onde muitos são soltos para que se selecione o que consideram melhor, de preferência o mais bravo de todos.

Naquela fazenda nenhum boi agradou e partimos para outra. Enquanto os homens foram escolher o ‘animalzinho’, como muitas vezes o chamam, fiquei sentada no pátio da fazenda com as outras mulheres que foram junto naquele dia, já que existem momentos em que as mulheres e crianças vão junto. Se fosse horário noturno ou pela madrugada, por exemplo, apenas os homens iriam pois para as mulheres este é um horário ‘proibido’. Perguntei: - Não tem perigo ficar aqui, parece que a mangueira⁷ está tão fraca?

- *Perigo coisa nenhuma, tola, pode ficar aí.* Respondeu uma das mulheres.

- *Não tem perigo, não.* Confirmou a esposa do dono da fazenda.

De repente minha desconfiança é confirmada: a mangueira se rompe e vem em nossa direção aquele boi imenso, bravo, que estava sendo cogitado como o melhor. Primeiro penso que é impossível ele vir logo ali onde me encontro. Mas, enquanto penso, vejo que é possível sim e saio correndo. O pedaço de compensado de madeira no qual estava sentada voa com a passagem do ‘animalzinho’. Deus me livre!

Os homens conseguem pegar o boi e seguimos em carreta para Canto dos Ganchos. Agora estou do lado de cá de quem chega ao local com aquele buzinaço todo e é esperado em festa pelos que estão lá, só aguardando. A algazarra é grande e uma multidão já acompanha os carros até o local escolhido para soltar o boi. - Dá licença que essa parte eu já vi, digo. Procuo então um muro e fico em cima só vendo a multidão correr atrás do boi ou fugindo dele.

Estamos em plena Farra do Boi e os comentários no lugar são de que ‘*a Farra do Boi será proibida*’, ‘*está dando na televisão*’, ‘*o Governador vai mandar acabar com a Farra do Boi*’. E, em meio aos comentários, as pessoas se agitam e, durante o agito começa a invadir Ganchos um comboio da polícia militar: um, dois, três, cinco, dez, trinta, muitos caminhões da polícia, camburões, microônibus, bombas de gás lacrimogênio, pessoas feridas, animais mortos a tiro, medo, desespero. E ninguém entende o *por quê* de tudo aquilo. E ninguém entende por que *agora* querem acabar com a Farra do Boi.

⁷ Mangueira: cercado de madeira fixada com pregos e construído, de forma quadrada ou arredondada. Serve para juntar os bois em época de vacinação, pesagem, etc. No caso da Farra do Boi é utilizado para a escolha do boi mais bravo.

O confronto maior se deu em Gancho do Meio. De Canto dos Ganchos ouvíamos acuados os estrondos e a claridade das bombas sendo ativadas. As notícias chegavam com quem conseguia passar de lá para cá, pois os morros que ligam as comunidades estavam repletos de policiais, cavalaria, cães treinados e carros de combate. “*Meu Deus, meu Deus, levaram o seu Leonel. O Rabinho também. Eles estavam só vendo, foram de curiosos, levaram...*” - Chegou informando apavorada Lanira, 29 anos, Canto dos Ganchos. ‘*Parece uma guerra*’ - Diziam muitos. E eu digo: - É verdade, parecia uma guerra!

Dizem que vem o Gabeira! (Fernando Gabeira, na época, líder ecologista) - Informa Laís

A Lucélia Santos (atriz de televisão e teatro e ecologista) *também vem!* - Complementa Ane, 27 anos, Canto dos Ganchos

Ah, ah, ah, tás tola. Vai dizer que esse povo famoso vem aqui! Pra que, gente? - Interfere Lorena, 40 anos, Canto dos Ganchos

Tão dizendo que é verdade! - Diz Dandara

E, de fato, na ocasião (Farra do Boi de 1988) houve uma manifestação no Brasil inteiro por parte de ecologistas, jornalistas, políticos; matérias em jornais e televisão. Cartas do Brasil e do exterior chegam ao Gabinete do Governador Pedro Ivo Campos: Abaixo a Farra do Boi! E ‘lá’ ninguém entendia o ‘por quê’ de tudo. “*É só a nossa Farra do Boi. Por que eles não mandam acabar com as touradas da Espanha, é porque lá dá dinheiro, né?*” - Diz Volnei, gancheiro e farrista.

Deste acontecimento, a ‘lembrança’ que os gancheiros tem é que “*antes a gente recebia bem quem era de fora, daí a imprensa começou a vir aqui e a deturpar o que via, a inventar. Daí acabou. Gancheiro tem péssimas experiências com quem é de fora.*” - Resumiu Caio, 50 anos, de Canto dos Ganchos, durante nosso diálogo:

- E quando o senhor lembra que começou isso?

- *Ah, eu lembro. Pelo que eu lembro foi na década de 80. Antes a gente recebia bem quem era de fora.*

- E o senhor acha que a mídia teve alguma coisa a ver com isso?

- Ah, eu acho que a mídia (em vez de se referir apenas à televisão, Caio responde utilizando a mesma denominação 'mídia' com que o questionei) *é que fez tudo*⁸. *A mídia faz o que quer. Eles fazem até montagem. Pois disseram que a pata do boi é cortada, o olho furado. É mentira. A mídia nunca viu isso que fala. É mentira!*

Ainda naquele 1988 fui, como de costume, passar a Páscoa na casa de meus pais (que fica em São José/Grande Florianópolis) e de lá assistia pela televisão às notícias sobre Ganchos. Frente à indignação de minha família com a *violência* apresentada na tela eu comentava: - Não é como estão passando, lá é diferente, eles chamam de brincadeira, é correr do boi ou atrás dele.

Eu, naquele momento, também vivenciei com os gancheiros o medo e o pavor com a violência da polícia, que chegava atirando bombas de gás e que matou, na ocasião, um dos animais envolvidos na Farra. Eu também não compreendia por que o Governo, a polícia e a mídia se escandalizavam tanto com uma imagem da Farra do Boi que eu sabia não existir na prática: olhos do boi vazados, patas cerradas, fogo no couro do animal. E me perguntava: de onde tiraram tudo isso? Não compreendia também porque, *vendo* com os olhos de quem 'lá' estava, parecia que toda a frota da polícia militar de Santa Catarina havia sido enviada para Ganchos numa situação que lembrava treinamentos de filme de guerra; eu me solidarizei com os gancheiros em seu medo, acuação e indignidade frente àquela situação.

Como era tradição em nossa comunidade, toda Sexta-Feira Santa tinha, e continua tendo, procissão às três horas da madrugada. Procissão luminosa, com tochas e velas, sacrifício para pedir perdão dos pecados. Quando me dei conta estava sonambulamente acompanhando o frio vespertino para cumprir a penitência que nos impúnhamos; enquanto andava imaginava o que estaria acontecendo em Ganchos, pensava nos risos, na alegria, na Farra que varava a noite e me vi perguntando: que formas diferentes de viver o 'santo': aqui o sacrifício, lá a 'brincadeira'. Eu queria mesmo é estar lá. Comecei então a questionar o limite que me separava deles e o que era

⁸ "É muito fácil encontrar um farrista em qualquer local do município, o difícil é achar alguém que queira falar sobre o assunto. Calejados pelos comentários negativos da mídia, eles têm uma espécie de pacto para não comentar o tema e são avessos a qualquer repórter, com medo de que as más repercussões voltem a acontecer...Um farrista de Canto dos Ganchos conta que há uma união para não falar do assunto, porque muitos repórteres já vieram até a localidade, foram bem recebidos, tiveram comida e pousada e quando foram embora, só destacaram coisas negativas sobre a Farra."(FONTE: Jornal Cobaia, 1 semestre/95. Suplemento Especial sobre cultura açoriana, onde, se destacam inúmeros aspectos de Governador Celso Ramos).

realmente eu e recordei outra lição repassada na Universidade: ‘Vocês jamais devem se envolver com a clientela com a qual trabalham’ - Ingênua lição aquela!

Assim sendo, dia após dia, buscava através de meu trabalho de extensão pesqueira conquistar a confiança de um povo tão desconfiado à primeira vista mas que, demonstrado que se é ‘digno’ de confiança, passam a tratar os ‘de fora’ como alguém do lugar e se mostram carinhosos e acolhedores permitindo-se deixar de lado uma certa dose de timidez, que lhes é própria quando estão na presença de estranhos. Sentia-me parte deles, já não estranhava nem causava estranhamento. Ouvia em muitas ocasiões: “*Essa já é do lugar, não sai mais daqui.*” (Igor, 43 anos, pescador, Canto dos Ganchos); “*Essa já é como uma filha nossa, do lugar.*” (Maria, 58 anos, esposa de pescador, Gancho de Fora) ou “*Igual a Méri nunca teve aqui, nela a gente confia.*” (Cássia, 46 anos, esposa de pescador, Gancho do Meio)

Para alguns gancheiros, os ‘de fora’ são vistos em alguns aspectos como pessoas de ‘bom gosto’, talvez por esse motivo passei a ser convidada para enfeitar igrejas em cerimônias de casamentos e também caixões mortuários nos velórios do lugar. Atendia a tais pedidos com atenção e respeito, pois sabia que o mesmo não seria feito a alguém em quem não se confiasse. Eu vivia, portanto, uma situação de aceitação privilegiada dentre os ‘estrangeiros’ que moravam ali. Por outro lado, as pessoas do lugar que tinham uma relação mais estreita comigo demonstravam um certo ‘orgulho’ por estarem mais próximas que as outras desta ‘moça de fora’. Sentia, assim, que tinha sido aceita pela ‘família gancheira’.

Esse relacionamento diário que se estabeleceu a partir dos primeiros e desconfiados encontros foi essencial para conhecê-los e para que também eles me conhecessem, o que nos levou de uma relação de estranhamento à uma familiarização que permitiu a mim e a eles convivermos sem provocar aquela estranheza do incício, indo ao encontro do que resumiu e registrou Malinowski⁹, sobre essa relação estranho/familiar: “*Aprendemos a conhecê-los, familiarizando-nos com os seus costumes e crenças ... (e) ... eles acostumados a ver-me constantemente, dia após dia, deixaram de demonstrar curiosidade ou alarme em relação à minha pessoa nem se sentiam*

⁹ Op. cit. 1976.

tolhidos com minha presença”. Assim sendo, com o passar dos dias, meses, anos, passei de novidade recém-chegada à conhecida do cotidiano gancheiro¹⁰.

2.3. O AFASTAMENTO: Não sei quem eu sou: estou aprendendo.

A primeira vez que experienciei uma ‘necessidade’ mais acirrada de afastamento de Ganchos foi em 1990. No período de férias daquele ano fui à Universidade Federal de Santa Catarina e me informei sobre cursos em andamento; na ocasião passei pelo NETI (Núcleo de Estudos da Terceira Idade), onde havia realizado o estágio por ocasião da graduação em Serviço Social. Fiquei sabendo sobre o primeiro curso de Especialização em Gerontologia em nível de sul do Brasil, cujas inscrições seriam abertas logo a seguir. Preparei material e concretizei esse primeiro afastamento.

Como na Empresa à qual estou ligada a cada dois anos ocorre seleção para cursos de pós-graduação, findado o curso de Gerontologia, em 1993 me inscrevi e fui aprovada para prestar as provas para o Mestrado/1995 em Antropologia Social. Restava, desta forma, aguardar os resultados. Fiquei entre os onze classificados finais para a turma de 1995 do Mestrado em Antropologia Social da UFSC. Lembro que em uma das primeiras aulas me apresentei e, entre outras informações, expus, as seguintes:

Meu nome é Rose... faz nove anos que trabalho em Ganchos, município pesqueiro conhecido pela realização da Farra do Boi ... e estou aqui para aprender uma diferente forma de olhar o outro porque, depois de tanto tempo convivendo com eles, eu já não sei quem sou eu e quem são eles, o que é meu e o que é deles...

A primeira vez que tive contato com a Antropologia foi no curso de Serviço Social e me chamou a atenção um texto que a Professora Neusa Bloemer na ocasião nos repassou; tal texto me causou surpresa frente à possibilidade de *estranhar* o que, no cotidiano, nos é *tão familiar*. Fiquei com aquela sensação de poder olhar com outros olhos armazenada e eis que me via agora como, o que chamo, uma aprendiz de Antropologia, a buscar esta diferente forma de ‘olhar’.

¹⁰ Neste aspecto ver também Da Matta, Roberto. *Relativizando. Uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987 e Velho, Gilberto. *Indivíduo e cultura. Notas para uma antropologia das sociedades contemporâneas*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

2.4. A 'TRAIÇÃO', SEGUNDO OS GANCHEIROS: 'O livro do moço'

Em novembro de 1995 volto a Ganchos para esclarecer a situação na qual fui envolvida em decorrência de ter meu nome citado no trabalho de outro pesquisador¹¹. Visitei pessoas as quais havia entrevistado no mês de agosto daquele ano para concretizar um trabalho da disciplina 'Globalização Cultural', cujo tema versava sobre 'Antenas Parabólicas em Ganchos - Necessidade ou Novidade?' Na ocasião pude observar que minha 'aceitação' na comunidade havia sido ameaçada, pois as mulheres se viram '*traídas*' por mim, uma vez que num trecho da citada dissertação o autor coincidentemente se referia às antenas parabólicas, correlacionando o fato de tê-las com o de "ser corno"¹², o que desagradou enormemente as/os gancheiras/os.

Segundo a comunidade local o autor da dissertação não percebeu que não tinha o '*direito*' (segundo os gancheiros) de tornar público, através de imagens escritas em seu trabalho, rixas comuns e próprias apenas deles - os 'de lá'. Segundo os moradores locais, Ganchos é como uma 'grande família' onde todos, de alguma forma, são parentes, primos, tios, avós, compadres. E, nas 'competições' entre as diferentes comunidades, por exemplo, gancheiro (de Gancho do Meio) pode xingar os canteiros (de Canto dos Ganchos), estes podem fazer o mesmo com os primeiros ou com os gancheiros de Gancho de Fora ou da Armação. Mas, que '*alguém de fora*' não se atreva a interferir nessas '*leis*' próprias '*deles*'.

Neste sentido, ao expor a dinâmica da família gancheira, a dissertação tornada pública e exposta à mídia faz valer o ditado 'em briga de marido e mulher não se deve meter a colher' em que, enquanto próximos, nos consideramos no '*direito*' de '*falar mal*'

¹¹ Trecho da dissertação em questão: "...As 'canteiras'(como são chamadas as mulheres de Canto dos Ganchos), segundo os homens dos Ganchos de cá, têm fama de serem muito perigosas: "põem muito galho nos maridos". Em conversa íntima com Mére, assistente social do Município a sete anos, este comentário nativo pode ter procedência. Pois, segundo ela, a maioria dos homens do Canto trabalham embarcados na pesca do camarão e só voltam quando enchem o barco. Segundo Mére, tem gente que está no mar, nesse tipo de pesca, há uns três meses sem vir em casa."(Cardoso, Fernando. Orientação sexual masculina numa comunidade pesqueira. Dissertação de mestrado apresentada ao PPGAS/UFSC.1994,p.90).

¹² "Segundo alguns Estrangeiros que já vivem há muitos anos nessas comunidades, existe também um alto índice de adultério também por parte das mulheres. Fala-se pouco a respeito, porque elas são muito mais discretas e vivem a sua sexualidade no campo do privado, isto é, dentro de casa. Em uma conversa com um grupo de pescadores sobre o assunto, um deles perguntou-me dizendo: 'você conhece o Canto, o Canto dos Ganchos. Pois é, cada nova antena parabólica que aparece lá, é mais um corno manso que você pode contar.'" (FONTE: Cardoso, Fernando. Orientação sexual masculina numa comunidade pesqueira. 1994, p.89).

como quisermos mas, se alguém que está fora desse círculo de parentela tecer qualquer comentário sobre ‘os nossos’, nos ‘armamos’ e partimos em defesa de ‘nossa família’. Segundo os gancheiros, o autor transcreveu, para um texto científico público uma citação que ‘eles’ se consideram no direito de usar quando *lavam a própria roupa suja* no território ‘privado’ de Ganchos. Neste aspecto, conforme nos colocam Marcos e Fischer: “*The danger in an experimental period is precisely that it will be foreclosed prematurely...*”¹³

Desta forma, o que ocorreu talvez tenha se originado de uma insatisfação frente à abordagem do tema da pesquisa (sexualidade humana) numa população que valoriza a imagem da ‘honra familiar’. A dissertação aponta para o espaço público através da exposição na imprensa escrita de práticas consideradas ‘íntimas’, realizadas ou não, mas que acabou por abalar os gancheiros quando assim se viram expostos.

É mister, portanto, para uma mais ampla compreensão do *outro*, que o antropólogo, o ‘*de fora*’, como chamam os gancheiros, tenha oportunidade de conviver com os diferentes aspectos de uma cultura estranha a sua e ter, desta forma, condições de vir a ser um ‘sujeito situado’ frente à nova realidade com a qual se depara. Nesta direção aponta Rosaldo, quando salienta que “*Los etnógrafos se reubicam en tanto van comprendiendo otras culturas...comienzan la investigación con un grupo de precuntas, las revisan en el transcurso de la encuesta y al final resultan con preguntas diferentes as las primeras*”¹⁴.

Podemos fazer aqui um paralelo entre as falhas de observação apontadas pelos gancheiros na dissertação em foco e a fábula do trem onde, em meio aos cientistas, sábios e doutores, uma criança pergunta: ‘Papai, por que é que tudo ao longe está correndo e o trem daqui não sai?’ Surpresos, entre risos explicam ao menino que, o que se move é na verdade o trem e não aquela enorme plantação de capim. De repente o trem pára e qual não é nova surpresa dos doutores: não se trata de capim, mas de uma vasta e cortante plantação de cana.

Desta forma, tal qual passageiro de um trem em disparada, o antropólogo pode se levar por uma primeira impressão sobre o ‘objeto’ que estuda e afirmar categoricamente o que julgava ter visto. No entanto, se o pesquisador se der a

¹³ Marcos e Fischer. *Anthropology as cultural critique. An experimental moment in the human sciences.* Chicago: The University of Chicago Press, 1986, p. 42.

¹⁴ Rosaldo, Renato. *Cultura y verdad. Nueva propuesta de análisis social.* México: Ed. Grijalbo, 1991, p. 20.

oportunidade de ‘descer’ do trem e caminhar por entre as plantações e ali se ‘situar’, poderá ver o quão diferente é fazê-lo no meio da cortante cana ou do suave capim. E as conclusões, ainda que passíveis de novos questionamentos, estarão mais próximas do que viu ‘de perto’. Conforme nos coloca Rosaldo sobre o que é ser, enfim, um ‘sujeito situado’: “*O etnógrafo como sujeito ubicado comprende ciertos fenómenos humanos mejor que otros...Hay que considerar que la edad, género, su condición de extraño...influyen lo que el etnógrafo aprende*”¹⁵.

O tema tratado na dissertação, ‘sexualidade masculina’, é um tema delicado em qualquer universo cultural. Neste contexto, quando os gancheiros se viram expostos num trabalho desta natureza como exemplos de práticas sexuais e homossexuais, se sentiram afrontados e com o que chamam de ‘*a sua moral*’ atingida, o que se pode ver nos depoimentos a seguir:

*“Ele mexeu com a nossa moral
falou que os homens ou são cornos ou são veados
que as mulheres esperam os homens sair prá
botar outro dentro de casa. Isso não se faz.”*
(Maia, 32 anos, Canto dos Ganchos)

*“Ele mexeu com nossa moral
Quem lê aquilo ali pensa que todo
mundo aqui é; que 90% é homossexual.”*
(Caio)

*“Perder o seu tempo pra fazer aquilo?
Pra que, só para dizer que está falando
do que ninguém fala. Ele mexeu com a nossa moral.”*
(Volnei)

Conforme Rosaldo nos coloca, inúmeros aspectos teriam que ser considerados quanto ao ‘olhar’ as diversas culturas, já que muitos e heterogêneos são os processos que aí se interseccionam: “*La cultura también puede ser concebida como una formación más poderosa de intersecciones donde los procesos se entrelazan dentro de los límites o más allá de éstos. Dichos procesos heterogéneos derivan con frecuencia de las diferencias de edad, género, clase, raza y orientación sexual*”¹⁶.

¹⁵ Op. cit., p. 30.

¹⁶ Op. cit., p. 31.

Corroborando estas informações, Ramos¹⁷, igualmente refere-se às diferentes ‘versões’ apresentadas sobre os Yanomami e o cuidado que se deve ter ao expor o outro como ‘objeto’ de estudo. Valores culturais, orientação sexual, sistemas de classificação e visão de mundo permeiam as diferentes ‘interpretações’ com que o pesquisador enfatiza o ‘objeto’ de pesquisa. Assim sendo, há uma eminente exigência de que o antropólogo amplie o ‘leque’ com o qual direciona a escrita sobre o que viu, haja vista a possibilidade dos diversos significados na compreensão e apreensão do objeto/sujeito. Exemplo destas diferentes possibilidades de versões foi-me exposto pelo gancheiro Volnei, sobre a pesquisa citada :

*“Eu acho que ele não entendeu nada.
Gancheiro é debochado como tu sabes Méri,
a gente fala brincando e ele não entendeu nada.”
(Volnei)*

Concomitantemente consigo vislumbrar, num estalo de clareza, que jamais compreenderei próximo a uma noção de ‘totalmente’ o que é ser gancheiro quando escuto, durante um diálogo numa entrevista, uma advertência de Joseli, moradora de Canto dos Ganchos:

- Tu sabes que gancheiro é debochado. Eu acho que aquele rapaz não conseguiu entender isso, porque quando a gente fala com nosso jeito debochado os de fora não entendem, assim como os daqui muitas vezes não entendem quando os de fora brincam ou falam sério.
- É. Esse jeito de falar debochado de vocês eu já conheço um pouco.
- Um pouco - adverte Joseli com o dedo em riste - porque mesmo que tu vivas aqui cem anos, se tu não nascesse aqui, tu nunca vai entender totalmente.

Podemos, desta forma, estar interpretando e ‘traduzindo’ culturas diferentes com base na nossa própria, que a nós é tão familiar e desprovida, no mais das vezes, de distanciamento e estranhamento, o que nos leva à conclusões vistas com ‘nosso’ olhar e que muitas vezes não é o que seria compreendido pelos de ‘lá’. Como nos colocam John

¹⁷ Ramos, Alcinda R. Reflecting on the Yanomami: Ethnographic images and the pursuit of the exotic. In: RCA. George E. Marcus ed. Durham and London: Duke University Press. 1992. pp. 48-68.

e Jean Comaroff¹⁸: “*For the malignancy of primitivism - and its most notable symptom, exotism - should disappear when we estrange our own culture, treating its signs and practices as we would theirs*”.

Embora os autores acima coloquem que isso não quer dizer que devemos ter como ‘lema’ “Nós somos os Nacirema”, podemos ver o *estranhamento* como um parâmetro de referência à auto-reflexão muito interessante e que, portanto, não deve ser desconsiderado. Ou seja, a partir do estranhamento do que temos incorporado como tão ‘naturalmente’ nosso é que nos será possível enxergar o outro com um olhar cada vez mais aproximado *do* outro. Para tanto, como bem nos expõe Maybury-Lewis¹⁹, é necessário, além de um envolvimento profissional, um comprometimento pessoal que aproxime teoria e prática, isso se não quisermos admitir que a proposição segundo a qual “*a própria teoria antropológica foi atacada e declarada inútil*” seja verdadeira e atual.

A exemplo do que Evans-Pritchard²⁰, coloca sobre os Nuer, em Ganchos não se trata apenas de aprender uma diferente língua, mas apreender uma linguagem própria e a partir daí compreender um pouco quem e como são. Há que se perceber um deboche ora sutil, ora ‘escrachado’ quando se expressam e uma maneira jocosa de se relacionar entre si, na relação com os de fora e com a própria vida. É imprescindível ao pesquisador que quiser compreendê-los estar atento a essa forma de expressar-se, sem dúvida diferente da seriedade que a moderna sociedade urbano industrial cada vez mais imprime às suas/nossas relações.

Embora tendo convivido durante nove anos com os gancheiros e tendo a sensação de tê-los ‘conhecido’ um pouco, não posso deixar de considerar uma ‘tensão’ existente entre os mesmos e minha pessoa, decorrente desta pesquisa lá realizada e cujo resultado, em setembro de 1995, se tornou conhecido por eles através da mídia. Além de interpretarem que também eu tinha autoria naquele texto, já que viram meu nome citado em contexto que lhes provocou insatisfação frente ‘à minha traição’ à sua confiança, se mostraram revoltados comigo e, se posso assim definir, com uma total ‘aversão’ a pesquisadores. Segundo eles, os ‘de fora’ “*não entendem nada do que vêem e saem por aí dizendo que é tudo igual. Vocês gostariam que a gente fizesse isso no lugar de*

¹⁸ Comaroff, John e Jean. *Ethnography and the historical imagination*. Boulder: Westviews Press, 1992, p. 45.

¹⁹ Maybury-Lewis, David. *Desenvolvimento e direitos humanos: a responsabilidade do antropólogo*. Antônio A. Arantes e outros orgs. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992, p. 50.

²⁰ Evans-Pritchard, E. E. *Os Nuer*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

vocês?” (Vando, 41 anos, Gancho de Meio, em diálogo quando lá retornei em novembro de 1995, para tentar esclarecer tal situação).

O que os gancheiros nomearam de ‘traição’ traduzia-se, nos contatos iniciais que mantive com eles no meu retorno, em mostras de mágoa, ressentimento, hostilidade e descrença, ‘*logo tu Méri, que a gente tinha como uma filha do lugar?*’, o que tornou extremamente difícil a realização de meu trabalho de campo. Giddens²¹, ao falar das conseqüências da modernidade, traduz o que ocorreu: “*Uma suspensão da confiança no outro enquanto agente fidedigno e competente e um transbordamento de ansiedade existencial que assume a forma de sentimentos de mágoa, perplexidade e traição, junto com suspeita e hostilidade.*”

O que instiga um pesquisador na busca pela apreensão do outro? Uma curiosidade, uma expectativa pelo que irá encontrar, confrontar e compreender quando a imagem, inicialmente turva e embaçada do ‘não-entendido’ se torna, através do que Malinowisk, 1976, denomina ‘observação direta’, lentamente mais clara e compreensível? Seria, desta forma, uma ondulação, um movimento entre o que, segundo Da Matta, 1987, pode-se denominar de ‘familiar e exótico’ e que, para Velho, 1987, há de se acrescentar, além desses dois eixos, a questão do que ‘é realmente’, ou deixa de ser, *conhecido*.

Portanto, para mim, fez-se indispensável entrar novamente no convívio com estas pessoas de forma lenta e tranqüila, de maneira a tentar reconquistar sua confiança através do ‘re-conhecimento’ mútuo diário, o que passei a fazer desde novembro de 1995, quando lá retornei pela primeira vez após tal acontecimento.

A exemplo do que os Nuer colocavam a Evans-Pritchard²²: “*Vocês nos derrotaram com armas de fogo e nós tínhamos somente lanças...*” em Ganchos, assim como enfrentaram com pedras no ano de 1988 a polícia, e a expulsaram, o fariam novamente comigo ao se perceberem traídos em sua confiança, embora tal traição se faça não com armas de fogo, mas com palavras que, por vezes, ferem tanto quanto. Meus contatos iniciais (como poderemos verificar adiante) se deram com algumas pessoas que já haviam vislumbrado a minha ‘não autoria’ e responsabilidade no trabalho anteriormente citado e, a partir destas, estendi, cautelosamente, minha relação com as/os gancheiras/os.

²¹ Giddens, Anthony. As conseqüências da modernidade. 2 ed. São Paulo: Unesp, 1991.

²² Op. cit., p. 17.

O que me leva a refletir sobre a questão que envolve teoria/prática e ética profissional em meio a uma discussão sobre a recepção/tensão da mídia com/em Ganchos é uma séria preocupação frente o episódio citado relacionando-o com o fato de que o mundo, num processo crescente de globalização, torna-se cada vez menor, aproximando locais antes inacessíveis, tornando os ‘daqui’ mais ao alcance dos ‘de lá’, e permitindo a estes últimos questionamentos graves como o que ouvi em Ganchos, quando uma pessoa desabafa sobre o que sentiu quando tomou conhecimento do conteúdo da pesquisa realizada naquela localidade. Com sarcasmo, sua fala refere-se à inutilidade que vê em ‘nossa’ ciência:

*“É para isso que vocês estudam?
É isso ciência (com ênfase de sarcasmo)?
Ora, se é para isso que vocês são ‘cientistas’
Nós não queremos ser como vocês, para nós isso não
serve nada.” (Volnei)*

Com isso, o direito do antropólogo de escrever ‘sobre’ confronta-se gradativamente com o direito de pessoas e grupos em participarem no ‘porquê’, ‘para que’ e ‘como’ escrever. A compressão do tempo e do espaço faz com que os até então ‘objeto’ de estudo tomem consciência sobre os ‘de cá’ e ampliem sua visão de serem (também) sujeitos históricos e situados.

Ainda sobre os aspectos da globalização nos estudos antropológicos, temos que admitir, há uma urgência em repensar como estamos correlacionando teoria e prática e vice-versa. Lévi-Strauss²³ se mostra atualíssimo quando, num texto de 1962, fala da ‘crise moderna da Antropologia’ e faz alusão a uma diminuição do mundo, cada vez mais visível e que, portanto, aproxima pessoas que antes nem se imaginavam. Diz ele: *“Em uma terra mais diminuta, onde se agita uma população cada vez mais densa já não existe nenhuma fração desta humanidade, por longínqua e afastada que possa parecer, que não esteja, direta ou indiretamente, em contato com todas as outras...”*

Assim sendo, o que antes fazia parte e circulava apenas no mundo acadêmico, hoje é acessível aos que denominamos ‘nativos/objeto de estudo’. E eles, cada vez mais, se sentem à vontade para nos questionar sobre o que escrevemos, colocando ‘em xeque’ a limitação do que expomos ‘aqui’ sobre os de ‘lá’. Geertz²⁴, tinha razão quando se

²³ Lévi-Strauss, Claude. A crise moderna da antropologia, 1962, p. 20.

²⁴ Geertz, Clifford. El antropólogo como autor. Barcelona: Ed. Paidós ibérica, 1989, p. 156.

referia a esse fato de ‘escrever sobre’ como algo sério e de consequências extensas, *“tanto para el nativo como para el autor y el lector por igual.”*

Se antes as dificuldades e distâncias tornavam o acesso às ‘nossas teorias’ mais lento e difícil, atualmente o processo de globalização crescente que vivenciamos torna esse ‘mundo imenso’ cada vez menor. Neste sentido, Lévi-Strauss²⁵ acentua que *‘como resultado imprevisto de nossos empreendimentos e de nossa conduta, nós e eles fazemos parte de um mesmo mundo.’*

Desta forma, a aproximação crescente com os ‘objetos’ de estudo que o antropólogo vivencia permite conhecer seus questionamentos, o que pode fornecer maiores subsídios sobre como estamos escrevendo e para que/quem, além de ampliarmos nossos conceitos e, concomitantemente, nossa visão e postura ética, ou seja, que os ‘objetos’ de nossas análises são (anterior às mesmas) ‘sujeitos’ de sua história. Neste aspecto, Rosaldo²⁶, vem contribuir quando coloca que *“el analisis debe aceptar que sus objetivos de análisis también son sujetos analizantes que interrogan de forma crítica a los enógrafos, sus escritos, su ética y política.”*

Essa experiência de aproximação com a mídia que Ganchos enfrentou recentemente ao tomar conhecimento de uma pesquisa acerca de seus habitantes me propiciou também um confronto com os questionamentos que se/me fizeram sobre o trabalho do pesquisador anteriormente citado e sobre o meu próprio; permitiu ainda às gancheiras sentirem-se ousadas o suficiente para me sugerirem ‘como’ fazer a pesquisa a qual me propunha, indicando formas e caminhos metodológicos a serem seguidos no percurso intencionado.

Episódios como este acontecem como forma de nos chamar a atenção para o contexto em que produzimos nossas dissertações, teses, *papers* e livros, no qual o consumo vem ‘consumindo’ cada vez mais, inclusive nossas teorias/ pesquisas que são divulgadas através da mídia e se tornam ‘uma mídia’ acerca do lugar/pessoas sobre as quais escrevemos. Quer dizer, nossa produção acadêmica cada vez mais deixa os bancos universitários e entra no cotidiano ‘comum’ através da mídia pela qual é veiculada. Portanto, o saber científico torna-se, também, globalizado e os ‘de lá’ passam a ter acesso, conhecer, se confrontar e conviver com um código (antes exclusivo) da Academia.

²⁵ Op. cit., p. 20.

²⁶ Op. cit., p.31.

Além do mais, questionamentos como os que ouvi em Ganchos: ‘*É para isso que estudam?*’ e ‘*Vocês gostariam que a gente fosse no lugar de vocês e saísse falando coisas sem vocês saberem ou dizendo que é tudo igual?*’ são parâmetros para que o antropólogo avalie a postura ética e profissional que está assumindo em campo e quando traduz ‘aqui’ o que compreendeu a partir de sua visão sobre os ‘de lá’.

Após essa breve discussão sobre o que, do grego, chama-se *ethikos*, continuarei a relatar a minha vivência em campo que mesclou tensão, desprezo por parte das/dos gancheiras/os para comigo, solidariedade feminina por algumas mulheres que se ‘*imaginaram*’ no meu lugar, questionamentos pessoais sobre o ‘porquê?’, numa experiência que teve momentos de angústia, de quase desistência, mas uma enorme vontade de esclarecer ao outro e a mim própria e discutir com meus colegas ‘cientistas’ as repercussões possíveis e passíveis de refutações do que ‘aqui’ nomeamos ‘produção científica’ e que ‘lá’, como ouvi muitas vezes, ‘*não vale nada*’.

2.5. O RETORNO: ‘O enfrentamento do boi’

O reinício de meu contato com os gancheiros após o episódio ‘*o livro do moço*’ se deu em novembro de 1995, visando esclarecer que se tratava de dois trabalhos: 1) ‘*Antenas parabólicas em Ganchos: Necessidade ou Novidade?*’ apresentado à Disciplina de Globalização Cultural, de minha autoria e 2) ‘*Orientação Sexual Masculina Numa Comunidade Pesqueira*’, Dissertação de Mestrado, da qual eu não era autora.

Posterior a esse primeiro ‘enfrentamento do boi’, como nominou um professor, passei a ir regularmente a Ganchos com o intuito de decidir se seria possível, ou não, realizar ‘meu campo’ lá já que, com o ocorrido, minha reação inicial foi desistir do trabalho ao qual me propunha naquela localidade, haja vista um sentimento ao mesmo tempo de peso e de descorporificação que vivi quando vi ir ‘por água abaixo’ nove anos de trabalho dedicados a Ganchos com a repercussão negativa das colocações no contexto da dissertação já mencionada. Com a perda da confiança que eles²⁷ chamaram ‘*a traição*’, estava sendo colocada em xeque a atuação profissional.

²⁷ Em princípio, minha pesquisa seria sobre a vida das mulheres de pescadores em Ganchos, abordando muitos aspectos de seu cotidiano, inclusive alguns tópicos sobre a sexualidade. Porém, com o episódio ocorrido, o ponto de partida passou a ser o trabalho da Disciplina de Globalização Cultural “*Antenas Parabólicas em Ganchos, Necessidade ou Novidade?*”, objetivando uma discussão sobre a relação de

Assim, em março de 1996 cheguei a Canto dos Ganchos para acompanhar a Semana Santa, quando ocorre o ápice da Farra do Boi. Fui com a expectativa de saber como seria a convivência após um ano de afastamento e do episódio ocorrido. Inicialmente me mantive mais em casa assistindo à televisão com Laís (a mesma do convite para o banho e das apresentações, lá no início de tudo), 35 anos, esposa de pescador e dona de casa, que estava morando com o esposo em uma pequena residência que possuo em Canto dos Ganchos.

Mantive, na ocasião, contato com Lunar, irmão de Laís e um dos líderes da Farra do Boi em Canto dos Ganchos e perguntei-lhe da possibilidade de filmar e acompanhar a Farra, no que me disse ser possível. Porém, sua esposa e irmãs que estavam junto nos alertaram ser preciso ter cuidado devido ao ocorrido com o *“livro daquele moço que botou o nome da Méri”* (Ane, esposa de Lunar); *“É igual aos jornalistas, eles não vão gostar, vão ficar desconfiados. Se ela ainda ficar só quieta, vendo, tudo bem, mas filmar?”* (Dandara, irmã de Lunar e Laís, dona de casa). E acrescenta Laís: *“Mas se tu quiser, traz a tua irmã pra filmar, ela sai junto comigo e filma. Vai a Ane, outras mulheres. Só tu não aparece, fica de longe.”* Assim fiz, segui as orientações das gancheiras e fiquei ‘só de longe’; como diz o pessoal de lá ‘sentindo o clima’ e seguindo a *química*²⁸ que me indicaram.

Começo a sair pelas ruas, a observar e ser observada pelos gancheiros. Vou com cautela nos contatos, percebendo as reações para comigo. Já em minha primeira ‘investida provocativa’ caminhando por Canto dos Ganchos ouvi debochadamente em alto e bom tom de um dos pescadores que estava sentado em uma roda de amigos na pracinha do lugar: *“Capricha e faz outro livro daquele.”* (Matias, 35 anos, Canto dos Ganchos) Me empertiguei e comentei com Laís: Vou lá falar com ele, assim não pode ficar. Ao que Laís, que estava comigo alertou: *“Deixa Méri, deixa que não adianta tu reagir, não fala nada, agora não é a hora.”*

Havia, desta forma, por parte de Laís, uma ‘orientação’ no sentido de que, se eu não quisesse sofrer ultraje moral, não desejasse ouvir o que não queria nem sofrer desnecessariamente, deveria proceder como alguém ‘de lá’. Ela estava, portanto, me

recepção/tensão entre os gancheiros e a mídia. Embora tenha ocorrido confusão entre os dois trabalhos anteriormente citados no que se refere à ‘antena’, foi a partir da mesma que surgiu uma nova possibilidade de continuar ‘meu campo’ em Ganchos e ‘lá’ realizar a nova pesquisa, que se voltou para uma discussão sobre a mídia em Ganchos/Ganchos na mídia.

²⁸ Química: expressão local que significa que há um plano a ser seguido, uma elaboração.

ensinando a agir, a ser como um deles e eu tinha que prestar atenção nestas ‘dicas’ para poder melhor perceber a diferença entre o ritmo de meu gesto, de meu olhar, de minha ida ou espera e o deles e, diante da situação que vivenciava, ir devagar. Com calma, atenta porém cautelosa, seria mais ou menos como diz o ditado ‘dançar conforme a música’. Grande lição essa de Laís!

Mais tarde naquele mesmo dia, quando sentei em frente a igreja do lugar para ‘pegar um fresquinho’²⁹, outro pescador me questionou, demonstrando admiração com minha presença ali: “*Méri! o que a Méri tá fazendo aqui? Viesse pegar a calma? Essa semana só tem barulho. Amanhã, quinta, sexta, é só boi. Ai verão a televisão falando mal.*” (Raul, 23 anos, Canto dos Ganchos) À noite, ao voltar para casa Manolo, 30 anos, pescador, esposo de Laís, me conta sobre, digamos, uma advertência/recado que escutou de outro pescador a meu respeito: “*Capricha a Méri agora, vem prá cá, espia nós e sai dizendo mais um monte de coisa.*” (Ulisses, pescador aposentado, 72 anos, Canto dos Ganchos)

Quinta-Feira Santa: dia de fazer bolo para a Páscoa. Como sou habilidosa neste ofício, Laís me pede para fazer um bolo ‘*bem grande*’; o período da manhã é dedicado a essa tarefa. À tarde chegam dois bois: um está no mangueirão e outro no pombal³⁰. As pessoas estão agitadas com o próprio - o boi. Não se ouve barulho de televisão, rádio, nada, apenas ‘silêncio’ em casa quebrado pela algazarra do boi na rua: foguetes, gritaria, buzinação, alegria, correria. O boi está solto.

O que explica toda essa transformação no espaço, na temporalidade do lugar e provoca uma excitação crescente nas pessoas que estão na Farra? Deixo a duas gancheiras a palavra para contar o que e como é ser uma ‘estranha na mídia’, uma aficcionada da não menos estranha (vista pelos ‘de fora’) Farra do Boi:

*“A Farra do Boi é tudo, é o movimento, a correria.
É deixar o arroz queimar. É alegria, farra, brincadeira.
É a melhor época de nossa vida no ano.”*
(Melissa, 42 anos, Canto dos Ganchos)

“O que muda? Para mim é fazer as coisas rápido, já acordo às seis horas, boto a comida no fogo, quando

²⁹ ‘Pegar um fresquinho’: expressão usada para dizer que vai ‘tomar um ar’ quando as noites (geralmente no verão) estão muito quentes. Costuma sentar um grupo de pessoas que ficam conversando até mais tarde do que o costumeiro.

³⁰ Uma das ruas do lugar, que se caracteriza por um aclave e onde todo ano é tradição soltar, no mínimo, um boi, chamado ‘boi do pombal’.

chega oito horas vou correr atrás do boi que eu adoro, aí levo o meu moleque junto, boto ele em cima do muro, assim do lado da casa ... às vezes eu volto. Bate a fome venho para casa comer e quando não bate a gente fica direto; já tem amizade com as vizinhas, com as cunhadas perto, daí já come lá mesmo.”(Pietra, 34 anos, Fazenda da Armação)

Caminho pelo lugar com uma certa apreensão, com expectativa para com a atitude das pessoas, com uma sensação de que algo estava grudado às minhas costas, e eu sabia que não era apenas uma impressão, mas que esse ‘algo’ representava a desconfiança, a curiosidade pela minha volta, a insatisfação frente o que eles nominaram ‘a traição’. O que antes me parecia tão conhecido agora mostrava-se, como diria Velho, 1987, apenas familiar. Reconheço o jeito do lugar, o silêncio, o barulho, a calma, a correria; reconheço também as pessoas mas, ao contrário de antes, não sei o que esperar, sinto que devo ir com calma e essa ‘intuição’, se posso assim chamar, me é confirmada em uma das noites, quando converso com Laís enquanto jantamos. Ela me pergunta como pretendo começar a pesquisa, ao que respondo ser pelas pessoas que falarão sobre a memória da entrada dos meios de comunicação em Ganchos, rádio e televisão em primeira instância...

2.6. COMO FAZER? ‘Vai devagar; fica de olho’

Após esse rápido esclarecimento, Laís comenta:

- *Acho bom. Eu tava conversando com a Leiloca (esposa de pescador, 29 anos, dona de casa) ontem ainda, sobre esse teu trabalho, e a gente falou: A Méri deve ir com calma, porque o pessoal tá recebendo ela, tá falando, só que ela não começou a fazer pergunta ainda, ela deve tomar cuidado, porque nunca se sabe.*

- *É, eu sei, tenho que ir devagar. Comentei rapidamente.*

- *Sabe o que eu acho? Fiquei planejando como deveria ser essas tuas visitas. Acho que debes ir visitar a pessoa e começar a conversar, sem aquela coisa de entrevista, de pesquisador, gravador, nada, daí eles vão falar.*

- *É, isso eu ainda vou ver. Falei, enquanto pensava sobre tudo o que ela estava me dizendo.*

- *Vas fazer só sobre o rádio?* - pergunta Laís.

- Não. Sobre televisão também. Quero saber o que as pessoas pensam sobre quando aparece Ganchos na televisão- expliquei.

- *Ganchos! Ganchos só aparece quando é Farra do Boi e andou saindo aí sobre 90 toneladas de sardinha que um barco pegou, no mais é só Farra do Boi* - comenta Laís.

- Pois é, eu quero saber o que acham sobre o que passa na mídia da Farra do Boi.

- *Acho que deves fazer só com a gente aqui* (gesticula indicando a vizinhança mais próxima), *com o pessoal que sabes que vai te receber. A Leiloca também acha isso. Também não vás bater na casa de qualquer um para entrevistar né?* - diz Laís, encerrando essa primeira rodada de ‘sugestões’.

- Vou pensar nisso tudo.

Caminho pelo lugar com Laís, vamos fazer o que ela chama de ‘*circular*’: vamos por um lado do morro e descemos pelo outro para visitar algumas pessoas previamente combinadas. À noite vou assistir à televisão com outra família. Chego na hora do jantar e acompanho-os em tal momento. Enquanto jantamos assistimos à televisão, a qual está disposta na sala de forma que, quem está na cozinha, pode assisti-la. Sou questionada sobre minha pesquisa e alertada para *não estranhar, de alguns vás ouvir besteira* (Paolo). E, perguntada a seguir por Kalica, 40 anos, sua esposa, que trabalha ‘fora’: *“Mas aquele rapaz não vai trabalhar contigo né?”*

- Não. Respondo e explico o que pretendo com minha pesquisa.

Elian, 15 anos, estudante, filho do casal, que está participando da conversa, sugere frente à explicação de minha proposta de pesquisa:

- *Deves tentar saber também dos rádio PX que aumentaram aqui depois que terminou o Programa Pesca é Notícia*³¹.

Paolo, ainda não satisfeito, volta a falar sobre o clima de tensão gerado pelo ‘*livro do moço*’; refere-se, sem me contar os nomes, aos comentários que ouvia dos pescadores a meu respeito quando aqui estive na Farra do Boi e acrescenta para ir com cuidado, dizendo: *“Nada acontece e tudo acontece. Nessa vida, Méri, nada acontece e*

³¹ Programa ‘Pesca é Notícia’: veiculado pela Rádio Vale de Tijuca até o ano de 1995. Considerado muito importante no município por se tratar de um espaço de utilidade pública, onde era permitido aos pescadores e esposas se comunicarem através das mensagens, e que foi encerrado com a desativação da torre do IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente) com a qual mantinha contato para obter informações sobre as posições dos barcos.

tudo acontece, pode tu ficar aqui e nada acontecer e pode, de repente, tudo acontecer. A gente tem que tá preparado pro nada e pro tudo. Vai com calma.”

Novamente aqui recebo de um gancheiro indicações de como agir com os mesmos, como respeitar o ritmo de suas maneiras, ações e reações e estar atenta porque poderei enfrentar, como ele diz, o tudo ou o nada. E chego a me emocionar com a profundidade do que me coloca e da atenção com que me dirige tais comentários. *‘Vai devagar, fica de olho’*, porque para o nada e para o tudo debes estar preparada. Nessa vida nada acontece e tudo acontece. Deve ser uma questão de ritmo.

Continuamos a conversa, a televisão está ligada na novela das dezenove da Rede Globo, *‘Vira Lata’* (que apresenta muitos personagens jovens, cuja trama tem a cidade de Florianópolis como cenário), *“porque Elian gosta”* - me esclarece Kalica. Mas não prestamos atenção, é como se a televisão ligada fosse parte do nosso cenário, não sendo essa uma implicação de que está sendo *‘assistida’*. Pergunto então como fica entre mãe e filho a negociação do que, e quando, assistir, ao que me esclarecem rindo:

- *Aqui, Méri, tudo ocorre na hora certa. A mãe gosta da novela da seis (18 horas: ‘Antônio Alves, o taxista’) no SBT; eu a das sete (19 horas: ‘Vira Lata’ da Globo), e assim vai passando de um canal para outro.* Diz Elian:

- *Eu gosto do Jornal do SBT, é mais... mais limpo, mais claro. A Globo só passa o que é bonitinho, o podre ela não mostra.* Completa Kalica.

- O do SBT é o do Bóris Casói? Pergunto querendo me situar.

- *É. O Bóris. Mas quando tá na novela e começa o jornal (‘Nacional’/Globo) o Paolo corre lá para dentro, pra’quela televisão preto e branco* - me esclarece rindo Kalica, e Paolo gesticula também rindo, concordando.

- A minha pesquisa é sobre isso, Kalica, sobre rádio, televisão e também sobre o que vocês, mulheres, pensam sobre quando aparece a Farra do Boi, o gancheiro farrista na televisão. Aproveito o *‘gancho’* e comento minha pesquisa.

- *É isso que vás perguntar?*, me questiona Kalica.

- *É. Resumo.*

Quando retorno para casa, Kalica, Paolo e Elian me acompanham, pois vão visitar a mãe de Kalica cuja casa fica no trajeto da minha. No caminho, Elian aponta uma antena em forma de um *“T”* deitado e diz:

- *Se queres saber quem tem PX fica de olho nessas antenas, aí vai perguntar.*

2.7. ENTREVISTAS GRAVADAS E ESCONDIDAS: ‘Olha no que dá’

Seguindo a sugestão da ‘equipe de gancheiras’, mas ao mesmo tempo querendo verificar se tinha fundamento o que me colocavam sobre não gravar nenhuma entrevista, nos primeiros contatos com as mulheres falei sobre o que pretendia e como desejava realizar as entrevistas, ao que tive a confirmação sobre a forma de escolher o caminho metodológico de coleta de informações. Ouvi das gancheiras, que concordaram em ser entrevistadas: “*Eu faço a entrevista mas nada de gravar.*” (Ana Maria) Ou “*Não vai ter nada de gravador, né?*” (Medéia, 28 anos, Canto dos Ganchos); “*Eu falo minha opinião mas não quero saber de gravação.*” (Maria) Essa manifestação de não querer gravação dos depoimentos verifiquei junto às mulheres mais jovens que compuseram, na verdade, o maior número de entrevistadas e que falariam sobre a questão da recepção/tensão da mídia em/com Ganchos.

Como havia também uma preocupação com a exposição do nome verdadeiro, combinamos que seriam utilizados nomes fictícios e solicitei às participantes que escolhessem o nome de ‘seus personagens’. Algumas sugeriam, sem maiores dificuldades, nomes imediatos, outras se mostravam na dúvida e diziam para que eu colocasse o nome que quisesse; eu sugeria nomes incomuns no lugar, nomes bíblicos ou ainda nomes da mitologia grega, sem motivo específico para tais opções a não ser o de evitar qualquer confusão colocando nomes existentes em Ganchos.

Das que escolheram seus ‘novos nomes’, algumas optaram por nomes de personagens de novelas recém terminadas, como *Pietra*, ou nomes (também) da mitologia grega, como *Medéia* e *Medusa*. Essa escolha, por exemplo, foi interessante: quando pedi a uma das informantes para escolher seu nome, ela disse: ‘*Bota o nome daquela lá que tinha os cabelos assim* (gesticula mostrando uma vasta cabeleira espetada numa alusão ao seu próprio cabelo que é volumoso) *que é parecido com o meu*’.

- Essa aí é a Medusa, digo.
- É. Isso aí. Medusa.
- Mas Medusa era a feia, a má. Medéia era a bonita, informo.
- Ah, então não. Então quero Medéia. Diz rindo.
- Então põe o meu Medusa mesmo. Interferiu outra informante que estava junto.

- Fica então Medéia e Medusa?
- É. Falam simultaneamente rindo.
- Então fica assim. Concluo.

Por outro lado, constatei que, no referente ao trabalho de memória sobre a entrada da mídia em Ganchos, rádio, televisão, e que seria feito com pessoas mais velhas, não implicando necessariamente uma opinião sobre o item 'tensão', os participantes não se importaram se seria citado, ou não, o nome verdadeiro e nem com o fato de gravar a entrevista: "*Pode gravar sim, não vou falar nada de mais, só sobre rádio e televisão.*"(Tristão, 74 anos, Canto dos Ganchos) Isolda: "*Eu também não me importo de gravar, pode também botar meu nome.*"(Isolda, 69 anos, Canto dos Ganchos)

Porém, visando a uma melhor coerência neste item metodológico, utilizo durante todo o texto nomes fictícios, independente destas duas possibilidades apresentadas em campo pelas pessoas mais jovens, que exporiam opiniões sobre a mídia, e pelos mais velhos, que rememorariam a entrada da mídia em Ganchos. Portanto, todos os nomes aqui expostos são criações minhas ou das/dos gancheiras/os que, em forma de personagens, relatam fatos, confrontos e vivências, 'objetos' de realização desta pesquisa.

Ocorreu um caso em que, mesmo utilizando nome fictício a mulher entrevistada, após conversar com seu marido sobre minha pesquisa, veio correndo à minha casa, demonstrando medo e suspeita, informando: '*O fulano não quer uma palavra, nenhuma declaração*', o que me causou surpresa e coloquei: - Mas não estou usando o nome verdadeiro, quem vai saber que 'x' é teu nome, além do mais tu só me falasse sobre o rádio. '*Não interessa, ele disse que do outro trabalho (anteriormente citado) o cara também falou que não tinha nada de mais, olha o que deu, nunca se sabe.*'

- Tudo bem, fica tranqüila que vou tirar tudo. Tentei tranquilizá-la, ao que me demonstrou ainda desconfiança, como se o fato de eu já ter as informações indicasse que poderia usá-las, independente do que havia me pedido.

- *Mas tu vás trazer mesmo pra nós ver, né? Tu vás mostrar pra nós o teu trabalho, né?*

- *Vou, pode ficar tranqüila, é só esperar pra ver como eu mesma vou trazer pessoalmente uma cópia do meu trabalho.*

Quanto à discussão sobre a tensão entre os gancheiros e a mídia, estabeleci um limite cronológico. Tendo em vista que o ápice da tentativa de acabar com a Farra do Boi ocorreu na década de oitenta (quando eu já trabalhava em Ganchos e vivenciei com eles a *'guerra civil'*), escolhi por limitar esse tempo entre 1986 e 1996, objetivando melhor selecionar as reportagens referentes ao tema proposto no projeto inicial, o qual nomeiei: "Nós, Estranhos Na Mídia".

A partir dessa limitação cronológica, me encaminhei à Fundação Catarinense de Cultura, onde pesquisei durante alguns dias todas as reportagens alusivas à Farra do Boi, que compunham o "Dossiê da Farra do Boi", dando prioridade de seleção às referentes a Farra em Ganchos; reuni com dificuldade, devido ao grande número de matérias, um arquivo de cinquenta reportagens que passei a utilizar nas entrevistas com as mulheres como forma de melhor visualizarem o que a mídia veiculou, e veicula, sobre Ganchos por ocasião da Farra.

Optei por utilizar a mídia escrita como suporte metodológico das entrevistas com as informantes por considerá-la um instrumento visual importante na rememoração dos acontecimentos da década de oitenta, ápice da campanha contra a Farra do Boi e dos confrontos em Ganchos, além da possibilidade de que as próprias pessoas poderiam ali se reconhecer e relembrar fatos, lugares e episódios significativos.

Meu procedimento era de deixar o 'arquivo das cinquenta reportagens' com as mulheres para que manuseassem, lessem e selecionassem as que mais lhe chamavam a atenção, esclarecendo que não era necessário ler todas, mas que as mesmas serviam para que, através do manuseio, escolhessem as que consideravam mais interessantes e, posteriormente, dessem suas opiniões sem serem identificadas, conforme a sua vontade, ou terem as entrevistas registradas sem a devida aquiescência. Respeitei a vontade das pessoas e gravei somente as entrevistas permitidas, sendo que na maioria das vezes o gravador não foi ligado. Desta forma, passei a utilizar o que descreverei a seguir e que chamei...

2.8. O RETORNO COM AS PESSOAS: Eu entendi o que você disse?

Como as entrevistas não foram, em sua grande maioria, gravadas me defrontei por um lado, com o fato de não poder transcrever na íntegra o que me foi dito e por

outro, com uma urgência em prestar atenção ao que me era repassado, para uma posterior rememoração das idéias expostas. Diante desta realidade, me propus ao que nomeiei ‘exercício de comunicação’, o que considerei muito justo fazer, já que meu trabalho, de certa forma, trata da comunicação. Por que não checar se estava compreendendo o que as gancheiras me falavam? O significado que estava apreendendo nas transcrições era o que elas queriam dar? Assim sendo, fiz o seguinte: À noite, tentava colocar no diário de campo da forma mais fiel possível o que havia escutado nas entrevistas, tentando rememorar cada palavra, cada expressão, cada questionamento das gancheiras. Posteriormente, solicitava às mulheres que me ouvissem no que havia escrito e se era aquilo que queriam me falar, quando falaram. Elas ouviam, comentavam e, algumas vezes, lembravam algo mais a acrescentar e aumentavam a narrativa apresentada. Comentários como: ‘*É isso aí mas ...*’ (e acrescentava algo) ou: ‘*Não é bem assim nisso*’ (e corrigia), ou ainda: ‘*Eu fiquei pensando no teu trabalho e no que falei e eu acho ...*’ (e colocava algo que antes não havia exposto).

Percebi, desta forma, que as mulheres não apenas estavam falando, mas prestando atenção no que eu verbalizava sobre o que elas haviam falado; não apenas estavam ‘dando entrevistas’, mas refletindo sobre o que diziam e querendo deixar bem claro para que seria usado o que estavam declarando. Em um de meus retornos com uma das informantes, li o que havia rememorado sobre nosso diálogo e ela, rindo, ao final me questionou:

- “*Méri, tu não tinhas mesmo um gravador escondido ali? Ficou tão direitinho como eu falei. Foi assim mesmo que falei.*” (Violeta, 27 anos, Gancho de Fora)

- Lembras que eu não tinha nada comigo, nem pasta nem bolsa, nada? - Pergunto-lhe frente a esta situação dúbia de capacidade de rememorar fielmente os fatos mesclada a uma dose de desconfiança de quem deu as informações.

- “*É verdade, não tinhas nada mesmo nas mãos. Memória boa, heim?*”
Comenta, também lembrando a ocasião

Além das entrevistas, solicitei permissão e captei imagens audiovisuais dos lugares visitados, interiores das casas, rádios, televisores, antenas parabólicas, barcos e das gancheiras em seus aspectos do cotidiano. Realizei, com as mulheres, duas sessões de ‘recepção estimulada’³², registrei uma destas ocasiões em que assistimos ao vídeo de

³² Recepção estimulada refere-se a uma técnica onde um programa televisivo, anteriormente gravado, é apresentado para as pessoas e não no seu horário de veiculação nos canais de televisão. O seu oposto refere-se a assistir a um programa no seu horário normal e chama-se ‘recepção natural’.

um documentário produzido por Zeca Nunes Pires/UFSC, intitulado ‘Farra do Boi: o documentário’, que mostra imagens de Ganchos no contexto farrista. Havia também aqui preocupação das gancheiras com a forma como eu iria filmá-las. Foram comuns diálogos do tipo que tive com Ana Maria:

- *Vás usar isso na televisão?*

- Na televisão não, no meu trabalho de pesquisa.

- *A televisão não vai ver então?*

- Não. A gente pode passar na televisão para vermos juntas e eu posso apresentar na minha defesa da dissertação, mas não vai passar em nenhum canal de televisão.

- *Ah tá, então tá.*

Havia por parte de algumas, como podemos perceber nas exposições e questionamentos, uma confusão e uma certa apreensão de que as imagens colhidas em vídeo necessariamente seriam veiculadas em canais de televisão e que, portanto, todas as outras pessoas teriam acesso a imagens, discussões e depoimentos fornecidos, por vezes, ‘às escondidas’. Momentos em que expliquei que nem toda gravação em vídeo é feita para ser utilizada em redes de televisão para o grande público, mas pode ser veiculada em uso doméstico apenas para pequenos grupos.

Há, ainda, como podemos verificar, em alguns momentos da pesquisa, uma confusão por parte de informantes quanto ao profissional em questão. Neste caso, uma confusão entre o trabalho do jornalista e o fato de coletar informações concernentes à antropologia visual, momento em que as pessoas solicitaram um esclarecimento sobre o porquê das imagens e para que e onde seriam utilizadas.

Realizei esse trabalho de coleta de imagens sem identificá-las, pois no que se refere ao documentário, gravei apenas o fato de estarem vendo-o e registrei a discussão em torno do mesmo. No que diz respeito à captação de imagens do cotidiano feminino, pensei num roteiro de edição onde apareça uma seqüência de mãos mostrando os afazeres da mulher gancheira. Algumas me solicitaram que não queriam aparecer no meu trabalho, mas queriam que as *filmassem* para *se* verem no vídeo; realizei este desejo; quando retornava a fita para ver o resultado, enquanto eu observava a discussão, elas se observavam e teciam comentários sobre como estavam se vendo.

Esses momentos eram interessantes, pois as mulheres se *estranhavam* no vídeo, tecendo comentários sobre feições corporais e até mesmo descrença quanto à própria imagem como: ‘*Eu não acredito que sou assim*’ ou ‘*Ai, meu Deus que feia, como eu*

estou gorda’ ou *‘Essa aí sou eu, meu Deus, como a gente fica diferente!’* Desta forma ocorreram os momentos de apresentação das próprias imagens, quando riam e debochavam de si mesmas e das companheiras de vídeo.

Quanto à fotografia, importante método de narrativa sobre o outro³³, pedi autorização das pessoas e registrei imagens internas de rádio e televisão e externas sobre a disposição e negociação das antenas parabólicas no contexto do espaço estético e familiar. Após reveladas, voltei às pessoas para mostrar-lhes as fotos e pedir autorização para utilizá-las no corpo do trabalho a ser escrito. Nestas ocasiões de registro de fotos, algumas me pediram para tirar fotos que não somente as de meu interesse, por exemplo, um senhor solicitou que fotografasse seu canarinho de estimação; de um casal tirei uma foto de *pose* e uma senhora me pediu uma recordação da filha pequena.

Outro fator que contribuiu para a aceitação das pessoas ocorreu a partir de minha ida à rádio Vale Tijuca: após ter entrevistado o senhor Matias, gerente da rádio no dia 26 de julho de 1996, ele me solicitou uma entrevista sobre o meu trabalho em Ganchos, que foi ao ar num sábado. Através do rádio, aproveitei e conversei com as mulheres explicando o motivo de minha pesquisa e me referi à importância que o programa tinha segundo as próprias manifestações das/dos gancheiras/os. Como algumas mulheres escutaram a entrevista, passou a correr uma fofoca sobre este episódio e a partir daí muitas gancheiras passaram a me ver e receber de outra forma.

2.9. A CONVIVÊNCIA COM A DIFERENÇA DE RITMO: Familiares e estranhos

2.9.1. Dona de casa e intelectual: ‘Meus Deus, pra que ler tanto?’

Como já me referi anteriormente, convivíamos na mesma residência eu e um casal, ele pescador, ela dona de casa, e tal convivência se dava de forma tranquila, sendo que em alguns momentos percebi uma certa dificuldade minha em me adaptar ao ritmo

³³ Collier, Jr. John. *Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa*. São Paulo, EPU: Ed. da USP, 1973.

da família de Ganchos, como os horários definidos das refeições; era freqüente estar ‘engrenada’ em um texto ou escrevendo algo no computador e ouvir o costumeiro:

“Larga aí agora e vem comer enquanto tá quente.” (Láis)

O que era uma mostra de preocupação por parte de Láis, às vezes, naquele momento, implicava ter que perder o ‘fio da meada’ e deixar para mais tarde a tarefa de retorno. Por outro lado, outras vezes Láis é quem demonstrava espanto e não compreensão frente ao que via como excesso de leitura e trabalho ‘intelectual’ e era comum ouvir comentários como:

“Meu Deus, pra que ler tanto? Não sei como não te dá um negócio na vista.” Ou:

“É obrigado a cansar mesmo, ler tanto assim. Anda, vamos sair e dar uma voltinha.”

2.9.2. O que é essa tal Defesa?

Algumas vezes fui questionada sobre a finalidade da pesquisa e para que serviria na Universidade, se valia dinheiro ou nota e como funcionava seu procedimento. O que era, enfim, a chamada Banca. Um dia, enquanto ia com Láis para Gancho do Meio a pé, estabeleceu-se o seguinte diálogo:

Méri, tu vive falando que vais ter que defender o teu trabalho, o que é essa tal defesa?

Vai ter um dia em que eu vou ter que defender o meu trabalho, defender mesmo. Eu posso ter questões, dúvidas, ter encontrado dificuldades, mas ali, naquela hora, eu tenho que defendê-lo com unhas e dentes, como se diz.

E isso vale dinheiro?

Não. Respondi, rindo.

Vale nota então, né? Porque tanto trabalho assim.

Vale, eles vão me dizer o que acharam do trabalho e vão dar sugestões para melhorar; alguns são indicados para publicação em parte ou todo o trabalho, depende da Banca.

Pois é, e que Banca é essa heim?

Banca é o seguinte: tem uma sala onde em um canto fica composta a ‘Banca’ formada por três professores que vão analisar o trabalho; no outro canto fica o aluno que vai expor o resultado da sua pesquisa e em frente fica a platéia que vai assistir à Defesa, uns para torcer pelo amigo que está ali, outros só para ver como a pessoa vai se sair e outros para fazer daquela, um ensaio da sua própria Banca.

Ah, é assim então. Deve dar um nervoso né?

Depende da pessoa.

A gente, se quiser, pode ir ver?

Pode. Eu gostaria que vocês fossem. Só não pode falar, a platéia só ‘assiste’.

Então vamos ver, se der, no dia da tua a gente vai, convida a Leiloca, a Ana Maria e vai uma turminha daqui.

Acho uma boa idéia.

2.9.3. Fogão e computador: ‘Deixa que eu faço.’

‘Salvasse?’

Láis e Manolo demonstravam também curiosidade em saber como funcionava o computador, sendo que quando eu estava escrevendo e ambos sem fazer alguma atividade, tornou-se comum um ou outro ou os dois permanecerem próximos observando o que, e como, eu escrevia e utilizava aquele aparelho. À medida que escrevia, corrigia, acrescentava, imprimia, ia explicando o funcionamento e ouvia palavras de admiração e demonstração de interesse sobre todo o processo de funcionamento do computador. Como, por vezes, eu precisava ir a Florianópolis para coletar algum material ou assistir a alguma palestra ou defesa de dissertação, ensinei à Laís como ligar o computador e deixá-lo alguns minutos ligados, o que aprendeu com facilidade, tendo em mãos um roteiro escrito dos procedimentos de ligar/desligá-lo.

Expliquei ainda ao casal que era preciso ‘salvar’ o texto que estava escrevendo para não incorrer no perigo de perdê-lo quando ocorresse queda ou falta de energia e tornou-se comum e interessante ouvir de Laís nos momentos em que eu escrevia a dissertação, enquanto ela preparava o almoço, ou de Manolo, remendando a tarrafa : - *Salvasse? Ou: - Não esquece de salvar, heim.*

Ao mesmo tempo em que trabalhava em meu texto, Laís no almoço e Manolo no remendo da tarrafa, eu me questionava sobre a situação e, por vezes, me parecia estranho estar ali fazendo um trabalho mental enquanto as outras pessoas se preocupavam com afazeres que visavam manter ordenada a rotina diária; parecia-me injusto não estar fazendo o almoço com Laís, por exemplo. Porém era corriqueiro ouvir dela: *“Deixa que isso eu faço, tu viesse aqui foi para fazer a tua pesquisa não foi para ficar lavando louça. O tempo passa rápido, daqui a pouco tu vê e não fizesse nada do que tinhas que fazer, não vai cuidar do teu trabalho não.”*

No entanto, não me sentia à vontade nessa situação e dividia com Laís os afazeres domésticos como fazer comida, varrer casa, lavar a louça, comprar alimentos e produtos de limpeza, enfim, tudo o que é necessário e atribuído a uma dona de casa. Quando Laís me via lavando louça, por exemplo, costumava comentar: *“Mas que coisa, não”*, ao que eu retrucava, para amenizar meu sentimento de culpa por não participar integralmente de sua rotina: eu estou só dando uma lavadinha.

Participar do dia-a-dia doméstico não era só uma forma de sentir menos culpa, mas uma tentativa de me colocar do outro lado, ou seja, de quem faz deste movimento diário, entre roupas, louças, limpeza, o seu cotidiano³⁴. Nesses momentos, a água funcionava como uma terapia; a busca por dar conta do trabalho diário provocava uma sensação de ‘viagem’, o manuseio da panela, um meio de transporte para uma dimensão onde não se pensa, apenas se viaja no brilho que vai aumentando com o frenético movimento de esfregar, arear, limpar. Quando se ‘aterriça’ o que se tinha que fazer está pronto.

Recordo aqui o que me falou uma idosa quando a questioneei sobre o que fazia para tornar o seu dia-a-dia menos difícil. O que hoje se denomina de cantoterapia já acompanha as gancheiras desde tempos ‘antigos’, quando ainda não havia o rádio para preencher de ruído o cotidiano feminino: *“Não dizem que quem canta seus males espanta, pois então, a gente cantava. Ia pro cafizero, lavar a roupa na fonte, apanhar vassoura... lascava e cantava. Cantava que se acabava. Ariar panela também é bom,*

³⁴ Fico me questionando se é possível esse desprendimento total do lado ‘de cá’ para o ‘de lá’; se a história pessoal, o ritmo dos gestos e movimentos, a expectativa do que se faz e por que se faz sendo totalmente diferentes não provocariam formas diversas de sentir e de perceber esse fazer diário. Desta forma, a invenção do cotidiano, conforme coloca Certeau, só é possível viver os que estão ali inseridos, mas possível de compreensão penso que nem aos que ali estão nem ao intérprete do que ali se passa.

minha filha, descarrega tudo que é ruim.” (Viçosa, 85 anos, Canto dos Ganchos).
Interessantes lições estas que os ‘de lá’ nos ensinam.

2.9.4. Silêncio: É bom para dormir - e também para trabalhar (intelectualmente falando)

Se a ‘cena’ do dia compunha-se de um único cenário, a cozinha de uma pequena casa de madeira (que havia sido originalmente um depósito de farinha), com uma dona de casa fazendo o almoço, um pescador remendando a tarrafa e uma intelectual digitando frenética o computador, cada qual ‘dando conta’ do que lhe era atribuído, com a chegada da noite os dois primeiros personagens se preparavam para o merecido descanso enquanto que a intelectual, ainda frenética, continuava trabalhando...

À noite assistíamos ao ‘Jornal Nacional’ seguido de um capítulo do ‘Rei do Gado’ e do programa que fosse posterior à novela, dependendo se fosse ‘*bom ou chato*’- classificação comum que se ouve ‘lá’ sobre os programas de televisão que os canais veiculam após as novelas das oito, principalmente no que se refere à Rede Globo que, neste horário, é mais assistida em relação a outros canais - ou em casa, ou na casa da mãe de Laís, ou na casa de alguma outra família.

Durante a pesquisa, e após me afastar de Ganchos em dezembro de 1996 para iniciar a escrita da dissertação, fiz o que não é um hábito meu: acompanhei até o fim (fevereiro de 1997) a novela ‘O Rei do Gado’. E, nesse acompanhamento, retornei várias vezes a Ganchos para observar como as pessoas estavam assistindo ao desenrolar da trama.

Na ‘hora de dormir’, nova diferença: o casal se prepara para se recolher, pois é tarde da noite e amanhã se acorda cedo enquanto que eu, ao contrário, me organizo para ‘trabalhar’ um pouco: preparo um chazinho, faço as anotações no diário de campo, pego um livro ou, dependendo da inspiração, o computador, e mais uma vez estranho o fato de estar fazendo ruídos no silêncio da noite enquanto que os demais que convivem neste mesmo local querem a calma noturna apenas para amar, descansar, dormir, etc, etc...

CAPÍTULO III

A MÍDIA EM GANCHOS

“Naquele capítulo de ontem da novela eu chorei. Chorei porque dali eu fui pensar nos pescadores quando bate algum navio neles ou acontece algo. Nadam, nadam, nadam até chegar numa praia, meu Deus...ou nunca chegam, como a gente sabe. Daí eu não agüentei. Eu chorei.”

Nanci, 65 anos. Filha, esposa e mãe de pescador.
Canto dos Ganchos, 28.09.96

A imagem e o vivido

Acordava cedo e me surpreendi inicialmente. Não sei se antes não ‘ouvira’ o que sempre estava lá ou é de agora que uma de minhas vizinhas em Canto dos Ganchos (que tem uma filha pequena) está com a televisão ligada pela manhã enquanto que de outra casa vem o som do rádio. Alguns dias acordava ouvindo esses barulhos, pois lá as casas são muito próximas e como a minha fica num terreno em nível mais baixo ouço bem os sons.

Observava e participava da dinâmica do privado, das atividades caseiras acompanhadas da programação televisiva e do som do rádio: arrumar a mesa para o café, lavar louça e roupa, fazer compras, preparar o almoço. Enquanto eu e Laís nos

ocupávamos com os afazeres da casa, o seu esposo que estava *em casa*, pois era ‘parada do camarão’¹, ligava a televisão e a assistia por alguns minutos antes de sair para a rua, quando a desligava e ficávamos nós duas que, como em alguns dias estávamos com o ‘serviço atrasado’, não parávamos para assistir à programação da telinha nem o desfecho do ‘Vale a Pena Ver de Novo’. Ao contrário da noite, quando a televisão novamente era ligada e assistíamos ao ‘Jornal Nacional’ e a novela das oito (Explode Coração/Globo). Percebia que nos dias em que o casal saía e eu ficava sozinha, a casa permanecia num silêncio intelectual de concentração e leitura.

No início de meu trabalho de campo, em uma das noites de acompanhamento da ‘recepção natural’, assisti à televisão na casa de uma família, no horário entre o ‘Jornal Nacional’ e a novela das oito (‘O Rei do Gado’/Globo). Durante o ‘Jornal Nacional’, as pessoas prestavam pouca atenção às notícias, a não ser que alguma chamasse mais a atenção, quando se ouvia o ‘escuta, escuta’, constituindo-se mais num momento para conversar sobre assuntos do lugar, como a festa do final de semana, de São Pedro/Padroeiro dos Pescadores (29/06), como as pessoas tinham se comportado e o que tinha acontecido. Quando começou a novela, apuramação dos corpos e a seguinte pergunta me foi dirigida:

- *Tás vendo essa novela?*(Dandara)
- Não, não estou conseguindo ver. Vi só alguns capítulos.
- *Isso é que é novela linda.* Comenta Dandara, enfatizando o quanto está apreciando esta novela recém-estreada na Globo.

Dali para frente a atenção foi para a novela, permeada de comentários sobre os personagens, acontecimentos, paisagens e trama que os capítulos já apresentaram: “*Essa novela é linda, fala da vida dos italianos, uma coisa antiga sabe, é linda*”; “*e trabalha só gente boa, o Tarcísio Meira, a Eva Vilma, a Vera Fischer, o Antônio Fagundes. É a primeira fase da novela, deve ser a melhor parte, né, a paisagem é linda*” (Dandara).

Devo aqui registrar que não costumo assistir à televisão, porque não tenho essa preferência acirrada e nem paciência de ficar ali sentada - ‘assistindo’. O que aconteceu com isso é que no início da pesquisa tentei me inteirar sobre o que estava *passando* nos

¹ Parada do camarão: período que visa à preservação desta espécie e consiste numa pausa na sua captura. Os técnicos da área pesqueira chamam-no ‘defeso’, que se estende de 15 de fevereiro a 15 de maio e abrange da costa do Rio de Janeiro à costa do Rio Grande do Sul.

canais mais assistidos e passei a perceber o que se denomina no mundo da mídia de zapear (passar de um canal para outro com o controle remoto, podendo assim escolher um programa sem perder de vista, por longo tempo, o que está passando nos outros). Confesso que em alguns momentos me via tonta com a rapidez com que trocavam de canal, embora tal mudança ocorresse entre poucos canais, geralmente Globo e SBT, estendendo-se em alguns momentos à Bandeirantes, Manchete, Cultura, *'depende o que tava passando'*. Para alguém que não estava habituada com os programas, diálogos como o que se segue parecem cômicos:

- Que programa é esse? - pergunto.
- *É Malhação, é só coisa de jovem, de ginástica, que passa*, informa Dandara. (Programa da Rede Globo que visa mais a um público adolescente/jovem).

Me distraio conversando e de repente uma imagem de brincadeiras infantis me chama a atenção:

- Passa esse tipo de coisa no 'Malhação'? - pergunto.
- *Ah, não. Ai já é o Castelo Rá Tim Bum* (programa infantil veiculado pela TV Cultura) *porque a Tábata* (sobrinha de sete anos) *gosta*.

Novamente, por breve momento, me distraio. Estranho uma cena policial e comento: tem reportagem durante esse programa, que interessante.

- *Ah, não, tola. Ai já é no SBT. Botei pra ver*. Ri Dandara.
- Meu Deus, para falar a verdade eu já fiquei tonta. Confesso.

Ao que ela ri de meu jeito e comenta:

- *Tens que ver mais televisão*.

Com certeza, penso, enquanto ela vai retornar para a Globo mais uma vez, pois está no horário de uma das novelas.

Alguns meses depois ... Dia 28 de setembro de 1996: Caminhando pela rua central (Hipólito de Azevedo) de Canto dos Ganchos, encontro dona Irma, 64 anos, que me pergunta sobre o abaixo-assinado pedindo o retorno do programa 'Pesca é Notícia'. Conversamos sobre os encaminhamentos do mesmo e os procedimentos necessários para que a reivindicação das mulheres se concretizasse. Nanci, 65 anos, que também faz parte

do grupo de mobilização pelo abaixo-assinado, se aproxima, perguntando com uma entonação caracteristicamente gancheira: “*O que vocês tão fazendo aíii?*”

Explicamos para Nanci o motivo da conversa e ela se mostra disposta a colaborar: “*O que precisar aí eu tô pronta pra ajudar a pegar assinatura*”. Nanci faz então uma pergunta inesperada: “*Vocês viram ontem o capítulo do Rei do Gado?*” Passamos a discutir o capítulo da noite anterior da novela, em que o personagem Bruno Mezenga, vivido pelo ator Antônio Fagundes, é encontrado pelo filho (Fábio Assunção), por seu par romântico, Luana (Patrícia Pillar), e por seu fiel empregado Zé do Araguaia (Stênio Garcia). Nanci se refere à cena como exemplo de emoção que viveu:

- *Eu sou tola mesmo, até chorei.*

- *Ah, eu não, porque eu achei que ele devia ter sido achado só pela Luana. No outro capítulo eu achei que quando Marcos e o Zé do Araguaia chegassem em casa, ela já ia tá lá com ele. Comenta dona Irma.*

- *Ah, outras também acharam isso, que devia ter sido só o Zé ou só o filho. Mas eu gostei porque foram as três pessoas que ele mais ama que encontraram ele. E eu chorei porque dali eu fui pensar nos pescadores quando bate um navio neles ou acontece algo. Nadam, nadam, nadam até chegar numa praia, meu Deus ... ou nunca chegam, como a gente sabe. Daí eu não agüentei, eu chorei. Confessa dona Nanci.*

- Mas a senhora chorou por causa do Bruno? Provoco.

- *Nãooo* (o seu ‘não’ traz uma entonação de quem afirma que por este motivo/personagem não choraria), *chorei porque dali eu fui pensar nos nossos pescadores que nadam, nadam e morrem por aí. E o governo ‘nada’.* Completa com ar triste e indignado dona Nanci.

Entre a imagem da televisão e o cotidiano vivido pelas mulheres de pescadores, dona Nanci teceu uma analogia considerando a cena em questão: o salvamento de um dos personagens da novela, Bruno Mezenga, que, após vários dias perambulando, é encontrado desacordado à beira de um rio. O elemento água presente na imagem suscitou, segundo dona Nanci, uma referência aos pescadores que trabalham no mar, os quais convivem com uma possibilidade constante de naufrágio, afogamento e desaparecimento, experiências inúmeras vezes vivenciadas pelos gancheiros.

Irma e Nanci falam, quase que simultaneamente, que *‘tem que ir andando’*. Nos despedimos e fico de levar as folhas para o abaixo-assinado. Enquanto me afasto, dona

Nanci fala alto (penso: será que é para mostrar de forma proposital seu apoio ao meu retorno ou é porque minha pesquisa pode colaborar para mostrar a importância do Programa em questão, ou é uma ‘negociação’ entre os dois?): - “Ó, quando quiser aparece lá em casa, heim.”

Nanci, como mulher ‘em terra’, nos resume uma das reações que a televisão desencadeia: a emoção. De uma cena inicialmente ensaiada nos *sets* de filmagem, o ator transmite ao telespectador um momento que, ao mesmo tempo em que está fora de sua vida, mexe com ela, provoca, instiga e remete ao distante, ao longínquo, ao homem do mar. E ela chora. Chora porque de repente o personagem Bruno de ‘O Rei do Gado’ transforma-se em seu filho, marido, pai, em um pescador que nadou, nadou e conseguiu ser salvo por pessoas que ama e estima. E mais, ela relembra aqueles que nadaram, nadaram e não conseguiram chegar a lugar nenhum, não surgiu ninguém que os salvasse. Por isso a mulher de pescador chora numa cena em que os atores vibram de felicidade.

Há aí uma sobreposição do tempo vivido, que é o tempo do mundo e o tempo pensado, construído sobre o tempo do mundo, que é o que faz com que eu, você, ou dona Nanci, dure. É o que Bachelard chama de ‘sobreposição temporal’. O que a mídia veicula enquanto tempo do mundo é assimilado pela mães, filhas, viúvas gancheiras num tempo intransitivo, delas, interno. Há uma duração que é a que permanece na cabeça, no coração, na lembrança; é a temporalidade do tempo que é vivo. A narrativa televisiva, ficcional, serve para pensar sobre a narrativa biográfica, de criação própria, da vida cotidiana, real.

A leitura de dona Nanci da imagem veiculada em uma das cenas da novela ‘O Rei do Gado’ remete aos muitos casos de viúvas verdadeiras². Quando ocorrem naufrágios, torna-se comum surgirem rumores na comunidade sobre o possível paradeiro dos homens: ‘Parece que o marido da fulana foi visto lá em Ceará’; ou ‘Disseram que foi um navio alemão que bateu neles e levou eles pra trabalhar como escravos lá no estrangeiro, disseram né, ninguém sabe’. E com rumores deste tipo as mulheres vão alimentando uma esperança que as faz conseguir um dinheiro que não têm para ir longe, lá onde nunca imaginaram ir, ao Ceará por exemplo, ver se encontram algum sinal do marido. É difícil ouvir de uma senhora: “Até hoje quando eu escuto algum barulho de madrugada corro até a janela porque pode ser o Zé que tá voltando, até hoje porque se

² Aqui consigo compreender por que ao questioná-las sobre o fato de serem ‘viúvas de marido vivo’, me demonstraram aversão e discordaram totalmente. Que insensibilidade a minha que não conseguia ver que para elas há sim, a (in)certeza diária de vir a ser uma viúva ‘de verdade’.

a gente tivesse enterrado, mas não. Não dá pra esquecer. A gente vive daquela esperança de que a qualquer hora ele pode voltar.” (Noêmia, 75 anos, cujo filho desapareceu no carnaval de 1987) Fala, enquanto uma lágrima, de quem aprendeu a chorar baixinho, escorre por um lado da face vincada pelo sofrimento de quem espera, simultânea à tentativa de uma mão trêmula em disfarçá-la.

A matéria (que é o vivido, o que existia, real) some, se esvai, se esgota, mas continua presente em pensamento e em forma de esperança cotidiana, pois se não foi permitido a essas mulheres viverem o luto e enterrarem seus mortos, há uma contínua possibilidade de ‘ele’ estar vivo em algum lugar, há uma temporalidade existencial que a duração não deixa apagar, faz *permanecer*.

Se há, em alguns momentos, emoção com uma identificação assim profunda com os personagens quando as imagens televisivas vêm ao encontro do vivido, em outros momentos, o que a televisão provoca são reações de insatisfação e incredulidade com as cenas veiculadas, consideradas como absurdas, levando a questionamentos como: “*O que será que os de lá que fazem novela pensam? Que a gente é tudo burro?*” (Dandara) Tais comentários ocorrem quando cenas que a televisão mostra contrastam com o que pretende-se que as mesmas simbolizem.

Um exemplo que provocou risos e comentários alusivos ao incoerente pode ser ilustrado com um dos capítulos finais da novela ‘Vira Lata’, veiculada pela Rede Globo em 1996, que tinha Florianópolis como cenário e onde um dos personagens centrais da trama, Lenin, vivido pelo ator Humberto Martins, morre. Enquanto assistíamos ao capítulo final da novela, Laís e Manolo demonstram considerar engraçada a cena, que quer ser dramática, da morte do personagem citado. Riem enquanto vão comentando:

- *Assim que tá morrendo?* Na tela, um Lenin seriamente doente apóia, sozinho, o braço na cama para melhor ver a paisagem do local e ‘se despedir’ antes de morrer.

- *É. E olha só a cor dele.* Complementa Manolo.

Bronzeado, vermelho. Isso aí é doente? Ora, ora. Resmungo, inconformada, Laís. E acrescenta: *Deviam, pelo menos, ter feito uma maquilagem nele, né?* Comenta se dirigindo a mim.

Como quero manter uma certa ‘neutralidade’, apenas resmungo: - Humrum.

É, é. Assim que tá morrendo? Encerra Manolo que se levanta com Laís para jantarem.

Aqui, como em outros momentos, pude observar o que constatou Leal, 1986³, em seu trabalho em uma Vila na região de Porto Alegre, em que havia também uma descrença, quase absoluta, na autoridade da narração televisiva: *“A novela é ... onde se organizam e se resolvem afetos de personagens junto a um público que encontra, nas intimidades e nas soluções oferecidas pelas imagens, diferentes níveis de gratificação”*(p.49). O que antes causava impacto e vendia sem muitos retoques, onze anos após a pesquisa realizada por Leal, para ser considerado bom, terá que ter pelo menos *‘uma maquilagem’* para compor uma imagem e significar o que se intenciona transmitir.

Como se referiu Laís durante uma noite em que jantávamos, os *“tempos e as pessoas mudaram, antes era tudo mais tolo.”* Aqui Laís se refere ao impacto inicial que a entrada da televisão ocasionou em Ganchos lá pela década de sessenta: *“Quando chegou a televisão aqui, até parava para ver, a novela era sagrada, até jantava mais cedo. Hoje não. Eu gosto de ver aquela novela da tarde ‘Vale a Pena Ver de Novo’. Quando eu não tenho nada para fazer eu vejo, senão não vejo. Não é mais aquela coisa. Antes no seu Pedro era cobrado para ver televisão, era igual a um cinema ...”*(Laís)

Tempo de lazer

Em muitos momentos fui surpreendida: em vez de encontrar pessoas sentadas e atentas, o que verifiquei foi a televisão ligada diante de telespectadores que demonstravam um total descontentamento com o que o autor da novela ia apresentando de forma lenta e arrastada. A mesma pessoa que no final da semana de estréia da novela havia comentado: *“Isso é que é novela linda”* (Dandara, em junho/96), quando lá retornei na última semana da novela ‘O Rei do Gado’, na apresentação dos capítulos finais, me dizia: *“Oh, novela bem ruim essa, não tem mais o que enrolar. Meus Deus, só nós mesmo para agüentar.”* (Dandara, em fevereiro/97)

Dandara não era a única. Quando pensei que iríamos sentar para assistir a um dos cinco últimos capítulos, Laís me surpreende:

³ Ver Leal, Ondina Fachel.op. cit.

“Vamos dar uma volta vamos, não tem saco que agüente essa novela, ela termina e a Luana ainda não aprendeu a falar direito. Vamos andar, vamos.”

Em outro momento encontro Afrodite, 29 anos, Canto dos Ganchos, na rua e ela me pergunta:

Visse o que o ‘Casseta e Planeta’ (programa humorístico veiculado pela Rede Globo) falou final do ano?

Não. Respondo.

Da chatice do ‘Rei do Gado’.

Ah é, falou o quê? Me interessa.

‘Diferente da novela o ‘Rei do Gado’, o ano está terminando’. Já visse que enrolação tá essa novela?’

Observei, nas informantes, mudança na opinião sobre a novela à medida em que a mesma transcorria. Aqui percebi também uma situação em que, embora a novela não estivesse agradando, a maioria das pessoas continuava assistindo-a como uma forma, parece-me, de não perder o tempo investido na mesma. Afirmções como *‘agora vou ver até o fim’* ou *‘quero ver o que vai dar’* demonstravam que, em algumas situações, mesmo não apreciando o que o autor vai desenvolvendo na tela, permanecem sintonizados para constatar o que acontecerá no *fim* tão aguardado. O fundamento desta atitude está em justificar o tempo investido nesta atividade, que consiste numa forma de lazer em Ganchos, já que não existem outras alternativas neste sentido, como apontaram as informantes: *‘Aqui não tem nada, não tem cinema, shopping, é só a televisão’*.

Porém, há uma ressalva neste interim, o que é no entender de Dumazedier⁴, *“essencialmente um lazer familiar ou gozado na companhia de amigos”*, para as informantes é, em muitos momentos, mais do que simples distração, já que a televisão deslança memórias muito profundas; é capaz de fazer pensar em pessoas próximas que morreram mas não foram enterradas, nem física nem simbolicamente, podendo provocar lágrimas.

⁴ Dumazedier, Joffre. Lazer e cultura popular. São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 192.

Entre imaginar a cena e ver a imagem - a televisão

Com as informações que Lais havia me repassado sobre o início da relação gancheiros/televisão, fui procurar as pessoas citadas e envolvidas naquele momento de contato inicial com a imagem televisiva para verificar como havia se dado esse contato e também se o modo de recepção da televisão mudou muito com o passar do tempo. Uma das primeiras que procurei foi o senhor Pedro, 78 anos, Canto dos Ganchos, ‘dono do cinema’. Depois de perguntar, em pé, na porta de sua casa, enquanto ele consertava um despertador antigo, os costumeiros ‘como está’, ‘o que anda fazendo’, ‘como tem passado’, ‘ataquei’ no tópico que queria: - Seu Pedro, eu ouvi dizer que o senhor cobrava ingresso para o pessoal assistir à televisão aqui. Isso aconteceu? Pergunto a ele.

- *É verdade.* Ri seu Pedro.
- Dá pro senhor me contar um pouco disso?
- *Pra que tu queres saber disso agora?* Pergunta, rindo, antes de me falar algo.
- Porque estou fazendo uma pesquisa aqui e uma das partes é sobre quando entrou a televisão, o rádio, a antena parabólica em Ganchos. E fiquei sabendo disso e queria ouvir mais do senhor, que era o dono do salão onde o pessoal vinha assistir à televisão.
- *É verdade. Senta, Méri* (convida me dando ‘sinal verde’ para prosseguir). *Eu tinha esse salão aí. Quase ninguém tinha televisão, aí eu botei uma televisão e cobrava pra quem queria ver.*
- E o pessoal pagava?
- *Pagava.* Responde rindo com a lembrança do fato.
- Só porque queria ver a televisão?
- *Era. Era como os cinema de hoje, eu cobrava e o pessoal vinha ver. Enchia.*
- Mas o pessoal pagava todo dia? Não era muito caro?
- *Não. Era só uns trocadinhos. Que naquele tempo não era o real né, era réis. Nem lembro mais quantos réis eram cobrados. Depois, aos poucos, as pessoas foram comprando televisão e cada um foi tendo a sua.*

À informação de Lais e do senhor Pedro, acrescento o relato de Joseli, 47 anos, Canto dos Ganchos, que relembra com saudades o tempo de ‘imaginar’ com o rádio, mas sem negar o fascínio que a *imagem* da televisão causou, acontecimento que não foi superado nem pela chegada da antena parabólica nem pelos atuais e rápidos computadores:

Quando entrou aqui a televisão ela alterou todo o cotidiano. Lógico, era uma coisa nova, né, era um objeto estranho, uma coisa estranha, eu não sei se era só aqui. Eu já tenho observado a entrada do computador⁵, não tem sido o mesmo. Era para atrair mais, não sei se porque eles (os mais jovens) já têm conhecimento. A televisão foi diferente, eu acho que era porque o objeto, por isso eu gostei do teu 'estranho' (se refere ao título do meu projeto de dissertação que leu e discutiu comigo) porque o objeto em si, o computador, não é uma coisa 'estranha' quanto foi a televisão.

- Na época da entrada? Interfiro.

- É, porque a televisão já trouxe a imagem, aí é diferente, né?

Concordo com um 'anhram' próprio de quem assente, mas quer que o outro continue falando. E ela continua...

- *A gente tava acostumada só com o som do rádio e a televisão trouxe a imagem ... a entrada da televisão foi terrível, mesmo, como diz a menina ali (se refere ao que leu em meu projeto de dissertação de mestrado). Eu tinha as meninas pequenas, então, vamos supor, há 29 anos atrás. 29 anos atrás é que veio a luz, aí 28 anos atrás é que entrou a televisão. Aí bem pouca gente tinha, no caso o seu Tininho, depois Júlio comprou. E na família da minha sogra ninguém tinha, só o Júlio. Então a família inteirinha ia pra lá. Aí na porta era aquela disputa de sandália, todo mundo se perdia, era uma loucura, né, a casa lotava. Dava umas 50 pessoas; então era disputado lugar, tinha que arredar sofá, nós sentava perto, no chão, como se fosse um cinema. Toda noite era isso. Entendesse?*

- Anhram.

Dona Joana, 63 anos, 'nascida, criada' e que mora em Fazenda da Armação, também relembra cenas que vão ao encontro do que Joseli expôs:

Tinha dia de ter 72 pessoas dentro de casa e tinha desse tamanho aí ó. Diz, apontando uma criança de aproximadamente 6 anos.

A senhora chegava a contar? Sabia quantos tinha? Pergunto impressionada com a exatidão dos 72.

Contava só pra ver. De tanto que tinha...

⁵ Joseli afirma, durante o diálogo, que o computador não causou tanto impacto pelo fato de ser a televisão o que trouxe o objeto diferente. Acostumados a ouvir e imaginar com o rádio surgiu um aparelho que possuía uma tela de onde saíam imagens prontas. Joseli compara a tela do computador a uma tela de televisão, portanto sem ser provocadora de impacto, diferenciada apenas pelo tipo de utilização, sendo que atualmente em Ganchos poucas pessoas possuem computadores.

...E a gente viu 'Mulheres de Areia', 'Pé de Laranja Lima', 'Cavalo de Aço', 'Irmãos Coragem', isso na televisão. No rádio foi sucesso 'O Direito de Nascer'. Complementa.

E Joseli continua narrando suas memórias:

Nessa época passou 'A Cabana do Pai Tomás', 'A Ponte dos Suspiros' que foi um sucesso muito grande, e aí todo mundo se admirava que era uma coisa fantástica, já era diferente, acostumada com a novela no rádio; a gente pegava aqui as novela no rádio, Rádio Teatro, Rádio Diário da Manhã, Rádio Tupi do Rio, de São Paulo, sei lá. Então a gente só imaginava eles falando tudo e ficava na cabeça criando as imagens. Era bonito por isso, a gente imaginava quando estava no bosque, a gente se transportava e aí ficou fantástico porque aquilo tudo já ficou vendo na imagem... era um cinema, só dois ou três tinha, então quem não tinha enchia a casa. As sandálias ficavam na porta, tinha gente na sala, na janela, na rua e depois dava uma guerra de sandália (risos), tomar água então, quando dava sede em um tudo se levantava. Tu colocasses aqui (no projeto) que a entrada dela não alterou o cotidiano, mas alterou, porque tinha gente que deixava de fazer, sei lá, por exemplo: eu deixava de ficar em casa na minha novelinha (de rádio) ou no meu tricô, no meu crochê pra ir lá assistir uma coisa que é diferente. E isso aí durou até quem não tinha poder comprar a sua televisão.

Segundo Joseli e outros informantes, e conforme constatei nas observações *in loco* nos anos em que trabalhei em Ganchos, só um acontecimento a chegada da televisão não conseguiu superar ou modificar a tradição de sua realização no cotidiano gancheiro: Ela não tirou o espaço da Farra do Boi, entendesse? Que era uma coisa muito forte e que ficou. No caso, a televisão era uma coisa nova, mas só que não tirou aquele espaço. Por exemplo: podia passar um filme de Cristo na Sexta Feira Santa que todo mundo ia deixar de ver pra ir atrás da Farra do Boi, então ela não tirou aquele espaço. Ela atrapalhou o cotidiano, mas não nessa coisa aqui da Farra do Boi.

Como podemos constatar na fala de Joseli, as novidades surpreendem, agitam, mexem, alteram o cotidiano gancheiro até um determinado ponto em que são acomodadas e passam a fazer parte do ritmo próprio da tradição que Ganchos mantém

de se relacionar, desde muito, com o Estrangeiro, com o novo. Rádio, televisão, antena parabólica, carros, telefones celulares (agora se introduzindo lá) chegam, causam o *fru-fru* inerente ao que é novo - considerando-se que vivenciamos sob a influência do que Lipovetsky⁶, nomina “*imperativo industrial do novo*” - e, passada a surpresa, tornam-se conhecidos do dia-a-dia e são colocados no seu ‘devido lugar’. A estas novidades é permitida a entrada e convivência em/com Ganchos; só não lhes é dado tirar o lugar, o espaço e o centro das agitações: sem ser nova, a tradicional, porém ainda atual, Farra do Boi.

Como foi possível verificar nos depoimentos anteriormente citados, a televisão foi a grande provocadora de impacto. Um impacto que ‘*trouxe uma imagem pronta*’, inicialmente em preto e branco e que, após ter como subterfúgio de coloração pedaços de papel celofane verdes ou azuis dispostos na tela ‘*para dar outra cor*’, se fez ela própria fastasticamente colorida.

Há de se fazer aqui uma breve diferenciação entre a televisão ‘antigamente’ e a televisão atual. Inicialmente, dizem as pessoas, o que a televisão trouxe de mais novo foi o impacto da imagem, viram transformadas em movimentos ‘reais’ cenas antes apenas imaginadas; a trama era acompanhada com emoção, e ator se confundia com personagem, vistos como um só, ser humano e personagem criado. A alteração no cotidiano se restringia a cumprir os afazeres domésticos mais rápido para conseguir acompanhar, no horário ‘nacional’, o desenrolar da novela.

Hoje a televisão traz uma influência que interfere nas compras, modas, tipos de cabelos e de comportamentos, uma vez que insere rapidamente no cotidiano gírias e expressões, roupas de *griffe* ou de ‘*etiqueta*’ em princípio totalmente desconhecidas; influência esta que pode, no entanto, ser relativizada, como poderemos perceber nos exemplos citados mais abaixo, onde a mesma não é assim tão acrítica. Os telespectadores assistem às novelas observando a atuação do ator e diferenciando-o do papel que representa; já não há mais tanto de ingênuo e o drama é acompanhado com uma certa distância entre o real e o fictício. Se ‘antigamente’ a televisão também veiculava publicidade sobre alguns produtos, as dificuldades de acesso e as distâncias permitiam a muitos sonharem e a poucos consegui-los. Hoje, a rapidez dos transportes e a facilidade de ir e vir *à/da cidade* permitem que, em pouco tempo, muitas pessoas obtenham o objeto de desejo visto na tela colorida e sedutora da televisão.

⁶ Lipovetsky, Gilles. O império do efêmero. São Paulo: Companhia das Letras. 1991, p. 162.

O cotidiano e a televisão

O que Laís falou anteriormente sobre a questão do ‘ter tempo’, ou não tê-lo, para assistir à televisão é confirmado por outras mulheres quando relatam seu cotidiano e referem-se ao lugar da mídia no mesmo. É aqui que fazem a diferenciação entre ‘*serviço adiantado*’ e ‘*serviço atrasado*’, ou seja, o essencial do dia-a-dia da mulher de pescador é ‘*dar conta do recado*’, como nominam em alguns momentos. É deixar a casa arrumada, roupa limpa e passada, filhos encaminhados ou recebidos da escola, medicados na doença, arrumados para irem a uma missa, ou velório, ou festa.

Desta forma, assistem ao que lhes interessa, mas o que mais interessa é manter o ‘*serviço adiantado*’ de forma que o ‘assistir’ à televisão não perturbe a rotina doméstica nem deixe transparecer qualquer sinal de preguiça ou tarefa não cumprida. A mídia está presente no dia a dia? Está. Assistem à televisão? Assistem - quando dá. O que é parte da rotina é assistir à televisão à noite, quando se supõe que as atividades domésticas estarão concluídas. Com ressalva: se não tiver camarão para descascar, uma missa a ser assistida ou uma festa na comunidade.

Nesse contato diário com a mídia, a mulher de Ganchos deixa entrar em seu cotidiano o que lhe traz algum significado ou que tenha alguma importância, o que pode ser uma cena emocionada de novela ou o anúncio de alguma promoção na ‘*cidade*’ que ela andava há algum tempo esperando. Ela ‘lê’ o que é apresentado na tela e filtra para o seu dia-a-dia o que tem valia. O resto? ‘*O resto é estória que a televisão conta. É mentira*’, como elas resumem. Mas o que é mentira, o que é verdade? “*O que a gente acha que é mentira e o que a gente acha que é verdade, ora*” - simplifica, rindo, Afrodite.

Solicitadas para exemplificarem a ‘*mentira*’ na televisão, as entrevistadas preferem citar exemplos vivenciados por elas no cotidiano a ilustrar com programas ou telenovelas o que consideram como provas de que a televisão nem sempre mostra ou fala a ‘*verdade*’:

“A televisão passa uma mentirada que nunca vi. Um dia disseram que um produto de limpar vidro era só passar e o vidro brilhava. Não contei tempo, fui lá e comprei. Que mentirada. Brilhou? Nada. Televisão tem mais mentira.” (Afrodite)

“Televisão eu não gosto muito não porque é muita mentira, 80% do que passa também é o lado ruim da vida ... rádio também eu só vejo o que me interessa.” (Lola, 40 anos)

Quando se referem à ‘*mentira*’ na televisão, as entrevistadas citam como exemplo principal a publicidade veiculada em forma de propaganda de algum produto, como preço mais acessível, vantagens, melhor qualidade, o que não é verificado quando vão procurá-lo no comércio. Mostram também descrença com algumas cenas apresentadas nas novelas, onde costumam por em dúvida o que aparece na tela: ‘*Será que isso aí existe mesmo?*’ Por outro lado, acreditam nas imagens mostradas por programas de cunho policial como ‘*Aqui Agora*’ e ‘*Na Rota do Crime*’, por considerarem que as cenas apresentam fatos ocorrendo naquele momento e que, desta forma, cumprem o objetivo ao qual se propõem, ou seja, apresentam a verdade ‘*mua e crua*’.

Relacionado à questão sobre a televisão influenciando as pessoas, seja na compra de objetos, utensílios, roupas, modas ou no vocabulário, as entrevistadas apresentam três respostas centrais: influencia muito, não influencia, às vezes influencia. Deixam claro, porém, que a televisão influencia ‘*os outros*’ que se deixam envolver por propagandas e comerciais; quando falam sobre si mesmas dizem que dificilmente se influenciam e compram quando ‘*querem*’ ou ‘*estão precisando*’ comprar. Porém, mesmo verbalizando que sofrem pouca influência da televisão, ao darem exemplos citam a si próprias ou pessoas com as quais convivem:

“A mãe não pode ver propaganda de promoção. Outro dia ela foi lá e não tinha nada do que falou na televisão, ela ficou doida.” (Afrodite)

“A Lovaina comprou aquelas cortinas todas só porque viu propaganda. Pagou mais caro só pra dizer que foi naquela loja, a tola.” (Kalica)

“Eu agora comprei isso no Koerich (loja de móveis e eletrodomésticos de Florianópolis). Tava um preço bom, razoável. Vi na televisão.” (Judite, 67 anos, Canto dos Ganchos)

“A televisão influencia muito, até o modo de falar. Às vezes sai alguma gíria (por exemplo, por ocasião da novela ‘Explode Coração’, onde uma das personagens

utilizava a expressão ‘*te mete*’ que passou a ser usada pelas pessoas enquanto durou a novela), *um eletrodoméstico, as coisas de comer. As novelas influenciam demais.*” (Ana Maria)

“*Uma atriz que cortou o cabelo* (se refere aqui especificamente a uma novela onde a atriz Lídia Brondi cortou o cabelo bem curtinho), *todo mundo tá com aquele corte de cabelo* (fala dos outros, mas a alusão é a ela própria que cortou o cabelo como o da atriz). *Por que a Grandene bota as sandálias na novela?*” (Leiloca, 29 anos, Canto dos Ganchos)

Através das colocações feitas pelas entrevistadas e observando as ‘novidades’ expostas nas casas onde vivem, pude constatar que a mídia intercede na aquisição de novos bens, produtos de consumo, comportamentos e necessidades que são criadas e estimuladas de forma crescente. A televisão melhor resume este acesso às novidades pelo fato de que em Ganchos não circulam jornais a não ser os que vão por encomenda para o posto local do Banco do Estado ou alguns poucos assinantes.

Desta forma, conforme coloca Rocha⁷, a mídia é um instrumento de venda de anúncios, propaganda e publicidade mostrado dentro de casa e exposto como “*um mundo mágico, de totens, onde os animais falam e a magia é constante, onde o impossível é praticável. O anúncio cria, costura outra realidade e produz um mundo idealizado*”. Para este autor, os anúncios falam de coisas para além da verdade e da mentira, onde o efeito da ilusão é a regra do jogo⁸.

Assim sendo, satisfeita a aquisição de um ‘objeto de desejo’ (ou satisfeito o desejo através da aquisição do objeto?), surge outro e aquele primeiro já não é considerado como novidade ou tão necessário; este outro passa a ser o centro da busca pela satisfação, que, quando alcançada, será substituído por outro objeto de desejo:

“*Ah, Méri, a minha antena (parabólica) é com controle. Agora não é só antena, é antena com controle. São dois controles, o da antena e o da televisão.*” (Ane)

“*Eu quero comprar um liquidificador branco pra minha cozinha, com o tempo quero fazer tudo branco, eu*

⁷ Rocha, Everardo. *Magia e capitalismo. Um estudo antropológico da publicidade.* São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985, p. 26.

⁸ Op. cit., p. 128.

vi na televisão tudo branco, que coisa mais linda.”
(Maria)

Entre o local e o global

Televisão, rádio, antena parabólica: mídia. Meios de comunicação, meios de levar conhecimento, de provocar curiosidades, de mostrar que existes ‘outros’. Outros povos, outros costumes, outras formas de viver e de enfrentar a vida. Em alguns momentos o que a televisão apresenta provoca incredulidade, levando a perguntas do tipo ‘*Será que isso aí existe mesmo?*’ Por outro lado, algumas imagens são consideradas interessantes pelo fato de mostrarem regiões, fatos e lugares que eles não vêem como possível de algum dia conhecerem pessoalmente, daí comentários como: ‘*Que bom que tem a televisão para a gente ver esses lugares, nunca iremos lá mesmo*’.

O estranhamento do mundo entra no local, no cotidiano, através da tela televisiva, que traz imagens de um global que está lá fora, longe, impensado e inimaginável, porém possível de ser visto dentro de casa. A esse respeito, resumiu um dia Dandara, enquanto assistíamos ao programa ‘Globo Repórter’ (Rede Globo) sobre o Mar Vermelho e arredores:

*“Dizer que existe tudo isso e nós vamos morrer e não vamos conhecer nada. Quando chegar lá em cima São Pedro vai fazer a chamada:
- Até que ano estudasse minha filha?
- Até a quarta série São Pedro.
-E os teus conhecimentos?
- Só conheço o Canto (dos Ganchos) e a Farra do Boi, São Pedro. Ainda bem que nós temos a Farra do Boi, São Pedro. Mais nada.”*

Como estamos assistindo à televisão juntos, em família, seu cunhado opina:

- “Mas lá também se eles vê a nossa brincadeira (Farra do Boi) aqui vão achar diferente, vão também dizer: pô, eu não conheço isso aí.”(Manolo)

Enquanto Dandara reflete sobre a situação de estranhamento do global, da certeza de não ir ‘lá’ conhecer o outro e fazê-lo apenas através da televisão, tendo vivido

e visto só o que lhe é ‘familiar’, Manolo interfere numa alusão ao local, possível de ser visto igualmente como ‘exótico’, ou seja, eles próprios serem *estranhos* para os ‘outros’ quando também tiverem uma imagem veiculada na mídia.

Rádio: companheiro

Com tudo isso se poderia antecipada e erroneamente, concluir que o rádio perdeu lugar no cotidiano gancheiro, pois se novidades tão imagéticas lá se instalaram, o que se pode querer ainda deste meio apenas ‘áudio’? Companhia. Companhia, é assim que denominam as gancheiras. O rádio é o companheiro das atividades do dia a dia, é o que não interfere enquanto se faz (algo), pois com ele somente se ouve (algo).

É também o escandaloso que acompanha as mulheres (ou são elas que o acompanham?) no cantarolar meio desafinado que enche o ar enquanto se adianta o serviço e se dá conta das atividades que permitem, quando concluídas, geralmente apenas à noite, *assistir* à televisão. Dumazedier⁹, concorda neste aspecto, quando enfatiza a utilidade do rádio como fundo sonoro: “*O fundo sonoro oferecido pelo rádio é muito procurado pela mãe de família enquanto desempenha as tarefas domésticas*” .

“*De manhã é o rádio. À noite a televisão.*” (Isolda)

“*As mulheres trabalham o dia inteiro. Botam no rádio.*” (Leiloca)

“*O rádio sempre tem um lugarzinho.*” (Joseli)

O *lugarzinho* que o rádio tem é o de ser o companheiro diário; o que as mulheres mais apreciam são os programas musicais e os noticiários locais, que fazem parte da programação de muitas emissoras de rádio. Optam, na maioria das vezes, por rádios mais próximas, pois apresentam notícias de interesse da região e até mesmo do município, como festas comunitárias, acontecimentos religiosos e políticos, entre outros.

É um *lugarzinho* no dia-a-dia. Em Ganchos o rádio assume destaque principalmente por ter uma relação de utilidade pública¹⁰; como no programa ‘Pesca é

⁹ Op. cit., p. 192.

¹⁰ Esclareço: Até o final do ano de 1995 a rádio Vale Tijucas apresentava de segunda a sexta-feira, às 13 hs, o programa ‘Pesca é Notícia’, onde eram repassadas, pelos homens do mar, informações sobre a posição dos barcos, quantidade da pescaria capturada, depósito de dinheiro em Banco; era também onde as pessoas *em terra* faziam as homenagens de aniversários e enviavam mensagens de ‘saudade’, cumprimento pelo nascimento de um filho ou nota de falecimento de algum parente. Era a forma de, através da distância, mulheres, *em terra* e homens, *no mar*, se comunicarem.

Notícia' que, embora recém cortado, continua ligado à vida das mulheres gancheiras. Para saber mais sobre esse programa de rádio citado pelas gancheiras como o mais importante para o seu cotidiano porque permitia saber notícias dos maridos, entrevistei, em julho de 1996, o senhor Matias, gerente da rádio Vale de Tijucas¹¹, com o intuito de melhor conhecer como havia funcionado o programa 'Pesca é Notícia'. Além disto, queria informações sobre sua desativação e possibilidade de retorno. Ao perguntar ao senhor Matias que tipo de notícias poderiam ser veiculadas através do 'Pesca é Notícia' ele esclareceu:

O Programa era chamado 'A Rádio Vale na Rota dos Mares'. Eram dadas informações como localização dos barcos, como estava o tempo, o vento, o mestre do barco quem era, quantos mais tinham no barco trabalhando, isso pelos homens. Pelas mulheres: mandavam música, parabéns, quando nascia alguém em terra a família ligava para a rádio: avisa o fulano de tal que tá embarcado no barco tal que nasceu o filho dele. Então era feito um trabalho de comunicação entre o homem do mar e as pessoas em terra.

Ao questioná-lo ainda como as pessoas em terra enviavam as notícias e informações para serem comunicadas ao homens no mar, ele complementa:

Recebíamos cartas, telefonemas, visitas das pessoas aqui. Queriam conhecer a estrutura, como funcionava, já deixavam cartas, mensagens para os maridos, filhos, pais embarcados, por aí afora, todo tipo de comunicação.

Pergunto a ele: há ainda espaço para o rádio em meio a tantas novidades? Qual o lugar do rádio no dia-a-dia das pessoas?

O rádio é aquele companheiro que você tem ligado, mesmo que você esteja trabalhando ele está ligado ao seu lado. Se você está em casa trabalhando o rádio está ligado, você não precisa olhar para o rádio, você ouve o rádio e você fica ouvindo o rádio e quando dá uma notícia importante, automaticamente é chamada a atenção e você

¹¹ A rádio Vale Tijucas tem nove anos de existência; sua programação é toda dirigida à comunidade, à região. Região esta que se refere ao Vale do Itajaí e região balneária desde Itajaí até Florianópolis basicamente, passando por Governador Celso Ramos, Bombinhas, Porto Belo, Meia Praia e Itapema, as praias da Ilha de Santa Catarina. O programa que mais tinha audiência era 'Rádio Vale na Rota dos Mares', que se refere à pesca. Através de um trabalho feito com a torre do Ibama, de Itajaí, este programa funcionou até o final de 1995 (segundo entrevista com o senhor Matias, gerente da rádio, no dia 26.07.96).

ouve aquela notícia. Então ele não exige sua permanência em frente dele, ele nem exige a sua permanência muito próximo dele. Você aumenta o volume e ele fica comunicando, então ele distrai você e ele informa você, e ele instrui você e ele alegra você.

O que o senhor Matias expõe vai ao encontro do que as mulheres verbalizam. Elas, para se referirem à utilização diária do rádio e ele, para enfatizar a importância que o mesmo ainda tem, utilizam-se da expressão 'companheiro'. Para elas é o companheiro/meio de distração, de melhor 'passar o tempo', que acompanha a lavagem da roupa, o descascar do camarão, a escamação do peixe, a varreção do terreiro, enquanto que para ele é o companheiro/meio de trabalho através do qual mantém ligadas as suas ouvintes.

Como na novela 'O Rei do Gado', há um programa de rádio, aproveito a oportunidade para juntar rádio e televisão e questiono o senhor Matias como está vendo este episódio, ao que me responde reafirmando a importância do rádio e a certeza de que ele não perderá o seu espaço no cotidiano das pessoas:

É uma forma da própria televisão chamar a atenção para o rádio, a própria televisão tem a consciência desse espaço do rádio e também tem certeza de que não vai tirar esse espaço.

O término do programa ocorreu em dezembro de 1995, com a desativação da torre do Ibama em Itajaí, a qual repassava as informações necessárias para a rádio Vale, que as veiculava. Sem esta comunicação rádio/Ibama, tornou-se inviável para a primeira sua continuidade, devido ao alto investimento necessário para a sua manutenção. Frente a tais dificuldades, as mulheres se vêem, novamente, sem qualquer forma de obter notícias dos esposos, com exceção de quando eles chegam aos portos e se comunicam através de telefone.

Como poucos possuem telefone, ocorre um sistema de ajuda mútua, onde quem tem telefone permite a quem não tem receber algum telefonema em sua residência; combina-se um horário e a esposa (que não é proprietária) aguarda o telefonema do marido na casa da vizinha que oferece este tipo de ajuda. Muitos também se utilizam da telefônica local que presta este tipo de utilidade. Assim sendo, é comum chegar-se à

telefônica e encontrá-la sem a atendente. Porém, ninguém reclama; já sabem que foi chamar alguém para ‘receber ligação’.

No dia em que realizei a entrevista com o senhor Matias ele também me entrevistou ‘no ar’ para saber mais sobre a minha pesquisa e, tendo-se em consideração que algumas gancheiras ouviram o programa¹², elas se mobilizaram e me procuraram para que eu organizasse um abaixo-assinado: ‘*Tu bate as folhas e nós pegamos as assinaturas*’, com o objetivo de solicitar junto à rádio e à prefeitura municipal apoio para o retorno do programa ‘Pesca é Notícia’.

Afora a rádio Vale de Tijucas, outras AM e FM foram citadas, como a Diário da Manhã, Santa Catarina, Alegria, Guararema, Menina de Itajaí, Menina de Camboriú, Guarujá e Atlântida, entre outras. Poucas pessoas disseram não ouvir rádio. Há, porém, aqui, uma observação a ser frisada quanto a uma distinção que os gancheiros fazem entre rádio e som. ‘Não ouvir rádio’ não implica ‘não ouvir nada’.

Conversando com uma das entrevistadas, ela me diz que escuta um determinado programa todos os dias. Questiono:

- E onde fica o teu rádio, na cozinha?

Não é rádio, é som. Queres ver? (Rebeca, 34 anos, Canto dos Ganchos)

Me mostra na sala de sua casa um aparelho (que está ligado) “três em um” e acrescenta: *Só falta agora o CD.*

Para muitas mulheres, ouvir rádio refere-se a um aparelho mais antigo ou de menor porte, enquanto que *ouvir som* está ligado a aparelhos mais modernos, geralmente “três em um”, em que escutam discos, fitas e FM. A seguir, outro exemplo de sua correção sobre o que consideram rádio e o que é *som*.

Outro dia, enquanto conversava com uma das entrevistadas, observei, em cima de um armário na cozinha, um pequeno rádio ligado e comentei:

É um rádio.

É.

Antigo né?

Antigo, mas precisas ver que radinho bom. Tem esse aqui, outro lá e outro som lá. Diz apontando outros compartimentos da casa. (Nanci)

¹² Após este fato, as gancheiras passaram a me tratar de forma mais receptiva e a manterem mais contato comigo, o que até então era dificultado em decorrência do mal-entendido já citado no primeiro capítulo. Neste caso, a mídia teve sua colaboração positiva para a realização de meu trabalho.

Diante de minha admiração com um rádio tão pequeno e ao mesmo tempo tão potente, Nanci exalta de imediato a qualidade do mesmo que, embora sendo um aparelho ‘antigo’, é de grande valia e *‘ainda funciona que é uma maravilha’*. Simultâneo a essa espécie de defesa do seu objeto de posse, Nanci ainda deixa claro para mim que utiliza aquele rádio de pequeno porte na cozinha, mas que também possui um aparelho grande “três em um” maior e igualmente potente, símbolo do que é visto como moderno.

A referência que muitos fazem ao CD é uma alusão ao que atualmente é considerado o máximo de moderno em se tratando de ‘som’ em Ganchos, sendo que ainda são poucos os aparelhos deste tipo, e sua compra provoca comentários de admiração, como: *‘A fulana comprou um aparelho de som com CD e tudo pra filha’* ou *‘Fulano tem um aparelho de som completo, até CD.’*

Independente desta diferenciação que expõem entre rádio e *som*, o fato é que diariamente convivem com o som, o ruído, o barulho produzido por estes meios de comunicação que não exigem um olhar para ver o que está sendo veiculado, já que permitem à mulher, enquanto se mantém ligada aos seus afazeres cotidianos, uma plugação auditiva que lhe possibilita ouvir músicas preferidas, conhecer o que está acontecendo através dos noticiários ou ficar sabendo de alguma ‘promoção’ nos supermercados ou lojas de Florianópolis ou cidades vizinhas que, embora nem sempre sendo ‘verdadeiras’, aguçam a curiosidade e se constituem num excelente motivo para ir até lá - na *cidade* - ver e estar em contato com novidades, como uma nova batatinha frita, um conjunto de cozinha, um sofá diferente, um aparelho de som, uma televisão 29 (vinte e nove!) polegadas ou até mesmo uma reluzente e espalhafatosa antena parabólica...

Antena parabólica: novidade na praia de Ganchos

Em outubro de 1989, o senhor Albertino Tito de Oliveira, 75 anos, morador de Canto dos Ganchos e, se posso assim chamá-lo, um ‘precursor de novidades’, passeando por Florianópolis, viu em uma das lojas *“o objeto instalado e quis saber o que era. O homem falou que pegava não sei quantos canais.”* Segundo ele (o que é confirmado pelos demais moradores do lugar), a partir de sua iniciativa outras pessoas ficaram curiosas e com ‘vontade’ de ter uma antena. Após a compra do Senhor Albertino, foi

formado, em Canto dos Ganchos, um grupo com dez pessoas para o primeiro consórcio de antenas parabólicas do lugar, que funcionou como os outros tipos desta natureza, ou seja, todos pagavam parcelas mensais e uma vez por mês havia sorteio.

Assim, ano após ano, vê-se aumentar rapidamente o número de antenas no município. *“Até 1994 eu tinha o nome de todo ele que tem antena. Tinha duzentas e poucas. Deve ter mais de trezentas só aqui no Canto.”* (Sr. Albertino) Como uma espécie de ‘controle de aquisição’, e talvez por estar habituado a exercer liderança, já que até pouco tempo o Sr. Albertino era o presidente da Colônia de Pescadores Z-09, ele tomou o cuidado de anotar toda nova antena que surgia na comunidade, uma vez que a proliferação das mesmas é algo que chama a atenção não só de quem vem de fora mas dos próprios moradores. Desta forma, o foco de atenção do espaço da casa extrapola o até então definido, indo para o exterior, ou seja, o quintal, a rua e ali se instala a extensão do que se ostenta.

Ao serem entrevistadas, as pessoas expõem que o motivo da compra ocorreu devido ao fato de a televisão captar apenas um canal, no caso, a Rede Globo. A antena surge, assim, como uma solução para este problema e como opção de acesso a outros canais. Isso é o que falam em suas exposições sobre si mesmos. Sobre os ‘outros’, muitos colocam que a aquisição se deu devido ao *status* em ter-se um objeto tão caro. Poucos falam de si próprios admitindo que o motivo da compra foi pelo fato de os ‘outros terem’, como podemos verificar nos depoimentos a seguir:

“Parabólica não é luxo, é necessidade.” (Volnei)

“Eu comprei porque todo mundo tinha.” (Nestor, 25 anos, Canto dos Ganchos)

“O motivo não é só má recepção, é aquela coisa de ter. Só o fato de um ter, o outro quer ter o seu.” (Joseli)

Quando Joseli diz que a compra da antena parabólica não ocorre só pela má recepção, faz alusão aos aparelhos que podem ser utilizados ligados a uma antena, principalmente pela falta de espaço, como seria o caso, cada vez mais agravante de Ganchos. Assim, uma antena poderia ser utilizada por até dez casas, por exemplo, desde que cada qual tivesse o seu aparelho. Mas as pessoas, em grande maioria, preferem ter a

sua antena a fazer este tipo de negócio. “*Tem gente que bota em cima da casa, mas não faz isso*” (Joseli).

O exposto confirma o que Rial¹³, cita de Veblen: “*O consumo conspícuo dá conta da busca de sinais de riqueza capazes de se constituírem num meio através do qual o homem informe sua posição social privilegiada e dê mostras de poder.*” Neste caso, antena ou aparelho cumprem a mesma função (melhorar a recepção), mas só a primeira constitui-se num sinal visível de *status*.

Outros já justificam a compra da antena em vez do aparelho pelo fato de ser, praticamente, o mesmo preço¹⁴, compensando desta forma comprar diretamente a primeira: “*O aparelho custa mais do que a parabólica.*” (Volnei)

Os que possuem o aparelho ligado à antena de outra pessoa mantêm, de alguma forma, uma relação de parentesco. Este é um aspecto não-verbalizado, mas verificado na prática como requisito para este tipo de ‘ligação’: “*Não tinha espaço no terreno. Ai eu liguei o aparelho na antena da mãe*” (Ana Maria); “*O meu sogro já tinha. Não tem espaço. A gente ligou na antena dele.*” (Anita, 27 anos, Canto dos Ganchos) Desses casos, cada antena tem apenas um outro aparelho a ela sintonizado, não havendo pessoas que possuem antena parabólica servindo a mais de dois aparelhos (o próprio dono da antena e o de outro parente que não a possui).

Questionadas sobre o significado da compra da antena, responderam que implica a melhora da qualidade da recepção da televisão. Segundo as entrevistadas, a iniciativa da compra partiu mais dos homens do que das mulheres e em poucas situações foi uma iniciativa do casal. Algumas expuseram que ‘*lá uma vez ou outra a gente muda de canal, mas tá ali, se quiser a gente muda*’. Mesmo não ‘zapeando’ com grande frequência, a possibilidade de fazê-lo quando o desejarem é vista como importante.

Quanto aos motivos que desencadearam a compra deste objeto, dois ficam claros nas colocações: para os homens a oportunidade de optar pela TV Bandeirantes (esporte/jogos) e, para as mulheres, pelo SBT (Sílvio Santos). Apenas em um caso as crianças são colocadas como motivo, devido ao fato de quererem assistir outros programas infantis, além dos da Rede Globo:

¹³ Op. cit., p. 34.

¹⁴ Em setembro de 1997, o preço da antena parabólica de 1,80 metros custava R\$295,00, enquanto que a de 2,40 metros era R\$330,00. Segundo o vendedor da loja pesquisada (Tijucas), em Ganchos a preferência é pelas antenas de 2,40 metros.

“Compramos para ver outros canais. A gente só via a Globo, mais nada. Queria ver o Silvio Santos, Gugu, as novelas do SBT.” (Kalica)

“Melhorou por causa do Silvio Santos né.” (Cinira, 54 anos, Gancho do Meio)

“O meu marido quis comprar por causa do jogo.” (Yara, 32 anos, Canto dos Ganchos)

“O meu marido gosta de esportes e só pegava a Globo, e muito mal.” (Matilde, 37 anos, Canto dos Ganchos)

Com relação à preferência por canais e programas, Globo, SBT e Bandeirantes são os mais captados. Os programas preferidos são, para os homens, jogos/esportes, filmes e jornais; para as crianças, programas infantis, como ‘Castelo Ra Tim Bum’, ‘Cocoricó’ e desenho animado e, para as mulheres, Sílvia Santos, novelas, filmes, jornais e, recentemente, vem chamando a atenção das católicas¹⁵ um canal religioso chamado Rede Vida, que está no ar desde 1995 e que é assistido diariamente, de segunda a domingo.

Com a aquisição da antena e, com ela, o novo quadro de opções, surgem, segundo as gancheiras, as discordâncias devido às diferenças de preferências. Assim, quando coincidem, num mesmo horário, programas diferentes, os quais são objeto de discórdia sobre quem verá o que naquela casa, desencadeiam-se discussões e, às vezes, negociações para fazer-se uma opção. Geralmente a prioridade é dada ao marido por ele estar a maior parte do tempo no mar, tornando-se, quando está em casa, o que tem direito à preferência na escolha:

“Todo dia. É raro o dia que não dá briga, por causa do canal.” (Afrodite)

“Quando o marido tá em casa o pau quebra, ele quer uma coisa, eu quero outra... Ele já fica tanto tempo lá fora, né, aí ele vê e eu vou dormir. Ponto final.” (Anita)

“Eles querem ver uma coisa, eu outra. Eles são grande. Daí eu fico com raiva e vou brincar de lego.” (Matias, 12 anos, Canto dos Ganchos)

¹⁵ Todas as entrevistadas são da religião católica.

“A gente briga pela escolha de canais. Geralmente é novela contra futebol. Ai é par ou ímpar.” (Lise, 32 anos, Canto dos Ganchos)

“É uma brigaceira porque eles querem ver jogo, a gente novela. Aqui não tem nada né...aqui é só televisão pra se ver.” (Ane, 28 anos)

Com esse impasse na hora de optar pela preferência de quem, o que vem ocorrendo é a compra de mais aparelhos de televisão; podemos observar, em uma mesma casa, dois ou mais aparelhos. Geralmente estão distribuídos da seguinte forma: um na sala, outro na cozinha e um terceiro no quarto do casal, sendo que algumas famílias já cogitam a compra de um quarto televisor para os filhos, por exemplo. Isso não invalida o fato de que muitas pessoas têm apenas televisão em preto e branco e outras ainda que não possuem qualquer tipo de aparelho.

“Aqui não dá esse problema de briga, porque tem duas televisão. Então eu boto eles lá no quarto e fico aqui na cozinha.” (Matilde, 42 anos, Canto dos Ganchos)

“Ele vai ganhar a televisão para o quarto dele. A gente prometeu.” (Luma, 56 anos, Canto dos Ganchos)

“Quando eu estou na novela e vem o jornal que ele gosta, ele corre lá para o quarto, pra’quela televisão preto e branco que tem lá.” (Kalica)

Embora a preferência de escolha pelo canal/programa seja dada ao homem pelo fato de *‘ficar tanto tempo lá fora’*, como costumam justificar as mulheres, quando ele está em terra e chega em casa depois das atividades na rua e ela já está vendo televisão no seu canal ou programa preferido, nem sempre há essa prioridade. Cabe ao homem *‘correr’* para a outra televisão ou se resignar até acabar a novela, por exemplo, para depois passar para outro canal ou voltar para a televisão colorida, se for o caso de a outra ser em preto e branco. Há uma disputa e negociações de canais, mas também pode ocorrer o conhecido *‘eu cheguei primeiro’*, ou então aquele pedido que poucos negam: *‘Deixa só eu acabar de ver isso aqui’*.

Quanto aos programas de televisão fui buscar em Umberto Eco uma divisão, sendo que o faz em duas categorias: 1) *programas de informação, onde a televisão*

fornece enunciados a respeito de eventos que se verificam independentemente dela... podem ser políticos, do cotidiano, esportivos ou culturais (...); 2) programas de fantasia e de ficção, habitualmente denominados espetáculos, tais como dramas, comédias, óperas líricas, filmes para televisão... o telespectador exerce conscientemente a chamada suspensão da incredulidade e aceita de 'brincadeira' tomar como verdadeiro e válido aquilo que todos sabem não passar de uma construção fantástica¹⁶.

Os relatos obtidos mostram que a segunda categoria de Eco caberia como parâmetro de classificação para a preferência dos entrevistados; recai sobre os programas desta natureza a simpatia dos mesmos, independente de sexo ou idade. O que apresentasse como 'fantástico' atrai mais do que o real: *"A gente imagina mais ou menos como vai acabar, mas gosta de ter aquele suspense até o final, é uma cena mas compara com o real."* (Leiloca) *"Essas comédias são boas porque a gente ri, os que estão lá estão brincando, caem, rolam e no final a gente sabe que um ganha."* (Medéia)

Extrapolando a questão das preferências quanto aos diferentes programas, horários e canais, o que se observa durante a fala das pessoas é uma apreciação pelo que apresenta graça, comicidade e previsibilidade sobre o final, uma espécie de ilusão de controle sobre o que está pré-estabelecido. Citam, como exemplos, novelas, filmes e, especialmente, o programa Sílvio Santos, os quais são também assistidos por homens e jovens de um modo geral e chamam a atenção por apresentarem atrações que mostram-se como cômicas, jogos que implicam prêmios para quem ganha, castigos para os perdedores, situações que se caracterizam por constrangimento e absurdo para o 'ator' que a vive e risos para os telespectadores.

Tardes de domingo: entre Sílvio e Fausto

Está uma tarde preguiçosa e a vontade de dormir um pouco faz o corpo ficar mais sonolento depois do almoço dominical de canteiro/brasileiro *globalizado*: churrasco, maionese, salada, arroz *and* coca-cola. Mas, o dever me chama. Um alongamento bem feito espanta a lerdeza: direita, esquerda e lá vou eu em direção à casa de Kalica. Chego devagar, pois ela pode estar tirando o soninho de domingo, mas não.

¹⁶ Eco, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana*. 9 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, 183-4.

Está lá sentada em sua poltrona de *chenile* verde musgo, vai começar a parte que mais gosta de seu programa preferido, 'Sílvia Santos'/SBT. Chego sem causar espanto, pois já havia combinado que iria à sua casa para acompanhá-la por algumas horas nesta tarde de domingo e fico ali por cerca de quatro horas, o canal não é mudado. Diz ela que ficará ali até a noite. E eu sei que é o que acontece todos os domingos...

Continua a mesma tarde, só que já em seu final, saio da casa de Kalica e vou para a de Joseli a assistir um pouco de televisão com ela. Chamo e escuto o já conhecido: *Entra, está aberta*. Televisão ligada: Faustão/Globo. Vem comercial, Joseli muda de canal para 'ver o que está passando nos outros', passa por um, outro, nada lhe agrada, volta para o Faustão. As imagens são do boi caprichoso com Fafá de Belém cantando uma música do folclore amazônico. 'Agora a moda é isso, descobriram o folclore', comenta Joseli. Comento sobre as roupas coloridas, alusivas. Novo comercial, Joseli muda de novo para outro, fica um pouco, volta ...

Continua o domingo, anoitece e saio da casa de Joseli. Vou para outra residência, a de Dandara, onde sua família e a vizinha, que não tem antena parabólica 'ainda', vem para assistirem juntos ao quadro 'Em Nome do Amor', atração do programa Sílvia Santos. Todo domingo é assim e o canal fica ligado até encerrar o programa.

Em muitas visitas que realizei nas tardes de domingo, as televisões estavam entre Sílvia Santos e Faustão, embora isso não signifique que todos apreciem este tipo de programação: "Domingo a gente tem que engolir ou é Faustão ou Sílvia Santos, eu não sei como pode, na casa da mãe dela (sua esposa) eles vê Sílvia Santos o dia inteiro, é de manhã até fechar. Se eu vou ter parabólica pra ver o Sílvia Santos." (Manolo, não possui antena parabólica)

*Eu ia ver outra coisa. Concorda Láis, sua esposa
Eu prefiro ficar vendo desenho o dia todo do que ver
isso. Completa Manolo
Aqui (se refere a Ganchos de um modo geral) o
pessoal compra parabólica pra ver o Sílvia Santos.
Comenta Láis*

Simultaneamente esses dois comentários (que não representam a maioria das mulheres entrevistadas) sobre os programas dominicais demonstram uma crítica e aversão aos mesmos enquanto refletem a realidade que Ganchos apresenta, ou seja, a

grande maioria que aponta para uma recepção dos programas citados, especialmente Sílvio Santos, que é o preferido de muitas mulheres gancheiras, independente de idade.

Em duas das três casas, na outra as pessoas zapeavam entre SBT, Globo e Bandeirantes, que visitei na data de 07 de julho de 1996, a televisão estava sintonizada no SBT. Primeiro o quadro 'Em Nome do Amor', depois o 'Topa Tudo por Dinheiro'. Nestas casas, as pessoas não apreciam muito o 'Fantástico' nem o 'Sai de Baixo' (respectivamente jornal e programa humorístico que a Globo apresenta aos domingos à noite), então o canal '*fica no SBT*', embora possuindo antena parabólica. Uma vizinha que não possui antena parabólica vem para assistir ao 'Em Nome do Amor' em uma das casas. Diz ela:

"Eu não perco um. Já disse para a Ana (sua filha mais nova que mora com ela): depois que pagar o som que comprei pra ela, vou comprar uma antena parabólica pra mim, só por causa desse programa 'Em Nome do Amor'." (Eva, 55 anos, viúva, Canto dos Ganchos)

Pergunto por que ela gosta tanto desse quadro, ao que responde:

Acho que é porque a gente se realiza neles, todo mundo encontra um amor, todo mundo está feliz. É tão lindo! Responde com os olhos brilhando com o que me parece uma dose adolescente de emoção.

Fico nesta casa até as 23h 45 min. Quando vou embora, o canal ainda está no 'Topa Tudo por Dinheiro', já que houve um atraso na programação devido à transmissão das corridas automobilísticas, e ficará ali até o que chamam de '*fechar o canal*'.

Ressalva importante, porém, deve aqui ser feita: nem tudo o que parece ser considerado como engraçado o é e nem tudo que os programas apresentam como divertido recebe aceitação; há uma clara diferenciação entre o que chamam de '*divertido*' e o que consideram que cai no '*ridículo*'.

O tênue limite entre o divertido e o ridículo

Como um mau contador de piadas que ri antes da hora, assim são recebidos os programas ou quadros de programas que anunciam uma atração que gera expectativa e

que, ao acontecer, provoca decepções, *'não tem graça'*. Com esta situação, as pessoas apresentam uma clara distinção entre estes dois adjetivos: *divertido* e *ridículo*. Pergunto então o que é um e o que é outro, ao que me esclarecem.

Resumindo o que me explicaram, posso dizer que é considerado *divertido* aquele programa que apresenta risos, com brincadeiras, desafios, obstáculos, mas cujos participantes são necessariamente pessoas sadias, que não têm problemas de saúde, físicos ou mentais, os quais podem brincar sem se machucar e, embora vivenciando situações ridículas, não caem no *'ridículo'*.

Mas cair no ridículo como? Quero compreender melhor. Explicam:

“Um exemplo bom aconteceu há pouco no Faustão¹⁷: ele trouxe um menino, chamou de ‘Latininho’, um menino que a gente via que era doente, problemas mentais, decerto também era pobre, e o Faustão trouxe ele no programa, uma pessoa indefesa, doente, isso é botar alguém no ridículo e também cair no ridículo.” (Manolo)

“Queres ver outro exemplo, Méri: o Gugu¹⁸ que trouxe aquela família de barbados, que é isso? só pra dar ibope, pra ganhar dinheiro. Isso não se faz, é uma coisa ridícula mesmo.” (Lais)

Na revista *Veja*, de 18 de setembro de 1996, vê-se um quadro que mostra trinta pontos no Ibope dos respectivos programas. O que em princípio definiria um aumento do Ibope por chamar a atenção do público que apreciaria aquele tipo de atração ocorre pelo fato de provocar incredulidade das pessoas por verem a televisão exibir pessoas *'indefesas'* em quadros considerados *ridículos*. Ocorre uma espécie de estarecimento da pessoa e ela permanece assistindo ao programa como forma de querer comprovar sua incredulidade frente ao que a tela insiste em mostrar.

Desta forma, *ridículo* refere-se ao fato de o programa apresentar pessoas que não têm condições de se defender ou enfrentar os programas televisivos sem serem expostas por chamarem a atenção por suas deficiências ou dificuldades, enquanto que o *divertido*

¹⁷ Programa exibido dia 08 de setembro de 1996, que apresentou o menino Rafael Pereira dos Santos, 15 anos, o qual sofre de uma doença chamada Síndrome de Sechel, mede 87 centímetros, pesa 8 quilos, idade mental de 3 anos e vive num orfanato.

¹⁸ Programa de Gugu Liberato que mostrou, em 25 de agosto de 1996, os irmãos Fajardo, que sofrem de uma doença rara chamada hipertricose, faz crescer pêlos por todo o corpo, do rosto aos pés. Em seu país (México) são conhecidos como *'los peludos'*. (ver Revista *Veja*, 18.09.96. Ano 29. N.38).

implica a presença de pessoas saudáveis e em condições de competir e enfrentar situações ridículas que provocam o riso e não a piedade.

Nas entrevistas e nas visitas domiciliares percebi que a Rede Globo continua sendo uma das mais assistidas, ao lado do SBT, apesar das novas opções que a antena parabólica oferece, como Manchete, Educativa, Bandeirantes e Cultura. Ao questioná-las sobre este aspecto, uma gancheira me resumiu rápida e claramente: “*Continua a Globo, só que agora se vê bem.*” (Leiloca)

É como se houvesse um pacto de fidelidade para com a emissora em questão; já que foi a primeira a ser veiculada no lugar então não se poderia abandoná-la totalmente. Isso implica momentos em que, mesmo não apreciando o programa que está sendo transmitido, não se troca de canal, continua-se ali, na Rede Globo. Passa-se para outros canais, ora para *ver o que está passando*, e depois retornar e permanecer na Globo, ora para *mudar de canal*.

Um exemplo desse ‘esperar para mudar o canal’ vivenciei enquanto estava em casa de uma família assistindo a mais um capítulo de ‘O Rei do Gado’. No dia 02 de julho, após a novela começou outro programa, ‘Terça Nobre/Não Fuja da Raia’, e os comentários não são dos melhores:

Tolice né, não sei como fazem isso. (Dandara)

Não tem graça isso aí. (Lais)

No entanto, não se muda de canal, se permanece ali um pouco assistindo, um pouco (na maior parte do tempo) a televisão apenas ligada e nós conversando. Após dois *plim plim*, muda-se para outro canal. Agora é um filme na *Band*, enquanto se espera o horário de um programa na Manchete, que a chefe feminina da casa aprecia: “*Mostra o dia-a-dia da polícia em São Paulo, mostra tudo. É bem legal. Fica aí pra ver.*” (Dandara)

Outras vezes presenciei um fato que considerei interessante, em que o dono da casa mudava de canal sem avisar ou perguntar se quem estava assistindo queria continuar naquele canal ou mudar; como o ‘aparelho’ de sua antena ficava no quarto, quando percebiam-se chuviscos na tela já se sabia: ‘fulano’ está mudando de canal. Ficava aquela sensação estranha de não saber o final do programa ou filme, que permaneciam (para nós, da sala) inacabados.

Quanto ao horário, como se pode prever, durante o dia, manhã ou tarde, depende do período de jardim de infância ou escola, as crianças são quem assistem à televisão. Tarde, final de tarde e noite são, além dos primeiros, mulheres e homens, depende de quando estão em casa, se há programas de interesse ou, no caso masculino, se há atividades na rua com os amigos. Geralmente assistem à televisão até as 22, 23 horas, *'depende se tem coisa boa'*. No verão ficam acordados até mais tarde, mas isso não envolve aumento no tempo de assistir à televisão, já que é um período do ano em que estão mais na rua (inclusive as mulheres), nas frentes de casa e pracinhas, conversando em pequenos grupos, fazendo o que chamam de *'tomar um fresquinho'*.

Independente da preferência por certos canais, outra questão que foi colocada pelas entrevistadas refere-se ao fato de considerarem que quem detém o poder sobre os meios de comunicação, e em especial a televisão, tem amplas condições de criar uma imagem sobre uma pessoa e torná-la famosa, fazer dela um ídolo.

Em uma das noites em que realizei esta pesquisa, assistia, com uma família, a um dos capítulos da novela *'O Rei do Gado'*, da Rede Globo. Durante um dos intervalos aparece a apresentadora Xuxa, na Campanha *'Criança Esperança 96'*, e surgem as exclamações entoadas de deboche:

Olha, ela apareceu! (Dandara)

Milagre, pensei que nem ia aparecer. A vez agora é da Angélica. (Brown, 20 anos)

Tais comentários se dão em decorrência da campanha que a Globo vem fazendo para promover a apresentadora de programas infanto-juvenis Angélica; Xuxa já não aparece tanto quanto antes. Continuam:

Acabou. A Xuxa já tá sendo considerada velha. A Globo fez ela. As crianças fizeram ela. Diz que ela gosta de criança, ela aparece chorando, mentira, nem gosta de criança nada. É a imagem que fizeram dela. (Dandara)

*Mas dizem que quer ter um filho, quer ter um herdeiro para deixar tudo. Ela é mais rica que o *'Rei do Gado'*.* (Brown)

Que nada. Eles dizem assim. Mas ela não quer saber de criança nada. (Dandara)

E segue a discussão até o reinício da novela. Após, ‘Terça Nobre’, é dia de ‘Brasil Legal’, apresentado por Regina Casé, que é considerado um programa ‘legal’. E os comentários se fazem:

A Regina Casé é ótima, é simples, todo mundo se sente bem com ela. (Láís)

É um programa divertido. (Dandara)

Esse aí vale a pena ver, não é aquelas outras coisas tola que passa. (Brown, 20 anos)

Já pensou ela vir aqui um dia para gravar sobre a Farra do Boi? Provoco.

Oh, ela ia cair na Farra. Comenta Láís.

Nós íamos levar ela por tudo. Fala, rindo, Brown.

Assistimos a todo o programa, que apresentava o trabalho dos *office boys*, carteiros e pessoas que caminham. Como o anúncio do programa indicou que iria aparecer Florianópolis, havia interesse em saber o que iria mostrar e quando surgiu, por exemplo, uma praia que nunca viram, me perguntaram qual o seu nome (Barra da Lagoa); reconheceram quando apareceu o centro da cidade e o mercado público.

Embora próximo a Florianópolis, muitas são as pessoas de Ganchos que nunca visitaram as praias ou lugares mais afastados. Florianópolis é apenas a ‘cidade’ onde vão buscar compras que não conseguem em Ganchos, consultar médicos, visitar familiares quando internados em hospitais, enfim, onde se locomovem apenas para pegar, ver, visitar, levar *da cidade* o que não existe ‘lá’.

Não apenas a Campanha ‘Criança Esperança’ esteve na televisão durante a realização desta pesquisa; também outro tipo, a política, marcou sua presença, uma vez que 1996 foi um ano de eleições municipais.

Horário Político: *Desliga isso aí*

Percebi, nas casas por onde circulava, a televisão desligada no horário político ou com a tela branca quando se tratava de antena parabólica. Passei então a ficar nas casas em horários entre as novelas e a propaganda eleitoral, visando observar a passagem entre o *ligado* e o *desligado*. Em uma dessas ocasiões:

Desliga isso aí. (Kalica)
 Desligar a televisão? Provoco.
Horário político, uma chatice. (Kalica,)
Agora é aquela mentirada que enjoa. Concorda
 Paolo.

Em outra oportunidade, chego em casa quando a televisão já está desligada e não me dou conta do horário que intercala as novelas e atrações noturnas. Questiono Laís:

Televisão desligada?
É o horário político, ainda bem que tá terminando.
Oh, coisinha bem chata.

No dia seguinte, que era um sábado, teve carreata, e o movimento no lugar só se comparava a uma Farra do Boi, como eles mesmo comentaram: *‘Aqui só política e Farra do Boi para fazer o lugar ficar movimentado’* ou *‘Parece até Farra do Boi’*. Eu estava observando o agito com um grupo de mulheres que iria assistir comigo a uma fita de vídeo sobre a Farra do Boi, intitulada *‘Farra do Boi - o Documentário’* (como item já exposto no capítulo metodológico), e comentei, em meio ao barulho ensurdecedor dos fogos:

Interessante, né, no horário político é televisão desligada, agora é esse movimento todo por causa da carreata.

Ah, mas ninguém assiste o horário político porque não interessa. (Medéia, 29 anos)

Se fosse propaganda dos candidatos daqui¹⁹ todo mundo assistia pra ver o pau quebrar, mas como o que passa é dos candidatos de fora, ninguém vê. (Lais)

Todo mundo ia ver só pra ver o que um ia falar do outro. (Meduza, 28 anos, Canto dos Ganchos)

Com observações deste tipo, as mulheres reafirmam ao que assistem o que lhes interessa e que nem tudo o que assistem aceitam ou concordam. Porém, para conseguir um melhor diálogo com as mulheres, principalmente nos grupos de mulheres que organizei enquanto ‘extensionsita social’ da Epagri nos nove anos em que atuei em Ganchos, percebi que tinha que assistir às novelas e programas televisivos, se não religiosa, ao menos esporadicamente, para dialogar com elas, participar das conversas em igualdade e para entender comentários do tipo:

“Credo, que pescador feio colocaram naquela novela. Os nossos não são assim, não. Será que lá prá’quele lado eles são tão relaxados? Um homem todo barbudo, descuidado. A Globo tinha que vir saber de pescador aqui com nós. Os nossos são melhores.” (Melissa, 45 anos, Canto dos Ganchos)²⁰

Desta forma, *assistir* mais assiduamente à televisão se tornou um pré-requisito para manter uma melhor inter-relação com as mulheres, já que faz parte do cotidiano delas esse contato diário. No caso das gancheiras, além de constatar essa recepção dos programas televisivos, percebi uma constante demonstração de descrença e questionamentos quanto ao que é veiculado pela mídia. Fiquei me questionando o *porquê* se daria tal postura e fui percebendo que é na imagem que a mídia ‘vende’ sobre os mesmos que está o ponto de confronto mídia *versus* gancheiros, ou seja, é na Farra do Boi, que nem o alvoroço da chegada da televisão conseguiu desarticular, que reside o ponto de partida para que os gancheiros ponham em dúvida o que a televisão mostra.

¹⁹ Como a RBS TV criou divisões nas regiões onde é veiculada, a programação local que atualmente abrange Ganchos é a da região norte, o que causou indignação nas pessoas que teciam comentários como: “Nós não temos nada a ver com lá (Blumenau), temos muito mais com Florianópolis, não entendo por que fizeram isso”(Lais). No horário político, por exemplo, Ganchos conhecia todos os candidatos de Blumenau e região.

²⁰ Melissa se refere à novela ‘Tropicaliente’, veiculada pela Rede Globo, que apresentava pescadores do Ceará. Faz alusão, neste caso, ao personagem vivido por Hersom Capri (pescador), que formava um triângulo amoroso juntamente com Silvia Pfeifer e Victor Fasano.

A partir dessas constatações, fui buscar nas entrevistas com as gancheiras o que pensam, como vêem, como 'lêem' o que a mídia veícula por ocasião da Farra do Boi, e é essa relação de tensão/estranhamento e de questionamentos sobre uma (im)possível autoridade midiática, se posso assim nominar, que passarei a dissertar no próximo capítulo, que aborda o outro lado, ou seja, 'Ganchos na mídia' ou, na definição de uma gancheira, '*nem santos nem bárbaros*'.

CAPÍTULO IV

NEM SANTOS NEM BÁRBAROS

“Eu senti muita revolta quando li aquelas reportagens porque não é assim né. A gente não é santo mas também não é bárbaro.”
Lola, 40 anos, Canto dos Ganchos

Negociações de Identidade: ‘Eu sou de Tijucas.’

‘Eu sou de Ganchos sim, algum problema?’

‘Mas eu não sou de Ganchos, eu sou de Areias!’

Três episódios exemplificam as negociações de identidade às quais os gancheiros recorrem quando vêem sua imagem posta em jogo: os dois primeiros estão ligados, como não poderia ser esquecido, à repercussão da imagem de Ganchos enquanto reduto da Farra do Boi e ao confronto com a polícia em 1988. Ao relembrar com risos aquela ocasião, Lola a intermeia com experiências, que considera tristes, de *humilhação* às quais foi submetida por ser *gancheira*, enquanto que outras mulheres também relatam situações nas quais mentiam a identidade de seu lugar de origem devido à imagem negativa pela qual eram conhecidos através da mídia. Contam elas:

Naquela época (década de oitenta), teve um dia que eu estava com a minha filha doente. Então levei ela pra consultar lá em Florianópolis. Daí como estava demorando muito e a gente dependia de ônibus eu perguntei: Moça vai demorar muito? 'Vai um pouco, porque o médico está atrasado'. Sabe o que é, eu sou lá de Ganchos e a gente depende de ônibus. 'De Ganchos, meu Deus. Dá um jeito de botar logo esse pessoal pra dentro porque eles são violentos'. Eu me senti tão humilhada com aquilo, Méri, tanta vergonha. Daí quando eu ia em algum lugar, nos hospitais, consultórios, eu não dizia que era de Ganchos, dizia que era de Tijucas. (Lola)

Um dia eu fui no Koerich comprar e na hora de fazer o crediário eu menti, disse que era de Biguaçu. Daí a moça assim: 'Mas aqui na carteira diz que você é de Ganchos.' Eu falei: Ah, moça, é que eles se enganaram, botaram Ganchos, mas eu sou de Biguaçu. Tinha que mentir, né, porque a gente tinha vergonha da fama de violento. (Lais)

Confronto após confronto, a experiência com a polícia trouxe-lhes um revigoramento no *orgulho* próprio. Como os jornais passaram a noticiar que os gancheiros haviam enfrentado a polícia com pedras e que não tinham demonstrado qualquer medo em defender o que consideram *deles*, passaram a agir de forma a reafirmar sua identidade e, quando questionados de onde eram, a resposta vinha certa e firme: '*Sou de Ganchos sim, algum problema?*':

Eu fui ver o meu marido lá em Santos, né. Daí a moça do hotel perguntou: 'Vocês são de Ganchos né?' Eu assim: somos de Ganchos sim, algum problema? 'Não, não, lá é a terra da Farra do Boi né?' É sim e com muito orgulho. (Lola)

O terceiro episódio que fez vir à tona essa negociação de identidades foi quando, em 1995, os gancheiros tomaram conhecimento sobre a dissertação (já citada anteriormente) que discorria sobre a orientação sexual masculina e trazia entre outras, a discussão sobre práticas homossexuais. Embora o citado autor tenha criado uma classificação para explicar as diferenças de visão sobre quem é, ou deixa de ser, visto como homossexual em diferentes sociedades (sendo que em Ganchos o autor afirma que consideram apenas quem é passivo no ato); os gancheiros *leram* que o autor dizia que

todos lá ou eram homossexuais ou tinham sido traídos pelas esposas, como observaram: “*Ele diz ali que todo mundo aqui ou é veado ou é corno.*” (Volnei)

Entre o homossexualismo e a traição feminina, a confusão estava implantada. Em um dos trechos da dissertação, o autor cita o que escutou de um (jocosos) gancheiro sobre a questão da infidelidade feminina e levou para o seu texto questões delicadas que mexem com o que os gancheiros nominam ‘*sua honra*’. Uma honra que, diferente da abordada no trabalho de Fonseca, 1988, que trata de uma honra familiar, implica questionar a honra masculina, do provedor e mantenedor, da imagem máscula que tanto lhes é importante.

Com isso, as pessoas que, na ocasião, estudavam em Tijucas à noite em cursos universitários passaram a ouvir comentários do tipo ‘*de Ganchos heim, ou é corno ou é veado*’, já que o rumor sobre a dissertação e seu conteúdo chegou até aquelas paragens. Ao que os alunos respondiam sem titubear: ‘*Mas eu não sou de Ganchos, eu sou de Areias*¹’ ou ‘*Eu não sou de Ganchos, eu moro é no Jordão*’.

Agora a expectativa é para o que poderei divulgar sobre os mesmos; que imagem passará a ser veiculada com uma dissertação que trata sobre a mídia em Ganchos e sobre os gancheiros na mídia? A espera constitui-se numa vigilância constante; curiosidade em saber *o que* estava escrevendo e *para que*. Permeou todo o meu trabalho uma constante negociação entre eles e eu. Um reforço do pacto *escreve, mas mostra* trouxe uma percepção repentina, minha e deles, que antes parecia estar escondida atrás das relações e da convivência cotidiana, despercebida pela familiaridade que a negociação constante imprimia, de que eu também sou *de fora* e de que eu nunca fui, na verdade, *de lá*...

Como já explanei no capítulo II sobre o tópico referente ao terceiro episódio aqui aludido, este capítulo se voltar-se-á para a discussão a respeito das negociações de identidade com que os gancheiros ‘jogam’ no confronto experienciado da relação agonística com os ‘*de fora*’ em decorrência da tradição que alimentam e reinventam quando realizam a *estranha* Farra do Boi.

¹ Embora fazendo parte do mesmo município de Ganchos (atual Governador Celso Ramos), trata-se de comunidades diferentes e que possuem distintas ‘mídias’, se posso assim denominar. As três Areias (De Baixo, De Cima e Do Meio) recebem estes nomes por serem comunidades agrícolas, sendo que não há explicação pela escolha do nome, a não ser que remete ao fato de ser um terreno arenoso e distante do mar. Jordão também refere-se à uma comunidade agrícola. A ‘*má fama*’ nos referidos episódios pertencia a quem era de Gancho do Meio ou de Canto dos Ganchos, comunidades pesqueiras, que são consideradas pelas pessoas de Ganchos como um todo, as que fazem mais jus ao nome de ‘gancho’, ou seja, contrário ao que é pré-definido e símbolo do que tem natureza torta, portanto, ‘*se tentar endireitar quebra*’.

Tradição aqui compreendida como um evento, prática ou acontecimento que, ocorrendo no presente vai buscar no passado uma justificativa para sua continuidade, sendo que existem escolhas para o que deve ser perpetuado pela memória coletiva ou ficar no esquecimento, como forma de diferenciação frente ao global e como formação de uma identidade local. A esse respeito Flores², afirma: “A tradição é uma versão do passado que se deve ligar ao presente e ratificá-lo. O que ela oferece, na prática, é um senso de continuidade.”

As cartas dos anos oitenta

“Com o início de mais uma Semana Santa, as entidades de proteção ao animal de São Paulo e Minas Gerais vêm apelar à imprensa de Santa Catarina no sentido de nos ajudar a combater o abominável ‘festejo’ praticado por essa ocasião em cerca de 22 municípios desse Estado, onde os animais são submetidos a torturas atrozes em nome de uma tradição açoriana que, infelizmente, degenerou-se e popularizou-se entre a população catarinense...Contamos também com o valioso apoio dos leitores para que a farrá do boi, considerada como um dos mais revoltantes espetáculos de violência e selvageria, seja rápida e completamente extirpada deste Estado.” (Liga de prevenção à crueldade contra o animal, São Paulo. In: Diário Catarinense. 01.04.88/seção cartas).

“Confesso não ser propriamente o boi o que me preocupa nessa orgia de analfabetos, o animal acaba morrendo e afinal descansa. Preocupa-me, isto sim, os animais que, erguidos sobre duas patas, fazem parte do nosso cotidiano...”(Cristóvão Moreira, Florianópolis. In: Diário Catarinense. 01.04.88/seção cartas).

“Estou lendo nos jornais paulistas que essa indecência, a farrá do boi, agora está oficializada pelo governador Pedro Ivo. Lamentável. O sr. governador está a par da repercussão negativa desta ‘festa’ de tarados ‘açorianos’ no País inteiro?...Leio que tudo está sendo feito este mês com os mesmos requintes ‘açorianos’, isto é, tortura a animais indefesos. É dado o parecer governamental de se preservar a tradição. Mas que ‘tradição’?!... O que se designa de ‘Farrá do Boi’ é esquizofrenia, maldade, estupidez. Melhor fará o senhor

² Flores, Maria Bernadete Ramos. A Farrá do Boi. Palavras, sentidos, ficções. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997, p. 135.

governador extinguindo esta 'festa'...” (Luiz S. Guimarães, São Paulo. In: Diário Catarinense. 02.04.88/seção cartas).

A década de oitenta trouxe para os gancheiros uma surpreendente e difícil campanha antifarra desencada no Brasil inteiro, a partir do momento em que foi veiculada na mídia impressa e televisiva a imagem de um boi com as patas dobradas que dizia-se terem sido serradas. Santa Catarina passou a ser conhecida como único local no Brasil onde ainda se realizava este tipo de manifestação cultural. Como podemos perceber nos recortes acima expostos, seus autores nominaram os farristas dos mais diversos adjetivos e clamavam pelo urgente fim de citada Farra. E as cartas continuavam chegando, com termos cada vez mais fortes, como ‘crueldade’ e costume ‘hediondo’. Já não é uma manifestação só de brasileiros, a notícia ganha espaço no exterior:

“É com esperança que aguardamos a celebração da próxima Páscoa, contando com o trabalho de V.Sa. no sentido de ver proibida, de uma vez por todas, esse hediondo ritual, que já mereceu críticas não só de nossos compatriotas, mas até de outros países como a Sra. Brigitte Bardot (França) e da World Society for the Protection of Animals (Londres/Boston/Argentina). Essa prática ‘anormal’ só vem denegrir e enxovalhar o nome do Brasil ...”(Trecho de carta enviada a Cid Cesar de Almeida Pedroso, Secretário de Segurança Pública de Florianópolis, pela Liga de Defesa dos Animais/Rio de Janeiro, em 20 de agosto de 1987)

“Pelo amor de Deus, façam aí em Santa Catarina uma campanha para acabarem de uma vez por todas com essa crueldade chamada farra do boi!” (Rosana Francese, São Paulo. In: Diário Catarinense. 02.04.88/seção cartas).

“O país inteiro clama solidário, nesta Semana Santa, pela extinção total desse costume hediondo - Farra do Boi - que ocorre no litoral sul do Brasil” (Roberto Caieiros Jr., Petrópolis. In: diário Catarinense. 03.04.88/seção cartas).

A preocupação com a imagem civilizada do Estado e do País questionada a partir de uma imagem veiculada na mídia leva os manifestantes a apelarem para o setor religioso e o político, onde a mídia é utilizada como veículo de mobilização nacional.

Esses são apenas alguns exemplos de trechos da pasta das cinquenta reportagens utilizada nas entrevistas com as mulheres e que provocou insatisfação e até mesmo revolta pelo fato de abordar a Farra do Boi como um ato de barbárie e insanidade. Embora tenha entrevistado pessoas a favor e pessoas contra, mulheres que brincam e mulheres que não brincam na Farra do Boi, um ponto foi comum a todas: não apreciam ver Ganchos exposto na imprensa, principalmente da forma como foi em 1988, quando deu-se o maior confronto entre farristas *versus* polícia/jornalistas/os 'de fora'. As informantes comentaram sobre estas matérias:

“Eu acho que a Farra do Boi é uma tradição antiga, na qual o pessoal é fanático e cria seus filhos nesse fanatismo. Não é tão violenta assim, pelo que li até agora a polícia foi mais violenta que eles. Não que eu concorde com essa festa mas também entendo o pessoal que vive aqui. Não vai se conseguir tão rápido acabar com a Farra do Boi. Então na minha ignorância por que o Governo, junto com a Prefeitura e o povo, não investe no turismo se são os turistas que enchem as ruas com seus carros pra verem a Farra do Boi, tão falada, tão cruel, tão desumana? Esta é a hora de construírem mangueirões seguros onde a família possa ir. Nosso lugar não tem nada de lazer e o povo faz da festa um lazer.”(Ana Maria)

Ana Maria se coloca contra a Farra do Boi, mas contrária também à imagem que a mídia veicula sobre Ganchos e sobre a forma como ocorre a Farra. Aponta como saída a construção de mangueirões (cercados), verbalizando um discurso que é veiculado na televisão pelos que admitem a continuidade da Farra do Boi. Ou seja, a mesma continuaria mas, com um toque de civilização: cercada, organizada, limitada, o oposto da verdadeira Farra.

Outra informante, Violeta, também concorda com o fato de a mídia veicular imagens mentirosas sobre a Farra do Boi; enquanto fala, questiona o por quê, aponta alguns motivos para a mídia veicular notícias contrárias a Farra e justifica o fato de os gancheiros serem briguentos como parte de sua natureza:

“Eu acho que ela (mídia) é tão ruim, fala tão mal da gente. Dá vontade de esganar esses repórter que falam mentiras. Por quê? Querem ganhar dinheiro em cima da reportagem, querem ganhar dinheiro em cima de nós? Gancheiro é briguento mesmo, não pisem no calo deles, não brigam de revólver, é de pedra mesmo, é macho cho cho. É devido à força do camarão, do peixe que são assim.” (Violeta, 37 anos. Gancho de Fora)

Violeta é jocosa quando fala da mágoa que os gancheiros tem dos repórteres; o ‘macho cho’ é dito com risos e quer reforçar a identidade dos gancheiros relacionando-a à natureza com a qual estão ligados: segundo Violeta, a própria alimentação os faria fortes, másculos e brigões, qualidades que compõem uma identidade de autodefesa e enfrentamento com os ‘de fora’.

Neste sentido, também concorda Pietra, gancheira e farrista:

“As pessoas não maltratam o boi, elas brincam, normal, correm atrás do boi, jogam as coisas para chamar a atenção do boi mas tudo assim normal, não fazem maldade com o boi e eles lá na televisão inventam muito, dizem que maltratam ... eles nunca foram numa brincadeira, não foram criados como a gente. A gente foi criada nela. Então já corre no sangue essas coisas assim de Farra do Boi.” (Pietra, 26anos, Fazenda da Armação)

A respeito do que salientou Abreu Filho, 1980, sobre o sangue ser um componente da honra pessoal e familiar, em que uma de suas formas de circulação e de transmissão é o sangue, ‘que corre nas veias’. Pietra afirma ser esta uma via de continuidade da tradição gancheira já que corre hereditariamente e no *sangue*, a Farra.

Não só as farristas, como também as informantes contrárias a Farra do Boi, manifestaram sua insatisfação com o que as matérias jornalísticas veiculavam sobre a Farra:

“Não sou a favor da Farra, mas também sou contra isso que as reportagens dizem, falam do que não existe.”
(Medéia, Canto dos Ganchos)

“Eu fiquei indignada e as outras também ficaram com isso aqui (panfletos, reportagens que estavam no arquivo das cinquenta reportagens) exagero, sensacionalismo, nunca foi feito isso aqui.” (Elisa, 26 anos, Gancho de Fora)

O que mais provocou insatisfação nas gancheiras foi o fato de lerem reportagens onde se manifestavam pessoas que nunca brincaram ou viram a Farra do Boi, paulistas, cariocas e até mesmo estrangeiros. Com base no *ouvi falar* ou *estou lendo* nos jornais, as pessoas teceram julgamentos, pareceres e posicionamentos que visavam ao que os farristas menos querem: o fim da Farra do Boi que, como definiu Pietra, *corre no sangue*. Os recortes tratam da mobilização nacional, e internacional, que objetivava veementemente o fim da Farra do Boi, considerada como um resquício de atraso humano, pintada com cores de violência e sangue.

Imagem negativa: ‘É mentira’

‘A culpa é do delegado’

Muito antes de 1988, a Farra incomodava e chamava a atenção de algumas pessoas. Já em 1948, Othon Gama Déça, então Secretário de Segurança, proibiu a Farra do Boi e, em 1941, a mesma foi considerada contravenção penal através do artigo 64 do decreto-lei n.3688 de 03.10.41. Não há registros, após estas datas, de maiores procedimentos desta ordem das autoridades estaduais. Segundo os gancheiros, o culpado de a Farra ter voltado a chamar a atenção com tanta ênfase na década de oitenta foi um delegado que trabalhou em Ganchos neste período e que, sendo de descendência alemã, não simpatizava com a ‘brincadeira’ nem apreciou quando um boi entrou no quintal de sua residência durante a realização da Farra no ano de 1986. Na ocasião, o delegado acabou matando com um tiro o animal e acionou a polícia, o que provocou um reboliço total na comunidade, já que foram presos adultos e menores, desencadeando verdadeiros *ataques de nervos* nas mães e esposas assustadas com o confronto com os militares, que até então nunca tinha ocorrido em Ganchos, conforme rememoram as gancheiras:

“Foi um bafafá, era aquele que mais podia. Tinha gente entrando mar adentro. Tinham uns canos ali que iam ser colocados pra esgoto, era quem mais podia se enconder dentro dos canos. Uns escapavam, outros os policiais puxava e carregava.”(Joseli)

“Era tanta correria que nos metemos tudo na casa da dona Anastácia e fechamos a porta. Ela tava fora e gritava: abre a porta, abre a porta; na própria casa dela, já pensasse que confusão? E nós morto de medo, ninguém abria a porta. Era só mulher berrando: não leva o meu marido, não leva o meu marido.”(Afrodite)

“Quando a Eva viu que levaram o filho dela quase morreu de nervoso³. Ele era menor né, enquanto ele não voltou ela não sossegou, ficou abaixo de água com açúcar. O culpado disso tudo foi aquele delegado, o N., que matou o boi porque entrou no quintal da casa dele, daí veio a polícia e pronto.” (Lais)

Essa experiência teve vários momentos de confrontos, nos quais os gancheiros se uniram para defender a sua honra, deixando de lado conflitos internos para combater o confronto maior, os estrangeiros que queriam acabar com a Farra. Nestes momentos em que vêem ameaçada a sua identidade se unem gancheiros dos três ganchos (Canto, do Meio, de Fora) e das outras localidades gancheiras (Fazenda da Armação, por exemplo), ou seja, na agonística do combate há uma só identidade gancheira - a farrista, a partir da qual enfrentam os ‘de fora’, como resumiu Renata:

“O que aconteceu em Ganchos, Canto, sei lá, é que o boi entrou no quintal de um delegado e ele atirou, matou o boi; tudo isso é que eu acho errado. Errado também é os policiais vir pra cá acabar com a Farra do Boi ... eles não tão roubando, não tão matando os animais, eles estão brincando. Pra que naquela época veio camburão? Pra quê? Não resolveram nada. Lá em Ganchos os gancheiros fizeram ainda pior que nós aqui na Armação, que os gancheiros botaram bomba, botaram um monte de coisa, correram com tudo lá.” (Renata, 25 anos, Fazenda da Armação)

³ Nervoso é chamado em Ganchos como o momento em que a pessoa fica diferente do seu estado considerado ‘normal’; quanto mais nervosa a pessoa, mais alterações ela pode apresentar, culminando inclusive com o chamado ‘ataque de nervos’ verificado em velórios, enterros e aqui aludido a esta situação específica vivenciada pelos gancheiros. Sobre este tema ver Duarte, Luiz Fernando Dias. Da vida nervosa das classes trabalhadoras urbanas, 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

1988: 'Tu lembra aquela guerra?'

No ano de 1988 a campanha contra a Farra do Boi alcançou seu auge, e os ecologistas, através da mídia, conseguiram o ápice da divulgação antifarra. Ganchos jamais vai esquecer o episódio vivido no dia 30 de março daquele ano, quando me pareceu (eu estava presente e vivenciei com eles todo o terror daquela invasão armada) que todo o efetivo da Polícia Militar havia sido enviado para lá. Carros, cães, camburões, microônibus, cacetetes, bombas de gás, estrondos, clarões no entrar da noite, que deixavam o ar com clima apocalíptico de guerra e de suspense pois, quando os policiais vieram, muitas pessoas estavam para lá do morro, em Gancho do Meio, e não se sabia quem conseguiria voltar para o outro lado, Canto dos Ganchos, que geograficamente fica antes de Gancho do Meio pela rota utilizada pelo comboio militar.

Os gancheiros não entendiam por que, *de repente*, queriam acabar com o que para eles era apenas a familiar e nominada *brincadeira do boi*, que ficou conhecida nacional, e internacionalmente, por *Farra do Boi*. Por que agora? Por que desta forma? Para que tanta 'violência' contra quem só estava brincando? Ninguém entendia *por quê*. E a mídia cumpria o seu papel e noticiava o confronto Ganchos/polícia "...Durante cerca de meia hora travou-se uma batalha na rua principal do povoado. Pescadores... jogavam o que tinham nas mãos, enquanto os policiais tentavam inutilmente contê-los com tiros de festim, cães e bombas de efeito moral..."(Jornal O Estado, 1988,p.11).

"Pelo menos quatro jornais do eixo Rio-São Paulo deram grande destaque à farra do boi em suas edições de ontem. Três deles, o Jornal da Tarde, O Estado de São Paulo e O Globo, concederam chamada de capa ao assunto e todos classificaram de tumultuada a entrevista concedida pelo governador catarinense na tarde de segunda-feira. O JB informa que Pedro Ivo Campos 'fez um apelo para que a imprensa seja mais honesta e disse que a reação hostil dos farristas contra os jornalistas é resultado das distorções...e informa que mesmo com a proibição do governador, 13 bois já foram soltos na comunidade de Ganchos". Também o Estado de São Paulo destaca a polêmica Farra na capa... na página 16 o jornal dá o título 'Farra catarinense mata 30 bois' para reportagem de seu enviado especial que inicia de forma contundente: 'Após a perseguição, tortura e morte de cerca de 30 bois...o governador Pedro Ivo Campos acusa a imprensa de ser mentirosa e desonesta ao descrever a farra do boi'"(Jornal Diário Catarinense, 30.03.88,p.08).

E os protestos continuavam:

“Brasil protesta contra farra do boi. Entidades ecológicas realizaram ato público no Rio para acabar com festa que Pedro Ivo quer erradicar aos poucos com auxílio de campanhas...enquanto escolhe o caminho da cautela, porém, o governo estadual vê-se transformado no alvo preferido das entidades ecológicas de diversos pontos do Brasil, que a exemplo de ontem à tarde, na Cinelândia, realizam atos públicos de desagravo à prática da tradição açoriana”(Jornal Diário Catarinense, 29.03.88,p.03).

“...O que tem ocorrido são verdadeiros atos de selvageria abominados por qualquer ser racional...as crueldades praticadas contra os animais são inimagináveis. Após percorrer vários quilômetros fugindo da multidão, sempre apedrejado e recebendo pauladas, o animal acaba sendo encurralado e passa a ser torturado. Suas aspas são quebradas, o rabo é cortado e já houve casos em que o animal teve os olhos vazados, as pernas cerradas...”(Jornal O Estado, 15.04.84,p.17).

Tortura que não se viu, perseguição e morte que se *imagina* ‘selvagem’, ‘bárbara’. Desta forma, não só o País, mas o mundo inteiro reage a essa *prática* e um Brasil que se quer moderno se apavora. Em vez de regras, ‘ordem e progresso’, vê-se perigo: o ‘bárbaro’, o ‘selvagem’ vivem ao lado e podem ‘contaminar’ toda a imagem de um povo ‘civilizado’.

Braga, 1993 e Flores, 1997, também voltam-se para este viés da ‘civilização’. Braga⁴ aponta para o fato de alguns críticos verem a Farra do Boi como uma ‘volúpia’ incoerente com o que é visto como civilizado: *“A crueldade da Farra é puramente caprichosa, sustentada por uma volúpia incompatível com nosso estágio de civilização ...”*

Flores⁵ também analisa, no capítulo sobre a “autoridade do passado”, esse confronto que os ilhéus vivenciaram na década de setenta com os ‘de fora’, quando a ilha de Santa Catarina foi descoberta como *paraíso*, mas também com algumas seqüelas de atraso: *“Na era da videomania, ou seja, na era da indústria do turismo e, principalmente na esteira de uma nova sensibilidade com os animais, constituiu-se a imagem de um povo portador de laivos dos ‘obscurantismos’ do passado.”*

⁴BRAGA, Welber da Silva. In: BASTOS, Rafael José Menezes (org.). **Dionísio em Santa Catarina: ensaios sobre a Farra do Boi**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1993.

⁵ Op. cit., p. 141.

Se a Ilha de Santa Catarina, principalmente Florianópolis como capital, mostra sinais de avanço no processo de civilização⁶ com a chegada de grandes empreendedores imobiliários, por exemplo, à sua volta ainda continuam a existir focos que podem *poluir* a imagem que se criou de paraíso e, ampliando em nível mais amplo para o Estado, de povo trabalhador e ordeiro. Ganchos insere-se neste pequeno grupo que ainda realiza a Farra do Boi e, uma vez considerado como maior reduto de sua realização, passa a ser o principal foco de críticas.

Não só os jornais noticiavam, mas as próprias gancheiras relembram com detalhes o dia que os jornais denominaram de *batalha* e que para os gancheiros foi a própria - a *guerra*. Todos foram envolvidos de alguma forma: as mulheres que *nunca saem de casa*, neste dia saíram, quem não sabia jogar, amontoava pedra para os que tivessem melhor mira e quem não podia enfrentar por medo e por *falta de 'força nas pernas'* só gritava e, juntos, num único coro, os gancheiros davam a ordem aos policiais: '*Vão embora daqui*', '*Fora do nosso lugar*', '*Chega de violência*'. Relembram Lola e Lolita (sua filha, 24 anos):

Naquela guerra que teve aqui. Tu lembras daquela guerra? O que era aquilo? Aqui pra cima tudo era camburão. Inicia Lola.

Disseram que vieram 160 homens para um lugarzinho desse tamanho, só aqui no Canto, fora lá em Gancho (do Meio). Emenda Lolita.

Aquilo sim foi barbárie. Segue Lola.

É mesmo. Os policiais chegaram matando os animais, ferindo as pessoas, jogando bombas. concorda Lolita.

Até eu, Méri, quando voltava da venda com um pacote de canjica e uma lata de leite condensado pra fazer canjica, um policia daquele gritou: pega ela, pega essa aí, vamos levar. Eu disse: pega é a tua mãe seu f.d.p. e perna pra que te quero né Méri. Eu fiquei com uma raiva, eu não joguei porque não sei jogar, mas eu só amontoava pedra, cascalho, pedaço de telha brasilit, aqui ó, na frente de casa, para os rapazes jogar. Mesmo eles saíram daqui corridos, os covardes, subiram esse morro aí sem dar as costas para nós. Subiram de frente pra nós com a arma apontada para cima e nós dá-lhe pedra. Teve um policia daquele, o filho do seu Huguinho lá da cidade, que disse que se fosse destacado não vinha mais para cá, porque ele disse que viu que o povo não tinha medo de

⁶ Sugiro ver a interessante obra de Elias, Norbet. O processo civilizador. vol.1, Rio de Janeiro: Zahar. 1994.

morrer. Ele disse que eles não tinham ordem pra atirar, mas que se fosse preciso morrer o povo demonstrou que não tinha medo mesmo. Narra Lola.

Aqui as informantes falam sobre o estranhamento com a violência no outro - na polícia - e, apesar de ainda demonstrarem mágoa, lembrarm e contam rindo o confronto vivenciado. Quando falam sobre o que um dos policiais presentes comentou interpretando-o como um reconhecimento da coragem dos gancheiros, ‘estufam’ o peito numa reação física alusiva ao orgulho que envolveu Ganchos e que se reforçou nos gancheiros a partir daquele episódio.

Mas como é que começou o confronto que eu não lembro? Eu lembro que mataram aquele boi branquinho na praia. Pergunto, tentando entender o *começo* de todo aquele agito:

Pois é. O polícia chegou e matou o boi. Daí um gancheiro, de Gancho do meio, um pequenininho que eu não lembro quem era, tirou a camisa, mostrou o peito e disse para o policial: ‘Tu não tens que matar o boi, tens que atirar é aqui seu covarde’. Daí pronto né, Méri, daí todo mundo foi em cima. Eles correram pra cá onde estavam os camburões e microônibus e o povo atrás. Foram jogando bomba. Lembra nitidamente Lola.

Como podemos perceber, para desencadear a reação conjunta dos gancheiros, bastou um deles, *pequeninho*, questionar a ‘honra’ policial ao referir-se à covardia como um componente negativo e oposto à coragem que estava sendo posto em jogo e que faz parte do código de honra valorizado em Ganchos: “Covarde!”

Pois é, feriu aquela moça na varanda. Coloco, tentando fazer parte da rememoração.

É, quase que pegou mais duas. Foi ela e outra mais nova. Elas ficaram todas queimadas. Tu podes entrevistar ela. Sugere Lola.

Mas ela ainda mora aqui? Pergunto me interessando.

Não! Exclama Lola.

Mora lá em Areias. Informa sua filha Lolita.

Qual Areias? Quero saber qual, pois existem três Areias: De Cima, De Baixo e Do Meio.

Lá bem na saída. Complementa Lola.

É fácil tu achar a casa dela porque tem uma antena de rádio amador, daquele PX. Vás achar fácil. Acrescenta Lolita.

Então vou ver se falo com ela. Digo, *gravando* mentalmente as informações.

É, porque ela tem história para contar. Ela, o seu Robin que foi levado preso. Bateram tanto nele que racharam a cabeça. Ele não pode nem ouvir falar em Farra de Boi. Isso porque ele não tava na Farra, ele foi até lá em Gancho ver e pegaram ele ali no Calheiro (comunidade que fica entre Gancho do Meio e Canto dos Ganchos). Fala Lola.

É, eu lembro que sentia medo e espanto com a atitude da polícia. Comentei.

E o Gabeira quando veio?! Nós fomos tudo atrás ver. Interrompe rindo Lola.

E a Lucélia Santos também veio. Comento.

Veio. Eles botaram ela em cima de uma D20. Foi só botar, disparou uma vaca que tava lá pra cima. Será que essa Lucélia Santos ria? Ela ria tanto de ver o povo sair correndo atrás do boi e o boi atrás do povo. Lembranças que fazem Lola rir.

Quando o boi desceu deixaram ela sozinha? Pergunto, já que não presenciei tal fato (já havia ido para a casa de minha família passar a Páscoa pois avisaram que ninguém mais passaria a fronteira Ganchos/BR 101 a partir de determinado horário. Fiquei com medo de permanecer trancada lá e fui embora antes).

Um bocado foi atrás do boi e um bocado ficou. Ria Lola.

O Gabeira também, ele veio, viu que não era o que tavam falando, viu que era uma brincadeira, a Farra. Completa Lolita.

O contato entre Gabeira e os gancheiros pareceu-me performático, pois ambos acenavam bandeiras brancas as quais, silenciosas, simbolizavam a paz. Tendo o ecologista e toda a comitiva que o acompanhou uma recepção calorosa e pacífica, prontificou-se a, mesmo de Ganchos, telefonar para o governador Pedro Ivo, em Florianópolis, solicitando que soltasse os presos, no que foi prontamente atendido e recebeu, desta forma, apoio total dos farristas, sendo aplaudido, ovacionado e carregado pelos próprios. Os jornais não deixam mentir este episódio:

“Com um rápido telefonema, o jornalista e defensor ecológico Fernando Gabeira conseguiu ontem que o governador Pedro Ivo libertasse os 19 presos que participaram da Farra do Boi em Ganchos e que retornassem aos quartéis cerca de 500 policiais militares,

que montaram barreiras na via de acesso à localidade... Para surpresa da comitiva que esperava uma recepção ríspida, havia sido montado um comitê de recepção...os moradores de Ganchos carregavam bandeiras brancas - Gabeira entrou na cidade em carro aberto e com uma bandeira na mão...Gabeira...condenou a atuação da Polícia Militar na noite de quarta-feira e ressaltou que Ganchos, 'uma localidade pacífica não precisa de policiais para reprimir uma Farra, que não será mais violenta'... Sob forte chuva a comitiva se dirigiu à casa de Maria Antonia, ferida com queimaduras de terceiro grau em várias partes do corpo...Traumatizados pela violência os moradores exigiam a retirada da polícia..."(In: Jornal O Estado. Florianópolis, 01.04.1988, p.11).

Pode parecer a um leitor que inicialmente confronte o que os jornais apresentam, ou seja, os fatos como ocorreram ou parecidos com o ocorrido, com o que os gancheiros questionam sobre a mídia, como algo incoerente já que os noticiários que, em princípio, descreviam o que *não viam* sobre a Farra do Boi, passam a relatar a violência visível da Polícia Militar na ocasião; mesmo assim, os gancheiros continuam a manter uma relação de tensão com os estrangeiros/jornalistas/repórteres/fotógrafos/pesquisadores.

Porém, tal atitude defensiva dá-se pelo fato de *os de fora* representarem a possibilidade iminente de uma nova veiculação, uma possível imagem *mentirosa* sobre os gancheiros. Talvez nem sempre porque *o que falam* não o é, mas porque *a forma como falam* não lhes é conhecida e não se reconhecem nela. Assim, questionam-na e consideram-na apenas *mentirosa, inventiva*.

Embora, com a ida à Ganchos, Gabeira e sua comitiva tenham se pronunciado contra os atos de violência da polícia, evocando os gancheiros como 'pacíficos' e apontando que a Farra não seria mais violenta, a confiança nos 'de fora' tinha sido irremediavelmente abalada. O fato de a mídia ter veiculado o confronto com a polícia e mostrado a violência, não dos farristas mas da polícia, do ponto de vista dos gancheiros não mudou a forma como Ganchos passou a ser conhecido nacional e internacionalmente, ou seja, como o maior reduto de realização da Farra do Boi, revestida por relatos que criaram uma imagem negativa sobre os gancheiros e que, segundo eles, não será facilmente derrubada a não ser, é claro, que "*alguém com poder tenha interesse nisso*". (Leiloca)

‘Nem santos nem bárbaros’

Quanto às descrições de violência que a mídia veiculou, se em outras épocas se praticavam tais atos, nos anos de convivência com os gancheiros nunca vi qualquer demonstração deste tipo de atitude para com o animal envolvido na Farra. Se o boi aparecia com as patas machucadas ao final da correria não era por tortura dos farristas, mas pelo fato de que, se em outros tempos o que havia era a areia da praia e grandes cafezais para se brincar, agora o que se encontra é o calçamento intercalado de asfalto, além de que o espaço se torna cada vez menor entre as casas. Poderá alguém mais crítico/cético indagar: se você não acompanhava a Farra noite adentro como saber se o boi não era torturado como dizem os jornais?

Como podem as reportagens noticiar que o boi tinha as aspas serradas, rabo cortado, olhos vazados, pernas amputadas se, embora não participando da Farra até noite adentro, era possível a qualquer pessoa ver na manhã seguinte o boi descansando para ser abatido para a divisão da carne entre os ‘sócios’ ou esperando para ser trocado por outro animal para continuar a Farra? Existem pessoas mais afoitas que jogam camisas, cordas e *intacam* com o animal, mas os próprios farristas tomam a iniciativa de chamar a atenção destes. Pelo menos é o que afirmam e o que observei nestes anos junto com eles. Se estavam só ‘fazendo cena’ o fizeram por, no mínimo nove anos, enquanto lá trabalhei.

Neste aspecto, para as gancheiras entrevistadas, o que se deu foi a veiculação na mídia de uma imagem ‘*mentirosa*’ sobre os gancheiros e sobre a Farra. Me colocaram elas que, a exemplo do que foi abordado no capítulo três sobre a criação e construção da imagem de um ídolo (quando citam como exemplo Xuxa) frente ao público, citam-se a si próprios como prova de que a mídia tem o poder para criar o efeito contrário: “*Quando quer derruba um povo, tem poder de botar lá em cima ou lá embaixo, depende do interesse. Eles podem eleger um presidente como aconteceu e podem transformar o pessoal aqui, nós, podem criar uma imagem totalmente negativa. Quem lê, nós aqui, a gente nem parece um ser racional, parecem canibais. Então eles podem fazer o que quiserem, ou botam lá em cima ou arrasam, depende do interesse.*” (Leiloca)

“*Não é assim né, a gente não é santo, mas também não é bárbaro. E eles os jornalistas, os policiais falar de bárbaros, e eles que barbarizaram, o que eles fizeram não se faz.*” (Lola)

O imaginário povoa-se com figuras conflituosas, torturadas e que torturam: ‘bárbaros’ que massacram, ‘canibais’ que devoram. As gancheiras falam sobre o que pensam que os ‘de fora’ imaginam sobre eles a partir das imagens que a mídia cria e veicula vistas como *‘totalmente negativas’*:

“Falam sem ver. Ali em uma das reportagens, um paulista critica outro jornalista paulista que fala sem ver. E é assim. Mas uma coisa aqui é errada: eles não deixam filmar. Daí eles pensam que é porque tem algo errado mesmo, daí falam.” (Lolita)

“De vez em quando escuto o Cacau Menezes falar uma besteirada na televisão, talvez até ele fale isso porque não vem aqui para brincar, se tivesse vindo talvez ele não falasse o que fala.” (Renata)

As falas de Lolita e Renata oscilam entre um ‘exercício’ de imaginação sobre a imagem que os ‘de fora’ têm deles e a certeza de que, se os estrangeiros fossem até lá ver de perto a Farra, mudariam de opinião e de visão e, em vez de falarem da Farra, que não vêem, acabariam caindo na própria.

Imagem divertida: ‘É isso aí’

As gancheiras lembram que essa tensão com a mídia é algo recente e que antes do conflito maior em 1988 as pessoas apreciavam serem filmadas ou darem entrevista para os jornalistas. Porém, como na década de oitenta começaram a surgir matérias jornalísticas que iam contra a Farra do Boi e veiculavam notícias e relatos nominando a mesma de violenta e irracional, os gancheiros se revoltaram e passaram a tratar com repúdio qualquer pessoa que mostrasse uma máquina fotográfica ou câmera tentando registrar momentos da Farra. Neste sentido, Leiloca arrisca uma explicação apontando uma possível passagem da boa recepção à tensão entre gancheiros e a mídia. Explica ela:

“Sabe o que é. Sobre a mídia aqui né, a televisão, os jornalistas. No começo como era? Eles começaram a vir aqui, daí era quem mais podia correr pra a frente da televisão. Quem é que não gosta de se ver na televisão? Mas daí o que aconteceu? Eles tratavam bem os jornalistas, recebiam. Ai os jornalistas que eram aqui de Santa Catarina começaram a mostrar uma imagem que o

peçoal maltratava o boi, furava o olho, serrava a pata. Daí o peçoal viu aquela mentira, aquela imagem de violência e não gostou. Cortou. Os jornalistas de São Paulo, Rio começaram a falar não de um lugar mas de Santa Catarina, daí os jornalistas daqui passaram a dizer que não era bem assim, que era só algumas comunidades do litoral. Não sei se eles falaram antes pra ganhar dinheiro, dar audiência, sei lá, daí o povo se revoltou. Porque violência pode ter em tirar o boi do lugar, correr com ele mas aquela montagem de furar o olho, quebrar a pata, aquilo é mentira. Então é como eu digo ou eles botam lá em cima ou acabam, botam lá embaixo.”

A alusão de Leiloca ao fato de os jornalistas catarinenses mudarem o enfoque das reportagens se referindo a apenas algumas localidades de Santa Catarina como redutos da Farra do Boi, tentando retirar a divulgação que passou a circular de um Estado, conhecido por sua gente ordeira, laboriosa, íntegra e civilizada, agora farrista, pode ser constatada nos próprios jornais: de Farra *violenta* e *sangrenta* a manchete passa a chamar a atenção para/pela sua *alegria, festa e aventura*. Analisando as reportagens entre 1986 e 1996 pude constatar uma grande diferença de ângulos nas abordagens sobre a Farra escolhidas para destaque dos jornais. Enquanto na década de oitenta prevalecia o protesto, o repúdio, em uma das matérias de 1995 pode-se ler:

“Festa em Ganchos. FARRA DO BOI CONTAGIA PELA ALEGRIA. Moradores de Governador Celso Ramos brincam até o bicho cansar. Depois seguem a festa com outro...Somente ontem cerca de 15 animais foram soltos no município de Governador Celso Ramos...pelas ruas, mangueiras e até mesmo no meio do mato fechado pode-se encontrar dezenas de pessoas se divertindo correndo atrás dos touros... as pessoas corriam e brincavam com o boi até ele cansar, depois o deixavam e buscavam outro para continuar a aventura ...” (Jornal Diário Catarinense, 13.04.1995, p.31)

Por que essa mudança? Em menos de dez anos, conseguiu-se a façanha de eliminar a ‘violência’ tão alardeada em 1988? Será que a mídia teve o poder de interferir de tal forma no cotidiano gancheiro que alterou totalmente esta manifestação que os gancheiros consideram da sua tradição? Arrisco, tendo como subsídio as observações que fiz nesta trajetória: conforme Leiloca expôs anteriormente, os jornalistas catarinenses veicularam uma imagem deturpada sobre a Farra do Boi. O ‘por quê’ também não

entendi na ocasião. Se era a audiência, o *hit* da época ou decorrência das campanhas ecológicas tão em evidência na ocasião. O fato é que criaram e venderam esta imagem a qual, por sua vez, passou a prejudicar todo um Estado conhecido pelas qualidades já citadas.

As campanhas antifarras impetradas visavam somente acabar com a Farra do Boi e horrorizavam pelas descrições detalhadas da tortura aos animais. Ocorreu então um boicote contra Santa Catarina, e isso era o que menos os políticos e empresários queriam. E ocorreu mais: em vez de acabar com a Farra do Boi, o que se verificou com surpresa em Ganchos foi o aparecimento estrondoso de turistas '*de fora*' querendo ver a tal Farra. Ninguém entendia de novo o porquê daquela invasão repentina. Os Estrangeiros queriam ver *com os próprios olhos* a violência, a tortura, o massacre e acabaram *caindo na Farra*, pois os gancheiros deixaram que vissem tal qual era.

Como o 'tiro saiu pela culatra', quer dizer, não se conseguiu eliminar a Farra do Boi do litoral catarinense, o que a mídia fez foi mudar o enfoque do noticiário e, de insana, a Farra passou a ser mostrada como assunto anual da Semana Santa, ilustrada com cenas hilariantes e divertidas. Com isso os ânimos, em nível nacional, foram se acalmando, e a Farra, embora seja apresentada ainda na Semana em que alcança seu ápice, já não chama tanto a atenção e é somente mais uma notícia entre outras e não a manchete de capa ou a chamada principal dos jornais e programas televisivos.

Ao questioná-las sobre *por que* a mídia criaria uma imagem que não reconhecem como 'verdadeira', as gancheiras entrevistadas apontam a falta de conhecimento *sobre* ou a não-apreciação *da* Farra como justificativa para os jornalistas abordarem-na daquela forma que consideram mentirosa. Um dos diálogos que lá tive:

O que tu achas sobre o que a televisão fala do gancheiro na Farra do Boi?
Pergunto a Afrodite.

Eu acho que metade eles inventam porque antes tinha essa coisa de puxar o rabo, hoje não. Bem antes da televisão vir com essa história já tinha acabado isso. Pode ver, ninguém aqui gosta quando a televisão vem. Eles deixam filmar quem é conhecido, nessa Farra (1996) quem filmou foi o Johanês e a tua irmã que eu levei.
Responde.

E por que tu achas que gancheiro não gosta de televisão aqui? Pergunto, não satisfeita.

Porque eles inventam, contam o que não vêem.

E por que tu achas que eles inventam? Insisto.

Eu acho que quem inventa assim é porque não gosta da Farra do Boi, não conhece, não entende o que ela é pra nós. Me esclarece.

E o que ela é para vocês, para ti, que já participaste do boi das mulheres⁷?

É ótima, eu adorei. É diversão, tudo muda. Tudo é feito ligeiro em casa pra gente poder brincar com o boi.

E o que foi melhor?

Da Farra? Ir pegar o boi é o melhor que tem...eu vou esquentando água pro café e tu vás perguntando. Emenda enquanto responde.

É isso que eu queria perguntar, concluo, pois percebo que sendo uma das primeiras que entrevistei após minha chegada, Afrodite se mostra agitada e cautelosa.

Conforme já mencionado anteriormente, percebi a existência de diferentes ângulos de abordagens nos noticiários da mídia, que oscilam de acordo com diferentes momentos e interesses entre os anos de 1986 e 1996, período cronológico ao qual se referem as reportagens analisadas. Porém, neste ano de 1997, em que escrevo esta dissertação, volta a ênfase ao ‘selvagem’, ao ‘bárbaro’. Há um grupo de deputados interessados em ‘enquadrar’ a Farra do Boi como crime federal e verifica-se que os noticiários da mídia, principalmente jornais escritos e televisivos, voltam a enfatizar com referência à *violência, sangue e tortura*. Na revista *Veja*, de maio, lê-se:

“Festa Sangrenta. Catarinenses agora promovem a Farra do boi toda semana. A Farra do Boi, misto de tourada e malhação de Judas que antes ocorria somente na Semana Santa nas cidades do litoral catarinense, agora se tornou um programa semanal. Todos os sábados, centenas de moradores de Florianópolis e municípios vizinhos saem às ruas atrás de um boi. O ritual, que já causou protestos de entidades de defesa dos animais no

⁷ Boi das Mulheres refere-se a um dos ‘bois’, pois vários grupos são formados para a compra e podemos verificar inúmeras denominações como ‘boi das crianças’, ‘boi dos motoqueiros’, entre outras. Embora com nomes tão diversos, o processo de formação do grupo de sócios é o mesmo: algumas pessoas se cotizam para comprar o boi ou vendem um rifa do animal visando angariar verba. No caso das mulheres as mesmas vendem a rifa e após juntarem o dinheiro vão para as fazendas escolher o boi. Às vezes vão com carros da comunidade e já houve ocasião de alugarem um ônibus para este fim. Na fazenda, o procedimento é o mesmo. O dono coloca alguns animais na mangueira para que as interessadas possam escolher o que considerarem melhor. Após fechado o negócio, o boi segue em carreta até o local escolhido para ser solto. Lá todos podem brincar, independente de ter comprado a rifa ou colaborado com dinheiro quando for o caso de formar-se sociedade para a compra do boi. Quando o animal está cansado, pode-se deixá-lo descansar para matá-lo e dividir a carne entre os sócios, pode-se trocar por outro para continuar a brincadeira ou pode-se sorteá-lo se tratar-se de rifa.

... mundo inteiro, é bárbaro: a multidão persegue o boi com pedras e pedaços de pau, quebra seus chifres, torce-lhe o rabo e o tortura durante horas. Quando não oferece mais resistência, o animal é sacrificado e sua carne, repartida entre os farristas...” (Revista Veja, Ano 30. N.18. 7 de maio de 1997. p.79.).

Nem tanto nem tão pouco: ‘Por que a Farra é a pior coisa para os de fora?’

E por que é a melhor coisa para os gancheiros?’

Há também as gancheiras que dizem não apreciar a Farra do Boi e, na oportunidade das entrevistas, frisavam este aspecto, referindo-se ao fato de a mídia generalizar uma inverdade, qual seja, que todos os gancheiros são farristas ou apreciam a Farra. Questionam ainda o por que a Farra do Boi tem que ser o *melhor* para os gancheiros o *pior* para *os de fora*. Exemplifico estas colocações com a seguinte passagem de uma das entrevistas após a devida leitura da ‘pasta das cinquenta reportagens’:

O que falam nas reportagens é verdade, embora alguns jornalistas sejam grosseiros no modo de falar sobre Ganchos ... Aquilo ali das pedras na polícia que teve é verdade; quando veio o Gabeira também. Quando eles falam que é tudo: todas as mulheres, todas as crianças, isso é mentira. Não existe ‘tudo’ (ênfatisa a palavra), porque não é só eu mas muita gente não gosta da Farra do Boi, isso de dizer que é tudo é mentira. Inicia Médeia

E o que tu achas sobre a mídia em Ganchos? Perguntei me referindo às experiências vividas pelos gancheiros, principalmente com a televisão:

Tu pensas que gancheiro é tolo? Não é não. Uns fazem aquilo que os outros (se referindo aos de fora) querem ver. Aquilo dos cartazes quando o Gabeira veio, aquilo foi coisa pra impressionar ecologista. Pensa que não, foi sim. Pensaram: o Gabeira vem aí, vamos fazer uns cartazinhos. Colocaram que violência é o nosso mar poluído. Por que então no dia-a-dia não cuidam do mar? Responde, enquanto entremeia sua fala de questionamentos. Por que não pensam mais no futuro, em comprar uma casa melhor?

Tu achas então que há uma negociação entre os gancheiros e a mídia? Me refiro à alusão que ela fez neste sentido:

É. Porque o meu marido quando chegava da Farra contava: 'Tinha uns caras, uns jornalistas aí filmando e o pessoal fez eles filmar só o que queriam'. É verdade, sim, só deixam filmar o que eles querem, é controlado.

E como tu te sentes lendo essas notícias sobre o teu lugar? Indago, enquanto ela folheia novamente as reportagens:

Eu acho graça e tenho vontade de sumir.

Por quê?

De vergonha. Vergonha de saber que só falam do nosso lugar isso: a Farra do Boi. Não vem alguém pra falar sobre a beleza, a calma, o outro período que não é o da Farra, porque aqui não é só a Farra do Boi. Os jornais falam como se fosse a pior coisa do mundo, como se não tivesse mais nada com que se preocupar e os gancheiros agem como se fosse a melhor coisa do mundo, como se a vida se resumisse à Farra do Boi. Me confessa, mesclando atitudes de quem acha graça e inconformidade.

As colocações de Medéia remetem-se à questão presente e constante de negociação dos gancheiros com a vida e com os *de fora*. Com a primeira há uma constante possibilidade frente ao que é (des)conhecido nos mares. Embora familiares do cotidiano, há um iminente imprevisto, e a partida do barco leva consigo inúmeras possibilidades, deixando em terra fragmentadas expectativas: da excelente ou péssima pescaria, do bom ou do traiçoeiro tempo, da prolongada espera ou da surpresa com a inesperada chegada, do (ou não) retorno. Esta é a negociação cotidiana com a vida.

Com os *de fora*, os gancheiros como que por reflexo imediato, estendem também uma inevitável negociação. *Se querem ficar aqui* que se moldem aos nossos jeitos, à nossa tradição, costumam lembrar a quem está 'lá' e deixa escapar algum comentário menos simpático. As suas atitudes poderiam ser transformadas nas seguintes palavras: Querem filmar, pois filmem apenas o que nós lhes *permitimos*; querem fotografar, pois *bebam* junto conosco enquanto realizam o que aqui querem. E você, 'Méri', quer

escrever seu trabalho, escreva, mas nós queremos *acompanhar* passo a passo, queremos ler e, se der, queremos ir *lá na cidade*, assistir ao que é essa ‘tal’ defesa. Exemplos recentes; exemplos constantes para quem quer ir a Ganchos. Os gancheiros mesmos dizem : *Aqui as leis somos nós que fizemos*. E eles próprios questionam: *Por que nós é que temos que ser os errados?*

Há, desta forma, nos confrontos e conflitos com o que vem ‘de fora’, o reforço de valores, comportamentos e atitudes que reconhecem como formadores da sua identidade, a qual resume e diferencia uma ‘raça moral’ - a gancheira.

Negociação: ‘Bebe aqui amigo’

Muitas vezes, por estarem impregnados de um jeito jocoso de viver e negociar com a vida, ocorrem situações em que os gancheiros confundem os ‘de fora’ e o que, para eles têm um significado, para os estrangeiros é lido de forma totalmente diversa. Às vezes contam com o que nos parece trágico, situações nas quais o teor de drama quer apenas acentuar o que é narrado; outras vezes, possuem a capacidade de olhar e pintar em tom de comicidade o que aos olhos dos de cá, provavelmente, seria o ponto mais agudo da tragédia. Neste sentido, ocorreu que um dia fui à casa de uma das gancheiras. Encontrei-a escamando peixe atrás de casa sobre um *geral*⁸. Como havia lido meu projeto de pesquisa (Nós estranhos na Mídia - cotidiano, tradição, temporalidade e o espaço feminino em Ganchos), comentei comigo:

Somos estranhos porque os de fora não entendem. Para eles somos estranhos. (Joseli)

É que vocês têm um jeito debochado de dizer as coisas que os outros interpretam mal. Comento.

É isso aí, um jeito debochado. A gente diz as coisas fazendo brincadeiras e os de fora não entendem.

Só a convivência é que vai fazer a pessoa de fora ver essas diferenças, eu convivo com vocês há tantos anos, conheço um pouco.

⁸ Geral: estrutura de madeira com quatro pés, de aproximadamente um metro e meio de altura. ‘Antigamente’ usado na soleira da janela da cozinha para lavar louça ou escamar peixe; hoje algumas pessoas o tem no quintal, afastado da soleira da janela, para escamação e limpeza do pescado. Daí alguém perguntar quando vem na casa de algum compadre e ganha peixe: *‘Tens um geral aí? Daí eu já levo escamado’*.

Um pouco, porque mesmo que tu vivas cem anos aqui, se não nascesse aqui não vás entender tudo. Eu não entendo o porquê de algumas coisas; por que eles não economizam mais; por que não pensam no futuro? Enquanto me adverte, Joseli expõe questionamentos que ela própria, que nasceu, cresceu e que poderá viver ‘lá’ cem anos, não conseguiu ainda compreender.

Um exemplo desta constante negociação jocosa que um jornalista viveu foi relatado por Lola. Ela conta que comentou com seu marido a respeito da criação desta imagem mentirosa se dar pelo fato de os gancheiros não deixarem os jornalistas filmarem. Ao que ele respondeu que não deixavam *‘pois eles só sabem criticar e que tem que ser como a gente quer’*. continua Lola:

O meu marido contou que uma vez fez um jornalista beber.

Beber? Pergunto sem entender bem.

É, fez ele ficar mamado. Ele dizia para o meu marido: ‘Chega amigo, chega’. Chega não, bebe aí. Bebe aí, amigo. Um gole pra mim, um pra ti, viesse aqui, agora vás cair na Farra. Contava, rindo, Lola.

E daí? Curiosa, quis saber o final do ocorrido.

Dai o jornalista caiu na farra, ficou bêbado. E emenda com outro exemplo nem tão cômico: Outro dia Donald quando viu, o cara estava filmando. Ele, Mickey e Pateta disseram: Pára de filmar. ‘Eu estou só fazendo o meu trabalho, moço’. Dai eles puxaram o fio e mandaram ele embora: Entra no carro e vai-te embora, já. E fizeram o homem ir embora. Ri, enquanto relata.

O Cacau⁹. O Cacau se entrar aqui eles pegam ele porque ele só fala mal. Interfere sua filha Lolita, que está junto conosco.

Pois uma vez chegou aqui, duas vezes aconteceu isso, chegou aqui um motoqueiro, eles pensaram que era ele. Disseram: ‘É ele, é ele, é o Cacau’. E fizeram o cara tirar o capacete, ali na pracinha. Duas vezes. Bem naquela época; o pessoal aqui não gosta dele porque ele critica muito a Farra do Boi.

Essa relação crítica com a Farra do Boi, como já me referi anteriormente, levou o Governo à criação de uma “Comissão de Estudos da Farra do Boi”, que apontou diferentes formas de se tentar conscientizar as pessoas sobre esta prática e, aos poucos,

⁹ Cacau Menezes, apresentador de televisão, declaradamente contrário à Farra do Boi.

conseguir eliminá-la do calendário de realizações *locais*. O que é interessante notar é que as diferentes formas de expor a Farra observadas na mídia impressa e televisiva são também apresentadas pela citada Comissão, quando sugere a possibilidade de a Farra do Boi vir a ser uma ‘atração turística’, fazendo parte do calendário *global* do Estado, como podemos perceber no que se segue:

“Diante da nossa convicção de que dificilmente essa tradição poderá ser arrancada do povo, mormente de maneira violenta, nada resta senão fazer com que essas comunidades se organizem, formem comissões de estrutura e organização, exercendo inclusive uma fiscalização dentro de suas áreas comunitárias, e que promovam uma festa, desenvolvendo a tradição de tantos anos, porém de uma forma sadia, sem violência e com total segurança ... quem sabe a tão debatida farra do boi venha a se constituir num evento turístico em Santa Catarina, atraindo para cá visitantes para assistirem não a um espetáculo degradante, mas um espetáculo de tradição e cultura, mesclado de brincadeiras que podem acompanhar essa forma de tradição.” (Relatório Documental. In: Dossiê da Farra do Boi)

Como podemos perceber no trecho do relatório acima, há uma indicação para que a Farra passe a ocorrer de forma civilizada, fechada, dentro de ‘áreas comunitárias’, os preconizados mangueirões. Diz-se a isso uma alternativa para a continuidade desta tradição, a qual apresenta-se de uma forma re-inventada, pois que para ser Farra é necessário local aberto, livre, pelas ruas, desfronzeirizado, solto. Do contrário trata-se apenas de uma prática dentro dos moldes ‘civilizados’, não da Farra do Boi.

Nem sacrificar nem devorar.

No dia 27 de setembro de 1996, após assistirmos ao capítulo de ‘O Rei do Gado’, coloquei, a pedido de Laís, que estava ansiosa para ver o *tal vídeo*, a fita de vídeo sobre a Farra do Boi, que apresentava imagens feitas em Ganchos durante a Farra, cenas do confronto com a polícia, os feridos, a repercussão nacional, a visita de Gabeira, além dos depoimentos de gancheiros, estudiosos, ecologistas, artistas, psicanalistas, entre outros. Assistimos ao vídeo eu, Laís, Dandara, Albano e Brown. Durante a fita, os comentários iam sendo tecidos e os lugares e cenas reconhecidos, num exercício de

rememoração do confronto gancheiros/polícia, além de discorrerem sobre os farristas e sobre os 'de fora' falando sobre a Farra:

Quem vê de fora é uma coisa tola, né? Pra gente, olhando assim já é. Imagina os de fora vendo. Comenta, rindo, Dandara
Parece um lote de índios, vê se não parece. Emenda
 Laís

Esse momento inicial do documentário foi interessante pois, com as primeiras imagens, houve um *estranhamento* do familiar por parte das gancheiras sendo que verbalizaram uma compreensão sobre o fato de os 'de fora' acharem-nos estranhos, não conseguindo entender a importância da Farra do Boi para eles: se, para elas, 'olhando de fora', já parecia algo sem sentido, '*imagine para os outros?*' questionam. Quando Laís compara as imagens da multidão correndo nas ruas durante a Farra do Boi a '*um lote de índio*', fico me perguntando o que se passa na imaginação dela, será uma imagem de primitivo, selvagem? Como não entrei nesta discussão, fico com estas possíveis imagens de sua imaginação.

Olha só: sacrificar e devorar. Observa enquanto se levanta inconformado Brown, quando o antropólogo aparece na tela e se utiliza de tais expressões. Continua ele:

Olha só as palavras que eles usam: sacrificar, devorar. Já dizem assim pra dizer que a gente é bárbaro, ignorante. Não é nem sacrificar nem devorar. Falam como se eles (os de fora) não comessem (carne de gado). Completa, se levantando insatisfeito com o que acabou de ouvir.

Já falam assim pra acabar com a gente mesmo. Concorda Dandara.

O antropólogo que defende a Farra não consegue se *comunicar* com as/os gancheiras/os que assistem à fita de vídeo. O que é verbalizado pelo antropólogo como uma posição de defesa e compreensão pela Farra do Boi, é interpretada pelos *estranhos* como uma forma de reforçar o que a mídia veicula sobre barbárie, violência, atraso, causando-lhes insatisfação e discordância com a maneira como falam *sobre* eles no documentário.

Outro exemplo das diferentes formas de *leituras* ocorreu com o outro grupo que assistiu ao vídeo, formado só por mulheres: Medéia, Ana Maria, Medusa, Yasmin e eu:

O que eles passam ali é mesmo o que acontece, não dá pra dizer que não, as imagens mostram: o boi correndo, caindo. É isso ali mesmo a Farra do Boi. Observa Medéia.

E do que o pessoal fala da Farra é isso aí mesmo. Acrescenta Ana Maria.

Eu assino embaixo. Concorda Medusa, cautelosa ao se manifestar.

Neste grupo, inicialmente as participantes se referem à capacidade que uma imagem tem de reafirmar e comprovar um fato. Falam sobre a imagem como ‘verdadeira’ e impossibilitadora de mentiras, pois o vídeo inicia mostrando, segundo elas, imagens reais de como ocorre a Farra do Boi.

Agora, daquilo que o homem falou ali do ‘sagrado’, eu não acho que eles vêem a Farra assim não. Antes podia ser, como dizia a minha avó que morreu com noventa e poucos anos. Eles viam a Farra do Boi como uma forma de comparar com Jesus sendo judiado. Hoje não, hoje é só pra farra, referenciando-se à farra no âmbito do sagrado, comenta Medéia sobre a expressão utilizada pelo antropólogo quando apareceu no vídeo.

Eu concordo. Diz Ana Maria.

E eu assino embaixo. Sem maiores comentários, também aquiesce Medusa.

Ao assistir com estas informantes ao referido documentário, observei dois pontos: a) suas reações frente ao que viam nas imagens e comentários dos ‘atores’ no vídeo ; b) se falas e imagens se relacionavam e tinham coerência. Particularmente percebi, em alguns momentos contradições na fita, por exemplo, após o antropólogo defender a Farra do Boi falando sobre suas motivações e como é realizada sem violência, a imagem seguinte mostra um boi caindo em uma casa e se machucando, contradizendo, desta forma, a defesa anteriormente postulada.

Percebi uma certa dificuldade comunicacional, se posso assim definir, em que o que era verbalizado no vídeo com uma intenção, na maioria das vezes era interpretado de outra forma. O exemplo mais marcante foi quando deram diferentes significados às palavras utilizadas pelo antropólogo que os defendia no documentário, momento em que lhes chamou a atenção a utilização das palavras ‘devorar’, ‘sacrificar’, ‘sagrado’.

Rápidos exemplos estes, mas que ilustram a dificuldade em pôr em prática o tão corrente verbo *comunicare*. Enquanto o antropólogo aparece no documentário como defensor da Farra do Boi e ao lado dos que a praticam, as leituras das pessoas que assistiram ao vídeo é feita pelo viés das palavras expressas, pelo que elas significam para os ‘de lá’ ou pelo que remetem enquanto lembranças de como a mídia utilizou tais termos para falar sobre eles: *bárbaros, violentos, sacrificio, tortura*. Para a gancheira que se diz contra a Farra, a expressão *sagrado* teria outra conotação que não aquela à qual o antropólogo se refere. Para o farrista os termos devorar e sacrificar reforçam a imagem que a mídia ‘vende’ deles como sendo ‘bárbaros e selvagens’. Longe de ser compreendido, comunicado, lido como uma defesa, o depoimento em questão chamou a atenção pelas expressões utilizadas e pelas imagens às quais recorria.

Confrontando situações que estão imbuídas de ‘confusões’ deste tipo é que o pesquisador tem que se ater a como escrever ou falar *aqui* sobre *os de lá*. E mais: é imprescindível termos claro que, na maioria das vezes, as leituras que fazemos são diversas daquelas que eles fazem e que, devido a este prisma diferente de *olhar e ver*, é que se torna urgente estar atento ao encolhimento das fronteiras/distâncias dos lugares em que vivemos e à proximidade crescente que o processo de globalização vem propiciando.

Assim como questionam a autoridade do que a mídia veícula sobre eles e após os exercícios de negociação de identidade que os conflitos vivencidas exigiram, os gancheiros se sentem à vontade o suficiente para reafirmar uma identidade que reconhecem como sua e para questionar (também) a autoridade com que nós, os ‘de fora’, escrevemos sobre eles. Mais do que nunca o antropólogo tem que treinar de forma cautelosa, como num *set* de filmagem, atendo-se às diferentes formas de *ir*, de *ver* e de *escrever*. Como diria num inglês com sotaque nordestino o personagem do prefeito Ipiranga (vivido por Paulo Betti) da atual novela das oito, *Indomada: Take it easy!*

'Ninguém acaba com a farra do boi não'

As/os informantes, farristas ou não, contra ou a favor, referiam como certeza o fato de que a Farra do Boi continuará sendo realizada em Ganchos levando-se em consideração que está fortemente arraigada aos gancheiros e é uma tradição rememorada como de longa data. O senhor mais idoso de Ganchos, que conta com 106 anos, rememora imagens de seu *'avô brincando com o boi'*. Já se vão nesta lembrança quase duzentos anos. As/os mais jovens, por outro lado, dizem que a Farra do Boi é uma tradição que passa de pai para filho e que com idade de três, quatro anos já iam para a Farra com seus pais.

Enfim, mesmo aquelas mulheres que se dizem contra a Farra admitem que será difícil eliminá-la do calendário gancheiro, já que é uma data esperada e com espaço garantido no cotidiano daquelas pessoas. Mesmo as criações de mangueirões, por exemplo, não inibem a realização da Farra solta, pelas ruas. Se o boi inicialmente é solto nos mangueirões permitidos *'por lei'*, alguém tratou de deixar um lugar aberto em algum trecho do cercado por onde o boi possa *'fugir'* seguindo pelas ruas, ruelas e segredos de Ganchos, com os farristas ao seu encalço:

"Eu sou contra, mas não vai ser fácil acabar com a farra do boi não, porque ela já é muito antiga e a maioria das pessoas aqui gosta e já vem desde pequeno." (Medéia)

"Eles não vão acabar porque sempre vai ficando, porque eu gosto, meu filho já gosta, eu com três anos o meu pai já me levava na Farra de Boi. É assim de herança, não tem que terminar a Farra do Boi." (Pietra)

"Depois de ficar grande, de casar, os filhos de nossos filhos também vão gostar, os meus filhos, os dela, a minha irmã também adora, adora, adora." (Renata)

Renata refere-se a uma transmissão *'hereditária'* de um gosto, uma paixão pela Farra do Boi, que ela recebeu de sua família e que passará a seus descendentes que, por sua vez, passarão *'aos filhos de seus filhos'*, reforçando e mantendo valores que compõem a identidade da *'raça gancheira'*. Desta forma, a continuidade da família gancheira depende de uma valoração conjunta dos mesmos aspectos e própria destes gancheiros, quer dizer, conforme pontua Abreu Filho: *"a permanência de uma raça/família depende então de uniões de indivíduos, ou seja, de raças/honra que*

expressam famílias colocando como problema a questão da perpetuação das raças/família.”¹⁰

Embora Abreu Filho se referisse também à perpetuação de famílias diferenciadas entre si, o mesmo enfoque pode ser direcionado para Ganchos, que combate os Estrangeiros para defender o que consideram como parte da ‘família gancheira’, momentos em que a raça/família gancheira suprime as raças/ famílias de Ganchos.

‘Uma imagem que se quebrou’: Os de fora que ‘conheceram’ os de lá

Durante a realização da pesquisa, tentei entrevistar profissionais que haviam trabalhado em Ganchos por ocasião da Farra (jornalistas, repórteres, cinegrafistas) ou feito algum tipo de investigação científica que envolvesse a Farra ou Ganchos. Contatei essas pessoas pessoalmente, por telefone ou lhes escrevi solicitando uma entrevista sobre a experiência que tinham vivenciado ‘lá’. Nas tentativas que fiz apenas duas pessoas relataram-me suas vivências em Ganchos, um jornalista e uma historiadora, ambos atualmente trabalhando em Florianópolis. Das outras não recebi qualquer resposta às minhas cartas ou justificativa pelo fato de não colaborarem nesta pesquisa.

Assim sendo, passo a relatar as duas experiências destes profissionais *‘de fora’* que não apenas ouviram falar sobre a Farra de Boi, ou sobre Ganchos, mas que foram até lá e conviveram com os gancheiros por várias Farras, tendo, desta forma, oportunidade de *‘conhecer um pouco’* - como alertou Joseli - o que é ser gancheiro ao ‘vivo’ e não somente através do que é veiculado pela mídia.

Após ouvir o que as/os gancheiras/os me falaram, relato essas duas experiências por considerá-las singulares dentro do contexto de discussão Estranho versus Estrangeiro, já que trazem como reflexão o conhecimento do exótico e a possibilidade de torná-lo, à medida do possível que a convivência cotidiana permite, familiar ou, pelo menos, compreensível.

A questão central e inicial ao entrevistar esses Estrangeiros eram suas experiências em Ganchos, no caso de João, sua vivência por vários anos como cinegrafista *na* Farra do Boi, e de Maria, pelo fato de escrever *sobre* a Farra em uma pesquisa que realizou e que para tanto, também teve que acompanhá-la para compreendê-la e apreender seu significado junto os gancheiros. Iniciei ambas as

¹⁰ Op. cit., p. 187.

entrevistas questionando: Quando fosses para Ganchos já tinhas ouvido falar algo sobre 'lá'; com que imagem de Ganchos fosses para Ganchos na ocasião?

“Foi uma coisa assim meio de imagem, uma coisa violenta, até porque na televisão passava a Farra do Boi, na Revista Veja de circulação nacional a foto de um boi com a pata dobrada e eles colocaram na legenda da foto como se o boi tivesse com a pata cortada. Isso foi uma maldade, uma armação da foto para dizer que a Farra do Boi era violenta. Parecia essa idéia de que a Farra do Boi era violenta e eu que sempre gostei de animais achava uma super violência porque eu sou do Rio de Janeiro. Lá no Rio não existe qualquer violência contra o animal; contra a pessoa tem: tiroteio, morte, mas os animais são tratados muito bem. Então eu vim para Florianópolis com esse pressuposto que as pessoas aqui não gostam de animais.” (João)

João, como cinegrafista, foi para a terra da estranha Farra com um imaginário povoado de imagens de violência contra os animais fornecidas pela mídia. Chegando a Ganchos, João admite uma ‘armação’ onde o real desmente o que as imagens vendiam como fictícias.

Também no relato de Maria pode-se perceber a criação de um imaginário a partir das imagens que a imprensa descrevia como existentes, onde Maria imagina Ganchos como o fim do mundo, um lugar de difícil acesso, isolado onde o contato inicial com as pessoas precisava ser estudado e planejado:

“Eu tinha lido o que era a Farra do Boi nos jornais e o que era Ganchos e todo o meu projeto foi problematizado em cima daquelas matérias e eram matérias fantásticas: ‘semana que vem oitocentos homens chegam do mar’; fiquei com toda idéia de um lugar completamente o fim do mundo, completamente isolado, homens bárbaros que vinham do mar e a idéia que me passava era assim, filmes sobre a queda do império romano, os bárbaros chegando...e eu fui para lá assim com muito cuidado porque eu nem sabia como chegava lá, inclusive porque a idéia que todas as matérias me passavam sobre a Farra do Boi, sobre Ganchos, sobre os homens que brincam com o boi, era uma coisa assim realmente bárbara e daí eu fiquei cheia de escrúpulos: como é que vou chegar lá? Chego de carro ou com uma roupa mais assim disfarçada, mais simples, enfim, deixo o carro lá fora e chego a pé ... e realmente a imprensa

construiu um imaginário de Ganchos bastante peculiar.”
(Maria)

Podemos perceber nitidamente, nos dois relatos acima, referências à contribuição da mídia na formação de uma *imagem* sobre um determinado lugar ou sobre pessoas, tratando-se aqui especificamente de Ganchos e trazendo à tona uma de suas manifestações mais fortes: a Farra do Boi, quando passam a ser discutidos, julgados e interpretados tradições, costumes, modos de viver o cotidiano e de modular diferentes temporalidades existenciais sem se considerar todo o contexto em que estão inseridos e *como* ocorrem no local, de fato.

Após a formação dessa imagem inicial e o preparo para ir até ‘lá’, chegou o momento de fazê-lo, e o que os dois profissionais contam sobre suas experiências em campo mescla momentos, por um lado, de negociação entre os gancheiros e eles e , por outro, de surpresa com o que encontraram ao chegar ao tão ‘*imaginado isolado*’ Ganchos:

“Então foi realmente uma surpresa, a imagem que eu tinha foi se modificando. Foi um choque quando eu cheguei lá, primeiro pelas antenas parabólicas, foi uma coisa que me chamou a atenção, significa que não é tão isolado quanto eu imaginava que fosse. Encontrei pelas ruas moços de moto, rapazes bronzeados, roupas iguais, shorts, camisetas e logo, na hora, se desfez, como se tivesse quebrado completamente alguma coisa assim, que tivesse quebrado uma imagem, um espelho que tivesse partido na hora porque a idéia era mesmo que eu ia chegar num fim de mundo, um lugar totalmente isolado e encontrar pessoas bárbaras e entramos nas casas, comecei a perceber a comunicação com o mundo, o contato que eles têm com o mundo externo, com São Paulo, Santos. Então há uma relação com o mundo moderno, com o mundo da mídia, com o mundo enfim, das grandes cidades, com a moda, a linguagem; não é nada daquilo que a imprensa passava e que continuou passando por um bom tempo por conta de uma idéia que eles tinham sobre a Farra do Boi. Quer dizer, a imprensa não sabia o que era o gancheiro, nunca visitou, mas pela notícia da Farra do Boi ela imaginou, quer dizer, eles tiraram conclusões, analisaram, interpretaram a população através do que eles imaginaram que fosse a Farra do Boi.” (Maria)

Como podemos perceber em suas memórias, Maria se dá conta de que o isolamento está mais aberto ao mundo do que sua imaginação poderia supor. As antenas parabólicas que encontra no caminho já a fazem antever que algo não é como se supunha. Ao chegar ‘lá’ percebe que além da comunicação com o mundo via antenas parabólicas, via mídia, o mar constitui, desde muito tempo, o principal caminho de acesso ao estrangeiro; pessoas imaginadas isoladas estão em permanente contato com as grandes cidades como Santos, Rio Grande e Rio de Janeiro. Maria se dá conta de que a mídia criou uma imagem sem tê-la visto e se surpreende com o que acontece a sua frente: a imagem se quebra.

A negociação era uma constante também vivenciada por João e essencial para a realização de seu trabalho de captação de imagens de Ganchos e da Farra, conforme relata abaixo. Ele se deu conta da permissão e da proibição impostas pelos farristas em decorrência da imagem que o Brasil e o exterior conheciam através da mídia que desagradava os gancheiros. Desta forma, cenas onde o boi caía, por exemplo, eram proibidas, dando prioridade àquelas onde os homens caíam, brincavam, enfrentavam o boi, acentuadas de riso e jogos de competição entre eles.

“A gente tinha que chegar uma semana antes em Ganchos, conversar com os farristas, pagar uma cerveja para eles, conversar dizendo que a gente não queria fazer matéria negativa sobre a Farra do Boi e sim matéria mostrando que eles não machucavam mais o animal, que isso era passado e tal, e a gente sofria muito a influência do pessoal da televisão, dos apresentadores, o Cacau Menezes, o Carlos Prates criticavam muito. Então para chegar lá tinha que tirar o logotipo do carro, tinha que conversar, a gente chegando uma semana antes conseguia fazer a matéria ... ia na casa da pessoa, a pessoa ficava toda feliz, que são pessoas simples, recebia a gente super bem, dava café, faziam amizade com as pessoas da televisão, achavam até uma coisa importante, então recebia super bem a gente, já marcava para outro dia, uma semana na frente, então a gente era super bem recebido. A gente procurava fazer um acordo com eles, só podia filmar, gravar, as cenas que eles deixavam a gente fazer, as cenas em que o boi caía, se machucava, eles diziam que não e eu mesmo não filmava, mas eu via que não era uma coisa tão violenta quanto pensava antes de ir para lá.” (João)

Como é possível verificar, João, que representava a mídia televisiva e jornalística, sofria mais do que Maria, que em si trazia uma mídia escrita, a de pesquisadora, que até então não chamava muito a atenção dos gancheiros, o que passou a ocorrer com o episódio já relatado no capítulo II. Desta forma, Maria remete mais à surpresa entre o que *imaginou* e o que encontrou *in loco* e João traz mais informações sobre os acordos e negociações necessários para realizar seu trabalho durante a Semana Santa em Ganchos.

O contato assíduo ano após ano e a convivência com os farristas levou os dois profissionais a questionarem-se sobre os próprios conceitos de violência e sobre a produção de imagens que a mídia é capaz de gerar, provocando admiração, revolta, repulsa ou até medo, dependendo da ênfase que é dada ao fato relatado, o que vai ao encontro dos diferentes aspectos já citados das matérias que compuseram o ‘arquivo das cinquenta reportagens’, onde, num espaço cronológico entre 1986 e 1996, o foco das reportagens oscila entre a alegria e a violência, a brincadeira e a barbárie, a bandeira branca e os sinais de sangue:

“Lá na televisão em abril todo mundo queria tirar férias, que abril é o mês da Farra do Boi, então eu comecei a fazer muita matéria sobre a Farra lá e eu sentia que essa concepção que eu tinha de violência começou a mudar e hoje em dia eu não sou mais contra a Farra do Boi; não sou contra nem a favor, eu vejo como um ato cultural de certas pessoas que fazem lá no local e eu acho que não deve ter interferência nenhuma; toda vez que a polícia foi interferir e dava tiro, era pior ainda, confusão, gente ferida e tal. Então eu vi que era um pouco hipocrisia nossa porque você vê na televisão: a Farra do Boi, coitado do boi. Depois eles vão no supermercado e compram filé mignon, alcatra e não quiseram ir no matadouro para ver como é... Então acho muita hipocrisia da pessoa que está lá no Rio, em São Paulo: ‘Ah, a Farra do Boi, vamos acabar com esse negócio’. Na Farra do Boi eles brincam o dia todo com o animal, depois põem ele para descansar, no dia seguinte vão carnear o boi, fazer uma grande churrascada para as pessoas que participaram da festa e há uma espécie de confraternização, quer dizer, o boi serve para unir as pessoas lá da localidade e faz com que seja realmente uma grande festa, não seja assim uma violência.”(João)

No relato acima João descreve, a partir da experiência com os farristas, a mudança de visão que vivenciou, de um (pré) conceito inicial de Farra violenta passa a

questionar-se e estranhar sua própria sociedade a qual, segundo ele, critica a morte do boi na Farra mas consome, depois de um inflamado discurso antifarra, o boi abatido ‘normalmente’ em matadouros. João passa a compreender a Farra como confraternização, como momento de união das pessoas e vê, por outro lado, o discurso dos seus familiares (estrangeiros) como hipócrita.

Maria, que temia o confronto com os ‘bárbaros’, vê com *emoção* a imagem real dos farristas indo ao encontro do boi, quando vivenciou e se deixou contagiar pela excitação da festa, vista como da indisciplina, da alegria e da abertura do privado ao público, com os portões abertos, possibilitando abrigo nos momentos de confronto ou fuga do boi. Ela, uma reconhecida estranha na Farra, era orientada pelos gancheiros em como enfrentar aquela desconhecida festa. Como diz Maria, não houve uma modificação de imagem, imediatamente ela se quebrou:

“Quando eu fui descendo para chegar na Sede vinha chegando um boi...aquela imagem assim eu não esqueço, aquelas pessoas indo de encontro ao boi, fiquei bastante emocionada com aquela imagem, com aquela silhueta do carro apitando, chegando, descendo e o povo indo ao encontro do boi. E outra coisa: como eles reconhecem o estranho. Logo me reconheciam no meio deles e tinham o cuidado de saber que eu não era do lugar, que eu não sabia lidar com aquele espaço e aquele ambiente de festa e logo me orientavam para me abrigar: ‘Olha, quando o boi vier entra aqui nesse portãozinho, sobe aqui ou se agacha’, aquela preocupação; então logo viam que eu era uma pessoa de fora, por mais que eu me misturasse com eles eu não saberia lidar com aquela festa, que é uma festa da indisciplina; me impressionou também os portões abertos e a gente podia entrar, eu achei lindo. Quebra totalmente aquela imagem da imprensa, que é muito violenta.” (Maria)

Sobre o aspecto referenciado no capítulo II acerca das diferentes formas de abordar uma notícia, um ‘objeto de estudo’, ou uma imagem que a mídia veicula e como confirmação do que expôs Leiloca (gancheira), no capítulo III, sobre a existência de diferentes interesses e, de acordo com estes, distintas abordagens sobre um mesmo tema, também João a este fato se refere quando relata em sua experiência com a Farra momentos de *encomenda* de matérias para atender a determinados grupos da sociedade:

“Já mudou um pouco essa concepção de mostrar a violência da Farra do Boi, então procuram fazer matérias

que mostram não a violência mas que só brincam com o boi, que é uma brincadeira sadia, que todo mundo participa. Pelo menos na televisão procuram mostrar para nível nacional que é apenas uma brincadeira... inclusive já naquela época havia uma equipe de jornalistas que queria mostrar o outro lado da Farra para acabar com essa comoção nacional que estava prejudicando Santa Catarina. Então na época o Kleiton (político importante na década de oitenta) ligou para a Globo e pediu que fizessem umas matérias que mostrasse que era uma coisa de tradição cultural, que o boi não sofria, e foram feitas algumas matérias, inclusive as que eu comecei a fazer com o Lorrán... foi uma determinação da própria Rede Globo e deu certo, parou um pouco essa coisa de aparecer na mídia.” (João)

Passou-se a querer mostrar um outro lado, ou seja, que não se tratava de um povo bárbaro, mas de uma manifestação cultural caracterizada por momentos de brincadeira, de jogo, próprios do *homo ludens* ao qual se refere Huizinga. João disserta sobre como vê a diminuição da frequência com que a mídia mostrava a Farra e sobre a mudança de enfoque que os noticiários passaram a reforçar. A análise de João, jornalista, corrobora a exposta anteriormente por Leiloca, dona de casa, ou seja, que no início o propósito da mídia era ser veiculadora de uma campanha antifarra pelo fato de ser um evento considerado, em nível nacional e internacional, ‘violento’. Como tal objetivo não foi alcançado e, ao contrário, levou um grande número de turistas a Ganchos para ver de perto a *tal* Farra, os encaminhamentos para desviar a atenção dos telespectadores, e expectadores, da Farra do Boi foram tomando outro rumo. Diz João:

“É que as pessoas estavam interessadas na violência, como viam que não tinha violência, quer dizer, estão perdendo ibope, aquela coisa bem assim: as pessoas gostam de ver sofrimento, dor, violência; a partir do momento que não tem mais foi diminuindo a curiosidade ... pararam de cobrir tanto a Farra do Boi”

Quanto à violência na Farra, João considera que essa existe um pouco pelo fato de retirar o boi do pasto, de seu local, mas que um dos fatores geradores de maior violência era a própria presença dos ‘*de fora*’: policiais, repórteres, jornalistas, cinegrafistas, os quais, por virem reprimir o que era parte da identidade gancheira, evento da tradição de Ganchos, provocavam alteração de ânimos e conseqüentes enfrentamentos e negociações:

“O simples fato de estar molestando o animal já é uma violência, claro, devia estar no pasto ... e quando a gente estava lá eles se exibiam bastante, jogavam alguma camisa, depois davam um sorrisinho para a câmera; se a gente não estivesse lá seria até uma Farra do Boi mais calma. Então muitas vezes a televisão é culpada pelo excesso, podia ter acontecido a mesma Farra entende, mas só por a gente estar ali já deixava nervosas aquelas pessoas e elas começavam a se exibir e a se exaltar um pouco.”

Nestes momentos de maiores enfrentamentos e ânimos mais alterados, João, como cinegrafista, buscava um recurso de distanciamento do fato a sua frente, *ao vivo*, e utilizava-se da lente da câmera como subterfúgio de fuga, como se estivesse lá, em sua sala de televisão *assistindo* e não em Ganchos *vivenciando* a Farra do Boi: *“Se você está ao vivo no local você sofre, então quando eu queria me isolar daquela cena botava o olho no vifider, no visor da câmera e, já que é preto e branco, ficava vendo assim como se tivesse vendo televisão, como se não tivesse participando daquela cena, tivesse ausente. Fechava o outro olho e só com o olho no visor. Então nos momentos de maior excitação eu fechava o olho ... e imaginava eu na minha sala vendo televisão. Eu me ausentava um pouco, assumia uma posição assim de um telespectador que está vendo e que não pode fazer nada, é como se fossem duas pessoas.”*

Maria que, por sua vez, estudou a Farra como pesquisadora, também observou a total percepção que os gancheiros têm e o quanto estão atentos ao que a mídia veicula sobre eles e sobre a sua Festa. A cada ano e a cada Semana Santa atenção redobrada: *O que a televisão vai falar esse ano? O que vão dizer da Farra do Boi? O que vão dizer da gente?* São questionamentos freqüentes dos gancheiros, que não deixam de assistir aos noticiários para posterior discussão nos pequenos grupos que se formam na pracinha ou nos bares. Na época da Farra do Boi, Semana Santa, os que são proprietários de antenas parabólicas retiram-nas do aparelho, que é o que a faz funcionar, para assistirem ao jornal da RBS que apresenta notícias locais, as quais não são veiculadas pela antena parabólica; nesses momentos a televisão fica com a tela limpa, à espera de notícias ‘globais’, veiculadas em nível nacional. Como os gancheiros querem saber o que estão *‘falando deles’*, não hesitam em ficar alguns momentos só com a antena local:

“Eles têm uma consciência muito forte do outro e deles. O outro é a polícia, o Governo. Eles sabem o que

estão falando deles; não sei se foi a própria questão da Farra do Boi que tornou público, não sei de onde vem esse contato com a imprensa, que faz uma representação deles e eles estão atentos a isso que se fala deles, eles assistem televisão, eles tem contato com esse mundo de fora ... e foi muito cruel tudo o que escreveram deles ... eu senti uma consciência muito forte dessa diferença entre o que eles acham que são e o que se diz deles e toda essa polêmica fez com que eles recriassem uma nova identidade, até uma coisa política.” (Maria)

Mais uma vez as percepções se entrecruzam quando o que as gancheiras dizem é colocado frente a frente com o que os ‘*de fora*’ vivenciaram e presenciaram ‘*lá*’ e, como num ciclo de experiências e confrontos, retornamos ao início deste capítulo, onde a necessidade de negociação de uma nova identidade se fazia urgente pelas gancheiras no contato com o Estrangeiro, momentos em que eram vistas como Estranhas.

Entrevistando essas duas pessoas e dialogando com outras que trabalham em Ganchos há muito tempo, percebi que, à medida que vão se envolvendo profissional e pessoalmente com os *objetos* de estudo, criam laços e formas de comprometimento diferentes daqueles que foram, ou vão, apenas uma vez ou esporadicamente a determinado lugar ou escrevem tendo como parâmetro o ‘ouvi falar’. No discurso dos dois profissionais veio à tona uma reflexão sobre o que falavam e momentos de *imaginação* em que pensavam (alto) sobre o que pensariam os ‘*de lá*’ quando lessem o que eles estavam falando e informando.

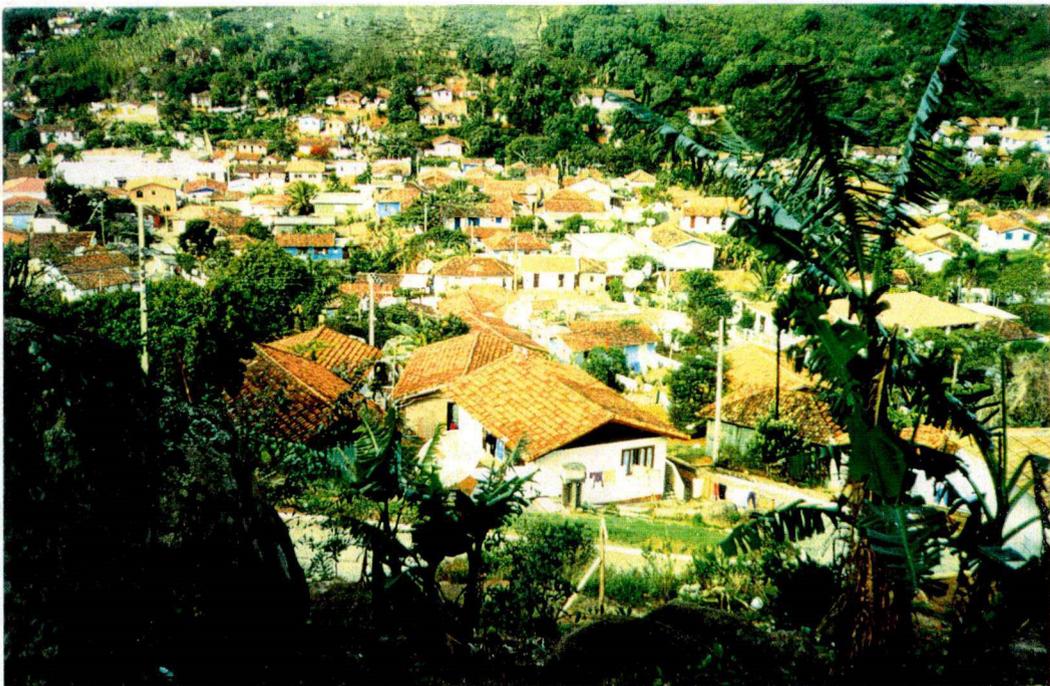
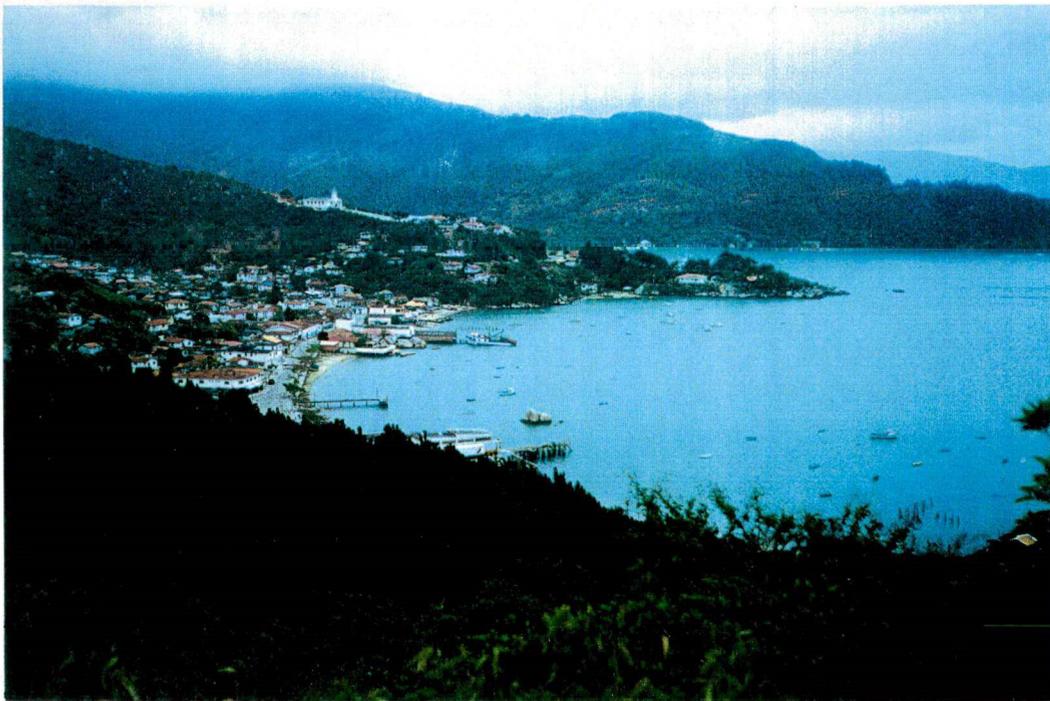
Talvez por saberem que retornariam a Ganchos vários anos seguidos e que não estavam indo lá apenas uma vez, estes profissionais aprenderam lições de negociações de espaços, temporalidades e inserção no cotidiano gancheiro. Negociações estas que não são possíveis a quem vai apenas fazer uma matéria ou uma rápida pesquisa, porque a noção de efemeridade que permeia trabalhos deste tipo não permite a estes profissionais vislumbrarem que o que fazem retornará aos ‘*de lá*’ e que *eles* farão diferentes leituras a partir do que os ‘*de fora*’ escrevem e da imagem/‘*mídia*’ que veiculam sobre os ‘*objetos*’/ sujeitos, neste caso, Ganchos/os gancheiros.



*“Gancho é
Gancho porque
é torto....”*



*... onde já se viu
Gancho ser certo?”*



*“Quanto
mais
fora
mais
fundo*

*Quanto
mais
fundo
mais
peixe*

*Enquanto
o
mundo for
mundo
eu peço
que tu
não
me
deixes..”.*



*Viva São
Pedro!*

Vivaaa!!!

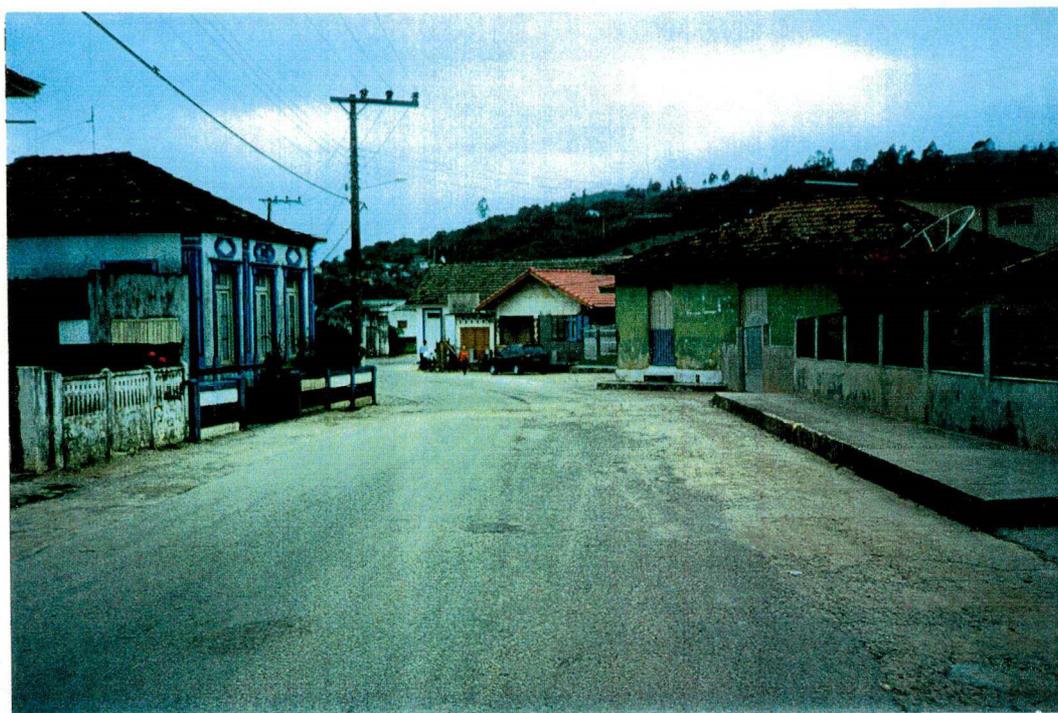






*“Se fosse Deus, eu baixava
Um decreto de verdade
Cada deserto do mundo
Ou mesmo em cada cidade
Teria que ter um pedacinho
De minha comunidade*

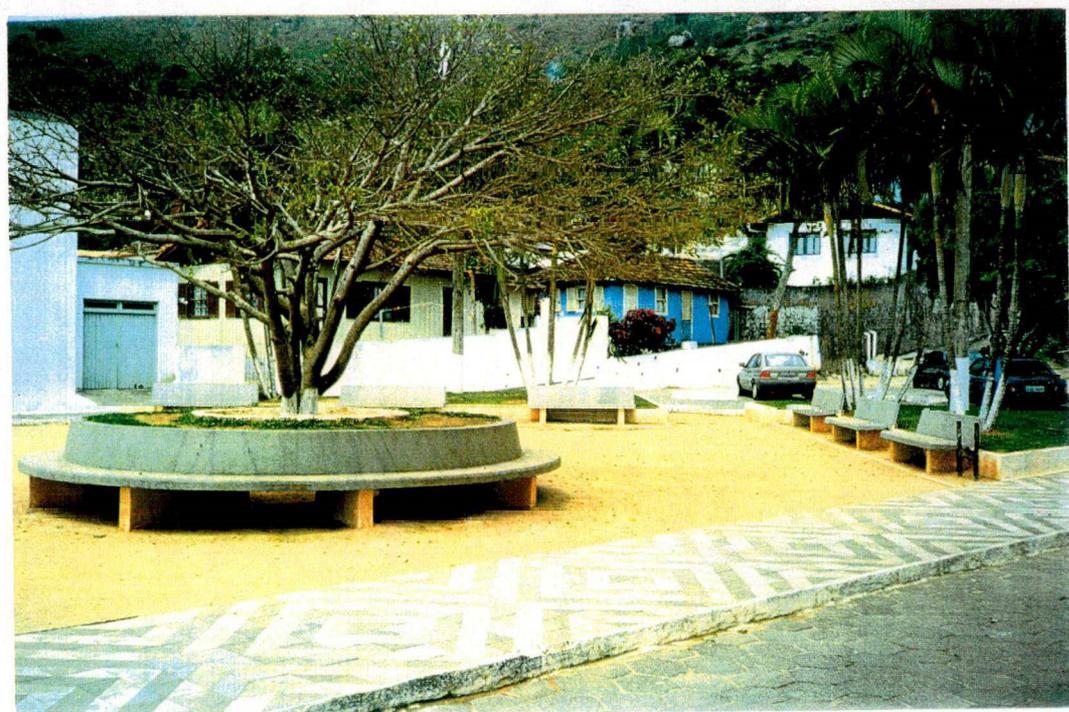
*Podia ser do seu morro,
Podia ser do seu mar,
Ou lá do nosso horizonte
Onde o sol vai descambar
Dando o colorido mais belo
Que alguém pode apreciar.*

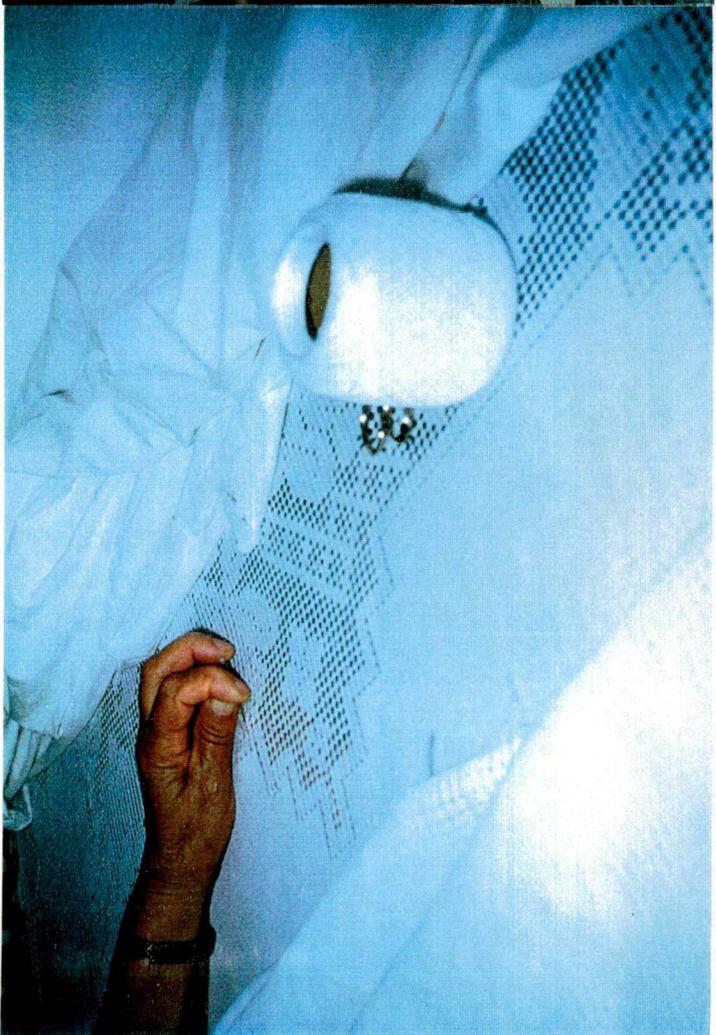


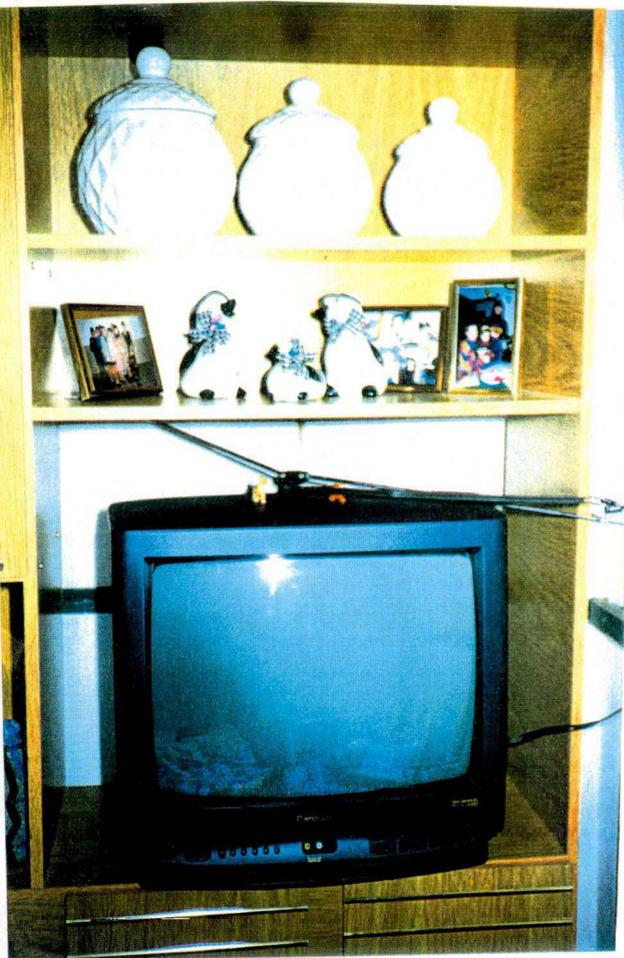
*Podia ser do seu povo
Bom, amigo, acolhedor
Podia ser das crianças
Retratadas com amor
Podia ser de seus jovens
Ou do homem pescador...*

*Tenho orgulho minha gente
Desta terra onde nasci,
Do mar batendo na praia
Da gente que mora aqui
Tanto dos Ganchos querida
Amo! Um beijo pra Ti.”*

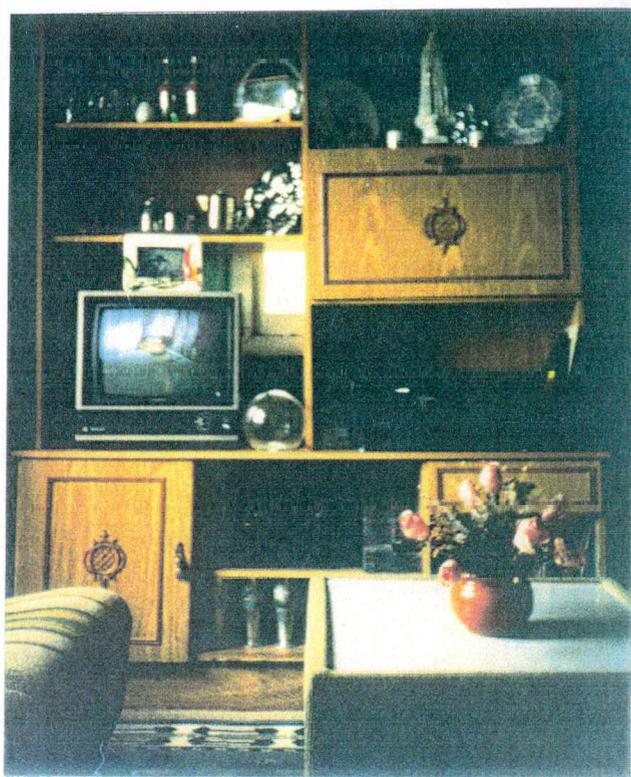
Antonieta Mercês da Silva,
Tanto dos Ganchos.







**“A televisão
a gente assiste ...**



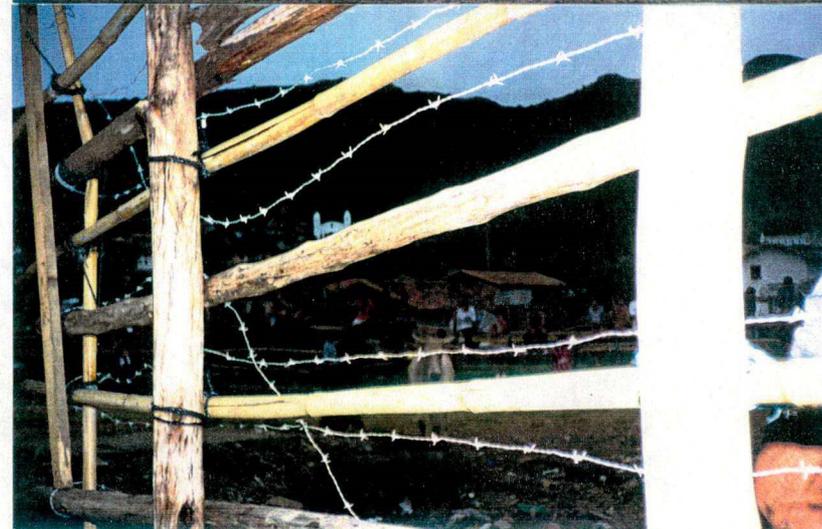
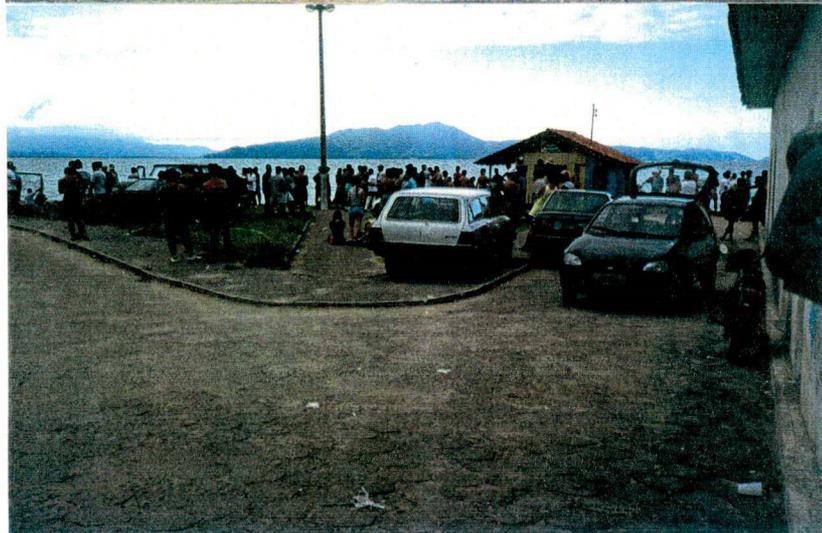


... O rádio é o nosso
Companheiro”.



“Parabólica não é luxo,
é necessidade!”





*A farra do boi é tudo.
É acordar mais cedo,
fazer tudo ligeiro. É alegria,
é movimento, é vida.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“O deserto que atravessei
Ninguém me viu passar
Estranha e só...
Tão longe de chegar
Mas perto de algum lugar...”*
Tanita Tikaran.
Versão Zélia Duncan/Christiaan Oyens

Passei a infância ouvindo meu pai, descendente de alemães e traumatizado com a perseguição vivenciada no Brasil, por ocasião da Segunda Guerra, falar sobre as técnicas de guerra e sobre os procedimentos a serem tomados caso houvesse algum confronto desta natureza, como ficar em pé quando o avião está longe e deitada quando está sobrevoando próximo. Além de saber utilizar, caso precisasse, como ele em sua infância, a frase que nos salvaria: ‘Sou brasileiro nato de coração’. E eu já me perguntava: *Por quê?*

Após alguns anos, passei no vestibular e para minha sorte ‘a faculdade não era particular’ (ao contrário da cantada por Martinho da Vila em ‘O Pequeno Burguês’). Lá, na graduação, pela primeira vez ouvi falar numa chamada ‘Antropologia’ e guardei muitos questionamentos sobre ela e sobre os *porquês, para que e como* referentes a um constante, segundo Lévi-Strauss, ‘outro’. E mais, vi-me frente a frente com questões relacionadas ao próprio, ao meu, ao familiar.

Ao escrever as ‘Considerações Finais’ desta dissertação, os questionamentos se avolumaram, porque além do ‘outro’ que eu busco compreender e das próprias questões sobre o familiar, o conhecido, vem suscitando novas inquietações um denominado ‘processo de globalização’, que diz que nem tudo é tão homogêneo, que, na verdade, tudo pode ser muito heterogêneo, que o que parecia tão sólido já não o é, que os ‘de lá’

estão bem mais próximos 'daqui' e que as fronteiras tornam-se cada vez mais tênues com a capacidade crescente de o tempo ser consumido em um espaço cada vez menor.

Os lugares também já ganham um novo possível *status* e, segundo Augé¹, podem ser vistos como 'não lugares'; as pessoas carregam senhas, códigos, dígitos, nessa 'tribo global' que cogita numa era Internet. E é sobre um aspecto da comunicação, ou seja, sobre a mídia e sobre o Estranho na mídia que busquei uma discussão permeada pela tríade cotidiano, tradição e temporalidade no espaço feminino em Ganchos, talvez porque 'lá' os contrastes e confrontos me suscitam constantes idas e vindas e também porque 'lá' tudo também é questionado, especialmente a relação entre 'eles' e nós, os os 'de fora', Estrangeiros.

Ganchos tem, como foi possível constatar no decorrer desta dissertação, uma relação de enfrentamento com a mídia e, através dos questionamentos que os gancheiros se fazem e que dirigem à própria mídia, põe em constante dúvida uma autoridade midiática, onde a imagem teria em princípio o atributo de convencer enquanto 'verdade', mas que no olhar do gancheiro é tida como 'mentirosa' e que não se fundamenta na 'realidade'.

Talvez pelo fato de discordarem da imagem que a mídia veicula sobre eles, muitos gancheiros questionam o que a televisão apresenta, seja em novelas, comerciais, telejornais. Corriqueiras expressões como: 'Será que isso acontece?', 'Será que isso é verdade?', 'será que tem mesmo um lugar assim?' fazem com que o que a televisão quer mostrar com uma intenção, às vezes verídica possa parecer possível de 'criação' e 'invenção'.

Exemplos sobre a não-autoridade da mídia são citados pelas mulheres e quando o fazem correlacionam-nos com a premissa base: '*Não falam tudo aquilo dos gancheiros?*'. O 'falar tudo aquilo' refere-se a um tudo do qual geralmente discordam, independente de serem contra ou a favor da Farra do Boi, já que está em 'jogo' a imagem do lugar onde vivem, levando-os a duvidar sobre o que a televisão apresenta e a um confronto permanente com os 'de fora' quando em território gancheiro.

Assim sendo, da mesma forma que os jornalistas, repórteres e fotógrafos enfrentaram, e ainda enfrentam, esta negociação com os de 'lá', a vivência que tive 'em campo' (descrita no capítulo II) esteve toda permeada por este tipo de relação. Eu, como

¹ Augé, Marc. *Não-Lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.

uma encarnação da mídia, também tive meu trabalho vigiado e observado em suas etapas de interação com as pessoas, desde a leitura do projeto de dissertação, a chegada tumultuada e difícil até o término da pesquisa, quando o mesmo pescador que, no primeiro dia em que lá cheguei, ao me encontrar na rua, me olhou de cima a baixo e cuspiu, querendo demonstrar um nojo exagerado por minha pessoa, na minha última semana 'lá' ao término da pesquisa, me parou na rua questionando: '*O que estás fazendo aqui, viesse trabalhar de novo?*' (Patinhas, 35 anos, Canto dos Ganchos). Oportunidade em que parei (lição de negociação aprendida em eles: já que perguntou vai ouvir) e durante quarenta minutos conversamos sobre o motivo do retorno, sobre as mágoas, desconfianças e sobre o que nominaram 'a traição'

Também os outros Estrangeiros que entrevistei viveram este tipo de negociação inicial e vigília do trabalho realizado: '*O que a senhora está fazendo aqui?*' foi a primeira pergunta feita à Maria, pesquisadora, e '*Vocês não vão sair inteiros daqui?*' foi o alerta dado a João, jornalista, quando lá estiveram para falar sobre os gancheiros. Como, enquanto eu saí de lá para realizar o mestrado, tomaram conhecimento sobre a dissertação referida no capítulo II e viram ali meu nome, lendo-o como 'uma traição' à sua confiança, quando lá retornei para a realização desta pesquisa tive todo meu trabalho vigiado e acompanhando nas diferentes etapas.

Entre o '*filma, mas bebe*' do jornalista ao '*escreve, mas mostra*' que vivenciei, o ponto comum foi/é a constante busca dos gancheiros em se reafirmarem como gancheiros. No contraponto com o outro, na atitude de contrariar o que é dito sobre eles, no fato de discordarem do que a mídia afirma é que recriam uma tradição de *ser gancheiro*. É na agonística do confronto vivido que reafirmam como, na '*verdade*', dizem que são.

A negociação cotidiana com a vida ligada ao mar é refletida *em terra* quando se deparam com os '*de fora*', os quais, em território gancheiro, devem ficar atentos às negociações, já que lá há, sim, um nome - Ganchos. Entre o torto do gancho e o tortuoso de Ganchos, entre os portos que se abrem e as pontes que levam/trazem novidades, estrangeiros, confrontos e conflitos, a vigília constante, a negociação que fervilha entre os conhecidos e os Estranhos. Se a Farra do Boi está no sangue, como dizem, está na honra gancheira o motivo para defendê-la como 'deles'. Da vergonha inicial em se verem na mídia ao orgulho explosivo de se afirmarem gancheiros, a negociação quer reafirmar a *honra* e manter viva *no sangue* a Farra.

Optei, antes de mostrar essas tensões e negociações, por descrever Ganchos num exercício etnográfico que buscou levar ao leitor *imagens* gancheiras, do seu cotidiano e da sua tradição. Desta forma, no capítulo I, o cuidado foi com a descrição dos lugares e pessoas, com o ritmo de vida ligado à pesca, com as interseções e sobreposições temporais, vividas no cotidiano por períodos que oscilam entre o repouso e o agito, entre a fartura e a miséria, entre a ida dos homens *ao mar* e a certeza pela espera das mulheres *em terra*.

Quanto ao eixo da pesquisa que visou compreender a recepção da mídia em Ganchos, rádio, televisão e antena parabólica, os resultados das entrevistas levam a crer que foi a televisão, segundo os gancheiros, que mais surpreendeu com a chegada da *'imagem pronta'* que trouxe; à antena coube o estardalhaço da circunferência reluzente que se implantou no quintal da casa, e o rádio, em meio a tantas novidades midiáticas, continua tendo o seu *'lugarzinho'*, pois se a televisão precisa ser acompanhada, o rádio é o *'companheiro'* diário das atividades domésticas, que devem estar sempre *'adiantadas'*.

A mídia, portanto, tem lugar no cotidiano feminino gancheiro, mas o essencial exigido de uma mulher *trabalhadeira e limpa*, que bem represente, assim a honra familiar e feminina, é que dê conta do *serviço*, a não ser que seja uma mulher cuja Farra corra no sangue. Será então possível nos dias de Farra toda indisciplina permitida, já que a festa está nas ruas. Somente neste caso a casa pode esperar para mais tarde, fazendo jus ao que me contaram, ou seja, que a televisão surpreendeu e alterou inicialmente o cotidiano gancheiro até nele se sedimentar, mas nem por isso conseguiu tirar o lugar da Farra do Boi.

A leitura da mídia, em Ganchos, é crítica, de modo algum passiva, permanentemente iluminada pelas vivências dos gancheiros, que a elas constantemente se remetem quando confrontam imagens do vídeo com imagens do vivido, o que faz com que questionem constantemente a (não) autoridade da mídia.

Quanto às diferentes leituras no processo de recepção da mídia, um dos pontos apontados pelas gancheiras refere-se ao tênue limite entre o *divertido* e o *ridículo*, em que diferenciam entre um e outro o fato de trazerem a exposição de pessoas que podem, ou não, se defender, que sejam saúdaveis ou doentes, enfim, que criem um quadro *divertido* ou, longe disso, *caiam no ridículo*. O que leva ao engano do chamado 'Ibope', pois o que em princípio atrairia pelo 'divertido' mostra um aumento do Ibope por ser visto como 'ridículo'.

É ridículo também para os gancheiros “*isso que a televisão faz, mostrar o que não existe*” (Medéia), isto é, mostrar uma imagem de Ganchos que não reconhecem como ‘deles’, semelhante ao fato de nos vermos num vídeo e não nos reconhecermos: mas essa aí não sou eu, não é a minha imagem! Há, assim, entre *eles* e os ‘*de fora*’ uma evidente diferença na forma de ‘*leituras*’ sobre o que reafirmam que *são* e o que os outros dizem *sobre eles*, em que salientam o quanto se consideram Estranhos. Até mesmo nas leituras das reportagens ou assistindo ao vídeo sobre a Farra do Boi que utilizei como suporte metodológico, as *leituras* eram diferentes, e pessoas que, em princípio, estavam no vídeo defendendo a Farra do Boi e os farristas, eram interpretadas pelos ‘de lá’ como alguém que reafirmava a imagem deles, que a mídia enfatiza de ‘bárbaros’, de ‘selvagens’.

Essa relação conflituosa com a mídia e com os de ‘fora’, faz com que os gancheiros desliguem a antena parabólica (nacional/global), no momento da Farra do Boi, para poderem assistir e saber o que a televisão está veiculando sobre o local. Há aí, também, uma não-passividade em relação a televisão, como há no zapping, que é o contrário do que Ondina Leal observou anos atrás.

Os gancheiros, além desta relação crítica, questionadora e ativa da mídia, vão mais longe quando são sujeitos da mídia - durante a Farra do Boi - eles praticamente produzem a imagem, dirigindo os câmeras e os repórteres, dizendo o que, como e onde pode ser registrado.

Em meio a tantas possibilidades de ‘negociação’, a questão ética faz-se, pois, essencial para o pesquisador que tem que ampliar sua consciência sobre a conexão familiar/estranho no momento de interpretar o que viu, o que compreendeu para os ‘*de fora*’, os Estrangeiros. Se a imagem familiar não provoca nossa imaginação e não ‘vende’ tanto quanto o remexer do exótico, muitas vezes convertido em violência, barbárie e sangue, é no questionamento dos ‘*de lá*’ sobre o ‘nosso’ (para eles exótico) que nos deparamos com imagens espelhadas de crimes bárbaros contra seres humanos, de discursos inflamados de ecologistas que preconizam a preservação dos animais mas exigem no seu dia-a-dia o melhor filé mignon de boi ‘sacrificado’, tecnicamente, em matadouro.

Que discurso é esse? Que (in) coerência é essa? Que imagens são essas que produzimos com nosso desejo de criar trabalhos inéditos? O que e para que as produzimos? Se os gancheiros parecem aos ‘*de fora*’ Estranhos com a realização da

Farra do Boi, a eles estranho parece o que é veiculado na televisão sobre chacinas, fome, violência urbana: mortes, assassinatos, índices criminais, “*por que eles não vão cuidar lá da violência no Rio, São Paulo, é morte, chacina, aqui é só a Farra?*”(Lunar, Canto dos Ganchos); talvez porque, como eu havia esquecido de mencionar, “*o índice de criminalidade em Ganchos é zero, não acontece nada de grave aqui, nenhum crime*”. (Apolo, autoridade policial em exercício, na época, em Ganchos). Que estranha farra é essa?

Desta forma, a questão ética torna-se fundamental quando realizamos um trabalho, uma pesquisa, uma investigação científica e objetivamos, naquele momento, fazê-lo da melhor forma possível. Independente da conotação ou enfoque que o antropólogo dará quando falar sobre o que vivenciou e sobre as informações que colheu, ‘como’ o fará é imprescindível de ser ponderado. Junte-se a isso o fato de que a globalização que vivenciamos, e que foi mencionada em todo o percurso desta escrita, faz-nos tomar consciência de uma criticidade dos de ‘lá’ e de uma crescente abertura e exposição do que produzimos, o que faz com que cada vez mais sejamos questionados por ‘eles’ sobre o que escrevemos e sobre como interpretamos o que nos informam.

Frente ao encolhimento repentino dos muros universitários, o retorno aos locais e às pessoas que o antropólogo elege como ‘objetos’ de estudo passa a permitir um confronto entre o pesquisador e *eles*. Tal aproximação propiciará, cada vez mais, nos depararmos com questionamentos para os quais não temos respostas, ou refutações sobre a metodologia utilizada na construção de nosso *objeto* e na realização de nosso campo.

Esse impasse se dá porque, o que para nós é nominado nosso (rápido) campo, para os ‘*de lá*’ é a vida, é o cotidiano, é a temporalidade que permite com que durem no tempo e repassem aos seus tradições, costumes, crenças, diferentes formas de ver, olhar e ritmizar a vida. Por mais que tentemos, pois, nos aproximar dos ‘*de lá*’, e por mais que busquemos escrever aqui sobre eles, coerente com o que consideram deles, não o conseguiremos de fato, tendo em vista as *diferentes* formas de significar palavras, de simbolizar gestos, de ver as farras e confrontos, de conceituar e experienciar cenas de violência ou barbárie, de abandono e de enfrentamento da vida.

Teríamos que nos empreitar num campo demasiado longo, segundo Joseli, Canto dos Ganchos, de no mínimo cem (!) anos - e ainda assim não os teríamos compreendido com um olhar aproximado ao ‘*lá*’, considerando que, embora cada vez mais próximos,

continuamos com diferenças que fazem ainda ‘deles’, os Estranhos e de nós, contínuos Estrangeiros.

Entre compreender e vivenciar um fato há uma grande distância a ser percorrida, diz Bachelard; entre as lições para ser ‘*brasileiro nato de coração*’ e a vivência de ter a Farra no *sangue*, entre buscar compreender os gancheiros e chegar perto de consegui-lo, no mínimo cem anos seriam necessários, diz Joseli. Entre nós ‘de fora’, Estrangeiros, e eles, os Estranhos, por mais que busquemos nos aproximar, as formas de ver, ler, sentir, viver, continuam sendo diferentes. Me pergunto: será que um dia, de fato, conseguiremos? E com tudo isso efervescendo, tenho que chegar, finalmente, a um ponto final neste trabalho. Porém, como aprendiz de Antropologia que me considero e pelo fato de que novas inquietações já estão me cutucando, um ponto de reticências nunca invalidou o (quase) final das Considerações Finais...

Agora compreendo por que ouvia comumente os mestrandos em fase final de elaboração da dissertação dizerem: *É como um parto!* É: difícil de sair e não tem como delegar a outrem uma tarefa que é totalmente individual, solitária, pessoal. E, ao completar o *parto*, parece-me que tudo fica mais difícil ainda. De repente, o tanto que li já não parece ter nexos, os autores oscilam entre um e outro em constantes questionamentos. E a visualização da *tal* defesa faz tremer a mais calma das criaturas: e se eu não souber *defender* meu trabalho ?

E se eu não souber como falar sobre cada etapa da pesquisa; se eu não souber a dose exata de ênfase ao responder àquele mestre encarregado pela Mesa de me ‘cutucar’ nas arguições? E se eu não alcançar a emoção necessária para defender o que elaborei e o que produzi com intelectualidade e segurança que intento apresentar à Mesa, ao público e às pessoas com as quais interagi?

Parece-me, de repente, ter entrado num processo de regressão onde o que sei não é suficiente e o que busco não tem tanta importância já que um constante *para quê?* e *o quê?* continuam acompanhando esse processo final do trabalho.

Pior: ouvi de um mestrando que recém defendeu sua dissertação que há uma dose de *depressão pós-parto*. E compreendi por que, no final, comeci a protelar a conclusão do que escrevia. Não sei se acontece ou aconteceu com outros alunos, mas penso que é como um final de gestação em que a mãe quer que o filho fique protegido no seu ventre, ou seja, não queria ou temia concluir minha produção pois mostrá-la implica receber

críticas, o que provoca alterações em nossa 'cria' que, a nossos olhos, está tão próxima do 'melhor' que conseguimos, ineditamente, criar.

A cada dia eu elaborava um pouco a escrita e como tinha dias em que tudo deslanchava mais rápido, em outros compensava esse avanço com uma total inércia num bloqueio mental e motor que impedia a criação e o andamento do trabalho. Era uma sensação de inutilidade pós-conclusão: quando acabar, para que servirá? O que irei fazer? A minha cria/criação, que recepção terá?

É, acima de tudo, um processo extremamente solitário em que, algumas vezes, ficava feliz por conseguir descrever no papel a experiência com a intensidade que tinha vivido em campo e em outras me apavorava pois, por mais que dialogasse com as colegas 'sobre', era eu quem tinha que definir 'como' fazê-lo. Porém, esses diálogos são imprescindíveis para quem está elaborando a sua dissertação; não resolve a agonia, mas o fato de falar e de ouvir do outro que também está sem conseguir isso ou sem entender aquilo; feliz em alguns momentos, revoltado em outros, faz um bem enorme. Não resolve, mas ameniza.

É também interessante o começo da escrita, o durante e o finalmente. No começo olhava o material que tinha e confrontava-o com o que havia vivenciado em Ganchos e pensava: Por onde vou começar a escrever? Mais: O que escrever? Como? Após conflitos, debatimentos internos e debates com orientadora, co-orientadora, colegas de turma e gancheiras, o 'fio da meada' foi encontrado e expus na forma escrita o que mentalmente foi se estruturando.

Dessa forma, o trabalho foi crescendo: vinte, cinquenta e em algum tempo mais de cem páginas. E, como opto por escrever em um número o quanto possível reduzido de páginas, já estava ficando de um volume considerável e cada vez mais apareciam itens, passagens vividas, tópicos de questionamentos a serem explicitados ... É o momento do 'corte' - por isso ouvia dos outros alunos em suas defesas: tive que fazer um recorte, senão escreveria outra dissertação. É verdade, os cortes são inúmeros. E cada um deles uma dissertação em potencial. Olhando para o que produzi ainda vejo: quanta coisa ficou sem ser dita, quanto ficou para trás ou para outra oportunidade. E, como quem está 'de fora' verá tópicos que quem está elaborando não percebe, sempre se ficará por fazer muitos cortes, inúmeros recortes e inumeráveis inserções. Coisas de trabalho 'em construção'.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL E SANTA CATARINA

ALBUQUERQUE, Cleidi Marília C. Pedroso. **Tecendo redes sociais: a articulação de instituição social numa localidade pesqueira de Santa Catarina**. Dissertação apresentada ao mestrado do PPGAS/UFSC. Florianópolis, 1983.

BASTOS, Rafael José de Menezes. **Dionísio em Santa Catarina: ensaios sobre a farra do boi**. Rafael José de Menezes Bastos (org.) Florianópolis: Ed. da UFSC, 1993.

BECK, Anamaria. **Lavradores e pescadores: um estudo sobre o trabalho familiar e trabalho acessório**. Florianópolis: UFSC, 1979. Mimeo.

BECK, Anamaria et alii. **Trabalho limpo: a renda-de-bilro e a reprodução familiar**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1993 (Anhatomirim 4).

CABRAL, Oswaldo R. **História de Santa Catarina**. 3. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1987.

CARDOSO, Fernando Luiz. **Orientação sexual masculina numa comunidade pesqueira**. Dissertação apresentada ao Mestrado do PPGAS/UFSC. Florianópolis, 1994.

CARUSO, Mariléa M. Leal e CARUSO, Raimundo C. **Mares e longínquos povos dos Açores**. Florianópolis: Agnus, 1995.

CARUSO, Raimundo C. **Franklin Cascaes - vida e obra**. E a colonização açoriana. 2 ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1989.

CECCA - Centro de Estudos Cultura e Cidadania. **Uma cidade numa ilha**. Relatório sobre os problemas sócio-ambientais da ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Insular, 1996.

CÓRDOVA, Raquel Vieira de. **“Ficar em terra - O processo de migração de profissionais da pesca”**. Dissertação apresentada ao Mestrado do PPGAS/UFSC. Florianópolis, 1986.

DA MATA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1990.

_____. **A casa & a rua**. 4ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

_____. **O que faz o Brasil Brasil?** 8ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant’Ana. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. Ensaios 94. São Paulo: Ática, 1983.

DOCUMENTO PIDSE - Apostila Programa Integrado de Desenvolvimento Sócio-Econômico. Diagnóstico do Município de Governador Celso Ramos, 1990.

ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS. Vol. XXXII, 1959. p.26-30.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. **A farra do boi. Palavras, sentidos, ficções**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala**. 31 ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

GERBER, Rose Mary. **Antenas parabólicas em Ganchos**. Necessidade ou novidade. Trabalho apresentado à disciplina de Globalização Cultural do PPGAS/UFSC. jul. 1995.

_____. **As viúvas de marido vivo**. Organização familiar em uma comunidade açoriana. Ensaio apresentado ao PPGAS/UFSC na seleção para o Mestrado, 1994.

_____. **Uma introdução à memória de Ganchos através do relato oral dos idosos**. Monografia apresentada à UFSC para obtenção do título de especialista em Gerontologia, 1993.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LACERDA, Eugênio Pascele. **A farra do boi em Santa Catarina**. Dissertação apresentada ao Mestrado do PPGAS/UFSC. Florianópolis, 1995.

_____. (org.). **Farra do boi**. Introdução ao debate. Florianópolis: FCC, 1990.

LAGO, Mara Coelho de Souza. **Memória de uma comunidade que se transforma: de localidade agrícola-pesqueira a balneário**. Dissertação apresentada ao Mestrado do PPGAS/UFSC, Florianópolis, 1983.

LUPI, João , LUPI, Suzana. **São João do Rio Vermelho**. Memória dos Açores em Santa Catarina. Porto Alegre: EST.

MALUF, Sônia. **Encontros noturnos**. Bruxas e bruxarias na lagoa da Conceição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

PIAZZA, Walter. F. **A colonização de Santa Catarina**. 2 ed. Florianópolis: Lunardelli, 1988.

RIAL, Carmen. Da casa açoriana à casa decorada: a transformação do espaço doméstico na ilha de Santa Catarina. In: **Cadernos de Antropologia**. n.3, 1991. p.33-48.

_____. **Mar de Dentro: a transformação do espaço na Lagoa da Conceição**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PPG em Antropologia social/UFRGS, 1988.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. A formação e o sentido do Brasil. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Luiz da Silva. **Etnografia açoriana**. Angra do Heroísmo: Instituto Histórico da Ilha Terceira, 1982.

SOARES, Iaponan, LOCKS, Ana Lúcia Coutinho. **História de Biguaçu através de sua gente**. Biguaçu: P.M. de Biguaçu, 1989.

SOUZA, Laura de Mello. **O diabo e a Terra de Santa Cruz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

GÊNERO

ARIES, Philippe. A família e a cidade. In: FIGUEIRA, Sérvulo e VELHO, Gilberto (orgs). **Família, psicologia e sociedade**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1981. p. 12-23.

AZEVEDO, Thales. Namoro a antiga: tradição e mudança. In: FIGUEIRA, Sérvulo e VELHO, Gilberto (org). **Família, psicologia e sociedade**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1981. p. 219-275.

BALANDIER, George. **Homens e mulheres ou a metade perigosa**. São Paulo: Ed. da USP, 1966. p.19-66.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo. Fatos e mitos**. Vol. 1. 8.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

_____. **O segundo sexo. A experiência vivida**. Vol. 2. 7.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

- CLASTRES, Pierre. O arco e o cesto. In: **A sociedade contra o Estado**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978. p.71-89.
- FONSECA, Cláudia. Mulheres valentes. In: **Revista Horizontes Antropológicos - Gênero**. Ano 1. n.1. 1995. Porto Alegre, PPGAS:UFRGS.
- GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. 2. ed. São Paulo: Ed. da UNESP, 1993.
- HABERMAS, J. A família burguesa e a institucionalização de uma esfera privada referida a esfera pública. In: CANEVACCI, Massimo. **Dialética da família**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984. p.223-234.
- HERITTIER, Françoise. Mulheres de sabedoria, mulheres de ânimo, mulheres de influência. In: **Cadernos da condição feminina** n.20. Lisboa: Ed. da Comissão Feminina, 1987.
- MARTIN-FUGIER, Anne. **La place des bonnes. La domesticité féminine em 1900**. Paris: Ed. Grasset & Fasquelle, 1979.
- MARTINS, Cyro. **A mulher na sociedade atual**. 2.ed. Vol. 29. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1986.
- MEAD, Margareth. **Sexo e temperamento**. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- PERROT, Michelle. **O nó e o ninho**. 1993. p.74-81.
- ROSALDO, Michelle Z. e LAMPHERE, Louise. **A mulher, a cultura, a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GLOBALIZAÇÃO

- APPADURAI, Arjun. Disjuncture and difference in the global cultural economy. In: **Theory, Culture and society**. London. Newbury Park. New Delhi. Vol. 7. 1990. p.295-310.
- AUGÉ, Marc. **Não-Lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papyrus, 1994.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. 9.ed. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1993.
- BERMAN, M. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- CONNOR, Steven. **Cultura pós-moderna**. Introdução às teorias do contemporâneo. Edições Loyola, [s.d.]. p.129-159.
- ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana**. 9.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

- FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Nobel, 1995. p.07-30.
- _____. Global Culture. In: **Theory, Culture & Society**. London. Newbury Park. New Delhi: Sage Publications, 1990. p.15-29.
- FONSECA, Cláudia. **Fronteiras da cultura**. Horizontes e territórios da Antropologia na América Latina. Cláudia Fonseca (org.). Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1993.
- GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. 2.ed. São Paulo: UNESP, 1991.
- HABERMAS, Jürgen. **Modernidad versus postmodernidad**. 1991. p.87-102.
- HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- HORKHEIMER, Max, ADORNO, Theodor W. **A indústria cultural**. [s.l., s.d.]. p.159-167. Xerocado.
- HUYSEN, Andreas. **Mapeando o pós-moderno**. In: Heloísa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. p.15-80.
- KELLNER, Douglas. Popular culture and the construction of postmodern identities. In: **Modernity and identity**. Cambridge/USA: Scott Lash and Jonathan Friedman. 1992. p.141-177.
- MAFFESOLI, Michel. **En torno de la postmodernidad**. In: Vattimo, G. y otros. Editorial del Hombre, [s.d.]. p.103-110.
- MARCUS, George E. **O que vem (logo) depois do "Pós": O caso da etnografia**. São Paulo: Revista de Antropologia, 1994. p.07-55.
- OLIVEN, Ruben. **Nação e tradição na virada do milênio**. [s.l., s.d.].p.13-45 e 133-137.
- _____. **Violência e cultura no Brasil**. 4ed. Petrópolis: Vozes, 1989.
- ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. Do popular-nacional ao internacional-popular? In: **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- RIAL, Carmen. **A globalização publicitária: o exemplo dos fast-foods**. São Paulo: INTERCOM. Revista Brasileira de Comunicação. Vol. XVI, n.2.p.134-143.
- _____. **O jogo sutil da publicidade ou como transformar um símbolo nacional em valor-signo da coca-cola**. São Paulo: Comunicações e Artes. n.18. abr. 1988. p.40-43.
- _____. Publicidade e etnia no Brasil. In: **Trajetória e questões contemporâneas da publicidade brasileira**. J.B. Pinho (org.). São Paulo: INTERCOM, 1995.

_____. **Repetição**. Texto xerocado. 17p.

SANTOS, Boaventura Souza. **Pela Mão de Alice**. O social e o político na pós-modernidade. Lisboa: Afrontamento, 1994. p.243-277.

TOURAINE, Alain. **Crítica da modernidade**. Petrópolis: Vozes. 1994. p.09-68.

VEJA. **A roda global**. Revista VEJA. ano 29, n.14, 3 de abr. 1996. p.80-89.

WALLERSTEIN, Immanuel. Culture as the ideological battleground of the modern worldsystem. In: **Theory, culture and society**. London, Newbury Park and New Delhi. vol.7, 1990. p.31-55.

MEMÓRIA E TEMPO

BACHELARD, Gaston. **A dialética da duração**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1994.

BOSI, Ecléa. **Lembranças de velhos**. Memória e sociedade. 2.ed. São Paulo: T.A. Queiroz/Ed. da USP, 1987.

ELIADE, Mircea. **Le mythe de l'éternel retour**. Paris: Gallimard, 1969.

FORTUNA, Carlos. **As cidades e as identidades**. Narrativas, patrimônios e memórias. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. n.33, ano 12, fev/97. Associação nacional de pós-graduação e pesquisa em ciências sociais.

HALBWACHS, Maurice. **La mémoire collective**. 2.ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.

LEACH, Edmund. R. Cronos e Crono. In: **Repensando a Antropologia**. São Paulo: Perspectiva, 1974. pp.192-202.

_____. O tempo dos narizes falsos. In: **Repensando a Antropologia**. São Paulo: Perspectiva, 1974. pp.203-210.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 3.ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994.

MALUF, Marina. **Ruídos da memória**. São Paulo: Siciliano, 1995.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. História oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

MÍDIA E RECEPÇÃO

ALLEN, Robert Clyde. **Channels of Discourse**. North Carolina: University North Carolina Press, 1987.

ALMEIDA, Candido José Mendes, ARAÚJO, Maria Elisa. **As perspectivas da televisão brasileira ao vivo**. Rio de Janeiro: Imago Ed. 1995.

- ARANTES, Otilia. Visual urbano e cidade digital. In: **Atrator Estranho**, 7. dez/94. p.3-28.
- AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas: Papirus, 1993.
- BACCEGA, Maria Aparecida. Novela é Cultura. In.: **Revista VEJA**: Ed. Abril. Ano 29. n.4, 24 jan. 1996.
- BATKIN, Roland. **Câmara clara**. Lisboa: Ed. 70,1981.
- BENEYTO, José Vidal. **Alternativas populares a las comunicaciones de masa**. Madrid: Centro de Investigaciones sociológicas, 1979.
- CAPARELLI, Sérgio. **Comunicação de massa sem massa**. São Paulo: Cortez, 1980.
- COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. 17 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE. **Inter-relações**. Ano XIII. n.23. jun./1995.
- COSTA, Alcir Henrique da. **Um país no ar**. História da TV brasileira em três canais. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- DEBRAY, Régis. **Manifestos midiológicos**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- DURANDIN, Guy. **La mentira en la propaganda política y en la publicidad**. 3.ed.Barcelona: Paidós, 1995.
- ECO, Umberto. **Sobre os espelhos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- FADUL, Anamaria. **Serial fiction in TV - The Latin American Telenovelas**. School of Communication and Arts. University of São Paulo - ECA - USP/Brasil, 1993.
- FERNANDES, Ismael. **Telenovela brasileira**. Memória. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- FERREIRA, Joana G. Nin. **O Brasil de quem não desliga**. Um breve estudo de recepção do programa radiofônico oficial "Voz do Brasil". TCC do Curso de Jornalismo/UFSC, 1994.
- GILDER, George. **A vida após a televisão**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- HORKHEIMER, Max, ADORNO, Theodor W. **A indústria cultural, o Iluminismo como mistificação de massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 159-204.
- JABOR, Arnaldo. **Os canibais estão na sala de jantar**. 4 ed. São Paulo: Siciliano, 1993.
- LAZARFELD, Paul, MARTON, Robert K. Comunicação de massa, gosto popular e a organização da ação social. In.: LIMA, Luiz Costa (org.) **Teoria da Cultura de Massa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p.105-127.

- LEAL FILHO, Laurindo. **Atrás das câmeras**. Relações entre cultura, Estado e televisão. São Paulo: Summus, 1988.
- LEAL, Ondina Fachel. **A leitura social da novela das oito**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Estratégias metodológicas da pesquisa de recepção**. São Paulo: USP, [s.d.]. p.78-86.
- MACHADO, Arlindo. **Máquina e imaginário**. São Paulo: Ed. da USP, 1993.
- MELO, José Marques de. **As telenovelas da Globo**. Produto e exportação. São Paulo: Summus Editorial, 1988.
- MELO, José Marques de (coord). **Comunicação e classes subalternas**. São Paulo: Cortez, 1980.
- MICELI, Sérgio. **A noite da madrinha**. São Paulo: Perspectiva. Coleção Debates, 1972.
- MUNIZ, Sodré. **A máquina de Narciso**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1990.
- ORTIZ, Renato et al. **Telenovelas. História e produção**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- RABAÇA, Carlos Alberto, BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de comunicação**. Rio de Janeiro: CODECRI. 1978. P.213-311.
- RAMOS, Roberto. **Grã-finos da GLOBO**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- RIAL, Carmen, GROSSI, Miriam. **Áudio-leitura de um programa de rádio**. In: **Revista Brasileira de Comunicação - INTERCOM**, São Paulo: Ed. INTERCOM/FINEP, n. 61, p.89-99, 1989.
- ROCHA, Everardo P. Guimarães. **Magia e capitalismo**. Um estudo antropológico da publicidade. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.
- SANTOS, João Anibal Gottems. **Televisão: cultura local e cultura global**. Etnografia da audiência entre os descendentes de imigrantes alemães no Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGAS/UFRGS. Porto Alegre, mar. 1995.
- SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Muito além do Jardim Botânico**. São Paulo: Summus. 1985.
- SILVA NETO, Norberto Abreu, BELTRÃO JÚNIOR, Ruben Affonso. **Roque Santeiro. Dos negócios do lar aos do Estado sem sair do sofá**. São Paulo. jan. 1986. xerocado.
- SODRÉ, Muniz. **O monopólio da fala**. Função e linguagem da televisão no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1977.
- _____. **O social irradiado**. Violência urbana, neogrotesco e mídia. São Paulo: Cortez, 1992.

- SOUZA, Mauro Wilton de. **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SODRÉ, Muniz. **O monopólio da fala**. Função e linguagem da televisão no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1978.
- TUFTE, Thomas. **Media Ethnography - a method, a theory or an overall perspective?** XVIII Congresso Brasileiro de Pesquisa sobre Mídia. 6-10/9/1995.
- VEJA, Erotismo liberado para menores. A escalada sexual na TV influencia as crianças e preocupa os pais. *Revista Veja*. Ano 28, n.30, 26 jul. 1995. p.86-92.
- VEJA. Floresta de antenas. *Revista Veja*. Ano 28. n. 46, 15 nov. 1995. p.86-92.
- YÁÑEZ, Margarita Castañeda. **Los medios de la comunicación y la tecnología educativa**. México: Ed. Trillas, 1980.

SOCIEDADES COMPLEXAS

- ABREU FILHO, Ovídio de. **Raça, sangue e luta**. Identidade e parentesco em uma cidade do interior. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGAS/Museu Nacional-UFRJ. Rio de Janeiro, 1980.
- ARIÈS, Philippe. A família e a cidade. In.: FIGUEIRA, Sérvulo A. e VELHO, Gilberto (coord.). **Família, psicologia e sociedade**. Rio de Janeiro: Ed. Campus. 1981. p.13-23.
- _____. **A história social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981a.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Rio de Janeiro: São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BENEDICTH, Ruth. **O crisântemo e a espada**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva. 1988.
- BOURDIEU, P. Reprodução cultural e reprodução social. In.: **A economia das trocas simbólicas**. [s.l., s.d.], p.295-336.
- BURKE, Peter. **A cultura popular na idade moderna**. Europa, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras. pp.31-112.
- CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Papirus. pp.23-95.
- _____. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes. 1994. pp.111-166.
- _____. **A invenção do cotidiano**. 2. Morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____. O indivíduo e sua marca. In: **A história da vida privada**. Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras. 1991. pp. 419-501.

CZECHOWSKY, Nicole (org). **A honra: imagem de si ou o dom de si**. Porto Alegre: L& P, 1992.

DUARTE, Luiz Fernando D. **Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

_____. Classificação e valor na reflexão sobre identidade social. In: **A aventura antropológica**. Cardoso, Ruth (org). 2ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DUMONT, Louis. **Homo hierarchicus**. Os sistemas das castas e suas implicações. São Paulo: Ed. da USP. 1992.

_____. **O individualismo**. Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco. 1985.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Lisboa: Presença. 1989.

_____. **Science de l'homme et tradition**. Paris: L'île Verte. 1979. Cap.I.

ECKERT, Cornélia. **Os homens da mina: um estudo das condições de vida e representações dos mineiros de carvão em Charqueada/RS**. n.3, jun/1987. Porto Alegre: Cadernos de Estudos.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador. Uma história dos costumes**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 1990.

_____. **O processo civilizador. Formação do estado e civilização**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 1993.

FERRY, Luc. **A nova ordem ecológica**. São Paulo: Ed. Ensaio, 1994.

GUIMARÃES, Alba Zaluar. **Desvendando máscaras sociais**. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1990.

HABERMAS, Jurgen. A família burguesa e a institucionalização de uma esfera privada referida à esfera pública. In: **Dialética da família**. CANEVACCI, Massime (Int. e org.). São Paulo: Brasiliense. 1991. p. 223-34.

HARRIS, Marvin. **Canibais e reis**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a história**. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra. 1989.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**. A noção de jogo e sua expressão na linguagem. 2 ed. São Paulo: Perspectiva. 1990. p. 33-51 e 193-215.

LEDROUT, Raymond. **La Forme et le Sens dans la Société**. Paris: Librairie des Méridiens, 1984.

- LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- MAFFESOLI, Michel. Du Nomadisme. In: **Sociétés. Revue des Sciences Humaines et Sociales**. N.34, Paris: Dunod, p.403-411.
- MARIÉ, Michel. **Un territoire sans nom**. Paris: Libraire des Méridiens. 1982.
- MAUSS, Marcel. **Ensaio de sociologia**. São Paulo: Perspectiva. 1981. p. 469-73.
- MOLES, Abraham. **Labyrinthes du vecu: L'Espace, matiere d'actions**. Paris: Libraire des Méridiens. 1982.
- MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**. Vol. 1. Neurose. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1990. 203p.
- PERISTIANY, J.G. **Honra e vergonha**. 2 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.
- PITT-RIVERS, Julian. A doença da honra. In: CZECHOWSK, Nicole (org.). **A honra: imagem de si ou o dom de si - um ideal equívoco**. Porto Alegre, 1992. p.17-32.
- RICOEUR, Paul. **Las Culturas y el Tiempo**. UNESCO: Ed. Siquerna, 1979.
- _____. **Teoría de la Interpretación**. España: Siglo XXI ed., 1995.
- SANSOT, Pierre. **Les Formes sensibles de la vie sociale**. Paris: Press Universitaires de France, 1986.
- _____. **Poétique de la Ville**. Paris: Meridiens Klincksieck, 1988.
- SHIRLEY, Robert. **O fim de uma tradição**. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- SILVA, Armando. **O espaço fora do lugar**. São Paulo: Hucitec, 1978.
- SIMMEL, La Philosophie de l'aventure. In: **Sociétés. Revue des Sciences Humaines et Sociales**. N° 34, Paris: Dunod, p.341-43.
- SUBIRATS, Eduardo. **A cultura como espetáculo**. São Paulo: Nobel, 1989.
- TURNER, Victor W. **O processo ritual**. Petrópolis: Vozes, 1974.
- VAINFAS, Ronaldo. **América em tempo de conquista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- VEBLEN, Thorstein. **A teoria da classe ociosa**. São Paulo: Nova Cultura, 1987.
- VELHO, Gilberto. **Indivíduo e cultura**. Notas para uma Antropologia das sociedades contemporâneas. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. p.13-37 e 121-132.
- VEJA, A força da tradição. Revista Veja. Ano 24. n.12. 20 mar. 1991. p.18-19.

VERDIER, Yvonne. **Façons de dire, façons de faire - la laveuse, a couturière, la cuisinière.** Paris: Gallimard, 1979.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.11-79.

WOORTMANN, Klaas. **Casa e família operária.** Texto xerocado. p.119-150.

ZONABEND, Françoise. **La Mèmoire Longue - temps et histoire au village.** Paris: PUF, 1980.

_____. **Une perspective infinie.** La mer, le rivage et la terre à la Hague (presqu'île du cotentin). p. 163-168. Texto xerocado.

TEORIA, MÉTODO E METODOLOGIA

AGAR, Michael. **Hacia un lenguaje etnográfico.** In: GEERTZ, C., CLIFFORD, J. y otros. **El surgimiento de la antropología posmoderna.** México: Gedisa, 1991.

BARBA, Cecília Cervantes, RUIZ, Enrique E. Sánchez. **Investigar la comunicanión.** Propuestas Iberoamericanas. México: Universidade de Guadalajara/Centro de Estudios de la Información y la comunicación, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia.** Organizador: ORTIZ, Renato. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994. 191 p.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia.** In: **Novos Estudos**, n. 21. jul. 1988. p. 133-156.

CÂNDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito.** São Paulo: Duas Cidades, 1975.

CARDOSO, Ruth (org.). **A aventura antropológica.** Teoria e pesquisa. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CEDAL. **Confrontar, intercambiar, formarse.** Algunos criterios e instrumentos para una metodología participativa en los intercambios. Chile: CEDAL - área latina, 1990.

CLIFFORD, James. **On ethnographic authority .** In: **The predicament of culture: Twentieth-Century Ethnography, Literature and Art** Cambridge: Havard University Press, 1988. p. 21-54.

_____. **Sobre la autoridad etnográfica.** In: GEERTZ, C., CLIFFORD, J. y otros. **El surgimiento de la antropología posmoderna.** pp.141-170. México: Gedisa, 1991.

COLLIER JR, John. **Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa.** São Paulo, EPU: Ed. da USP, 1973.

COMAROFF, John e Jean. **Ethnography and the Historical Imagination.** Boulder: Westviews Press, 1992. pp. 3-48.

CRAPANZANO, Vincent. *The Postmodern Crisis: Discourse, Parody, Memory*. In: **Rereading Cultural Anthropology (CRCA)**. University Press, 1992, p. 87-102.

_____. **Diálogo**. In: Anuário Antropológico/88. Brasília: Ed. da UNB, 1991.

DA MATTA, Roberto. **Relativizando**. Uma introdução à Antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 1987. p. 143-173.

_____. **“O ofício do etnólogo ou como ter Anthropological Blues”**. Rio de Janeiro: Boletim do Museu Nacional. n. 27, maio 1978.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 1994.

EVANS-PRITCHARD, E.E. **Os Nuer**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FELDMAN-BIANCO, Bela. **Reconstruindo a saudade portuguesa em vídeo: histórias orais, artefatos visuais e a tradução de códigos culturais na pesquisa etnológica**. In: Revista Horizontes Antropológicos - antropologia visual. Ano 1. n.2. 1995. Porto Alegre, PPGAS/UFRGS.

GAJARDO, Marcela. **Pesquisa participante na América Latina**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GALLOIS, Dominique T. e CARELLI, Vincent. **Vídeo e diálogo cultural - Experiência do projeto vídeo nas aldeias**. In: Horizontes Antropológicos. Porto Alegre: UFRS, 1995. Ano 1, n.2. Antropologia Visual. pp.49-57.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 1989.

_____. **El antropólogo como autor**. Barcelona: Ed. Paidós Ibérica, 1989.

_____. **Estar lá, escrever aqui. Diálogo**. Tradução de Mário Salviano Silva. Board of Trustees, Leland Stanford Junior University. Stanford University Press, 1988. p. 58-65.

_____. **Negara**. O Estado Teatro no séc. XIX. Lisboa: DIFEL, 1991.

HEIDER, Karl G. **Ethnographic film**. Austin & London: University of Texas Press, 1980.

KAPLAN David, MANNERS, Robert A. **Teoria da cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

KEESING, Roger M. *Anthropology as a Interpretative Quest*. In: **Current Anthropology**. Vol. 28. n. 2. April 1987. p. 161-176.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**. Um conceito antropológico. 7. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A crise moderna da antropologia**. Revista de Antropologia. vol. 10, ns.1 e 2. jan e dez de 1962. p.19-26.

- MAGNANI, José Guilherme C. A descoberta da periferia. In: **Festa no pedaço**. São Paulo: Brasiliense, 1984. p.15-30.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Os argonautas do pacífico ocidental**. São Paulo: Abril Cultural. Vol. XLII, Coleção Os Pensadores, jun./1976.
- MAYBURY-LEWIS, David. **Desenvolvimento e direitos humanos: A responsabilidade do antropólogo**. Antônio A. Arantes e outros orgs. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992.
- MAYKUT, Pamela, MOREHOUSE, Richard. **Beginning qualitative research: A philosophic and practical guide**. London, Washington, D.C. The Falmer Press, 1994.
- MARRE, Jacques Léon. **História de vida e método biográfico**. Cadernos de Sociologia. Porto Alegre. V. 3. n. 3. p.. 89-141. Jan/Jul. 1991.
- MARCUS, George E. O que vem (logo) depois do "Pós". O caso da Etnografia. In: **Revista de antropologia**. São Paulo: USP, vol. 37. 1994. p.7-55.
- MARCUS, George e FISCHER, Michael M. J. **Anthropology as Cultural Critique. An experimental moment in the human sciences**. Chicago: The University of Chicago Press, 1986. p. 1-44.
- MARCUS, George E. e CUSHMAN, DICK E. **Las etnografías como textos**. In: GEERTZ, C. CLIFFORD, J. y otros. El surgimiento de la antropología posmoderna. pp.172-212. México: Gedisa, 1991.
- McGRANE, Bernard. **Beyond anthropology. Society and the other**. New York: Columbia University Press, 1989.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Sobre o pensamento antropológico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988.
- PAGE, Helan E. Dialogic Principles of the Interactive Learning in the Ethographic relationship. In: **Journal of the anthropological Research**. University of New Mexico Press, Vol. 44. n. 2, Summer 1988. p. 163-181.
- PEIRANO, Mariza G. S. **Uma Antropologia no Plural**. Três experiências contemporâneas. Brasília: Ed. da UnB, 1992.
- RABINOW, Paul. Representations are social Facts: Learning in the Ethnographic Relationship. In: **Writing Culture**. The poetics and politics of Ethnography. James Clifford and George E. Marcus eds. Berkeley: University of California Press, 1986. p. 234-261.
- RAMOS, Alcida R. Reflecting on the Yanomami: Ethnographic Images and the Pursuit of the Exotic. In: **RCA**. George E. Marcus ed. Durtham and London: Duke University Press. 1992. p. 48-68.

- RIAL, Carmen. Por uma antropologia do visual contemporâneo. In: **Revista Horizontes Antropológicos - antropologia visual**. Ano 1, n.2. 1995. Porto Alegre/RS: PPGAS/UFRGS.
- ROCHA, Ana Luiza. **A construção social do espaço urbano: uma genealogia da modernidade em Porto Alegre**. Porto Alegre. Documento xerocado, 29p.
- _____. **A dialética de estranhamento**. Porto Alegre. Documento xerocado, 28p.
- _____. Antropologia das formas sensíveis: entre o visível e o invisível, a floração de símbolos. In: **Revista Horizontes Antropológicos - Antropologia visual**. Ano 1, n.2. 1995. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS.
- ROSALDO, Renato. **Cultura y verdad. Nueva propuesta de análisis social**. México: Ed. Grijalbo, 1991.
- SALOMON, D. V. **Como fazer uma monografia**. Belo Horizonte: Interlivros de Minas Gerais, 1979.
- SAMAIN, Etienne. 'Ver' e 'Dizer' na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. In: **Revista Horizontes Antropológicos - Antropologia Visual**. Ano . n.2. 1995. Porto alegre:PPGAS/UFRGS. pp.19-48.
- SANGREN, P. Steven. Rhetoric and the authority of ethnography: "Postmodernism" and the social Reproduction of Texts. In: **Current Anthropology**. Vol. 29. n. 3. June 1988.
- SIMMEL, Jorge. **Cultura Femenina y otros ensayos**. Madrid: Revista de Occidente. 1935. 323p.
- SIMSON, Olga de Moraes (org.). **Experimentos com história de vida**. São Paulo: Vértice, 1988.
- SILVA, Hélio R. S., MILITO, Cláudia. **Vozes do meio-fio**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- SPIRO, Melford E. Cultural Relativism and the Future of Anthropology. In: **RCA**. p. 124-151.
- TAUSSIG, Michael. **Mimesis and alterity. A particular history of the senses**. New York: Routledge, 1993. p. 44-69 e 193-211.
- THIOLLENT, Michel J.M. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. 2.ed. São Paulo: Polis, 1981.
- TYLER, Stephen. **Cognitive Anthropology**. New York: Holt, rinehart and winston, Inc. s/d.
- WAGNER, Roy. Culture as creativity. In: **The invention of culture**. Chicago: The University of Chicago Press, 1981. p. 17-34.